

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
INSTITUTO DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS,
EDUCAÇÃO E CRIATIVIDADE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Dirceu Adolfo Dirk

A CORRESPONDÊNCIA DE MARTIN FISCHER: UMA
CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DA IMIGRAÇÃO NO SUL
DO BRASIL (1920-1960)

Passo Fundo/RS
2023

Dirceu Adolfo Dirk

**A CORRESPONDÊNCIA DE MARTIN FISCHER: UMA
CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DA IMIGRAÇÃO NO SUL
DO BRASIL (1920-1960)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Instituto de Humanidades, Ciências, Educação e Criatividade, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial e final para a obtenção do grau de doutor em História sob a orientação do Prof. Dr. Marcos Gerhardt.

Passo Fundo/RS
2023

CIP – Catalogação na Publicação

D599c Dirk, Dirceu Adolfo
A correspondência de Martin Fischer [recurso eletrônico] : uma contribuição ao estudo da imigração no sul do Brasil (1920-1960) / Dirceu Adolfo Dirk. – 2023.
3 MB ; PDF.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Gerhardt.
Tese (Doutorado em História) – Universidade de Passo Fundo, 2023.

1. Documentos e correspondência. 2. Fischer, Martin Robert Richard, 1887-1979 - Correspondência.
3. Imigração. 4. Intelectuais. I. Gerhardt, Marcos, orientador. II. Título.

CDU: 981

Catálogo: Bibliotecária Jucelei Rodrigues Domingues - CRB 10/1569

Dirceu Adolfo Dirk

A CORRESPONDÊNCIA DE MARTIN FISCHER: UMA CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO
DA IMIGRAÇÃO NO SUL DO BRASIL (1920-1960)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
História, do Instituto de Humanidades, Ciências,
Educação e Criatividade, da Universidade de Passo
Fundo, como requisito parcial e final para a
obtenção do grau de doutor em História sob a
orientação do Prof. Dr. Marcos Gerhardt.

Aprovada em 26 de julho de 2023.

BANCA EXAMINADORA



Profª Dra. Eunice Sueli Nodari (UFSC)



Prof. Dr. Felipe Cittolin Abal (UPF)



Prof. Dr. Marcos Nestor Stein (Unioeste)



Prof. Dr. Adelar Heinsfeld (UPF)

Assinado eletronicamente

Prof. Dr. Marcos Gerhardt - Orientador (UPF)



Dedico este trabalho *in memoriam* aquela que me deu a graça da vida, cujos olhos ficaram radiantes quando disse que faria uma imersão em documentos produzidos em língua alemã, que prontamente se dispôs a me ajudar na tradução, mas que infelizmente o destino não permitiu ver o trabalho concluído.

Também, a minha esposa Rosane e aos meus filhos Natanael e Alyssa; minhas conquistas são sempre dedicadas a vocês, assim como meu amor e gratidão.

Agradeço ao Prof. Dr. Marcos Gerhardt, orientador, colega e amigo, que nestes quatro anos teve paciência, flexibilidade e respeito, sempre esclarecendo dúvidas, sugerindo leituras e indicando novos percursos.

À Universidade de Passo Fundo (UPF) pela oportunidade da trajetória acadêmica; aos professores do Programa de Pós-Graduação em História pelo conhecimento compartilhado que ampliou meus horizontes para a pesquisa; aos funcionários na manutenção deste reconhecido programa.

Ao Instituto Federal Farroupilha – Campus Santo Augusto – que me oportunizou dedicação integral à pesquisa durante boa parte do doutorado.

Aos professores Eunice Nodari e Felipe Abal que compuseram a banca de qualificação. Obrigado pela leitura criteriosa e pelas sugestões.

Aos ex-professores da graduação Jaeme Callai e Paulo Zarth e a pesquisadora Márcia Krug, que encontrei em diferentes momentos e que me “apresentaram” à Martin Fischer.

Aos profissionais do Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP), de Ijuí, responsáveis pela conservação de um acervo que preserva a memória e a história da região noroeste do Rio Grande do Sul.

A Carlos Eduardo Krüger, docente na UERGS (Frederico Westphalen) e professor de língua alemã na rede KNN e na Kingsway Escola de Idiomas pela ajuda nas traduções.

As pessoas são diferentes e certamente há muitos que se sentem à vontade na cidade grande, assim como há muitos que se sentem à vontade e felizes em uma cidade pequena. Mas eu gosto mesmo é da solidão da floresta e sinto-me extremamente feliz em condições primitivas (Martin Fischer, 1938).

Apesar de tudo, continuamos a dizer para nós mesmos que não devemos desanimar, porque existem milhões de pessoas que estão muito piores e não há como negar que a chuva é sempre seguida de sol (Martin Fischer, 1941).

RESUMO

Esta pesquisa aborda, em um recorte temporal mais amplo (1920-1960), a trajetória do imigrante alemão Martin Robert Richard Fischer. No entanto, o foco principal da investigação é a análise do conteúdo das cartas enviadas e recebidas por ele, nas décadas de 1930 e 1940, época em que morou em Iraí, no norte do Rio Grande do Sul. Tem, como problema de pesquisa, identificar e explicar como ocorreu sua inserção profissional e social em uma região de colonização no sul do Brasil, após trocar as atividades jornalísticas pelas atividades agrícolas. Pesquisa quais foram as práticas concretas na comunidade na qual viveu e no espaço onde estabeleceu relações sociais com outros indivíduos. Enfim, visa compreender seu lugar na história da imigração no sul do Brasil. O estudo das cartas – arquivadas no Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP), de Ijuí (RS) – permite conhecer melhor o pesquisado, o contexto histórico em que esteve envolvido e as relações estabelecidas com seus interlocutores. O estudo do teor das correspondências, como resultado de pesquisa documental, fez-se em fontes primárias ainda não tratadas analiticamente, pois a quase totalidade das cartas enviadas e recebidas foi redigida em língua alemã, sem tradução para o português. Nas correspondências foram abordados diversos temas, tanto em âmbito pessoal quanto profissional, que representa uma valiosa fonte de conhecimento histórico, político, cultural e literário. A pesquisa emprega como fonte, ainda, uma obra de Fischer, o livro *Iraí: cidade saúde*, um dos primeiros sobre o município. Fundamenta-se nos referenciais teórico-conceituais da História e discute os conceitos de representação, imigração, colonização, germanidade, etnicidade, intelectualidade e patrimônio histórico-documental. Conclui que Fischer não escolheu viver na área rural de um pequeno município para fugir de perseguições de seus conterrâneos, ligados ao Partido Nazista e que não se instalou como um “pequeno colono”, como mencionou em documentos pessoais. Conclui, ainda, que esse imigrante adquiriu, investiu e diversificou em suas atividades, como realização de seu projeto de vida. Por meio de uma rede de relações, estabelecida pela sua correspondência, se apresentou politicamente diante de diversos temas, fez várias análises sobre a Segunda Guerra Mundial e manifestou seu interesse pela pesquisa histórica.

Palavras-chave: correspondência; imigração; intelectualidade; mundo rural; patrimônio documental.

ABSTRACT

This research addresses, in a broader time frame (1920-1960), the trajectory of the German immigrant Martin Robert Richard Fischer. However, the main focus of the investigation is the analysis of the content of the letters sent and received by him in the 1930s and 1940s, a time when he lived in Iraí, in the north of Rio Grande do Sul. It has, as a research problem, is to identify and explain how their professional and social insertion occurred in a region of colonization in the south of Brazil, after exchanging journalistic activities for agricultural activities. Research what were the concrete practices in the community in which he lived and in the space where he established social relationships with other individuals. Finally, it seeks to understand its place in the history of immigration in southern Brazil. The study of letters – archived at the Museum Anthropological Director Pestana (MADP), in Ijuí (RS) – allows to know better the researched, the historical context in which he was involved and the relationships established with his interlocutors. The study of the content of correspondence, as a result of documentary research, is carried out in primary sources that have not yet been analyzed analytically, as almost all of the letters sent and received were written in German, without translation into Portuguese. Various topics were addressed in the correspondence, both on a personal and professional level, which represents a valuable source of historical, political, cultural and literary knowledge. The research also uses as a source a work by Fischer, the book *Iraí: cidade saúde*, one of the first about the municipality. It is based on the theoretical-conceptual references of History and discusses the concepts of representation, immigration, colonization, Germanness, ethnicity, intellectuality and historical-documentary heritage. It concludes that Fischer did not choose to live in the rural area of a small municipality to escape the persecution of his fellow countrymen, linked to the Nazi Party, and that he did not settle down as a “small settler”, as he mentioned in personal documents. It also concludes that this immigrant acquired, invested and diversified in his activities, as the realization of his life project. Through a network of relationships, established by his correspondence, he presented himself politically on various topics, made several analyzes of the Second World War and expressed his interest in historical research.

Keywords: colonization; documentary heritage; immigration; intellectuality; rural world.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Condecorações de Martin Fischer	26
Figura 2 – Martin Fischer – década de 1930	29
Figura 3 – Charlotte Wollermann – s/d	30
Figura 4 – Martin Fischer na época da constituição do Museu	33
Figura 5 – Passarinhos (SC) – 1932	74
Figura 6 – Acessórios que pertenceram a Martin Fischer	96
Figura 7 – Itinerário da viagem de Buenos Aires (ARG) até Iraí (RS) – 1937	103
Figura 8 – Rótulo da Aguardente Tatú	110
Figura 9 – Hotel Descanso – Iraí (RS) – 1929	144
Figura 10 – Charlotte Wollermann e Martin Fischer – Iraí (RS) – s/d	204

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AA	<i>Auswärtiges Amt</i> – Ministério das Relações Exteriores da Alemanha
AO/NSDAP	<i>Auslandsorganisation der NSDAP</i> – Organização para o Exterior do NSDAP
CTNP	Companhia de Terras do Norte do Paraná
CTSB	Companhia Territorial Sul Brasil
DNB	<i>Deutsches Nachrichtenbüro</i> – Agência de Notícias Alemã
DOPS	Delegacia de Ordem Política e Social
FAFI	Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí
FIDENE	Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado
GESTAPO	<i>Geheime Staats Polizei</i> – Polícia Secreta do Estado
GSA	<i>Gesellschaft für Siedlung im Ausland</i> – Sociedade para Colonização no Exterior
IAA	Instituto do Açúcar e do Alcool
IECLB	Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil
MADP	Museu Antropológico Diretor Pestana
NSDAP	<i>Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei</i> – Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães
SA	<i>Sturmabteilung</i> – Tropa de Assalto
SS	<i>Schutzstaffel</i> – Esquadrão de Proteção
UMC	União de Moços Católicos
WTB	<i>Wolffs Telegraphisches Bureau</i> – Escritório Telegráfico Wolffs

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
I. REPRESENTAÇÕES DE MARTIN FISCHER.....	24
1.1 Autobiografia	24
1.2 Referências na bibliografia	35
1.3 Representação na imprensa	53
1.4 Considerações finais	70
II. UM CASAL DE IMIGRANTES NO MUNDO RURAL	72
2.1 Passarinhos: o ensaio para a entrada no mundo rural	72
2.2 O breve contrato com o <i>Deutsches Nachrichtenbüro</i> de Buenos Aires	84
2.3 O <i>Astendam</i> em Iraí e a agroindústria colonial	97
2.4 Considerações finais	136
III. OS DIÁLOGOS DE MARTIN FISCHER.....	139
3.1 Cartas trocadas com a família Grotewold	139
3.2 Correspondências com Freeden, Anuschek, Kuss e Hell	167
3.3 Outros correspondentes	208
3.4 Considerações finais	223
CONCLUSÃO	227
REFERÊNCIAS	231
FONTES	240
ANEXOS	255

INTRODUÇÃO

Diversos autores, como Roche (1969), Lando e Barros (1980), Petrone (1982), Mauch e Vasconcellos (1994), Gertz (1994), Cunha (1998; 2017) e Silva (2006), desenvolveram pesquisas que resultaram em livros que compõem a historiografia sobre a imigração alemã para o Brasil, durante os séculos XIX e XX. Acerca dos objetivos da imigração alemã, em conformidade com a política do Império do Brasil, está à ocupação e repovoamento de áreas devolutas, desprezadas pelos latifundiários; o desenvolvimento de uma agricultura de base familiar voltada à produção de alimentos para o mercado interno e abastecimento dos centros urbanos, por meio do regime da pequena propriedade rural; o estímulo de atividades como o comércio e a indústria; a necessidade de reforçar o contingente de soldados, de modo a defender o recém-independente Estado brasileiro e assegurar a política expansionista na região Sul do país; o provimento de mão de obra para as lavouras cafeeiras; e o branqueamento da raça (LANDO; BARROS, 1980; PETRONE, 1982; CUNHA, 2017).

Segundo Willems (1980), esse processo migratório pode ser dividido em três períodos: o primeiro se desenvolveu com a chegada do grupo de imigrantes que se instalou, em 1824, no Rio Grande do Sul, em sua maioria agricultores e camponeses; o segundo iniciou em meados do século XIX e se estendeu até o início dos anos 1900, com a vinda de militantes liberais, intelectuais e conhecedores do processo de nacionalização alemã; e o terceiro assinalou a chegada daqueles que deixaram a Alemanha devido à crise pós-Primeira Guerra Mundial. Estes, não tinham mais as características agrícolas dos primeiros, eram ex-oficiais do exército alemão, funcionários aposentados, artífices, operários, médicos, engenheiros, jornalistas, advogados, comerciantes e professores.

Algumas pesquisas, como as realizadas por Martin Dreher (1999), Marcos Tramontini (2000) e Marcos Witt (2008) indicam que muitos imigrantes, do primeiro período, possuíam diversas habilidades profissionais. Junto com agricultores, vieram pedreiros, moleiros, artesãos e trabalhadores da indústria doméstica, tais como sapateiros, seleiros, curtidores e marceneiros, os quais, geralmente, se fixavam nos centros urbanos ou em suas proximidades. Isso, em parte, desfaz a imagem dos primeiros imigrantes como somente agricultores destinados às pequenas propriedades agrícolas.

O imigrante Martin Robert Richard Fischer (1887-1979) se insere no terceiro período. Em sua terra natal, a Prússia Oriental, estudou jurisprudência, concluindo seus estudos superiores na área do Direito. Mais tarde, com o desenrolar da Primeira Guerra Mundial,

enquanto oficial da reserva do Império Alemão lutou na frente russa. Ferido em combate teve que deixar o *front*, então aproveitou a oportunidade para doutorar-se. No entanto, ele não fez carreira no Direito; por opção exerceu atividade jornalística.

Martin Fischer esteve no Brasil por duas vezes até fixar-se definitivamente, em 1937, após uma rápida passagem pela Argentina, onde foi diretor de uma agência de notícias alemã, com sede em Buenos Aires. Depois de enfrentar questões que envolveram o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (Partido Nazista) e não querendo renovar seu contrato de trabalho, mudou-se para o interior do recém-criado município de Iraí, no norte do Rio Grande do Sul. Adquiriu uma área rural não muito distante da sede do município, onde desenvolveu atividades agrícolas e formalizou uma sociedade para produção de aguardente de cana.

Deixar a direção de uma agência estatal de notícias em Buenos Aires, capital da República Argentina, para viver em um lugar totalmente diferente, o pequeno município de Iraí, exige fortes razões. Conforme suas próprias declarações, em documento autobiográfico, a escolha se deu por dois motivos. O primeiro, é que escolheu a localidade para se refugiar de “perseguição” por iniciativa do partido nazista e da Gestapo (FISCHER, 1961). Na Argentina ele e a companheira Charlotte Wollermann não sofreram nenhum tipo de ameaça, mas também não queriam correr riscos, caso a decisão de transferir-se não fosse tomada. O segundo motivo é que, com recursos próprios, adquiriu uma *Kolonie* (32 hectares) distante cinco quilômetros ao norte da sede do município, as margens do rio Uruguai, tornando-se um imigrante agricultor. Como suas inclinações funcionais estiveram, até então, voltadas para a área intelectual, diante da decisão tomada buscou melhorar seu padrão de vida não apenas por meio das atividades agrícolas, mas também como proprietário de uma pequena agroindústria. No entanto, em seu *Curriculum Vitae* se autodescreveu como sendo apenas um “humilde colono” (FISCHER, 1961).

A trajetória de Martin Fischer continuou, a partir de 1951, em Ijuí, no noroeste do Rio Grande do Sul, para onde se mudou, juntamente com *Lotte* ou *Carlota*, como também era chamada sua companheira. Na cidade onde viveu os últimos decênios de sua vida foi colaborador em jornais impressos e em emissora de rádio. Foi também cofundador, organizador e primeiro diretor do Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP), entre 1961 e 1969, na época ligado a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí (FAFI).

Segundo Bourdieu (1996), trajetória envolve os acontecimentos caracterizados como posicionamentos e movimentos dentro de um espaço social. Considera a configuração dos

eventos em uma matriz de conexões que têm pouca associação com as vivências de um único indivíduo e, ao invés disso, se aproxima da posição de um agente ou grupo em um espaço social que engloba outros agentes e grupos. Também é assinalada por uma série de eventos vividos por um mesmo indivíduo em um espaço em movimento e sujeito a mudanças contínuas (BOURDIEU, 1996).

Durante os anos em que viveu em Iraí, Martin Fischer trocou muitas correspondências. As cartas ou correspondências, segundo Orest Ranun (1997) instauram-se no campo da memória como um objeto-lembrança e fazem parte de um tipo de documentação usualmente classificada como pessoal, privada e íntima. Na concepção de Galvão e Gotlib (2000), a carta situa-se nas fronteiras do documento e da ficção, da literatura e da história, mas é, por primazia, o espaço do registro. Para Ginzburg “[...] a permanência da carta diante da efemeridade da vida e das ações humanas faz com que o texto epistolar deixe de ser apenas um elemento presente e passe a representar, também, um fragmento do passado” (2007, p. 10). Sob o aspecto linguístico, escrever cartas constitui, no entendimento de Marcuschi (2008), uma narrativa textual própria, ligada à vida cotidiana. Trata-se de um estilo sócio comunicativo que resulta da integração de forças sociais, institucionais, históricas e técnicas.

Em seu livro *As correspondências: uma história das cartas e das práticas de escrita no Vale do Itajaí*, Marlon Salomon (2002) faz uma análise das correspondências escritas por imigrantes alemães, durante o século XIX, nesta região de Santa Catarina. De acordo com suas conclusões, as cartas desempenharam um papel crucial na mitigação da distância entre remetente e destinatário, cumprindo a função de “preencher o espaço por meio da memória”. Em outras palavras, as correspondências tinham o propósito de evitar que a distância geográfica e as adversidades interferissem ou até mesmo rompessem os laços familiares. Por sua vez, no livro *Arquivologia das Correspondências*, Salomon (2010) abordou o papel das cartas na construção da história. Ao analisar o uso das cartas como fonte histórica, destacou que elas desempenharam o papel de expressão literária e foram largamente utilizadas na elaboração de biografias, permitindo ao pesquisador entrar na vida do indivíduo que as escreveu. Em contraste com a abordagem histórica que tenta reconstruir a vida de alguém através de suas correspondências, existe uma perspectiva alternativa para estudar cartas, que as enxergam como objetos que têm uma trajetória independente do autor que as escreveu. Nesse contexto, as cartas são consideradas como objeto seguro de análise, a que o autor se refere como “epistolologias” (SALOMON, 2010).

De fato, os assuntos das correspondências de Martin Fischer com seus interlocutores são representações de uma realidade, pois aquele que escreve sempre o faz intencionalmente, dentro de um determinado contexto histórico. Podem trazer informações diversas e uma interpretação pessoal sobre o trabalho, a família, os homens, as relações sociais, a cultura, a religião, etc. Quando se trabalha com documentos pessoais, faz-se uma imersão na vida de alguém e quando se acompanha a troca de correspondências desta pessoa com outra, então, tem-se a sensação de acompanhar momentos de sua vida. Quanto mais o conteúdo das cartas é interpretado, mais são reveladas as atividades, os eventos e os pormenores. Percorre-se um caminho que não é conhecido, mas que se dá a conhecer para o pesquisador.

Buscou-se, como problema de pesquisa identificar e explicar o itinerário de inserção pessoal, profissional e ideológica de Martin Fischer em uma região de colonização por imigrantes; reconhecer suas práticas efetivas no espaço onde viveu e no qual estabeleceu relações sociais com outros indivíduos; e compreender seu lugar na história da imigração no sul do Brasil, a partir dessas correspondências. O problema foi expresso na seguinte pergunta: Como ocorreu a inserção profissional, social e política do imigrante Martin Fischer em espaços de colonização no sul do Brasil?

A pesquisa aborda, num primeiro momento, o período que se estende do início da década de 1920, quando Fischer veio para o Brasil, pela primeira vez, até o final da década de 1960, quando encerrou suas atividades profissionais em decorrência de sua avançada idade. No entanto, a interpretação do teor das cartas enviadas e recebidas por Martin Fischer, nas décadas de 1930 e 1940, período no qual o pesquisado se inseriu como imigrante e agricultor, constitui o foco principal. Corresponde, também, o período com escassas informações sobre Fischer e sua companheira Charlotte Wollermann. As correspondências foram apropriadas como fontes para a compreensão desse momento da sua vida, ou seja, de alguém que trocou as salas de redação, as impressoras, as máquinas de escrever e os telegramas para se tornar um plantador de cana-de-açúcar, de milho e feijão. No entanto, em meados da década de 1940 ele fez outra inversão, deixou o meio rural e retornou às atividades jornalísticas. Passou a colaborar na Empresa Jornalística Correio Serrano proprietária dos jornais *Die Serra Post* e *Correio Serrano* e do Anuário *Die Serra Post Kalender*, cuja sede era Ijuí e para onde se mudou definitivamente, em 1951. O recorte espacial da pesquisa são três cidades que marcaram a vida de Martin Fischer nesse processo migratório: Buenos Aires, Iraí e Ijuí.

Em Iraí, Martin Fischer trocou cerca de 300 cartas com mais de 60 interlocutores de 30 cidades do Brasil e do exterior. Afinal, para quem Fischer escrevia e de quem recebia as

correspondências? Trata-se, portanto, de pesquisa documental em fontes primárias ainda não tratadas analiticamente. As cartas recebidas e as cartas emitidas – datilografadas em duas vias, de modo a preservar uma cópia – foram cuidadosamente guardadas e arquivadas. A quase totalidade destas cartas foi redigida em língua alemã, sendo que a tradução para o português foi realizada pelo próprio pesquisador. O estudo e a interpretação dos documentos, delimitados pelo projeto inicial, a originalidade da proposta e as condições da mesma, se enquadram à linha de pesquisa Economia, Espaço e Sociedade no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo (UPF). É importante ressaltar que este trabalho não é biográfico, mas o estudo e a reconstrução da existência do pesquisado numa articulação com os acontecimentos individuais e coletivos, a partir do teor dos documentos. Consiste, portanto, em relacionar o percurso do pesquisado e de seus interlocutores com os contextos em um dado momento da história e, assim, responder ao problema da pesquisa.

*

A pesquisa fundamenta-se nos referenciais teórico-conceituais da História e discute os conceitos de representação, imigração, colonização, germanidade, etnicidade, intelectualidade e patrimônio histórico-documental. Na concepção de Roger Chartier (1991), representações são produzidas por indivíduos e grupos para conceber e dar sentido ao mundo. Também expressa a relação dos indivíduos com outros atores sociais. Conforme o autor, a representação é o instrumento que permite ver um objeto ausente, por meio da apresentação pública de uma coisa ou de uma pessoa. Uma das formas de representar algo ausente é pela escrita (texto), recurso que pode também dissimular ao invés de apresentar adequadamente o que é seu referente. Portanto, as representações inscritas nos textos, produzidas pelos indivíduos, nem sempre são índices seguros de uma verdade, de uma realidade; elas também podem ser frutos da imaginação.

Para Regina Weber (2006), imigração e colonização são temas consolidados na historiografia. A imigração envolve um processo de ocupação coletiva de determinados espaços distantes do lugar de origem, por meio da inserção de novos grupos sociais em uma sociedade constituída. O imigrante constitui-se num personagem passível de mudanças no terreno econômico, político e social, mas mantendo traços culturais específicos. A colonização, por sua vez, expressa processos históricos diversos, como exemplos, a colonização dos EUA, no século XVII e a colonização europeia no Brasil, nos séculos XIX e

XX. Ainda, segundo Weber, nem todos os processos de imigração resultaram em colonização. Dentre eles está a fixação de imigrantes em espaços urbanos.

O padre suíço Theodor Amstad, que emigrou ao Brasil em 1885, para cumprir missão jesuítica, exerceu grande influência junto aos teuto-católicos da região sul do Brasil, especialmente no período de 1912 a 1934¹. Em seu livro *Cem Anos de Germanidade no Rio Grande do Sul – 1824-1924* trouxe uma interessante visão da presença alemã no Rio Grande do Sul, destacando a sua contribuição em diversos setores como na economia, no lazer, na cultura, na escola e na Igreja. Conforme René Gertz (1998), germanidade é a tradução da palavra *Deutschtum*. É usada às vezes para designar simplesmente o conjunto da população de alemães e seus descendentes. De maneira geral é uma ideologia e uma prática em defesa dos valores morais e da memória das populações de origem alemã. Para Giralda Seyferth (1982) a germanidade/*Deutschtum* é a síntese das qualidades nacionais germânicas. É o elo que liga um povo a sua nação, uma cultura e uma língua comuns, enfim, uma consciência nacional comum. Engloba, além da cultura e da língua, o *Geist* (espírito) alemão, a lealdade à Alemanha, enfim, tudo que está relacionado com ela, mas como nação e não como Estado. Ainda para Seyferth, a germanidade representa a solidariedade cultural e racial do povo alemão. Traz consigo a ideia de que a nacionalidade é herdada, produto de um desenvolvimento físico, espiritual e moral: um alemão é sempre alemão ainda que tenha nascido em outro país. Segundo Frederik Schulze (2014), a germanidade deveria ser preservada para que a comunidade alemã no exterior pudesse cumprir sua missão cultural, supostamente elevada, e contribuir economicamente para o Império Alemão. Por isso, a “mistura tanto racial quanto cultural com brasileiros ou a perda dos supostos costumes e características alemães ou da língua germânica não eram desejados” (SCHULZE, 2014, p. 6).

A tese também se apoia no conceito de etnicidade que, para Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart (1998), não se manifesta em condições de isolamento, mas na construção social de pertencimento de uma pessoa a determinado grupo social, por meio de modos de vida e costumes compartilhados. Conforme Fredrik Barth (1998) o grupo étnico designa uma população que se perpetua biologicamente; compartilha valores culturais fundamentais; constitui um campo de comunicação; e seus membros se identificam e são identificados por outros como uma categoria diferenciável. Ele também substituiu a concepção estática de etnicidade por uma concepção dinâmica. Mediante estudos, que se

1 Atuou nas paróquias de São Sebastião do Caí, São José do Hortêncio, Nova Petrópolis e Lajeado.

tornaram referência, compreendeu e transmitiu a ideia de que a etnicidade, assim como qualquer outra identidade coletiva é construída e transformada através das interações entre grupos sociais, moldadas pelos processos de inclusão e exclusão que delineiam fronteiras entre esses grupos, determinando quem faz parte deles ou não (BARTH, 1998).

Conforme a historiadora Eunice Sueli Nodari, que estudou a etnicidade no oeste de Santa Catarina na década de 1930, para superar os conflitos entre descendentes de alemães, italianos e de outras etnias com os caboclos foi necessária uma constante renegociação da etnicidade desses grupos étnicos, “na qual cada um deles ajustava a suas práticas socioculturais, definindo assim as suas identidades e solidariedades. Inventando a sua etnicidade, cada grupo buscava determinar os termos, modos e resultados de seu ajustamento aos ‘outros’”. Nodari usa o conceito de renegociação étnica e afirma que “era no cotidiano da família, da escola e da igreja, assim como também nas sociedades recreativas, que a etnicidade era construída e renegociada através da incorporação, adaptação e ampliação das práticas socioculturais dos diferentes grupos que compunham a sociedade do Oeste de Santa Catarina” (2009, p. 148-149).

Para embasar a pesquisa, o conceito mais amplo é aquele referente ao tema intelectual/intelectualidade. Bobbio, Matteucci e Pasquino indicam que ao substantivo intelectual podem ser atribuídos dois sentidos. O primeiro designa uma categoria que se distingue pela instrução e competência, científica, técnica ou administrativa, formada por aqueles que exercem atividades ou profissões especializadas. O segundo se aplica aos escritores, políticos, artistas, cientistas e, em geral, “a todos que adquiriram, com o exercício da cultura, uma autoridade e uma influência nos debates públicos” (1992, p. 637). Para Viana (2013; 2017), Mannheim (1986), Gramsci (2001) e Leclerc (2004), a formação no ensino superior, a capacidade de interpretar o mundo, a produção cultural e o discurso, são competências essenciais para os que compõem essa categoria.

Outro conceito, não menos importante, empregado na pesquisa, diz respeito ao patrimônio histórico-documental. Conforme a proposta de tese, o trabalho constitui-se de estudo e análise de documentos. Segundo o Dicionário da Fundação Pró-Memória de São Carlos/SP, documentos históricos são registros das mais variadas formas deixados por pessoas que viveram em outras épocas, tais como, livros, pergaminhos, correspondências, certidões de nascimento, relatos de viajantes, novelas, plantas de cidades, registros materiais, pinturas, músicas, etc., desde que possam ser datados. Tudo o que foi produzido pelo ser humano e que

possa sobreviver ao tempo, pode servir como documento, fonte de estudo para historiadores e pesquisadores (DICIONÁRIO DA PRÓ-MEMÓRIA, 2002).

Como escreveu o filósofo Michel Foucault (2006), a carta é um texto, um objeto material por definição destinado a outro. Pode conter a descrição dos fenômenos da vida cotidiana e o que se passa na “alma e no corpo” da pessoa que escreve. Por isso, o remetente ao escrever uma carta, busca uma atenção em relação a si mesmo. Dauphin e Pouban reconhecem as cartas como objeto de pesquisa acadêmica e afirmam que “[...] na historiografia, as cartas ocupam, tradicionalmente, o status de documento” (2002, p. 75).

Para Le Goff “[...] o documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou [...]” (1990, p. 545). Quem utiliza o documento como fonte de pesquisa, precisa indagar quanto a quem o produziu, em que situação e com quais interesses e procurar desvendar os múltiplos fios que ligam o documento que foi produzido a um determinado contexto histórico. Conforme Schmidt (2008) é imprescindível que o pesquisador trabalhe com total liberdade, sem restrições prévias a sua investigação e à sua interpretação. Muitas pesquisas que se utilizam de patrimônio documental são valiosas no sentido da compreensão de determinados problemas históricos que dificilmente seriam expressos com base em outras abordagens.

A tese utiliza como a principal metodologia, a análise de discurso desenvolvida por Eni Orlandi (2015), que defende que o discurso não é simplesmente a troca de informações de um remetente para um destinatário; em vez disso envolve a troca de significados, pois a linguagem não é transparente. A análise de discurso não se concentra na busca pelo sentido “verdadeiro” do texto; por isso, o analista deve adotar um método que lhe permita distanciar-se de seu próprio “eu” durante a interpretação, colocando-se em uma posição que facilite a observação do processo de produção nas suas condições. Trata-se da construção de sentidos em um determinado contexto social e histórico e envolve a noção de dispositivos interpretativos que fazem a mediação entre aspectos explícitos e implícitos e sua relação com os indivíduos por meio de seus sentidos e de suas palavras.

*

Os imigrantes de fala alemã que vieram para o Rio Grande do Sul, a partir de 1824 e, em grande parte, durante a primeira metade do século XX, se dispersaram por diversas regiões do estado. Muitos deles mantiveram sua língua, cultura e tradições, sem se integrar totalmente às novas comunidades. Outros se incorporaram a nova pátria por meio de diferentes áreas profissionais, tais como a medicina, a educação, a literatura, a religião, o

jornalismo, a política e atuaram como lideranças em suas comunidades. Encontramos em Ari Martins (1978), Martin Dreher (1997; 2001), Luís Dreher (1999), René Gertz (1989; 1999), Jorge da Cunha (2003), Arthur Rabuske e Arthur Rambo (2004), Haike K. Silva (2006) e João Klug (2017) estudos sobre imigrantes de fala alemã, com um perfil mais intelectual. Segundo Grützmann,

em países como a Argentina, o Brasil e o Chile, onde a presença de imigrantes de fala alemã e de seus descendentes foi historicamente mais numerosa, intelectuais originários deste grupo refletiram, por meio de sua produção escrita, sobre aspectos históricos, políticos, econômicos, religiosos e culturais dos contextos em que estavam inseridos, integrando um capítulo significativo do processo imigratório na América Latina (2007, p. 123).

Pelas obras que recuperaram as histórias de vida dos imigrantes Wilhelm Rotermund, Hermann Gottlieb Dohms, Friedrich Kniestedt, Karl von Koseritz, João Evangelista Rick e Jakob Aloys Friedrichs, é possível identificar que ocuparam espaços urbanos, portanto, não tinham o referencial de “colonos”, como aqueles que se tornaram agricultores; a escolaridade era superior à da grande maioria dos demais imigrantes; e suas ações, atividades e projetos foram diversificados, pois transitaram pela religião, educação, imprensa, comércio e política.

Mais próxima da trajetória de Martin Fischer é a do imigrante Paul Aldinger (1869-1944). João Klug em *Da Alemanha para a floresta subtropical brasileira: as propostas do Dr. Aldinger para as colônias alemãs no sul do Brasil* (2017) abordou algumas facetas da vida e da ação deste imigrante, na Colônia Hansa-Hamônia (atual Ibirama/SC), como colaborador no processo de desenvolvimento da região. Aldinger chegou à região do Vale do Itajaí como teólogo, mas exerceu atividades agrícolas em grande parte de sua permanência no Brasil. Também foi escritor, organizador de escolas, editor de jornal e líder associativista.

*

O Capítulo 1 apresenta os principais acontecimentos da vida de Martin Robert Richard Fischer, sua origem, formação, atuação profissional, produção e ações nas sociedades em que se inseriu durante mais de nove décadas de existência. A construção desse capítulo baseou-se em duas autobiografias, em três obras da bibliografia sobre a imigração, nas quais é representado e em artigos publicados pelo jornal *Correio Serrano*, de Ijuí, contendo biografias, homenagens e efemérides.

O Capítulo 2 discorre sobre as migrações de Martin Fischer e da companheira Charlotte Wollermann entre a Alemanha, Brasil e Argentina e aborda as variáveis que os levou a imigrar para o Brasil para se tornarem agricultores e proprietários de uma agroindústria. Em uma *Kolonie*, em Iraí (RS) cultivaram produtos agrícolas, criaram animais e

aves e produziram aguardente de cana. Aborda também aspectos históricos da região, inicialmente ocupada por indígenas, até a reocupação sistemática por colonizadores. Para o desenvolvimento desse capítulo empregou-se como fontes as correspondências enviadas e recebidas por Martin Fischer e o seu livro *Iraí – cidade saúde: trechos característicos de sua história* (1954).

O Capítulo 3 traz diversos temas que aparecem na correspondência de Martin Fischer com seus interlocutores, com ênfase naqueles que abordaram sua inserção pessoal e profissional na área rural de Iraí, as relações familiares e de amizade durante o período em que viveu nesse meio e as razões que o levaram a abandoná-la. Por meio do teor das correspondências, foi possível identificar as práticas efetivas de Fischer na sociedade em que esteve inserido, suas análises sobre temas específicos e sua postura política-intelectual durante a permanência em Iraí. As cartas também lhe ajudaram a escapar da “solidão da floresta” ao se comunicar com pessoas distantes ou próximas. Para a escrita do capítulo foram traduzidas e estudadas 260 correspondências, trocadas com 62 interlocutores, de trinta cidades diferentes do Brasil e do exterior.

I. REPRESENTAÇÕES DE MARTIN FISCHER

Este capítulo aborda os principais eventos da vida de Martin Robert Richard Fischer, tendo como base documental o *Curriculum Vitae* (1961) e o *Lebenslauf der Dr. Martin Fischer in Ijuí* (1964)². São dois textos autobiográficos, o primeiro redigido em português e o segundo em língua alemã. Também apresenta referências a Martin Fischer pelos escritores René E. Gertz em seu livro *O aviador e o carroceiro: política, etnia e religião no Rio Grande do Sul dos anos 1920*; Aurélio da Silva Py, na obra *A 5ª Coluna no Brasil: A conspiração Nazista no Rio Grande do Sul*; e Bruno José Ceretta, em um capítulo do livro *Cipel 50 Anos e Biografias*. O capítulo traz, ainda, representações de sua vida por meio de artigos publicados no jornal *Correio Serrano*, por ocasião do seu 90º aniversário e em homenagens prestadas.

1.1 – Autobiografia

Representação é uma palavra de origem latina derivada do vocábulo *repraesentare*, cujo significado é “tornar presente” ou “apresentar de novo”. Designa aquilo por meio do qual se conhece algo (SANTOS, 2011). Para Roger Chartier (1991), as representações estão situadas à distância do real, no entanto, permitem ver o que está ausente e contribuem para o acesso a uma dada compreensão. Uma das formas de conhecer as representações no campo da investigação histórica é por meio de documentos escritos. Quanto ao relato autobiográfico, segundo Pierre Bourdieu (2006), é razoável supor que, em parte ou integralmente, busque dar sentido e coerência a eventos passados, estabelecendo conexões lógicas entre estados sucessivos, como causa e efeito, de modo a construir um desenvolvimento contínuo e significativo. Este capítulo inicia com dois textos autobiográficos que, em linhas gerais, são apresentados como representações de um passado que existiu.

Martin Fischer nasceu em Königsberg, na antiga Prússia Oriental, em 10 de fevereiro de 1887. Filho mais velho do professor e historiador Richard Fischer e de Elise Rauschning, frequentou, após os estudos primários, Ginásio Humanista, cujo currículo estava voltado às ciências naturais, a geografia, a arte, a literatura, a política e a religião. Durante o *Maturum*

² Conforme Pierre Bourdieu (2006) o nome próprio representa a evidência visível da identidade de alguém ao longo do tempo e em diferentes contextos sociais. Ele serve como base para unificar todas as manifestações de um indivíduo ao longo da vida e aparece em registros oficiais, como o *curriculum vitae* e outros documentos. Esses registros são cruciais para compreender a totalidade finita da vida de alguém, pelo veredicto dado sobre um balanço provisório ou definitivo.

(ensino médio), cursou as línguas modernas (alemão, francês e inglês) e as línguas clássicas (latim e grego). Encerrada essa etapa, prestou serviço militar por um ano como voluntário no 43º Regimento de Infantaria de Königsberg, passando para a reserva como oficial. Seus estudos superiores se voltaram para a jurisprudência e às ciências econômicas nas Universidades de Königsberg, Breslau e Kiel. Formou-se em Direito, em 1910 (FISCHER, 1961; 1964).

Atuou por dois anos no serviço público como advogado estagiário em Biella e Luck, na Prússia Oriental. Em 1912, solicitou afastamento das funções públicas para empreender viagem de estudos pela África do Sudoeste Alemã e África do Sul. De volta à Alemanha, em Berlim, trabalhou em instituição bancária (Banco Agrícola e Industrial) e na direção da empresa industrial *Komet*, fabricante de mastros e elevadores (FISCHER, 1961; 1964).

Quando irrompeu a Primeira Guerra Mundial, em 1914, não fazia muito que Martin Fischer havia se casado³. Acabou participando do conflito como oficial da reserva (tenente), no 33º Regimento de Fronteira da Prússia Oriental. Nos primeiros dias de mobilidade na frente russa acabou gravemente ferido o que lhe rendeu quatro meses de internação hospitalar e a condecoração com a Cruz de Ferro de 2ª classe. Em fevereiro de 1915 retornou ao *front* como comandante de companhia, temporariamente conferido devido à falta de oficiais com capacidade de liderança. A captura da cidade russa de Tauroggen, pelo batalhão sob seu comando, lhe proporcionou nova condecoração, a Cruz de Ferro de 1ª classe.

Na Figura 1 estão duas condecorações de Fischer. A da esquerda é a *Verdienstkreuz für Kriegshilfe* (Cruz de Mérito pela Ajuda de Guerra) e a da direita é a *Eisernes Kreuz 2. Klasse* (Cruz de Ferro de 2ª classe). Conforme Ricardo Cabral (2022) a origem da Cruz de Ferro remonta aos tempos da Ordem dos Cavaleiros Teutônicos, uma ordem religiosa/militar medieval envolvida com as Cruzadas. A Cruz Negra ou Balcânica era o símbolo da Ordem Teutônica. No século XIX, o emblema foi adotado pela Prússia como símbolo de guerra e a “cruz de ferro” foi concedida, inicialmente, pelo Kaiser Frederico Guilherme III aos combatentes das Guerras de Libertação de 1813, período de lutas contra o exército francês de Napoleão Bonaparte. A Cruz de Ferro também foi concedida na Guerra Franco Prussiana (1870-1871), travada entre os impérios da França e da Prússia, que resultou na unificação alemã e na constituição do II Reich (Império Alemão). A condecoração seria retomada pelo

³ A pesquisa não encontrou informações detalhadas sobre esse casamento, apenas que o nome da sua esposa era Hedwig (no português, Edwiges).

Kaiser Guilherme II em 05 de agosto de 1914 por ocasião da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), onde mais de cinco milhões de medalhas foram concedidas a membros das forças, entre *Eisernes Kreuz 2. Klasse* e *1. Klasse*. Em 1939, Hitler converteu a Cruz de Ferro em símbolo do Partido Nacional-Socialista ao incluir a suástica que, a partir de então, se tornou uma condecoração do III Reich (CABRAL, 2022). Observa-se que o formato da cruz segue as linhas de uma Cruz Pátea, aquela que apresenta traços estreitos em seu centro e amplas no seu perímetro, configurando “patas”. A coroa do Império Alemão aparece no topo da decoração frontal; no centro a letra W, de Wilhelm, variante alemã do nome Guilherme; e na parte inferior o ano de 1914, que assinalou o início da Primeira Guerra Mundial. A fita da Cruz de Ferro representava as cores nacionais do Império Alemão, ou seja, o preto e o branco.

Figura 1 – Condecorações de Martin Fischer



Fonte: Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP)

Em 1916, Fischer foi ferido novamente e permaneceu várias semanas internado. Foi então transferido para o Comando Geral Adjunto (Escritório de Guerra) em Königsberg e promovido ao posto de capitão. De volta a sua cidade natal aproveitou a oportunidade para aprofundar estudos sobre jurisprudência e obter na Faculdade de Direito da Universidade de Königsberg o grau de *doctor utriusque iuris* com a tese *Beiträge zur Frage des gesetzlichen Schutzes der Baugläubiger* (Contribuições à questão da proteção legal dos credores-construtores). Como militar, ainda ministrou palestras de desmobilização ao final do conflito e colaborou na recolocação profissional das tropas que retornavam para o trabalho civil. A *Cruz de Mérito pela Ajuda de Guerra* oferecida pelo governo republicano que se instalou na

Alemanha, em 1919, foi para Martin Fischer o reconhecimento por este trabalho (FISCHER, 1961; 1964).

Com o fim da Primeira Guerra Mundial, o Império Alemão (*II Reich*) deixou de existir sendo substituído pela República de Weimar, a Primeira República Alemã, que se estendeu até o início do regime nazista em 1933. Era uma república representativa semipresidencial, na qual o presidente eleito nomeava um chanceler, responsável pelo poder Executivo. O poder Legislativo, por sua vez, era representado pelo Parlamento alemão (*Reichstag*) e pelos parlamentos estaduais (*Landtag*) (COSTA, 2005). A República de Weimar enfrentou sérias dificuldades políticas e uma crescente onda de insatisfação social provocada pela gravíssima crise econômica que abateu a Alemanha no pós-guerra (VICENTINO; DORIGO, 2010).

Diante da situação política e da grave crise econômica da Alemanha, cuja inflação corroeu todos os seus recursos, Fischer resolveu imigrar para o Brasil. Aos 33 anos de idade rompeu vínculos com Königsberg para nunca mais retornar a cidade de origem. Segundo ele, “o resultado da Primeira Guerra não significou apenas um colapso material para mim, mas acima de tudo um grave conflito emocional” (1964, p. 1). Se por um lado considerou resolver ou amenizar os “colapsos” material e emocional e construir uma nova vida no Brasil, por outro, deixou para trás sua esposa e uma filha pequena chamada Jutta. Essa decisão acabou por desintegrar seu casamento.

Fischer desembarcou no Rio de Janeiro, no início de 1921, permanecendo por alguns meses na então capital federal. Diante da prevalente animosidade contra os alemães, ainda decorrente do conflito mundial, foi aconselhado pela família que o hospedou no Rio de Janeiro, a transferir-se para o Rio Grande do Sul. Residiu inicialmente em uma pequena colônia alemã, na área rural de Pelotas, onde trabalhou como professor. Por também fazer traduções e produzir artigos para jornais alemães do estado, se tornou conhecido pela Editora Rotermund & Cia., de São Leopoldo, proprietária do jornal *Deutsche Post* (Correio Alemão).

A Editora Rotermund foi fundada pelo pastor Wilhelm Rotermund (1843-1925), que chegou a São Leopoldo no processo de vinda de pastores alemães ao Rio Grande do Sul, no decorrer do século XIX. Em 1886, participou da organização do Sínodo Rio-grandense, entidade precursora da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil (IECLB). Rotermund criou o *Deutsche Post*, um jornal político, mas que continha também encartes com assuntos religiosos e específicos para a atividade eclesial e o *Rotermund-Kalender* (Almanaque-Rotermund), cujo nome oficial era *Kalender für die Deutsche in Brasilien* (Almanaque para os alemães no Brasil), o qual alcançou a tiragem de 30.000 exemplares

anuais. Publicou, também, uma quantidade enorme de material escolar para instituições de ensino, além de traduções de autores brasileiros, obras de ficção em língua alemã de autores locais e literatura diversa. Tudo isso acontecia por meio da Editora Rotermund & Cia., com grande potencial gráfico para a época (GERTZ, 2002).

Em seu *Lebenslauf* (Currículo), Fischer escreveu que a empresa lhe ofereceu uma “posição” no jornal: “Aceitei a oferta depois que a editora aceitou minha única condição, de que eu assumisse a redação do jornal. A partir de maio de 1924 dirigi o jornal até sua destruição em 1928” (FISCHER, 1964, p. 2). Entre atritos religiosos e políticos o jornal *Deutsche Post* sofreu empastelamento⁴ em 28 de setembro de 1928 e deixou de existir.

De acordo com Fischer, apesar de algumas “ofertas honrosas” do deputado estadual Arno Philipp e do comerciante, industrialista e banqueiro Frederico Mentz, de Porto Alegre, decidiu não mais ficar no Rio Grande do Sul. Em dezembro de 1928 voltou à Alemanha, onde trabalhou como escritor *freelancer* até ser contratado, em 1930, pela *Wolffs Telegraphisches Bureau* (WTB), principal agência de notícias alemã, em Berlim. Na WTB trabalhou por três anos, alcançando o cargo de chefe de redação política. Neste período, também, o Conselho da *Gesellschaft für Wirtschaftlichkeit Studien im Übersee* (Sociedade para Estudos Econômicos no Exterior)⁵ lhe indicou para compor sua diretoria administrativa. A sociedade estava envolvida com a transferência e o estabelecimento de alemães no exterior por meio da criação e organização da *Colônia Roland* (hoje Rolândia), no Paraná (FISCHER, 1964).

Em seu *Curriculum Vitae* relatou que, atendendo a um convite de autoridades do governo brasileiro, veio outra vez ao Brasil, em abril de 1933, como integrante de uma comissão oficial cujo objetivo era estudar as possibilidades de uma imigração alemã em grande escala para a região do Oeste Catarinense (FISCHER, 1961). Fischer não identificou quem eram essas autoridades governamentais e não informou se possuía alguma ligação anterior com as mesmas. Incumbido pelo Ministério das Relações Exteriores da Alemanha, também procurou informar-se e relatar as condições das novas colônias teuto-russas, localizadas na margem catarinense do rio Uruguai, na divisa entre os estados de Santa

4 Empastelar como expressão jornalística, significa destruir a oficina gráfica de um jornal, danificando lhe o equipamento, misturando ou espalhando tipos e matrizes, em geral por motivos políticos ou pessoais (Dicionário Aulete, 2011, p. 539).

5 A forte crise econômica na Alemanha, no final da década de 1920, levou alguns políticos a criar sociedades com o objetivo de incentivar a emigração (GROH, 2009). Nesse contexto foi fundada a *Gesellschaft für Wirtschaftlichkeit Studien im Übersee* por Hans Luther, ex-chanceler da República de Weimar e pelos ex-ministros Hermann von Freedon e Erich Koch-Weser. Em 1935 foi incorporada pela *Gesellschaft für Siedlung im Ausland* (Sociedade para Colonização no Exterior), que seguia as orientações nazistas (SOARES, 2009).

Catarina e Rio Grande do Sul. Os teuto-russos foram transferidos, em 1932, da União Soviética e da China, pela Cruz Vermelha e pelo *Sankt Raphaels Verein*⁶, para a colonização desta região, conforme acordo entre os governos da Alemanha e do Brasil (FISCHER, 1961).

A Figura 2 é uma fotografia de Fischer tirada na década de 1930. Nenhum indicativo quanto à data e o local de registro da mesma foram encontrados. No entanto, quando de seu retorno ao Brasil, em 1933, ele contava com 46 anos. Nesta ocasião veio também sua companheira Charlotte Wollermann (Figura 3), quinze anos mais jovem. A relação conjugal entre os dois nunca foi oficializada, mas viveram juntos por quase 50 anos.

Figura 2 – Martin Fischer – década de 1930



Fonte: Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP)

⁶ A *Sankt Raphaels Verein zum Schutze Katholischer Deutscher Auswanderer* (Sociedade São Rafael de Proteção aos Emigrantes Católicos Alemães), fundada em 1871, negociou condições de emigração com governos, igrejas e companhias de navegação e forneceu uma rede de apoio, abrigo e assentamento aos católicos alemães que tinham como destino, principalmente, países da América. A *Sankt Raphaels Verein* operou, de forma mais intensa, no período anterior a Segunda Guerra Mundial (GRAMS, 2005).

Figura 3 – Charlotte Wollermann – s/d



Fonte: Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP).

Em meados de 1934, a agência noticiosa *Deutsches Nachrichtenbüro* (DNB), de Berlim, o convidou para dirigir seu escritório em Buenos Aires, onde trabalhou por dois anos. Não querendo prolongar o contrato de trabalho, devido a questões envolvendo o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP), deixou a Argentina e retornou ao Brasil, no início de 1937. Escolheu viver no interior do município de Iraí, no norte do Rio Grande do Sul, onde segundo ele, refugiou-se das perseguições de seus próprios conterrâneos nazistas e “numa pequena chácara e levando a vida de um colono humilde”, esperou o fim da Segunda Guerra Mundial (FISCHER, 1961, p. 2). Como o progresso econômico não foi alcançado, em parte pelo fato de ser estrangeiro, mudou temporariamente sua residência para Porto Alegre, em 1944. Diante de uma doença que o acometeu e de uma cirurgia pela qual teve que ser submetida sua companheira, as quais esgotaram todos os seus recursos, convenientemente voltou à Iraí, dois anos depois (FISCHER, 1961; 1964).

Colaborando intensamente com vários jornais e revistas do Brasil, da Argentina e da Europa, por meio da produção de artigos políticos, econômicos e culturais, conseguiu melhorar sua situação. Por outro lado, as autoridades locais lhe ajudaram ao designá-lo para

várias tarefas, como trabalho estatístico, inspeções escolares e fiscalização de obras públicas (FISCHER, 1964). Por meio do estudo das potencialidades da região escreveu seu primeiro livro *Iraí – cidade saúde: trechos característicos de sua história*, publicado em 1954. Também participou do Programa Socorro para a Europa Faminta (SEF), de caráter humanitário, após o término da Segunda Guerra Mundial (FISCHER, 1964).

No final de 1947 iniciou negociações para colaborar com a Empresa Jornalística Correio Serrano, de Ulrich Löw, de Ijuí, no noroeste do Rio Grande do Sul, proprietária dos jornais *Die Serra Post* e *Correio Serrano* e do Anuário *Die Serra Post Kalender*. Inicialmente, assumiu a composição literária do anuário, atividade que realizou por duas décadas, mas, como também passou a escrever regularmente para o jornal *Die Serra Post*, houve a necessidade da transferência para Ijuí, que ocorreu em 1951.

O jornal *Die Serra Post* (O Correio da Serra), de orientação laica, foi fundado em 1911 pelo imigrante austríaco Robert Löw. A expansão da colonização alemã no noroeste do Rio Grande do Sul e no oeste de Santa Catarina contribuiu para impulsionar o crescimento do jornal. Com a entrada do Brasil na Primeira Guerra, em 1917, foi proibida a edição de jornais em língua alemã, portanto, a direção da empresa optou por traduzir o jornal para o português criando o *Correio Serrano*. Tal situação repetiu-se, também, por ocasião da Segunda Guerra Mundial. O *Die Serra Post* circulou de maneira instável até sua paralisação definitiva, em 1978 e o *Correio Serrano* circulou pela última vez em dezembro de 1988 (CORREIO SERRANO, 06 mar. 1972, não paginado; GZH Digital, 02 mar. 2017).

Outra ação de Martin Fischer que se efetivou logo após sua transferência, foi o programa *A Hora Cultural Alemã*, apresentado em três dias na semana, na então rádio Sulina (atual Rádio Repórter). Com o passar do tempo, Charlotte Wollermann acabou colaborando e até mesmo assumindo as transmissões. Segundo Fischer,

Logo pude superar uma animosidade inicialmente muito forte da população lusa e ítalo brasileira contra a hora alemã na Rádio, quando me tornei membro do “Grêmio Ijuicense de Letras”, então o único estrangeiro. Lá, surpreendentemente, encontrei ressonância e eles começaram a me apreciar. [...] É uma satisfação especial para mim, que um número significativo de brasileiros não-étnicos frequentemente e de bom grado ouvem a hora, especialmente por causa da música. E isso me parece à coisa mais importante, que através do programa, a cultura alemã pode ser levada aos brasileiros de origem não alemã (1964, p. 4).

A Hora Alemã assumiu o papel de articuladora das práticas culturais de uma etnia, por meio do rádio, o mais importante meio de comunicação da época. Textos, poemas, reportagens, fatos pitorescos e músicas foram algumas das expressões culturais divulgadas

pelo programa que, evidentemente, permitiram o reforço identitário da comunidade que se sentia alemã radicada no município e na região. No entanto, o programa não buscou apenas atender à comunidade germânica (alemães, austríacos e teuto-russos), mas também os descendentes de italianos e luso-brasileiros, mesmo que fosse apenas pela música.

Em maio de 1961 foi fundado pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí (FAFI) o Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP) e aberto ao público em março de 1962. Em seu currículo autobiográfico, Martin Fischer destacou que,

Representantes da Faculdade me encarregaram de organizar e dirigir este instituto científico. Embora o museu, o único do gênero no sul do Brasil, ainda esteja em seu início, ele ganhou uma reputação muito respeitável nos círculos científicos. Professores de várias universidades e altos funcionários da Secretaria de Educação visitaram o museu, incluindo dois professores da Universidade de Wisconsin dos Estados Unidos. Também visitaram o museu o Senhor Embaixador Dr. Seelos e o Senhor Cônsul Dr. Huckle. O Senhor Embaixador se despediu dizendo que “seria muito louvável” se eu, como alemão, construísse um instituto como esse em toda a região da Serra (FISCHER, 1964, p. 4).

Ainda, segundo sua autobiografia, foi um dos membros fundadores do Instituto Cultural de Ijuí, onde ministrou aulas de língua alemã; escreveu centenas de artigos políticos, econômicos, sociais e culturais para diversos jornais e revistas do país e do exterior; dedicou-se ao intercâmbio cultural entre o Brasil e os países de língua alemã na Europa; e tinha predileção pela História (anterior e posterior à escrita), Filosofia, Literatura, Zoologia e Botânica.

O *Curriculum Vitae* e o *Lebenslauf der Dr. Martin Fischer in Ijuí* fazem parte da Coleção Martin Fischer do Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP) juntamente com outros 7.746 documentos: documentos pessoais, textos, cadernos de poesia, palestras, material didático e um conjunto expressivo de correspondências expedidas e recebidas. Toda a documentação foi doada ao MADP por Charlotte Wollermann, cinco anos após a morte de Fischer, ocorrida em 1979.

*

É possível caracterizar Martin Fischer como um imigrante europeu diferente dos milhares de agricultores, trabalhadores em atividades de cunho artesanal e operários da incipiente indústria nacional, que vieram ao Brasil durante o século XIX e início do século XX. Ele tinha doutorado em Direito, mas se constituiu profissionalmente exercendo atividades de jornalista, sem uma formação específica nesta área, inicialmente em São Leopoldo (RS), quando de sua primeira passagem pelo Brasil, depois em Berlim, na

Alemanha e em Buenos Aires, na Argentina. Em Iraí, não esteve vinculado organicamente a uma profissão de cunho intelectual, no entanto, manteve habilidades intelectuais, pois continuou produzindo artigos sobre temas diversos para jornais e revistas do Brasil e do exterior. Como sua inclinação, aptidão e habilidade estavam voltadas ao jornalismo, não hesitou em retornar a esse meio quando teve oportunidade. Nas décadas de 1950-70, radicado em Ijuí, foi colaborador em jornal impresso, como escritor livre e independente e apresentador de programa de rádio. Junto a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí (precursora da FIDENE/UNIJUÍ), foi um dos organizadores e o primeiro diretor do Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP). Ijuí e região passaram a contar com um “centro científico” que coleta, classifica e guarda as manifestações de sua população e de sua história, nas suas mais variadas formas de expressão.

Desde os primeiros tempos do museu, ficaram definidos seus objetivos: apresentar determinadas áreas da vida do homem da região, para fins de estudos, ou apenas para a satisfação da curiosidade dos visitantes; como forma de extensão da própria Faculdade; e, no setor de turismo, como um atrativo a mais que Ijuí poderia oferecer. O MADP é, com certeza, a mais expressiva obra de Martin Fischer, idealizada e iniciada por uma pessoa com mais de 70 anos (Figura 4); uma instituição hoje consolidada e reconhecida nacionalmente.

Figura 4 - Martin Fischer na época da constituição do Museu



Fonte: Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP).

Em uma breve revisão bibliográfica a tese apresenta outros imigrantes intelectuais alemães que, por meio de sua formação, de seus conhecimentos e de suas ações, contribuíram para o desenvolvimento social, cultural e econômico de suas comunidades. Na obra *Os dois vizinhos e outros textos*, Martin N. Dreher (1997) traz contos, biografias e ensaios produzidos por Wilhelm Rotermund (1843-1925), pastor luterano, escritor, editor, fundador e presidente do Sínodo Rio-grandense; em *Hermann Gottlieb Dohms: textos escolhidos*, Dreher (2001) apresenta uma seleção da produção intelectual de Dohms (1887-1956), teólogo, editor, professor e líder da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil (IECLB) e destaca sua atuação como presidente do Sínodo Rio-grandense, no contexto marcado pelo germanismo e pelo nacional-socialismo; e no livro *Pe. João Evangelista Rick, SJ: cientista, colonizador, apóstolo social, professor*, Arthur Rabuske e Arthur Blásio Rambo (2004) trouxeram as memórias do padre João Evangelista Rick (1869-1946), sacerdote católico, cientista especializado em fungos e pioneiro da micologia no Brasil, além de professor de matemática, de história natural e líder social em São Leopoldo (RS). Em *Memórias de um imigrante anarquista*, René E. Gertz (1989) traz as memórias de Friedrich Kniestedt (1873-1947), que emigrou em 1915 e, como jornalista, editor, anarquista e líder do movimento operário no Rio Grande do Sul, destacou-se durante a década de 1930 na luta contra a crescente influência do Partido Nazista no Estado; e em *Karl von Koseritz: seleção de textos* (1999), o mesmo autor efetua uma revisão dos estudos de Koseritz (1830-1890) e apresenta vários aspectos do pensamento deste imigrante que foi professor, escritor, jornalista, empresário e político. Por sua vez, Haike Kleber da Silva, em *Entre o amor ao Brasil e ao modo de ser alemão* (2006), abordou a trajetória de Jakob Aloys Friedrichs (1868-1950), empresário, escultor e incentivador da prática da ginástica. Foi um dos fundadores da Sociedade Ginástica de Porto Alegre (Sogipa) e seu presidente por três décadas. Líder associativista, unificou entidades para a formação da Federação Alemã de Ginástica do Rio Grande do Sul.

Praticamente todos os imigrantes acima apresentados estiveram intrinsicamente ligados ao meio urbano. Uma breve história de inserção no mundo rural, por um imigrante alemão e intelectual, com algumas semelhanças à Martin Fischer, foi abordada por João Klug (2017) no artigo *Da Alemanha para a floresta subtropical brasileira: as propostas do Dr. Paul Aldinger para as colônias alemãs no sul do Brasil*. Aldinger nasceu em 1869 em Heutingsheim Ludwigsburg, no então Estado de Baden; estudou Teologia no Seminário Evangélico de Blaubeuren e na Universidade de Tübingen; e concluiu o doutorado em 1895. A vinda de Aldinger para a Colônia Hansa Hamônia (atual Ibirama), em Santa Catarina, em

1901, teve dois objetivos: adquirir experiência *in loco*, para depois colaborar com a *Evangelischer Hauptverein für Deutsche Ansiedler und Auswanderer* (Sociedade Central Evangélica para Colonos e Imigrantes) na preparação de futuros emigrantes; e, com o apoio da referida Sociedade, fundar uma “escola na selva” (*Urwaldschule*)⁷. Ainda conforme Klug,

seu plano era adquirir experiência no subtropical da América, com vistas a aplicá-la posteriormente nas áreas alemãs da África [...] Com o objetivo de entender o significado de ser um imigrante na floresta subtropical, adquiriu seu lote de terras e lançou mão de machado, facão e enxada, para fazer a terra produzir [...] (KLUG, 2017, p. 48).

O Dr. Aldinger dividiu as atividades agrícolas com o pastorado luterano e se dedicou à organização de escolas ao longo de sua permanência em Santa Catarina. Também fundou um jornal o *Der Hansabote* (O Mensageiro da Hansa); uma Associação de Crédito e Poupança; uma Sociedade Ginástica; uma Sociedade de Canto; e uma Cooperativa. Ocupou-se também com a história da germanidade no Brasil, na obra *A Contribuição Teuta à Formação da Nação Brasileira*. Sua atuação na Colônia Hansa se estendeu até 1927, quando retornou a Alemanha. Paul Aldinger foi um imigrante alemão que colaborou no processo de desenvolvimento educacional, cultural e econômico da região do Vale do Itajaí. Suas ações na Colônia Hansa Hamônia podem até ser mais expressivas do que as de Martin Fischer, mas a nenhum dos dois pode-se refutar dedicação, persistência e capacidade de trabalho.

1.2 – Referências na bibliografia

No capítulo II de seu livro *O aviador e o carroceiro*, René E. Gertz aborda a trajetória de vida do pastor Wilhelm Rotermund desde que chegou ao Rio Grande do Sul, no início dos anos 1870, por meio das ações políticas, religiosas e educacionais que o mesmo desenvolveu em São Leopoldo, através de sua firma editora e de seu jornal. Após sua morte, os filhos Ernst e Fritz herdaram o empreendimento, mas, também, uma profunda crise econômica que se arrastava desde longa data. É nesse contexto que Martin Fischer é contratado pela Editora Rotermund & Cia. para dirigir o jornal *Deutsche Post*. Conforme Gertz,

Em 1921⁸, entrou um novo diretor, um alemão recém-vindo da Alemanha. Era o Dr. Martin Fischer, doutor em Direito, capitão do Exército alemão

⁷ Paul Aldinger preconizava que o sul do Brasil seria o local para estabelecer colônias alemãs. A Igreja Evangélica Luterana e toda a sua ação eclesial, dentre ela a educacional através da escola, exerceria um papel importante: a preservação da germanidade (KLUG, 2017).

⁸ Conforme o *Lebenslauf der Dr. Martin Fischer in Ijuí*, foi em maio de 1924.

durante a guerra. Também este, como o velho Rotermund, passou o resto de sua vida no Brasil, destacando-se, algumas décadas mais tarde, na organização do Museu Antropológico Diretor Pestana da Universidade de Ijuí, onde ainda na década de 1970 foi objeto de uma acirrada polêmica entre o corpo docente da instituição ao ser homenageado pela guarnição local do Exército brasileiro⁹ (2002, p. 39).

Por meio do estudo e análise de cartas, relatórios e atas, sob a guarda do *Archiv des Kirchlichen Aussenamts* (Arquivo do Departamento de Relações Exteriores) da Igreja Evangélica Alemã, em Berlim, René E. Gertz traçou a relação da crise econômica da empresa Rotermund, com o Sínodo Rio-grandense e a Igreja Evangélica da Alemanha. Num primeiro momento os herdeiros contataram o Sínodo, que descartou qualquer possibilidade de ajuda financeira. Depois à direção da igreja alemã foi informada por um emissário que se reuniu com Ernst e Fritz Rotermund, com Erich Utpott (administrador) e com Martin Fischer (diretor do jornal), de que eles estariam dispostos a vender a empresa em prestações (GERTZ, 2002). Em relatório, o pastor Erwin Hübbe, representante da Igreja Evangélica Alemã, em Porto Alegre, informou que “em outubro (1926) o controvertido redator do *Deutsche Post*, Martin Fischer, iria à Alemanha para tratar do problema” (GERTZ, 2002, p. 42).

Martin Fischer voltou à Alemanha, em fins de 1926 e apresentou à *Wichern-Vereinigung* (Associação Wichern)¹⁰ um relatório sobre a situação da firma Rotermund e do jornal *Deutsche Post*. Sugeriu uma parceria entre a empresa de São Leopoldo, o Sínodo Rio-grandense e a *Wichern-Vereinigung*. Fischer teria solicitado uma reunião com representantes dessa entidade, juntamente com outras 12 entidades eclesiásticas alemãs, para reivindicar uma ajuda financeira para o que chamou de imprensa luterana no Rio Grande do Sul. Na análise de Gertz, “ele estaria discutindo apenas ajuda para o jornal e não um programa mais abrangente para a firma Rotermund como um todo” (2002, p. 43). Conforme Gertz, a reunião realizou-se janeiro de 1927, em Berlim, com a presença dos representantes das entidades sugeridas, no entanto,

Fischer não participou da primeira parte da reunião. Só mais tarde ele foi chamado para ouvir as conclusões dos representantes que eram basicamente duas: 1º) havia necessidade de uma avaliação da situação da firma por parte de um representante alemão e, caso a avaliação fosse positiva, 2º) deveria ser

9 A polêmica que envolveu Martin Fischer, o corpo docente da faculdade e a guarnição militar local, consta no depoimento do professor Argemiro J. Brum, publicado no Caderno Especial do Correio Serrano (Ijuí), de 14 de fevereiro de 1987, alusivo ao 25º aniversário do Museu Antropológico Diretor Pestana e ao centenário de Martin Fischer, apresentado com mais detalhes na sequência deste capítulo.

10 Associação missionária alemã que atuou nas comunidades luteranas do Rio Grande do Sul, tendo por base a apresentação de filmes e a venda de livros.

criado um consórcio evangélico com aporte de dinheiro por parte das entidades ali representadas para assumir a firma Rotermund. Fischer respondeu que não poderia aceitar tais condições, pois a família Rotermund ficaria sem nada. Considerou que, no mínimo, a família deveria ficar com a edição dos livros de interesse geral (literatura) e o bazar. Ele, porém acabou recuando dessa posição e aceitando a ideia do consórcio (GERTZ, 2002, p. 43).

Porém, a crise econômica assumiu ao mesmo tempo conotações políticas e religiosas. O pastor Erwin Hübbe manifestou-se sobre a proposta de ajuda da *Wichern-Vereinigung* insistindo que a igreja alemã deveria ficar fora do negócio, pois a associação missionária “não seria confiável, o Dr. Fischer não seria um bom diretor de jornal e os Rotermund estariam fazendo jogo duplo, pois teriam difundido a notícia de que não necessitavam de ajuda” (GERTZ, 2002, p.44). Em carta enviada em 1927 para a Igreja Evangélica, em Berlim, Hübbe disse que Fischer

investiu furiosamente contra o pastor Gustav E. Ackermann, acusando-o de ter passado informações ao jornal católico *Deutsche Volksblatt*, num rumoroso caso ocorrido mais de quatro anos antes, quando um representante comercial de Rotermund vendeu material pornográfico em Nova Petrópolis. (GERTZ, 2002, p. 44)

Por sua vez o pastor Alfredo Funke, que passou muitos anos no Brasil, comentou a personalidade de Martin Fischer e afirmou que ele não gozava de simpatia em lugar algum. A oportunidade de defesa de Martin Fischer, enquanto diretor do *Deutsche Post* deu-se em 1927 numa assembleia de pastores do Sínodo Rio-grandense, em Ijuí, quando compareceu e proferiu palestra sobre o tema “Igreja e Imprensa”. Lamentou o “pouco apoio dos pastores ao seu jornal e citou, nesse contexto, o caso dos livros pornográficos, onde o pastor Ackermann não só não teria colaborado com o jornal, mas o teria prejudicado” (GERTZ, 2002, p. 48).

Mesmo com a vinda de um administrador da *Wichern-Vereinigung* a São Leopoldo, que realizou estudos sobre a situação da empresa e apresentou uma proposta de ajuda financeira à firma Rotermund, as negociações não avançaram. O Cônsul alemão em Porto Alegre, Hans Kastner, enviou carta à direção da Igreja Evangélica Alemã se pronunciando contra a subvenção ao *Deutsche Post*. Segundo o cônsul se a situação viesse a público “atizaria o nativismo, que é crescente no Brasil contra tudo o que é estrangeiro; provocaria a reação da *Neue Deutsche Zeitung*, uma concorrente do jornal leopoldense; mas, sobretudo, acirraria o confronto histórico com a *Deutsche Volksblatt*, ligado ao catolicismo” (GERTZ, 2002, p. 43-44).

Entre vários acontecimentos e conjunturas o jornal *Deutsche Post* foi empastelado, em 1928, mas a Editora Rotermund sobreviveu (hoje com 146 anos de existência). Na sequência do livro *O aviador e o carroceiro*, René E. Gertz narra outras histórias com alternadas temáticas que, num primeiro momento, parecem não ter relação, porém, são imprescindíveis para a compreensão do relato sobre episódio do empastelamento do jornal de São Leopoldo. Tendo como fontes um dossiê sobre a firma Rotermund, encontrado no Arquivo do Departamento de Relações Exteriores, da Igreja Evangélica Alemã, em Berlim; jornais com reportagens sobre São Leopoldo; jornais eclesiásticos católicos; anais e manuscritos sobre as Faculdades de Engenharia, Medicina e Direito de Porto Alegre e relatos orais, o autor levantou diversas variáveis para o que aconteceu na noite de 28 de setembro de 1928.

Conforme Gertz (2002), durante a República Velha, os luteranos de São Leopoldo se empenharam muito na luta pelo controle do poder local. O governo municipal de João Corrêa Ferreira da Silva (1924-1928), por exemplo, era apoiado pelos luteranos e, em particular pela família Rotermund. No entanto, na segunda metade da década de 1920, as lideranças políticas luteranas não conseguiram impedir a emancipação de Novo Hamburgo, distrito de São Leopoldo, cujo movimento foi organizado por militantes católicos e marcado por fortes confrontos políticos e religiosos.

Também, acima do envolvimento confessional na política estava a questão do nacionalismo, pois as referências negativas à população de origem alemã, advindas da Primeira Guerra Mundial, não deixaram de existir. Além disso, persistiam as referências quanto ao caráter supostamente pouco brasileiro dessas populações. Portanto, o ataque ao jornal *Deutsche Post*, não se justificou apenas por estar ligado ao luteranismo, mas por ser redigido em língua alemã, defender o germanismo e o direito de existência de uma cultura alemã no Rio Grande do Sul¹¹. Isso, numa época de crescentes vitórias de candidatos de origem alemã, nas eleições municipais, principalmente nas de 1928, que ocorreram alguns dias antes da destruição do jornal.

O nacionalismo e o antiluteranismo também foram características básicas das organizações juvenis católicas, criadas pelo arcebispo D. João Becker no início da década de

11 Conforme René Gertz desde o início da colonização, a partir da primeira metade do século XIX, os alemães foram acusados pelas autoridades brasileiras de “não integração”. Pela resistência à miscigenação, pela conservação da língua, dos costumes e de sua cultura teriam sido vistos como anticidadãos. No entanto, é difícil precisar em que momento o germanismo assumiu proporções significativas no Brasil. Provavelmente a manutenção da língua, dos costumes, o apego à pátria-mãe coincide com o interesse da Alemanha pelos emigrados, na transição do século XIX para o século XX (GERTZ, 1998).

1920, chamadas de União de Moços Católicos (UMC). Através de suas pesquisas, Gertz conseguiu identificar a expansão da entidade, seus esforços para firmar o catolicismo no estado e o clima religioso entre as diferentes confissões religiosas que resultaram em vários conflitos. Gertz (2002) definiu o envolvimento da União de Moços Católicos como uma variável direta na investida contra o *Deutsche Post*. A outra constava no dossiê do Arquivo da Igreja Evangélica Alemã, em Berlim sobre uma caravana de estudantes de Direito que teria vindo de Porto Alegre para participar dos protestos contra o jornal de São Leopoldo.

Restava ainda a polêmica desencadeada no Brasil, em torno do vôo empreendido por dois aventureiros italianos que atravessaram o Oceano Atlântico e alcançaram o território brasileiro em julho de 1928. No entanto, um acidente provocou a morte de um deles, o que acabou gerando, por um lado, grande comoção e excessiva exploração do episódio, por outro, críticas a essa comoção. No final, um jornal em língua italiana em São Paulo, que manifestou críticas à comoção nacional pela morte do aviador, foi empastelado. Em São Leopoldo, o jornal *Deutsche Post* comentou, em editorial, o empastelamento do jornal paulista no que, para Gertz (2002), pode ser definido como uma das causas para o ataque por ele próprio sofrido.

No capítulo IX, o autor relatou o final trágico do *Deutsche Post* por meio dos indícios acima relatados, ou seja, que estudantes da Faculdade de Direito e militantes da organização União de Moços Católicos, vindos de Porto Alegre e parte da população de São Leopoldo promoveram a destruição do jornal em língua alemã, ligado aos luteranos.

*

Em 1942 foi publicado o livro *A 5ª Coluna no Brasil: A conspiração Nazista no Rio Grande do Sul*, de autoria do Tenente Coronel Aurélio da Silva Py, chefe da Polícia do Estado, entre 1938 e 1943. Aurélio Py conduziu uma série de investigações sobre as atividades do Partido Nazista no Rio Grande do Sul, identificando agentes e redes de propaganda responsáveis por atrair simpatizantes. Desse trabalho resultou, inicialmente, o livro *O nazismo no Rio Grande do Sul* em dois volumes (1940 e 1941). *A 5ª Coluna no Brasil* é uma obra reorganizada destes dois volumes.

No capítulo *O homem que apanhou a luva lançada pela Gestapo*, o autor tornou públicas as declarações de Martin Fischer sobre o nazismo e a atuação da Gestapo, sigla de *Geheime Staats-Polizei* (Polícia Secreta do Estado), na Argentina e no Brasil. Em fins de 1934, Fischer aceitou o convite da agência estatal de notícias *Deutsches Nachrichtenbüro* (DNB), de Berlim, para assumir a gestão do seu escritório em Buenos Aires. Por essa época,

Willy Köhn, Adido na Embaixada alemã de Buenos Aires, “viajava com passaporte diplomático por todos os países sul-americanos e por onde passava deixava uma rede da Gestapo organizada” (PY, 1942, p. 359). Uma das principais atividades dos agentes da Polícia Secreta era controlar pessoas com funções políticas e administrativas. Nem os próprios cônsules e embaixadores alemães estavam isentos de sua ação. Foi o que também aconteceu com Fischer, enquanto diretor do DNB, cujo controle foi assíduo. Pesava sobre Fischer, também, o fato de ser primo-irmão de Hermann Rauschning, ex-presidente do Senado da Cidade Livre de Dantzig, dissidente do nacional-socialismo e autor de livros contra o regime nazista e seu líder Adolf Hitler (PY, 1942).

Após seu fracasso como presidente do Senado de Dantzig e alarmado com a ascensão do Nazismo e com o que poderia acontecer na Alemanha, Hermann Rauschning escreveu dois polêmicos livros na década de 1930: *Die Revolution des Nihilismus* (A Revolução do Niilismo) e *Gespräche mit Hitler* (Conversas com Hitler). Neles, faz um alerta sobre os verdadeiros objetivos políticos de Hitler, dirigidos num primeiro momento às mentes críticas da Alemanha, mas também as da civilização ocidental. O autor traz no livro *Gespräche mit Hitler* – aparentemente para “abalar o mundo” – os objetivos de Hitler em questões estruturais e um suposto plano de domínio global. Fato contestado por muitos historiadores, a partir da década de 1980, as supostas “conversas” representam um híbrido entre literatura ficcional e fonte histórica. Rauschning teria se encontrado com Hitler pouquíssimas vezes e nunca em particular onde pudesse ter conversado sobre esses planos. No entanto, no início dos anos 1940, o livro não foi colocado em dúvida e ofereceu consistência à tese de domínio do mundo pelo regime nazista (LEMKE, 2006).

Filiado ao Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP), desde o final da década de 1920, a pressão em torno de Fischer tomou proporções que o levaram a remeter a sede do partido, em Buenos Aires, a seguinte carta:

Buenos Aires, 31 de dezembro de 1936.

Conforme pude constatar fiel e irrefutavelmente, tomou o Partido Nacional-Socialista, aqui na Argentina e também nos outros países da América do Sul, formas que de nenhuma maneira podem ser comparadas com a interpretação da ideia do nacional-socialismo em que fui educado, durante os anos de luta na Alemanha e que é para mim a única que posso considerar como verdadeiramente acertada. Como me vejo colocado, por isto, num inevitável conflito de consciência, declaro aqui a minha demissão do Partido Nacional-Socialista (PY, 1942, p. 360).

Fischer não chegou a dar detalhes sobre o motivo da sua declaração, onde requer seu afastamento/demissão, mas ela foi aceita pela direção do Partido. Passado algum tempo veio à resposta:

Buenos Aires, 12 de fevereiro de 1937.

Acuso o recebimento de sua declaração de demissão do NSDAP, dirigida ao grupo central do Partido Nacional-Socialista na Argentina. Para sua orientação, o senhor deve tomar conhecimento de que a demissão do Partido Nacional-Socialista é definitiva; quer dizer que uma readmissão é impossível sob qualquer hipótese, tanto aqui como na Alemanha (PY, 1942, p. 361).

O capítulo traz, também, uma carta bastante explicativa sobre as consequências para Fischer quanto a sua decisão de se desligar do Partido Nazista. Elas foram explicitamente relatadas por um dos chefes do DNB e figura de destaque do Ministério de Propaganda da Alemanha, que não teve o seu nome revelado¹²:

Prezado Dr. Fischer.

Em resposta à sua carta, na qual me comunica sua intenção e os motivos para se demitir do Partido Nacional-Socialista, tenho a comunicar o seguinte: Todo o partidário alemão tem a obrigação de prestar o juramento de fidelidade ao *Führer* e aos superiores por ele designados. Quem não faz isso se põe, a meu ver, fora das fileiras da comunidade do povo germânico. Eu lhe pergunto: teria o senhor, como velho oficial alemão, negado também o juramento à bandeira do seu comandante supremo? (PY, 1942, p. 362)

O autor da carta expõe que para dirimir casos pessoais, quanto à tomada de decisões e para restabelecer a justiça e a ordem existia o Supremo Tribunal Partidário do NSDAP. Não admitia questionamentos sobre quem tinha ou não a razão, pois se tratava de “salvaguardar, por todos os meios e sem consideração para com o indivíduo e seus sacrifícios, a unidade da comunidade alemã e especialmente do Partido Nacional-Socialista no Exterior” (PY, 1942, p. 363). A carta prossegue:

O senhor necessita saber que demitir-se do Partido e negar o juramento ao *Führer* representa exclusão imediata das funções dentro do DNB e que o senhor, para sempre, se tornará inaproveitável como colaborador em qualquer empresa alemã. Colocar-se-á na categoria de emigrantes, que volveram as costas à Alemanha [...]. Se eu não conhecesse a sua grande dedicação dentro do nosso movimento, teria entregado a sua carta ao Tribunal Superior, para que este agisse. Por isto lhe peço comunicar-me, com a máxima urgência, se ainda permanece em sua resolução, ou se reconhece ter cometido um erro e está disposto para o futuro a se subordinar sem restrição e, muito principalmente, a prestar o juramento, o que é uma

12 Por meio do cruzamento das correspondências trocadas por Fischer, estudadas neste trabalho, identificou-se o autor como sendo Alfred-Ingemar Berndt, editor-chefe do DNB e influente integrante do NSDAP, em Berlim.

obrigação natural de todo alemão. Caso contrário, nossos caminhos se separarão imediatamente (PY, 1942, p. 363).

Em três trechos da carta, o autor insiste na necessidade de todo o partidário alemão fazer o *Führereid* (Juramento de Hitler). Nele estava o *Reichswehreid*, juramento de lealdade, que deveria ser feito por todos os oficiais e soldados das forças armadas, bem como por todos os funcionários públicos e de estatais da Alemanha Nazista. Essa determinação tornou-se pública, em 1934, quando Hitler passou a ser conhecido como *Führer*, após unificar os cargos de Chanceler e de Presidente e assumir os poderes de Chefe de Estado e de Comandante Supremo das Forças Armadas. A Lei sobre o Juramento de Lealdade foi publicado no *Reichsgesetzblatt*, Diário de Leis do Reich, de 22 de agosto de 1934. Conforme o artigo 2º da referida lei, os funcionários públicos deveriam assim se pronunciar: “Eu juro: serei fiel e obediente ao *Führer* do povo e do Reich alemão, Adolf Hitler, observarei as leis e cumprirei incondicionalmente meus deveres oficiais. Que Deus me ajude” (REICHSGESETZBLATT, 1934, p. 785). Por sua vez, os oficiais e soldados das Forças Armadas prestariam este juramento:

Faço perante Deus este sagrado juramento de que renderei incondicional obediência a Adolf Hitler, o *Führer* do povo e do Reich alemão, supremo comandante das Forças Armadas e de que estarei pronto como um corajoso soldado a arriscar minha vida a qualquer momento por este juramento (REICHSGESETZBLATT, 1934, p. 785).

O juramento de lealdade não era para com a Alemanha, nem para a Constituição ou suas instituições, até porque haviam sido violadas, mas uma lealdade obrigatória ao próprio *Führer* Adolf Hitler. Conforme William Shirer (2008), o nazismo só se consolidaria no poder, com o juramento de lealdade do exército e do funcionalismo público para Hitler. Na medida em que o regime ganhava força o juramento também passou a ser exigido pelos professores universitários, por alguns grupos de estudantes, além de enfermeiras, carteiros e ferroviários. Caso não fosse realizado na presença do *Führer*, ele deveria ser feito diante de autoridades alemãs por ele nomeadas (SHIRER, 2008). Diante da negativa do juramento, Martin Fischer rescindiu seu contrato com o DNB, deixou Buenos Aires em janeiro de 1937 e se instalou no recém-criado município de Iraí, no norte do Rio Grande do Sul.

Na parte final do capítulo *O homem que apanhou a luva lançada pela Gestapo*, Fischer respondeu a várias perguntas sobre as atividades da Gestapo na América do Sul e no Brasil. Segundo Py,

Desligado, ameaçado e desprestigiado pela facção a que por tantos serviu fielmente, o ex-diretor do DNB teve que mudar completamente de vida e foi nestas circunstâncias que surgiu o seu contato com nossas autoridades. As perguntas que lhe foram formuladas, respondeu o Dr. Fischer de maneira precisa e clara (1942, p. 363).

Martin Fischer declarou que, como diretor do DNB em Buenos Aires, possuía dependências para seu trabalho no mesmo prédio da embaixada alemã, onde também estava instalado, em amplo espaço, o Partido Nacional-Socialista Alemão da Argentina. Em 1935, teria assistido os preparativos para a organização da Gestapo em Buenos Aires. Willy Köhn, destacado membro nazista na América do Sul, fora o encarregado para organizar conferências a portas fechadas, nas quais participavam poucas pessoas. Numa destas, foi escolhido para chefiar a Gestapo em Buenos Aires, Emílio Tjarks, oficial da reserva do exército argentino e proprietário do *Deutsche La Plata Zeitung* (Jornal Alemão La Plata). Era uma pessoa acima de qualquer suspeita para desempenhar secretamente tão importante cargo conferido pelo Partido Nazista. Além de tornar efetiva a organização prática da Gestapo, Tjarks assumiria a responsabilidade pela seleção e escolha dos agentes (PY, 1942, p. 364). Segundo Fischer, a Gestapo também foi organizada no Uruguai e no Paraguai, pois pode verificar pessoalmente quando em viagens por esses países a serviço do DNB e pelo livre acesso às informações sobre o Partido Nacional-Socialista que possuía nas embaixadas e consulados (PY, 1942, p. 365). Conforme suas declarações, nem mesmo pelas funções que ocupava conseguiu escapar da Gestapo:

Para me vigiar e controlar foi destacado um engenheiro marítimo, oficial da Marinha alemã [...] muito comunicativo e agradável vivia rodeando a minha pessoa, procurando aprofundar nossa amizade. Algum tempo depois, fui prevenido de que o meu telefone estava sob censura [...] Como eu, muitos alemães e pessoas ilustres estavam sob vigilância permanente da Gestapo. As informações e os relatórios dos agentes eram entregues à Embaixada, seguindo depois, por intermédio de agentes confidenciais de navios alemães, para a Alemanha (PY, 1942, p. 364-365).

Quanto à existência da Gestapo, no Brasil, Martin Fischer declarou não ter dúvidas. Mesmo não tendo contato direto com a Embaixada do Rio de Janeiro e os consulados alemães, pois para o Brasil havia um diretor especial do DNB, soube por intermédio de um ex-alto funcionário do Partido Nacional-Socialista e dissidente do nazismo, residente em São Leopoldo (RS), que a Gestapo também em território brasileiro estava organizada e agindo como nos outros países. Em outra pergunta, Fischer afirmou que “apesar de me achar afastado de qualquer atividade pública, não tenho dúvidas de que ainda estou sendo vigiado pelos

agentes da Polícia Alemã” (PY, 1942, p. 365). Disse, ainda, que a existência da Gestapo dentro de um país estrangeiro é uma afronta às leis e disposições internacionais, pois “as embaixadas alemãs, abusando da imunidade a elas conferida, permitem aos chefes nazistas preparar o serviço secreto de espionagem em seus edifícios” (PY, 1942, p. 365).

Questionado sobre a Gestapo no Rio Grande do Sul, Fischer declarou que:

Em Buenos Aires, tive oportunidade de travar relações com um senhor de nome Hermann Heinz Hell, representante da agência de publicidade *Scherl-Verlag*. Em 1938, o Sr. Hell retornou à Alemanha [...] Com grande surpresa, recebi certo dia uma carta de Hell, na qual ele exprimia o forte desejo de reanimar os laços de nossa amizade e de fazer uma visita a mim. Antes ainda de lhe ter respondido, ele apareceu, em fins de 1939, acompanhado por sua esposa. Recebi-o com grande desconfiança, pois ele trazia consigo grande soma de dinheiro, o que não estava de nenhum modo de acordo com o seu meio de vida. Mais forte ainda se tornou minha suspeita quando Hell pretendeu dar demonstrações de ser um antinazista e fervoroso adversário do regime. A minha opinião sobre seu objetivo se concretizou no dia em que ele me pediu o endereço de Hermann Rauschning, ex-presidente do Senado de Dantzig, atualmente refugiado na Inglaterra, o qual é meu primo-irmão [...] Isto Hell sabia muito bem e sua incumbência era justamente a de descobrir o verdadeiro paradeiro de meu primo, o qual muito interessava a Gestapo (PY, 1942, p. 366).

Ainda sobre esse caso, alegou que Hermann H. Hell teria usado de “artimanhas para me fechar dentro de uma cilada e o assunto tomou tais proporções, que fui obrigado a declarar ao meu suposto amigo, que ele nada mais era do que um agente da Gestapo” (PY, 1942, p. 366). Vendo-se frustrado em seus objetivos Hell dirigiu-se para Blumenau, onde usou como endereço a sede do jornal *Urwaldsbote*. Depois seguiu para o Rio de Janeiro. Nesse ínterim Hell teria feito “sindicância” sobre a vida particular de Fischer e sobre a sua atual posição frente ao nacional-socialismo, junto a um agente do Consulado alemão de Porto Alegre (PY, 1942, p. 366).

A última pergunta questionou se Hans Henning von Cossel¹³, era chefe da Gestapo no Brasil, a qual Martin Fischer respondeu:

De nenhum modo. Pela organização do serviço secreto nazista e pelos métodos empregados pela chefia da Gestapo, isto não poderia acontecer. O chefe nazista de um país auxilia, sim, a organização da Gestapo, mas para dirigi-la se designa sempre pessoa desconhecida, como ocorreu na Argentina. Como chefe nazista deste país bem poderia Cossel ter preparado o terreno da Gestapo, mas a nomeação do chefe, uma pessoa de destaque e de real competência, é oculta, assim como são os agentes (PY, 1942, p. 367).

¹³ Hans Henning von Cossel, ex-líder nacional do NSDAP, foi nomeado Adido Cultural junto à Embaixada da Alemanha no Rio de Janeiro após a proibição do Partido Nazista no Brasil.

Concluiu dizendo que, identificar o chefe da Gestapo, no Rio de Janeiro, não seria algo impossível para o serviço de contraespionagem. Para isso, era necessário dedicar-se com inteligência, através de fontes bem informadas, estas existentes na capital da República.

Em outro capítulo, *Prisão e expulsão de espões nazistas: um caso com sabor de aventura*, Aurélio da Silva Py relatou com detalhes a prisão, o inquérito e a extradição dos alemães Bernardo Guilherme Maahs e Wolfgang Eberhard Ludwig Neise, acusados de serem espões a serviço da Alemanha Nacional-Socialista. Neste episódio, ocorrido em 1940, em Iraí, Martin Fischer foi arrolado como testemunha.

Para o autor do livro *A 5ª Coluna no Brasil: A conspiração Nazista no Rio Grande do Sul*, em virtude da posição geográfica e da condição de estância de águas termais, Iraí se tornou uma localidade ideal para “cobrir idas e vindas suspeitas” e “sede de um considerável centro de espionagem nazista no Rio Grande do Sul” (PY, 1942, p. 284). Ainda, segundo ele,

Para justificar a expressão sede de um centro de espionagem nazista bastará dizermos que em Iraí, localidade à primeira vista sem importância, reside além de Neise e de Maahs, o Dr. Martin Fischer, ex-diretor do *Deutsches Nachrichtenbüro* (DNB), em Buenos Aires; o Dr. Antônio Pauly, ex-contratado especial da embaixada alemã de Buenos Aires; a Sra. Anita Matilde Amanda Schneidewind de Pauly, ex-tradutora oficial da mesma embaixada; Bruno Dombrowski, ex-mecânico de aviação do exército alemão e Willi Meyer, ex-funcionário da polícia de Hamburgo, Alemanha [...] Não é de admirar que essa curiosa coincidência tenha despertado a atenção da polícia sul-riograndense. Esse congregado seletivo de homens públicos alemães não estaria ali senão para exercer atividades políticas de alcance (1942, p. 284-285).

No entanto, a Delegacia de Ordem Política e Social do Rio Grande do Sul (DOPS/RS)¹⁴, chefiada por Plínio Brasil Milano, de posse de indícios resultantes de investigação prendeu apenas os alemães Bernardo Maahs e Wolfgang Neise. O primeiro, ex-oficial do exército, membro do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP) e proprietário do Hotel Descanso, em Iraí, “confessou ter realizado reuniões destinadas à escuta da Rádio Alemã e promovido festas e solenidades para comemorar acontecimentos políticos na Alemanha, sendo o seu orador” (PY, 1942, p. 285). Recebia material de propaganda nazista como jornais e revistas e fazia sua distribuição, além de promover coletas para a organização do Partido Nacional-Socialista na região. Também, era

14 A Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS/RS) foi responsável pelo combate ao nazismo no Estado. A partir de dezembro de 1938 a instituição policial ficou subordinada ao Chefe de Polícia Aurélio da Silva Py.

depositário de distintivos do NSDAP. Consta em seu inquérito, que além das relações que mantinha com os agentes consulares Friederic Ried, Karl Gaihser e Ulrich Kuhlmann, “conheceu os doutores Martin Fischer, ex-funcionário do DNB, Antônio Pauly, engenheiro, Hermann Heinz Hell, jornalista, Frederico Ebertz dentre outras pessoas” (PY, 1942, p. 286).

Durante mais de seis meses, a DOPS/RS acompanhou as atividades do alemão Wolfgang Neise, também residente em Iraí. Em todo o período a investigação não encontrou uma explicação aceitável para a permanência, nesta localidade, do referido estrangeiro. No relatório do Delegado Plínio Brasil Milano, consta que Neise declarou sua posição política na qualidade de nazista fervoroso e ex-integrante das Tropas de Assalto (SA) do NSDAP, na Alemanha¹⁵; que foi detido mais de uma vez pela polícia de Iraí, devido às discussões em que se envolveu em lugares públicos; que divergências com os diretores nacional-socialistas do Rio Grande do Sul o levaram a ameaçá-los de denúncia ao alto comando do partido em Berlim; e que, nas reuniões radiofônicas promovidas por Maahs, compareciam mais de trinta pessoas (PY, 1942, p. 287). Assim, como Maahs, Neise declarou amizade com os agentes consulares Ried, Gaihser e Kuhlmann; além das relações que possuía com Martin Fischer, Antônio Pauly, Hans Henning von Cossel, Adido Cultural da Embaixada alemã no Rio de Janeiro, Hermann Heinz Hell e outras personalidades e dirigentes do NSDAP, na Alemanha.

Neste capítulo, Py afirmou que Maahs e Neise não eram simples adeptos de uma ideologia, mas agentes ativos de propaganda nazista, acobertados pela proteção que lhes dispensava o consulado alemão em Porto Alegre. O ponto alto de suas atividades políticas estava na ação individual que exerciam junto a outros alemães ou descendentes, a ponto de chamarem de traidores, os que não aderissem às suas ideias políticas¹⁶. Por outro lado, as pessoas que faziam parte do círculo de relações dos dois investigados eram, “por coincidência

15 Segundo William Shirer, Adolf Hitler, antes mesmo de assumir a liderança do NSDAP organizou a *Ordnertuppe* (Força de Ordem) composta por “um bando de veteranos de guerra” e “valentões” (2008, p. 72). Mais tarde esse grupo receberia a denominação de *Sturmabteilung* (SA – Tropa de Assalto). As SA eram uma milícia particular uniformizada, cuja missão consistia em manter a ordem nas reuniões do partido. No entanto, extrapolando seus limites, acabavam agindo de maneira violenta contra os demais partidos, intimidando ou espancando seus membros e dissolvendo suas reuniões. Também incitavam o pânico nos judeus e outras etnias consideradas inferiores. Com a intenção de substituir as antigas SA surge a *Schutzstaffel* (SS – Esquadrão de Proteção). Enquanto que a função das SA era “proteger os *meeting* nazistas, dissolver os dos outros e generalizar o terror entre os que se opusessem a Hitler” (SHIRER, 2008, p. 171); a SS era uma força paramilitar com a função de garantir a segurança do *Führer* e de outros líderes.

16 De um modo geral, a filiação dos alemães residentes no Brasil e no Rio Grande do Sul ao Partido Nazista foi muito baixa, apesar da visibilidade ganha através das manifestações públicas e da propaganda (LUCAS, 2011). Conforme Gertz (2015) há registros de atividades nazistas depois que a ação partidária foi expressamente proibida – a partir de 1937, com Estado Novo de Getúlio Vargas todos os partidos políticos foram extintos –, mas nenhum que pudesse ser classificado como de “lesa-pátria” ou atentatório a soberania do Brasil.

interessante, de um destaque suspeito”. Ele cita, então, Martin Fischer, Antônio Pauly, Hermann Heinz Hell, Heinz von Ortenberg, Hans Henning von Cossel, Ulrich Kuhlmann, Karl Gaihser, Friederic Ried e outros (1942, p. 294-295).

Como testemunha do processo, Martin Fischer declarou que Bernardo Maahs e Wolfgang Neise se dedicavam a “atividades obscuras positivamente suspeitas”, “atividades secretas” e que ambos eram “mentores de ativa propaganda política em favor da Alemanha Nacional-Socialista” (PY, 1942, p. 295 e 297). Em uma análise conclusiva, Aurélio Py destacou que:

Quem, por qualquer motivo, demonstrasse ser contrário ao interesse nazi, era objeto de denúncias e relatórios políticos dirigidos aos chefes do Partido. Assim, os casos de Erwino Anushek, Hugo Decker e do Dr. Heinz von Ortenberg são exemplos da espionagem partidária desenvolvida. Este último atualmente na Holanda, na carta que dirigiu ao Dr. Martin Fischer, roga não ser revelado aos nazistas de Santa Cruz do Sul que sentiram efeito suas denúncias enviadas para Berlim. (PY, 1942, p. 297).

*

Em *Dois Juristas imigrantes e o Die Serra Post*, capítulo integrante do livro *Cipel 50 Anos e Biografias* (2016), Bruno José Queiroz Ceretta¹⁷ resgatou alguns aspectos da vida dos imigrantes Robert Löw (1872-1943) e Martin Fischer (1887-1979). O primeiro, originário de Smichov, bairro de Praga, então área integrante do Império Áustro-Húngaro, descendia de família judaica de confortável situação financeira. O segundo, natural de Königsberg, antiga capital da Prússia Oriental, era oriundo de família de origem escocesa, socialmente destacada, cujos antepassados se fixaram naquela região trezentos anos antes.

A cidade onde Martin Fischer nasceu foi fundada no século XIII pelos Cavaleiros da Ordem Teutônica, uma organização militar vinculada a Igreja Católica, durante a Era das Cruzadas. No século XVI, tornou-se capital do Reino da Prússia e adotou o alemão como idioma predominante. Foi a Prússia que liderou o processo de unificação dos Estados Germânicos que culminou na criação do Império Alemão, em 1871. Como consequência das mudanças territoriais, após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a Prússia Oriental, banhada pelo mar Báltico, ficou geograficamente isolada do resto do território alemão por

17 Advogado e Doutor em Direito, Bruno Ceretta colabora com instituições jurídicas e culturais. Como pesquisador no Grupo Relações linguísticas e literárias Brasil-Países de Língua Alemã (RELLIBRA), publicou, em coautoria com Celeste Ribeiro de Sousa, o artigo *Martin Fischer (1887-1988): vida e obra*. Disponível em: <https://www.martiusstaden.org.br/IMSConteudoRellibra.aspx?codigo=14>. Acesso em: 25 jul. 2021.

uma área que coube à Polônia, o chamado “corredor polonês”. Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), Königsberg foi praticamente arrasada e seus habitantes foram expulsos de suas casas pelo exército soviético. Após a derrota da Alemanha no conflito, a cidade foi transferida à União Soviética e Josef Stálin a renomeou para Kaliningrado, em homenagem ao herói bolchevique Mikhail Kalinin, um dos fundadores da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Kaliningrado foi transformada em um enclave soviético, designado por *Oblast* (juntamente com uma área de 15 mil km²) e hoje é a capital da província russa de mesmo nome. Na antiga Königsberg viveram e trabalharam eminentes personalidades da cultura e da ciência: o astrônomo Friedrich Bessel, o compositor Richard Wagner, o escritor Ernst Theodor Amadeus Hoffmann, os filósofos Immanuel Kant, Johan Herder, Johan Fichte e Hannah Arendt. O restante do território que compunha a antiga Prússia Oriental está dividido atualmente entre a Polônia, Lituânia e a Federação Russa (FERREIRA, 2017; SPUTNIK BRASIL, 2018).

Löw e Fischer tinham o alemão como idioma materno; seus estudos se voltaram para a Ciência Jurídica; e frequentaram instituições nas quais “alcançaram a mesma titulação (*doctor utriusque iuris*) e reconhecimento por excelência acadêmica” (CERETTA, 2016, p. 96). Robert Löw trabalhou na burocracia judiciária de Praga, mas, devido aos obstáculos na sua pretensão matrimonial com uma jovem católica e pelos crescentes enfrentamentos étnicos, no final do século XIX, resolveu emigrar para o Brasil, chegando a Porto Alegre, em 1900. Martin Fischer, por sua vez, migrou após o término da Primeira Guerra Mundial. Ceretta descreveu que

Enquanto oficial do Império Alemão, participou dos primeiros embates contra os russos. Foi ferido em combate duas vezes e posteriormente condecorado por méritos militares. Entretanto, a desilusão com a derrota e as dificuldades financeiras decorrentes motivaram sua partida. Em 1921, desembarcou do transatlântico *Brabantia* no Rio de Janeiro. Subsequentemente, veio para o Rio Grande do Sul. Em seu primeiro emprego em terras brasileiras, lecionou alemão na área rural de Pelotas. Nessa época, conheceu o pastor Wilhelm Rotermund [...] Junto a Rotermund, Dr. Fischer exerceu atividade jornalística: foi colaborador do *Deutsche Post* [...] Entretanto, com o empastelamento do jornal, ocorrido em 28 de setembro de 1928, entre atritos religiosos do período, retornou à Europa. Esse regresso não foi definitivo (2016, p. 96-97).

Quanto a Robert Löw, inicialmente exerceu advocacia, mas, quando recebeu o convite para assumir a redação do *Koseritz Deutsche Zeitung* (Jornal Alemão Koseritz)¹⁸, abandonou o campo judiciário. Durante anos ocupou a cadeira outrora pertencente ao fundador do jornal, Karl von Koseritz. Era o começo de sua longa trajetória no jornalismo do Rio Grande do Sul. Segundo Ceretta, Löw

Impactou a muitos quando encerrou suas atividades profissionais em Porto Alegre e partiu com a família para o interior. No horizonte, um sonho considerado imprudente pelos mais cautelosos: a fundação de seu próprio jornal, decisivamente voltado a informar e mesmo a orientar as comunidades de imigrantes, especialmente germânicas [...] Num primeiro momento, o sonho do *Die Serra-Post* (O Correio da Serra) foi executado em Cruz Alta: embora almejasse Ijuí, especialmente por sua localização geográfica, a linha férrea – tão necessária para a logística de distribuição dos jornais – não perpassava a colônia [...] Com a conclusão da ferrovia até Ijuí, sobreveio a emancipação política (1912). Poucos dias antes, a sede do empreendimento foi transferida (CERETTA, 2016, p. 98-99).

Por ocasião da Primeira Guerra Mundial e a tomada de posição do Brasil no conflito, o *Die Serra-Post*, em idioma alemão, teve sua publicação proibida. Nasceu, então, o *Correio Serrano*, que circulou de 1917 até 1988. O *Die Serra-Post* voltou a ser editado entre 1919 e 1941, quando novamente teve sua publicação suspensa, devido à Segunda Guerra Mundial. Retornou em 1947 como um suplemento do *Correio Serrano*, cuja publicação se estendeu até 1962 e alcançou projeção regional, pois o público alvo eram os colonos de origem alemã e seus descendentes. O *Die Serra-Post* ainda passaria a circular de forma independente até 1978, quando encerrou definitivamente sua história na imprensa ijuiense (BINDÉ, 2011).

Para diversificar o empreendimento jornalístico, Robert Löw lançou, em 1922, o *Die Serra-Post Kalender* (Calendário do Correio da Serra), um almanaque para os assinantes dos dois jornais, que trazia artigos sobre a imigração alemã, biografias, dicas diversas de agricultura e textos sobre educação, economia e saúde. O anuário também publicava poemas, anedotas, provérbios e anúncios publicitários. Foi editado com várias interrupções entre os anos de 1922 e 1978. Em 1943, Robert Löw faleceu, e seu filho Ulrich assumiu a divisão jornalística da empresa (DIE SERRA-POST KALENDER, 19 jul. 2012).

Sobre os profissionais da imprensa e suas publicações, Grützmann fez um interessante comentário:

18 O nome do jornal foi mudado, na primeira década do século XX, para *Neue Deutsche Zeitung* (Novo Jornal Alemão).

O pensamento destes intelectuais e as representações veiculadas pela sua produção intelectual foram também significativos em virtude de terem sido para muitos imigrantes e seus descendentes uma das modalidades disponíveis de apreensão e construção da realidade por meio da leitura. Estes intelectuais, em geral ligados à imprensa escrita, divulgaram grande parte de seu pensamento por meio de jornais noticiosos, revistas e, acima de tudo, pelos almanaques, os chamados *Kalender* (2007, p. 125).

Enquanto isso, Martin Fischer, que havia retornado à Alemanha, após oito anos no Rio Grande do Sul, regressou ao Brasil em 1933. Aqui desempenhou atividades de natureza diversa:

Historiou as nascentes comunidades de imigrantes do Paraná e de Santa Catarina, acompanhou as condições de vida dos imigrantes teuto-russos, trabalhou como tradutor e tornou a exercer a atividade jornalística (em Buenos Aires). Entre idas e vindas pelos países sul americanos, também empreendeu. Em Iraí, plantou cana-de-açúcar e fabricou sua própria cachaça, denominada *Tatú*, marca registrada (CERETTA, 2016, p. 98).

Depois de 14 anos em Iraí, Fischer fixou residência em Ijuí, em 1951, onde passou a colaborar com a Empresa Jornalística Correio Serrano, de Ulrich Löw. Segundo o autor, é incerta a ocasião do primeiro contato de Fischer com a família Löw, mas eram conhecidos de longa data, pois correspondências foram trocadas entre eles na década de 1920. Destaca ainda que,

Com a chegada do Dr. Martin Fischer, se consolidou uma parceria decisiva, cujos resultados ultrapassaram a sala de redação e o próprio jornal. Mais do que colaborador, Dr. Fischer construiu pontes que beneficiaram culturalmente o noroeste rio-grandense. Manteve contato com escritores como Ernst Feder, Ernani Fornari, Érico Veríssimo, Ernesto Vinhaes, Monteiro Lobato e Jorge Amado. Traduziu e publicou poemas, contos e romances. Escreveu recortes históricos de personalidades e instituições (CERETTA, 2016, p. 100-101).

Quando Martin Fischer se mudou para Ijuí – município criado em 1890 – deparou-se com distintos grupos étnicos, um multiculturalismo que vinha desde os anos iniciais da colonização. Por meio da identificação dos descendentes e de suas raízes culturais, contribuiu enormemente para a catalogação multiétnica para a compreensão da história do município. Como resultado das suas pesquisas, publicou, em 1967, um extenso artigo intitulado *A Colonização de Ijuí: Um retrospecto histórico, sociológico e étnico*, por ocasião da edição comemorativa do cinquentenário de fundação do jornal *Correio Serrano*. Em 1987, o mesmo artigo, juntamente com outros, escritos por Martin Fischer, foi publicado pelo Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP) sob o título *Etnias diferenciadas na formação de Ijuí*,

pela Editora UNIJUÍ e se tornou uma referência para pesquisas sobre as etnias do município. Outros trabalhos onde abordou temáticas regionais foram: *Bilder aus der Frühgeschichte von Rio Grande do Sul* (1958); *Bei den Kaingang am Inhacora* (1959); *Augusto Pestana: o homem e sua obra* (1968); *Vierzig Jahre: russlanddeutsche Siedlungen in Santa Catarina: Festgabe zum vierzigsten Jubiläum der russlanddeutschen Einwanderung in Iracema und Aguiinhas – 1930-1970* (1970).

Entre atividades e projetos de Martin Fischer, em Ijuí, Bruno Ceretta (2016) destacou o programa *A Hora Cultural Alemã* e o Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP). O acervo inicial do MADP foi constituído por artefatos líticos e de cerâmica da cultura indígena Kaingang, pacientemente coletados por Fischer durante sua permanência em Iraí, doados juntamente com sua coleção de moedas antigas, livros, fotografias, mobiliário e cerca de vinte mil recortes de jornais, devidamente catalogados. Ceretta conclui que

Cabe enfatizar a crença inabalável que Löw e Fischer depositaram no potencial do imigrante. Defenderam valores como liberdade, trabalho e progresso. Dentro de suas possibilidades, informaram e difundiram cultura [...] Através da instituição jornalística, projetaram essa autêntica *weltanschauung*, cosmovisão, as florescentes comunidades de imigrantes. A mesma ousadia e persistência do casal Robert e Julia Löw estava presente, de diferentes modos, nos seus leitores: os milhares de migrantes que se fixaram no noroeste rio-grandense. Por outro lado, o espírito de continuidade e preservação histórica, característico de Martin Fischer, refletiu em suas investigações e exposições jornalísticas em geral (2016, p. 102).

Mesmo com vasta relação estabelecida nas esferas acadêmica, jornalística, literária e política, pouco se sabe sobre a vida de Martin Fischer pela bibliografia. Foram encontradas referências a Martin Fischer, nas três obras abordadas. Gertz trouxe Fischer em *O Aviador e o Carroceiro*, no capítulo sobre a vida de Wilhelm Rotermund, sobre o jornal *Deutsche Post* e a crise econômica da empresa Rotermund. Na primeira citação, após sua apresentação como o novo diretor do jornal de São Leopoldo, Gertz destacou duas outras situações: que na década de 1960, Fischer esteve envolvido na organização do Museu Antropológico e na acirrada polêmica que envolveu o corpo docente da faculdade por ocasião da homenagem que lhe foi prestada pelo 27º Grupo de Artilharia de Campanha, a guarnição militar local. Por que Gertz fez a citação sobre a “acirrada polêmica”? Provavelmente, para relacionar a personalidade de Fischer com o controvertido diretor que queria impedir a falência do jornal *Deutsche Post*. Nesse processo foi criticado por pastores evangélicos por sua postura agressiva e nenhum pouco agradável durante as negociações junto a instituições alemãs ao requerer ajuda financeira para a empresa na qual trabalhava e na defesa da continuidade de seu

funcionamento, conforme mostraram os documentos analisados por Gertz no Arquivo da Igreja Evangélica, em Berlim.

As declarações de Fischer, prestadas a Evaldo Walter Bergmann, Inspetor de Polícia da Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS/RS), sobre o partido nazista e suas ramificações na Argentina e no Brasil, foram uma “colaboração” as investigações policiais sobre o NSDAP no Sul do Brasil. Com certeza, Fischer queria evitar qualquer desconfiança por parte das autoridades policiais pelo fato de ser um imigrante alemão com antecedentes no Partido Nazista, instalado com um empreendimento agroindustrial em Iraí, localidade onde residiam outros alemães “suspeitos” de exercer atividades subversivas. Nessa época, poderia falar sem receio o que viu em Buenos Aires porque não tinha mais nenhum contato político ou relação profissional com a capital da Argentina. Ele também foi muito espontâneo, pois mencionou detalhes, lugares e nomes de pessoas envolvidas com a ideologia nazista. Quando questionado sobre a Gestapo no Brasil ele foi mais discreto, relatou “apenas o que soube” por intermédio de outras pessoas. O único caso relatado sobre a Gestapo, no Rio Grande do Sul, foi sobre a visita de um suposto agente, assunto que será detalhado na sequência da tese. Fischer também negou que Hans Henning von Cossel era o chefe da Gestapo no Brasil, não disse quem era, apenas que a polícia por seus meios de inteligência poderia descobrir. Aurélio Py retirou essas declarações bem como aquelas que envolveram Fischer com os dois alemães, residentes de Iraí, acusados de serem espiões nazistas, de dois relatórios internos. Na obra *A 5ª Coluna no Brasil* tornou públicas essas e tantas outras declarações e resultados de inquéritos da “campanha” responsável por combater o perigo representado pelo nazismo. Conforme Taís Campelo Lucas (2011), o livro ajudou a propagar o sentimento de eficiência e proteção oferecido pela polícia do Rio Grande do Sul.

Alguns anos depois da publicação da obra *A 5ª Coluna no Brasil*, João Bonumá, procurador-geral do Estado, encaminhou ao Tribunal de Justiça um extenso processo, no qual o chefe de polícia Aurélio da Silva Py e outros 51 policiais foram acusados de “graves crimes” cometidos contra alemães, italianos e descendentes principalmente durante a Segunda Guerra Mundial. O Tribunal, por maioria de votos argumentou que não era de sua competência julgar crimes cometidos sob o estado de guerra. Então o processo foi arquivado e, pouco tempo depois, “tanto o próprio Tribunal quanto o Palácio da Polícia – onde estava armazenada grande parte da documentação comprobatória do processo – foram incendiados, numa literal queima de arquivo” (GERTZ, 2015, p. 23).

Utilizando uma linguagem acessível, didática e reflexiva, Ceretta produziu o artigo *Dois juristas imigrantes e o Die Serra-Post* onde abordou fragmentos da trajetória e do contexto social no qual se inseriram os imigrantes Martin Fischer e Robert Löw. Os fatos foram apresentados cronologicamente de uma forma intercalada. A história de vida dos dois, entretanto, não se cruzou, mas Fischer acabou trabalhando nos jornais *Die Serra Post* e *Correio Serrano* fundados por Löw e cuja administração ficou com a família até o encerramento das atividades. Ceretta utilizou os dois jornais como fonte de pesquisa e produziu um texto em estilo laudatório aos dois pesquisados.

1.3 – Representação na imprensa

O jornal *Correio Serrano*, de 05 de fevereiro de 1977, trouxe a notícia de que o Executivo de Ijuí iria homenagear o doutor e jornalista Martin Fischer, por ocasião de seu 90º aniversário, com o título de *Cidadão Ijuicense*. A decisão fora tomada em reunião entre o chefe do Executivo e o diretor-presidente do *Correio Serrano*, Ulrich Löw, pelo muito que o homenageado fez pelo município, principalmente no que diz respeito à cultura. Na mesma solenidade, a Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado (FIDENE) iria agraciá-lo com o título de *Professor Benemérito*. Na edição de 10 de fevereiro, o *Correio Serrano* estampou na capa que Martin Fischer chegava a nove décadas de vida como um dos mais expressivos estudiosos da região e que suas ações durante os 26 anos em Ijuí, juntamente com a esposa Charlotte, eram suficientes para justificar as distinções. Nesta mesma edição o jornal publicou um longo texto (sem autoria identificada) intitulado *90 anos de muitas histórias*, contendo passagens de sua vida e, também, características de sua personalidade.

O texto destacou seu nascimento, em fins do século XIX, sua formação superior, a viagem por países europeus e pelo sul e sudoeste da África (Rodésia, Namíbia e República Sul Africana) e após seu retorno à Alemanha, a direção de uma pequena fábrica de artefatos de metal para navios e portos. Nessa época, Fischer teria produzido vários artigos sobre temas jurídicos e econômicos, entre os quais a pesquisa que lhe valeu, mais tarde, o doutoramento em Direito. Nestes artigos teria expressado “seu espírito jornalístico que depois de conhecer o mundo não podia mais parar e alçava vôos intelectuais através de sua pena, tentando colocar no papel o imenso mundo interior, deste homem que nasceu muitos anos antes de sua época

real” (CORREIO SERRANO, 10 fev. 1977, p. 7). Sobre sua participação no primeiro conflito mundial o autor relatou que

Martin Fischer deve ter aprendido a ser o homem que conhecemos quando passou pela experiência da guerra, vendo os seus horrores e a bestialidade do homem na tentativa de sobrevivência entre balas de fuzis e o fogo das explosões, num inferno que dizimava tanto quanto as armas inimigas. Sua bravura e destemor lhe valeram condecorações, ferimentos e promoções. (CORREIO SERRANO, 10 fev. 1977, p. 7).

O texto segue a narrativa na qual, após o primeiro grande conflito mundial, num momento de impreviões em sua terra natal, emigrou para o Brasil onde, em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, colocou em prática sua “habilidade jornalística” pela primeira vez (CORREIO SERRANO, 10 fev. 1977, p. 7). Foi essa experiência que lhe valeu, mais tarde, a chefia da redação política da *Wolffs Telegraphisches Bureau* (WTB), de Berlim e a direção da Agência Noticiosa Alemã, DNB, em Buenos Aires.

Em *90 anos de muitas histórias*, o autor descreveu o contexto no qual Martin Fischer se inseriu nos anos em que viveu na Argentina, de 1934 a 1936. Por essa época, a Alemanha se inflamava com os discursos do *Führer* e o nazismo tomava corpo também no exterior. A maioria assumia identidade com o novo regime que estava sendo implantado, mas muitos alemães discordavam de suas ideias. Martin Fischer teria formado fileira com estes. Foi, então, por incompatibilidade com o nazismo e seus líderes que teria abandonado o DNB e deixado Buenos Aires, em 1937. Por isso,

O Brasil, especialmente o Rio Grande do Sul, que conhecia, foi à meta de Fischer, que abandona as salas de redação para se tornar o colono plantador de milho em Iraí, “A cidade saúde”, como ele próprio definiu. Longe das lides jornalísticas, das redações cheias de gente, vozes e máquinas de escrever pipocantes, surge outro Martin Fischer. Na colônia inculta e incipiente de 1937 no Alto Uruguai, o gênio intelectual de Martin Fischer não ficou calado e o jornalista precisou continuar vivendo [...] As lides rudes de colono não chegaram a machucar a mão delicada que sabe tocar as teclas de uma máquina de escrever [...] Surgiu então o pesquisador de história (CORREIO SERRANO, 10 fev. 1977, p. 7).

Na sequência do texto, o autor mencionou o convite que Martin Fischer recebeu de Ulrich Löw, diretor do *Correio Serrano*, para retornar ao jornalismo e a sua transferência para Ijuí em 1951. Também, que a partir de suas pesquisas para escrever sobre Ijuí, aflorou o projeto de organizar um *Heimatmuseum*, um museu sobre o homem que viveu e vive na região noroeste do Rio Grande do Sul. Sobre sua personalidade, o texto destaca que Martin Fischer

Conseguiu manter pura sua alma de pioneiro e pesquisador [...] ficar longe da violência, do ciúme, da maldade e do ódio e continuar sendo o homem simples criado pela cultura avançada e progressista e pelos momentos deprimentes vividos no *front* russo, durante a Primeira Guerra Mundial. E é assim que seus amigos o vêem e o estimam. Um homem que não sabe o que é rancor, que ama a paz, que está acostumado com a meditação e com as longas conversas de salão. Que hoje ao completar seus 90 anos de vida bem vivida e dedicada à cultura, continua levantando depois das dez da manhã, estudando, lendo e escrevendo até as duas da madrugada – herança da época dos jornais – com uma vitalidade que demonstrava aos 20 anos, ou aos 64 quando aqui chegou (CORREIO SERRANO, 10 fev. 1977, p. 7).

O autor finalizou dizendo que mesmo aposentado como homem de comunicação, pela Rádio Repórter de Ijuí e pela Empresa Jornalística Correio Serrano, Martin Fischer continuou escrevendo. Segundo o texto, na *Bibliografia Sul Riograndense*, de Abeillard Barreto, é possível ler mais de uma página de títulos de seus trabalhos, o que demonstra o seu valor para a cultura histórica de Ijuí e região. Os 90 anos, que assinalam uma idade dificilmente alcançada com a mesma determinação e vontade de continuar contribuindo, encontraram em Martin Fischer

um exemplar raro de superioridade dos espíritos abertos e aventureiros, que nascem sempre antes de sua época, para preparar o mundo de amanhã [...] Esperamos que daqui a dez anos possamos repetir mais uma vez toda esta história, que somente nos enche de orgulho e admiração, cada vez maior por um homem que soube conquistar um lugar no coração de cada um dos que, por qualquer razão, cruzaram com seu destino. Um destino que sempre foi marcado pela colaboração, pelo trabalho e pela visão avantajada dos que enxergam com a alma (CORREIO SERRANO, 10 fev. 1977, p. 7).

Na mesma edição de 10 de fevereiro, por meio do texto *A vitalidade intelectual faz de Fischer um homem admirável*, Ulrich Löw, diretor-presidente do *Correio Serrano*, fez o seu depoimento. Ele reconheceu em seu ex-colaborador a “simplicidade” e as “renúncias às benesses da civilização”, por alguém que era filho de uma família tradicional com boa situação financeira. Löw justificou que o fato de Fischer ter lutado na Primeira Guerra Mundial, que lhe deixou marcas profundas, contribuiu para o desapego às coisas materiais. Também, sua viagem pela Europa e por regiões da África lhe permitiu construir outra concepção de mundo e o preparou para dar mais importância aos valores humanos em detrimento aos valores materiais. Sobre a formação acadêmica de Martin Fischer, Löw destacou que um “espírito aberto” e “fora de seu tempo” ficaram evidenciados em seu trabalho de Doutorado, pois,

Foi uma verdadeira inovação dentro do direito, procurando encontrar amparo legal a quem construía o que não existia até então. Isso que naquela época

existiam somente quatro faculdades: Teologia, Filosofia, Medicina e Direito. Esta última englobava economia política. O interessante é ver este homem nem um pouco vocacionado para o direito e sim para o jornalismo (LÖW, 1977, p. 6).

A situação difícil do pós-guerra, que fez Fischer migrar para o Brasil, tendo retornado à Alemanha poucos anos depois também foi relatada por Ulrich Löw. Assim como sua volta definitiva à América do Sul e a mudança drástica de atividades quando, em 1937, se tornou “colono” em Iraí, onde adquiriu uma propriedade rural. Finaliza dizendo que Martin Fischer é singular pela simplicidade, por sua cultura humanística e pelo intenso trabalho intelectual. A “impressionante vitalidade e mobilidade intelectual fazem deste homem um ser admirável” (LÖW, 1977, p. 6).

Ainda nesta edição, o jornal *Correio Serrano* reservou um espaço para que a esposa Charlotte Wollermann, também chamada de D. Carlota, deixasse seu depoimento sobre momentos da vida de Martin Fischer e sua relação com o mesmo. Ela destacou a emoção de Fischer quando descobriu, às margens do rio Uruguai, em Iraí, objetos indígenas de “tempos passados”, como armas e ferramentas de pedra, cerâmica, pontas de flechas, etc. Tudo foi selecionado, catalogado e guardado e estes objetos constituíram, anos mais tarde, à base do Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP). Segundo D. Carlota, sendo filho de historiador, Fischer sempre mostrou interesse por vários assuntos. A genealogia, por exemplo, era um assunto de profundo interesse. No MADP podem ser encontradas inúmeras árvores genealógicas, de famílias ijuienses, produzidas por ele. Sua coleção de recortes de jornais e revistas, catalogados e arquivados em pastas, foi cuidadosamente guardada durante anos e também está no MADP. Outra coleção é a de jornais. Conforme D. Carlota

Tem, não sei mais, se cinco ou seis mil exemplares de jornais e revistas de todos os países do mundo: do Japão ao Canadá; da África do Sul até a Finlândia, da Índia à Austrália. Nossa casinha pequena está cheia destas pastas e pacotes. Os seus amigos lhe mandavam e ainda mandam jornais de todos os pontos do mundo. É uma coleção muito interessante (CORREIO SERRANO, 10 fev. 1977, p. 7).

Em seu depoimento, afirmou que os anos de convivência fizeram com que os pensamentos de ambos andassem na mesma direção, pois, “um de nós pronuncia o que o outro, justamente naquele momento, estava pensando; isso acontece quase que diariamente (CORREIO SERRANO, 10 fev. 1977, p. 7). Concluiu afirmando que

Costumamos viver bem quietinhos em casa. De vez em quando aparece um amigo, ou um casal de amigos – temos amigos de todas as classes sociais, velhos e jovens, – e os filhos e filhas dos amigos mais velhos vêm nos visitar

e mostrar os seus filhinhos; é um prazer observar o desenvolvimento das gerações novas. Agora ainda falta falar de Martin Fischer dentro de casa. Acho que umas palavras serão o suficiente para caracterizar este tema. Martin – pergunto – o que desejas comer no almoço? – e a resposta invariavelmente é: Faça o que te dá menos trabalho, sim velhinha? (CORREIO SERRANO, 10 fev. 1977, p. 7).

O Dr. Martin Fischer e o industrialista Gustavo Geiss receberam no dia 10 de fevereiro de 1977, na Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado (FIDENE), o título de *Cidadão Ijuicense*, conferido pelo executivo local, numa solenidade precedida por vários discursos e que contou com a presença de autoridades e lideranças do município¹⁹. Na mesma ocasião Fischer foi agraciado com o título de *Professor Benemérito*, concedido pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí (FAFI). A entrega do diploma foi realizada pelo professor Mario Osorio Marques, diretor da faculdade, por sua vez, o professor Argemiro Brum proferiu um discurso em nome da FIDENE. Ele iniciou seu pronunciamento destacando a longevidade do homenageado, “vivida intensamente, construída na luta, tecida no sacrifício, rica de experiências multiformes e de constantes desafios muitas vezes surpreendentes” (CORREIO SERRANO, 12 fev. 1977, p. 5). Brum destacou o compromisso de Fischer com a cultura, de acordo com sua formação e sua concepção de vida e de mundo. Relembrou os primeiros anos do museu, da organização, da escassez de recursos e que Martin Fischer marcou uma importante etapa desse processo. Sobre a outorga do título de *Professor Benemérito*, disse ser uma homenagem da Faculdade ao transcurso de seu nonagésimo aniversário e em “reconhecimento pelos relevantes serviços prestados à cultura e à formação da juventude, como pensador, conferencista, jornalista, homem de letras e, especialmente, na organização do museu, desde sua fundação até 1969” (CORREIO SERRANO, 12 fev. 1977, p. 5).

Ao longo de anos, Martin Fischer produziu material cultural, político, social e informativo, inerente a sua profissão. Desenvolveu habilidade organizativa e de preservação histórica, pois catalogou e arquivou significativo número de recortes de jornais, cujos temas lhe serviram de base para produzir seus artigos. Também escreveu vários livros, nos quais abordou diferentes temas regionais, tais como, biografia, etnografia, geografia, história,

¹⁹ Entre os presentes à solenidade estava o prefeito Wilson Mânica; o comandante do 27º GAC, Cel. Abdias da Costa Ramos; o Cônsul alemão na região, Herman Ledermann; o Juiz de Direito Luís Carlos Nunes Lengler; o presidente do Hospital de Caridade, médico Amadeu Weinmann; o Delegado da Ciretran, Nelson Borgmann; as bancadas da Arena e do MDB na Câmara de Vereadores; e representantes de clubes de serviço e entidades de classe (CORREIO SERRANO, 12 fev. 1977, p. 5).

identidade étnica e imigração. Ultrapassou o campo de sua competência profissional e desenvolveu temáticas de seu interesse. Por meio de sua formação, de seus saberes, de sua produção e de suas ações, Martin Fischer pode ser identificado como intelectual.

Conforme Viana, “os intelectuais são produtos das universidades e ao mesmo tempo são os responsáveis por sua reprodução” (2013, p. 62). Também, o que permite identificar a postura intelectual de um indivíduo é a sua produção e o seu discurso, no sentido de situar sua posição diante da sociedade e da política (VIANA, 2017). Para Mannheim, a responsabilidade dos intelectuais está na elaboração de sínteses relativas à sociedade, ou seja, “em cada sociedade, há grupos sociais cuja tarefa específica consiste em dotar aquela sociedade de uma interpretação do mundo” (1986, p. 38). Para Gramsci (2001), os intelectuais são produtores e articuladores de um discurso que induz a organização de um tipo de sociedade e de cultura. Por isso,

[...] não existe organização sem intelectuais, isto é, sem organizadores e dirigentes, ou seja, sem que o aspecto teórico da ligação teoria-prática se distinga concretamente em um estrato de pessoas especializadas na elaboração conceitual e filosófica (GRAMSCI, 2001, p. 104).

Quando Gramsci utiliza a noção de intelectual, o faz referindo-se a categoria profissional. Todavia, o intelectual teria que exercer a direção ideológica e política de um sistema social e homogeneizar a classe que representa. “Por isso, os jornalistas – que creem ser literatos, filósofos, artistas – creem também ser os verdadeiros intelectuais” (1995, p. 8).

Portanto, o conceito de intelectual, perpassa o ambiente acadêmico-científico, a produção de conhecimento e as ações que pensam e definem os rumos de uma sociedade. Paulo Afonso Zarth (2010) apontou Martin Fischer como um dos principais intelectuais que, a partir de pesquisas sobre a colonização de Ijuí, reconheceu como fator positivo a diversidade étnica da população.

*

O jornal *Correio Serrano*, de 19 de setembro de 1979, publicou texto com o título *Faleceu o Dr. Martin Fischer: Ijuí está de luto*. A publicação – de uma página inteira – trouxe a trajetória do cidadão ijuiense e professor benemérito, que alcançou a idade de 92 anos. O autor do texto (não identificado) destacou sua origem, sua família, a formação acadêmica, a prestação do serviço militar, a Primeira Guerra Mundial, suas idas e vindas ao Brasil, a passagem por Buenos Aires, seu estabelecimento em Iraí, juntamente com a esposa e a transferência para Ijuí. Suas principais ações junto às comunidades onde viveu, também foram

mencionadas. Martin Fischer foi representado pelo periódico *Correio Serrano*, conforme o texto publicado que:

Do berço, por certo, lhe veio também certa dose de inquietação que o levou a viajar, depois de formado e mais tarde o trouxe por duas vezes ao Brasil. Era o sangue de seus ancestrais escoceses que foram obrigados, há três séculos, de saírem de sua pátria, tornando-se pioneiros nas terras incultas da Prússia Oriental (CORREIO SERRANO, 19 set. 1979, p. 24).

Segundo o autor, mesmo com doutorado em Direito seu espírito não estava preso às atividades relativas à justiça, aos tribunais ou às leis. Sua vocação, como o futuro viria a demonstrar, era o Jornalismo. E foi por ele que Martin Fischer aceitou o convite para dirigir a Agência Noticiosa Alemã (DNB), em Buenos Aires, em 1934. Ali presenciou a ascensão do nazismo, movimento com o qual não harmonizava o seu espírito liberal. Incompatibilizando-se com as determinações do Partido Nazista para os alemães, no estrangeiro,

deixou aquelas funções, em 1937, vindo mais uma vez para o Rio Grande do Sul. E aqui se revelou a força atávica do sangue de seus ancestrais colonizadores. Experimentou o mesmo processo de aclimatação passado por muitos intelectuais que deixaram a Europa para um novo começo em uma nova terra que, como o Brasil dos anos 1930, ainda se encontrava em processo primitivo de evolução. Procurou ser um mero colono para haurir da terra o seu sustento, e de dona Carlota, que o acompanhava incondicionalmente. Ela, por certo, nunca havia pensado que, um dia, pudesse levar uma vida rústica como a sua propriedade em Iraí lhes podia proporcionar. Mulher de ânimo forte, dona Carlota não se deixou abater por eventuais adversidades, mostrando a Martin Fischer ser a companheira para todas as horas (CORREIO SERRANO, 19 set. 1979, p. 24).

As experiências em Iraí contribuíram, segundo o texto, para Martin Fischer conhecer os habitantes da região norte do Rio Grande do Sul: o indígena, o caboclo e o colono. Sobre o primeiro, aprendeu a apreciar as qualidades morais: “Seguidamente vinham índios à nossa casa e mesmo que estivesse aberta na nossa ausência, nunca levaram qualquer objeto consigo”, teria dito Martin Fischer mais de uma vez (CORREIO SERRANO, 19 set. 1979, p. 24). Também, conforme o texto, mesmo com a breve inversão em suas atividades, quando por alguns anos foi agricultor, o jornalista Martin Fischer não ficou inativo, pois o trabalho de redação foi substituído pela pesquisa sobre a história da comunidade; também, seu interesse etnográfico e numismático o levou a coletar objetos indígenas, na região do Alto Uruguai e a colecionar moedas antigas.

Quando terminou a Segunda Guerra Mundial e no Brasil foi restabelecido o regime democrático, com o fim do Estado Novo de Vargas, em 1945, abriram-se novos horizontes para o exercício das atividades jornalísticas. Foi quando Martin Fischer, que vinha mantendo

relações com a direção do *Correio Serrano*, e com jornais de várias capitais, resolveu transferir sua residência para Ijuí. Segundo o autor do texto, Martin Fischer foi mais articulista do que repórter. Assim,

como base para sua atividade, organizou ao longo dos anos um arquivo de recortes que lhe permitiam, a qualquer momento, recorrer aos elementos de que precisava para os seus artigos. Com esta qualificação foi, durante muitos anos, correspondente de jornais estrangeiros, principalmente de Buenos Aires. Esta atividade foi cessando à medida que ia se envolvendo com os cuidados pelo museu (CORREIO SERRANO, 19 set. 1979, p. 24).

Finaliza o autor dizendo que Martin Fischer com quase 90 anos aceitou um desafio: recordar sua participação nos atos de beligerância na frente russa, durante a Primeira Guerra Mundial, da qual participou como oficial de uma unidade do exército alemão e produzir um texto para o escritor Alexander Solcheinitzin. Na obra *Agosto de 1914*, Solcheinitzin revelou os acontecimentos do início do conflito e Martin Fischer, que mantinha vivos os momentos daquela época e baseado em registros que conservava, escreveu um documento de 80 páginas (CORREIO SERRANO, 19 set. 1979, p. 24). Para o autor do texto do *Correio Serrano*,

Muito ainda se poderia dizer da personalidade do Dr. Martin Fischer, de sua simplicidade, de seu desapego ao luxo sem ser asceta, de sua cultura humanística, do calor humano que irradiava, de sua abertura aos problemas de seus semelhantes aos quais prestou continuamente serviços no sentido de aconselhamento [...] Homem que gostava de comunicação, se relacionava indistintamente com jovens e velhos e sentia satisfação em longas conversas com as pessoas que o vinham visitar. Martin Fischer se manifestava profundamente agradecido pela acolhida que Ijuí lhe proporcionou e pela oportunidade que lhe deu de viver os últimos anos de sua vida da maneira como desejou, em paz com os homens e consigo mesmo, ao lado de sua querida dona Carlota. Os seus funerais realizaram-se na tarde ensolarada de domingo [...] (19 set. 1979, p. 24).

*

A última expressiva homenagem, prestada desta vez à memória de Martin Fischer, foi publicada na Edição Especial do jornal *Correio Serrano*, de 14 de fevereiro de 1987, por meio de um caderno dedicado ao centenário de seu nascimento e aos 25 anos do Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP). O jornalista Ulrich Löw, coordenador da edição, convidou várias pessoas a participar com artigos/depoimentos sobre a preservação da história e da cultura regional pelo museu e sobre um de seus fundadores, organizador e primeiro diretor.

Em seu artigo *Uma vida de fadiga e trabalho*, Ulrich Löw se referiu ao Museu Antropológico Diretor Pestana como a obra da vida de Martin Fischer. Obra iniciada por uma

pessoa com mais de 70 anos, numa época em que a instituição não era representativa para a coletividade, nem mesmo para as entidades e para as classes dirigentes. Destacou que Fischer não teria alcançado seus objetivos se não tivesse amplo relacionamento em vários segmentos da sociedade. Os contatos estabelecidos através da imprensa foram importantes para levar ao público os informes sobre o museu, tendo por resultado a cessão de objetos e documentos, bem como registros sobre as famílias doadoras. O museu, então, passou a atrair visitantes não só locais e da região, mas também de outras cidades. O próprio diretor recebia os visitantes, na medida do possível, dando especial atenção aos grupos de estudantes da educação básica e da própria faculdade. Quando se desligou da instituição havia passado dos oitenta anos de idade (CORREIO SERRANO, 14 fev. 1987, não paginado).

Ulrich Löw desenvolveu, em seu texto, a trajetória de vida de Martin Fischer, descrita neste capítulo. No entanto, foram encontradas algumas particularidades, tais como: que Fischer teve “uma infância protegida” e “uma juventude sem problemas”; que empolgado com a tese de doutorado, que defendeu, em 1917, escreveu outras duas obras: a primeira *Baugläubigerfrage und Hypothekenschutz* (Questão dos credores de obras e seguro hipotecário) e a segunda *Preisvereinbarungen und Preisschutzverbände* (Acordos de preços e Associações de proteção de preços); e que em São Leopoldo, por ocasião de sua primeira vinda ao Brasil, escreveu os seus primeiros trabalhos sobre as colônias alemãs no Rio Grande do Sul e sobre o início da imprensa alemã na América do Sul. Sobre questões pessoais relatou que a segunda esposa, Charlotte Wollermann, era uma “pessoa sensível” que comungava os mesmos pensamentos, sendo uma dedicada companheira e fator decisivo para a sua sobrevivência nos tempos difíceis em Iraí. Também destacou que os anos de Iraí podem ser considerados como de “hibernação”, que fez paralisar a sua atividade jornalística, mas não a atividade intelectual, esta dirigida a leitura de autores brasileiros, o que resultou na tradução para o idioma alemão de várias obras; que mesmo passando por sérias dificuldades financeiras, Martin Fischer não se queixava ou comentava com amigos mais chegados a sua situação; e que a atividade jornalística foi retomada quando passara dos sessenta anos e se estendeu por outros quase vinte anos (CORREIO SERRANO, 14 fev. 1987).

Conforme Löw, Martin Fischer foi um “ilustre jornalista”, pois, tendo em mãos reportagens em português, era o encarregado da parte redacional e montagem do *Die Serra Post*, jornal em alemão com larga aceitação e penetração em todo o Rio Grande do Sul. Da mesma forma seus artigos e comentários despertavam sempre o interesse dos leitores, dando ao jornal um conceito especial. Quanto ao seu programa, na Rádio Repórter lembrou que não

foi um trabalho fácil, “pois o Dr. Fischer era um perfeccionista [...] Por anos, semanalmente, o casal Fischer ocupou o microfone até que, no ano de 1964, toda a transmissão de programas em línguas estrangeira foi proibida” (CORREIO SERRANO, 14 fev. 1987).

O fato de ter convivido com Martin Fischer, por muitos anos, permitiu a Ulrich Löw ressaltar em seu depoimento que

Difícilmente deve ter existido alguém que tivesse procurado aconselhar-se com ele ou obter esclarecimentos em alguma situação difícil, a quem não tenha ajudado com os seus conhecimentos. Os bens materiais só possuíam um valor relativo, ou seja, na medida em que eram necessários para satisfação das necessidades da vida e para tornar o ambiente mais aconchegante, desprezando o luxo e o supérfluo, que pouco representavam para ele e para sua esposa D. Carlota [...] Lançado um olhar retrospectivo sobre o número de anos que lhe foram dados viver, com disposição e otimismo, o Dr. Fischer dizia: é uma graça que me foi concedida (CORREIO SERRANO, 14 fev. 1987).

Também foi publicado na Edição Especial do *Correio Serrano*, um extenso texto do professor Argemiro J. Brum, intitulado *Lembranças*. O autor, assim iniciou:

O Dr. Martin Fischer, se vivo fosse, completaria 100 anos de existência no dia 10 de fevereiro de 1987. O Correio Serrano, nesta edição, homenageia o destacado estudioso pelo transcurso do centenário do seu nascimento. Pelo telefone, o jornalista Ulrich Löw, convidou-me a participar com um artigo. Em consideração ao homenageado só me cabia curvar-me à intimação [...] Espero que a simplicidade e sinceridade com que escrevo se aproxime, ao menos um pouco, da grandeza do ilustre homenageado – falecido, mas sempre presente (CORREIO SERRANO, 14 fev. 1987).

Os primeiros contatos entre Argemiro Brum e Martin Fischer teriam ocorrido no início da década de 1950, nas “tertúlias literárias” do Grêmio Ijuicense de Letras. Para um jovem professor de 20 anos, destacava-se “a figura singular daquele velhinho gordo e baixo, rico de vida e de experiência e alicerçado em sólida cultura, a irradiar simpatia e bondade” (CORREIO SERRANO, 14 fev. 1987, não paginado). Brum o descreveu como uma pessoa de educação esmerada e fino trato; simples, afável, com leve sorriso permanente; que cumprimentava a todos com respeitosa inclinação; e que ouvia com paciência e atenção e quando falava o fazia com rigorosa prudência e sabedoria. Conforme Brum,

Educado na filosofia de Kant, cujas obras estudara em profundidade e de cujo pensamento se fizera discípulo, tinha o Dr. Fischer acendrado senso de razão, da lógica, do método, da disciplina, da responsabilidade e do dever. Rigorosamente metódico e pontual, cultivava o hábito de trabalhar à noite, indo deitar-se e descansar quando os albos da aurora começavam a espantar as trevas e os primeiros ruídos da manhã quebravam o silêncio da noite. Descobriria que na quietude das sombras o espírito se agita e agiganta,

as ideias ficam mais claras e o trabalho intelectual se torna mais fecundo (CORREIO SERRANO, 14 fev. 1987).

No I Colóquio de Estudos Teuto Brasileiros, realizado em Porto Alegre, em 1963, por iniciativa da Universidade do Rio Grande do Sul (atual UFRGS), Martin Fischer apresentou trabalho onde defendeu a necessidade do aprofundamento da integração dos imigrantes de cultura germânica e seus descendentes para o enriquecimento da cultura brasileira. Em oposição estavam ideias de outros estudiosos que defendiam o relativo isolamento desses grupos e a conservação de formas culturais próprias. Segundo Brum, o argumento de Martin Fischer era que

Embora cultivando valores e traços culturais trazidos de além-mar, bem como adaptando-os ao novo contexto sócio-econômico-cultural do Brasil e da América, a integração cultural, cada vez mais efetiva e profunda, constituía-se na postura e caminho mais adequados e fecundos para realizar na história a contribuição da cultura de origem germânica na formação e vitalização da cultura brasileira em processo de formação, amadurecimento e conquista de seu espaço próprio e de sua presença crescentemente significativa no mundo (CORREIO SERRANO, 14 fev. 1987).

O conhecimento mais amplo de Martin Fischer – e com ele a estima e admiração –, se deu a partir de 1961. Naquele ano, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí (FAFI), passou por uma reestruturação interna, com a criação de quatro centros de estudos e pesquisas (filosóficas, psicológicas, educacionais e sociais). Na mesma sessão plenária que reestruturou a Faculdade, foi aprovada a criação de um Museu Antropológico junto ao Centro de Estudos e Pesquisas Sociais e o Diretor da FAFI, professor Mario Osorio Marques indicou a pessoa de Martin Fischer para assumir a direção e a organização do mesmo. Em seu programa *Nossas Coisas e Nossa Gente*, pela Rádio Repórter, além da programação normal sobre os aspectos formativos do Rio Grande do Sul e informações relativas à história de Ijuí, Argemiro Brum passou a fazer ampla divulgação a respeito do museu, dos primeiros passos e dos propósitos e objetivos a serem alcançados. O programa trouxe valiosa contribuição no sentido de despertar valores e avivar o espírito organizativo da população, resgatar a própria história, incentivar doações e ampliar o acervo do museu. Por sugestão do Diretor da FAFI, o Museu de Ijuí seria organizado com a mesma orientação do Museu do Homem do Nordeste, de Recife, este por sua vez inspirado no *Musée de l'homme*, de Paris (CORREIO SERRANO, 14 fev. 1987).

Pesquisador e colecionador Martin Fischer tinha profundo respeito por vários objetos, alguns considerados sem importância e sem valor, como uma nota antiga de compra e venda, uma carta, um registro de nascimento, um convite de casamento ou de formatura, uma

escritura de terras, um registro de entrada de imigrantes, um pano de parede. Para ele, as coisas feitas pelo homem tinham um valor inestimável, pois eram expressões de sua cultura e testemunhas da sua história. Brum também destacou que Martin Fischer possuía em sua residência um verdadeiro museu. Assim, a criação do MADP resultou de um acervo inicial existente e da participação da instituição educacional que lhe deu suporte. Para Brum,

Ampliar o acervo do Museu era o passo seguinte, e tarefa permanente. Olhos abertos e ouvidos atentos para localizar novas fontes e identificar e selecionar documentos significativos. Visitar famílias, empresas, entidades, associações e localidades; examinar cuidadosamente arquivos, baús velhos e sótãos esquecidos; ouvir pessoas, obter informações, coletar papéis e objetos, eram algumas das tarefas, ao lado do recebimento das inúmeras doações das pessoas que espontaneamente procuravam o Museu, sensíveis aos repetidos apelos que as animavam a engajar-se no esforço de enriquecimento do acervo do Museu e resgate de documentos significativos da história e da cultura da nossa gente. Identificá-los com rigor científico era tarefa atribuída ao Dr. Fischer, que a realizava com meticuloso cuidado, paciência e alegria interior (CORREIO SERRANO, 14 fev. 1987).

Instalado provisoriamente em prédio alugado, na área central de Ijuí, o museu foi transferido, em 1966, para o 4º andar da recém-inaugurada Sede Acadêmica da FAFI. Como nem sempre funcionava o elevador, Martin Fischer tinha que subir a pé, com o apoio da bengala, a interminável escadaria, fazendo rápidas paradas em cada andar para recuperar as forças. Segundo Brum, duas queixas o acompanhavam, mas em raras ocasiões às externava: a escassez de recursos para desenvolver o Museu e o esforço penoso para chegar ao local de trabalho.

Por suas atividades no MADP, no melhor estilo dos profissionais liberais, Martin Fischer tinha o entendimento de que recebia honorários e não salário, que considerava aviltante e indigno para quem desempenhava um trabalho intelectual. Enquanto a FAFI esteve diretamente vinculada à Sociedade Literária São Boaventura, da Ordem dos Frades Menores Capuchinhos, as relações de trabalho e remuneração eram pessoais e não havia razões para problemas. No entanto, quando foi instituída a Fundação de Integração, Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado (FIDENE), em 1969, começaram a surgir alguns constrangimentos. Conforme Brum,

Assumindo eu o cargo de Diretor Administrativo da Faculdade de Filosofia, na fase de transição, cabia-me a delicada e espinhosa tarefa de visitar mensalmente o Dr. Fischer em sua residência, para levar-lhe o modesto pagamento de seu importante trabalho e convencê-lo a assinar o correspondente recibo do “salário” que ele recebia como “funcionário” da novel instituição que se estava organizando, para atender a exigências legais e contábeis. A inicial recusa de um, seguida de cerrada argumentação, contrapunha-se a insistência do outro e o apelo à compreensão face à

necessidade de ter um recibo assinado comprovando a saída e o destino do dinheiro. E a cena repetia-se a cada mês, até tornar-se rotina, vencendo princípios e valores para dar lugar ao triunfo da burocracia, nunca sem protestos (CORREIO SERRANO, 14 fev. 1987).

No entanto, outra questão bem mais complexa que a dos honorários/salário surgiu, também, por ocasião da instituição da FIDENE. Fischer, que tinha o Museu como sua “menina dos olhos” ou “quase como um filho”, no dizer de Argemiro Brum, sentiu ameaçada a sua obra, julgando que o Museu, agora mantido por uma fundação de caráter regional, pudesse ser descaracterizado e até mesmo transferido para outra cidade. Através de um extenso artigo publicado pelo jornal Correio Serrano, denunciou a ameaça, apresentou suas razões e demitiu-se da direção do Museu. Para os instituidores da FIDENE a atitude definitiva e radical representou um equívoco, onde só o tempo se encarregaria de esclarecer os fatos. Brum argumentou que, longe de transferir ou descaracterizar o Museu, através da FIDENE seriam criadas condições de suporte e expansão da instituição, dentro da concepção original e dos objetivos estabelecidos. Como Fischer era uma pessoa muito estimada e respeitada na comunidade, sua determinada atitude gerou profunda repercussão e forte oposição aos que estavam empenhados na concretização da Fundação. Aliado a essa questão, segundo Brum, o “momento histórico nacional era particularmente propício ao levantamento de suspeitas e ao ataque contra uma Instituição com reconhecido enraizamento, compromisso popular e posição de resistência às imposições do regime autoritário implantado no país em 1964” (CORREIO SERRANO, 14 fev. 1987). A direção, professores e até mesmo alunos da Faculdade passaram a ser alvo de questionamentos e polêmicas, conduzidas por representantes e setores da comunidade que, por razões e interesses transparentes ou ocultos, buscaram respaldo no prestígio de Martin Fischer. Acreditando na proposta educacional e no projeto da FIDENE e diante da desigualdade de condições em face da censura imposta à imprensa e aos meios de comunicação, a equipe diretiva e o corpo docente decidiu não estimular debates. A resposta mais construtiva, diante da situação, seria o silêncio, a reflexão e o trabalho (CORREIO SERRANO, 14 fev. 1987).

Considerando a renúncia ao cargo de Diretor do MADP, os amigos de Martin Fischer decidiram prestar-lhe uma homenagem pelos serviços prestados a Ijuí e à cultura. A homenagem seria realizada com um jantar no CTG Clube Farroupilha. No entanto, conforme Brum,

Logo que a notícia da homenagem circulou, os setores mais reacionários e conservadores e os que divergiam da orientação da instituição de ensino superior, sob a batuta do então comandante da guarnição militar local,

acrescentaram-lhe, sem cerimônia, um conteúdo de manifestação anti-FAFI/FIDENE. A tônica dos discursos na ocasião revelou com nitidez as duas facetas. Tenho dúvidas se o homenageado se sentiu bem diante do fato de o artigo publicado pelo jornal ter sido usado também para tal pretexto (CORREIO SERRANO, 14 fev. 1987).

O corpo docente da FAFI/FIDENE reuniu-se para decidir se a instituição se faria representar na homenagem a Martin Fischer. A maioria entendeu que não, uma vez que a homenagem anunciada se caracterizava perante a opinião pública como uma manifestação contra a instituição. Diferente foi o entendimento de Argemiro Brum:

Vencido, na votação, comuniquei a meus colegas da Faculdade que eu participaria da homenagem ao Dr. Fischer, em caráter estritamente pessoal, em respeito ao homenageado e ao seu trabalho no Museu e na FAFI, seguindo os ditames de minha consciência [...] O Dr. Martin me recebeu e de mim se despediu no final, com a costumeira afabilidade. Sempre acreditei que o Dr. Martin Fischer compreendeu inteiramente a minha presença naquele ato. Tínhamos pontos de vista opostos sobre os fatos em questão. Mas respeitava o direito da sua decisão e estava lá para homenagear a sua pessoa e a obra cultural que ele ajudara a construir como um dos principais artífices, porque tanto a pessoa quanto a obra eram muito maiores do que o gesto e a divergência, que o tempo se encarregaria de reduzir a suas reais dimensões (CORREIO SERRANO, 14 fev. 1987).

Argemiro Brum, anos depois propôs e a Faculdade aprovou a concessão do título honorífico de *Professor Benemérito* a Martin Fischer. Ao receber a notícia para divulgação, o jornalista Ulrich Löw chegou a questionar se o título mais adequado não seria o de *Professor Honoris Causa*, tendo em vista que o homenageado nunca havia integrado o quadro efetivo de docentes da FAFI. Brum alegou que, para a FAFI, Fischer tinha sido de fato professor quando ensinou a tantos nas visitas ao Museu; quando proferiu palestras na condição de convidado; quando, através do exemplo de estudo, trabalho e rigor científico que imprimia em tudo o que fazia, contribuiu para a formação e a personalidade de todos os que conviveram com ele na Instituição (CORREIO SERRANO, 14 fev. 1987).

Com o decorrer do tempo, Martin Fischer se reconciliou com a FIDENE e se reaproximou do Museu. Argemiro Brum encerrou seu depoimento afirmando que

Por diversas vezes estive lá, na sua cadeira de rodas, participando como convidado especial de atos solenes e recebendo homenagem. Após sua morte, continua presente – e continuará sempre – perpetuando na sua obra e na coleção de documentos doados, sob a guarda e responsabilidade da casa de cultura que com outras, ajudou a edificar e dirigiu nos anos difíceis com competência, dedicação e zelo inexcedíveis. Este registro/depoimento, com aspectos da minha verdade, que como todas as verdades humanas, é uma versão dos fatos, insere-se nas homenagens que se prestam à memória do Dr. Martin Fischer por ocasião do transcurso do centenário do seu nascimento,

para cujo autor o homenageado foi também um pouco mestre e lhe guarda indefectível respeito, carinho e admiração (CORREIO SERRANO, 14 fev. 1987, não paginado).

Ainda na Edição Especial do jornal *Correio Serrano*, em homenagem ao centenário do nascimento de Martin Fischer, consta o depoimento de Hans Hartmut Wilhelm Hachtmann, pastor da Igreja Evangélica Congregacional de Ijuí. Conforme o reverendo,

Quem com ele conversava, sempre aprendia algo. Enriquecia a vida dos outros. Era uma enciclopédia aberta. Durante toda sua jornada, certamente, havia absorvido as belíssimas lições, os conhecimentos, as explicações, as colocações que passava adiante. Qualquer tema lhe era familiar: teologia, política nacional ou internacional, botânica, artes, para ele tudo era interessante e importante. Jamais forçava a conversa. Procurava ir ao encontro dos conhecimentos, interesses e do nível do outro. Assim dialogava também com crianças e jovens, fascinando a muitos (CORREIO SERRANO, 14 fev. 1987).

Segundo Hachtmann, por meio de suas publicações no anuário *Serra-Post Kalender* e nos jornais *Die Serra-Post* e *Correio Serrano*, os leitores conheciam pelo menos o seu nome. Foi assim que participou da vida da cidade, que escolheu definitivamente para viver. O pastor, que o visitava frequentemente, lembra que em sua modesta casa, nas proximidades da Sede Acadêmica da FIDENE, recebia quem o procurava, dispensando que amigos marcassem hora para uma visita, até mesmo porque não tinha telefone. Quando alguém batia a porta, sempre estava pronto para receber. E o fazia com cortesia, sempre assessorado pela esposa. Porém, era à noite que realizava seus múltiplos afazeres, sentado em uma pesada e velha poltrona. Conforme Hachtmann “até altas horas era possível ver a luz pelas simples janelas de sua moradia. Tinha organizado o Museu, porém sua casa parecia outro museu. Eram pilhas de jornais de todo o mundo, que folheava, lia e selecionava textos” (CORREIO SERRANO, 14 fev. 1987). Fischer restringiu sua vida ao pacato lar, somente quando suas enfraquecidas pernas não mais suportaram o pesado corpo. Com a ajuda de sua esposa, deslocava-se do quarto até a sala, sem queixas ou murmúrios. Também, não era uma pessoa que demonstrava ressentimento ou rancor contra aqueles que, durante sua longa vida, porventura não o compreenderam. Para Hachtmann, foram nos últimos anos de vida de Martin Fischer, que teria recebido um admirável exemplo:

Quando certa noite batemos à porta de sua casa, para mais uma visita, estava sentado no lugar preferido. Entramos, sendo recebidos cordialmente pela esposa. Dirigimos-nos rapidamente a ele. “Por favor, um momento”, disse. Pedimos que não o fizesse. Mesmo demorando algum tempo, apoiando-se com os dois braços, sendo ajudado pela esposa, com muito esforço, levantou-se. “Devo recebê-los em pé, replicou”. Foi então, vindo a

fragilidade das pernas, o corpo pesado, o jornalista preso à poltrona, à casinha, às quatro rudes paredes de madeira não beneficiada, que muitas perguntas passaram pela minha mente. Humanamente vendo, sua vida estava se acabando. Uma pergunta apenas formulei: “Como está Dr. Fischer?” E ele, com voz segura, um olhar firme, alegre e grato respondeu: “Meu caro amigo, eu estou muito bem, graças a Deus. Se penso nas pessoas que não tem lar, passam fome, são perseguidas ou acometidas de horríveis dores, eu não tenho do que me queixar. Estou tão bem, tenho tanta coisa boa. Muito obrigado por vossa visita, pessoas jovens, vindo a ver a nós, os velhos. Sou tão grato pelos amigos que não nos esqueceram.” E citou vários nomes [...] (CORREIO SERRANO, 14 fev. 1987).

O desfecho às homenagens prestadas a Martin Fischer, por ocasião do centenário de seu nascimento, se deu na manhã do dia 10 de fevereiro de 1987. Na publicação *Uma pequena homenagem para um grande homem*, do jornal Correio Serrano, foi descrita a programação da homenagem póstuma, organizada pela comissão dos 25 anos do Museu Antropológico Diretor Pestana, no Cemitério Municipal, com autoridades, convidados e amigos de Martin Fischer. Nesse ato, junto ao seu túmulo, representantes da comunidade depositaram coroas de flores, ao som de clarim; foi realizada uma celebração ecumênica; e vários discursos foram proferidos²⁰. Tratado como jornalista, historiador, homem de letras e cidadão que prestou inúmeros serviços à cultura de Ijuí e região, sua história foi lembrada, nos discursos, quando de suas passagens pela Empresa Jornalística Correio Serrano, pela Rádio Repórter, pelo Grêmio Ijuicense de Letras e pelo Museu Antropológico Diretor Pestana, nos quais deixou a marca de seu dinamismo e conhecimento.

*

No dia 14 de fevereiro de 1987, mesma data da publicação da Edição Especial do jornal *Correio Serrano*, sobre o centenário de nascimento de Martin Fischer e da Homenagem Póstuma, veio a óbito Charlotte Wollermann (1902-1987). Natural de Bartenstein, na antiga Prússia Oriental, veio ao Brasil com Fischer, quando este integrou uma comissão de estudos sobre os colonos teuto-russos assentados no oeste de Santa Catarina. Depois, vieram os anos em Buenos Aires e em Iraí, estes teriam sido os de maior adversidade. Era com ela que Fischer dialogava, discutia os problemas que o afligiam e buscava o ânimo que necessitava para suas atividades. A partir de 1951, Fischer encontrou em Ijuí um ambiente favorável para

20 Fizeram uso da palavra, neste dia, o jornalista Ulrich Löw, que teve uma forte ligação com o homenageado, durante os tempos do *Die Serra Post*; Mario Osorio Marques, diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí, por ocasião da criação e da organização do MADP; Maria Helena Schorr, que assumiu a direção do MADP, após a saída de Martin Fischer; Annemarie Wegermann, representante em Panambi, da República Federal da Alemanha; dentre outros.

o seu trabalho jornalístico, quando da última mudança pelo casal. Charlotte passou, então, a escrever ensaios, fazer traduções do português para o alemão de contos e poesias e dar aulas de inglês, idioma que possuía domínio. Na verdade, harmonizava com seu companheiro em seu nível intelectual, mas o mérito principal foi, sem dúvida, o apoio que soube lhe dar nos quase 50 anos em que viveram juntos. Quando Martin Fischer faleceu em 1979, “ficou ela só, mas com um bom círculo de amigos que, no correr do tempo, foram rareando acabando ela a ficar sozinha. A velhice começou a se fazer sentir, isolando-a do mundo. E, assim, se finou no último sábado, dia 14” (CORREIO SERRANO, 21 fev. 1987, p. 9).

Este subcapítulo apresentou importantes homenagens prestadas a Martin Fischer, veiculadas pelo jornal Correio Serrano. As matérias publicadas partiram de uma decisão editorial e foram produzidas intencionalmente para os eventos, conforme o desenrolar dos acontecimentos. Segundo Dominique Santos (2011) é difícil escrever sobre uma pessoa, sobre um acontecimento ou sobre um passado sem dar ênfase a certos aspectos e ignorar outros; para Roger Chartier (1991) os discursos são dominados pelos indivíduos ou instituições que reivindicam uma autoridade sobre eles. As demonstrações de reconhecimento à pessoa de Martin Fischer, pelo poder executivo e pela instituição de ensino superior, os relatos biográficos e posteriormente as homenagens póstumas, partiram da direção do Correio Serrano. Portanto, a representação histórica baseou-se essencialmente em uma produção que exerceu a função cultural de assumir um passado não presente (SANTOS, 2011). Isso não impede que os textos, como artefatos jornalísticos, passem pela avaliação quanto à representação corresponder ou não ao objeto representado e se determinados discursos correspondem ou não a veracidade sobre aspectos da vida de Martin Fischer.

*

Fatos marcantes da vida de Martin Fischer também estão registrados nas obras *20 anos de Museu: sua história* (1981); *Museu Antropológico Diretor Pestana: 40 anos de história* (2002); *Nossas coisas e nossa gente* (2004); e no Informativo *Kema* (2008), que integram coleções do Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP). Também, a pesquisadora voluntária e integrante da Associação Amigos do MADP Marcia Adriana Krug, produziu vários textos, onde abordou as origens, a trajetória, as ações e as relações pessoais de Martin Fischer. Com base em suas pesquisas na Coleção Martin Fischer, escreveu *Os Campos de Concentração brasileiros*; *Charlotte Wollermann: Dona Carlota*; *O sobrevivente dos Muckers: Coronel Guilherme Gaelzer Neto*; *Aspectos históricos e biográficos de Martin Fischer, idealizador e fundador do Museu Antropológico Diretor Pestana*; *Codínome*

Spectador; Plínio Brasil Milano e o Dr. Martin Fischer; Martin Fischer e a Ordem dos Cavaleiros Teutônicos; e Martin Fischer e Königsberg. Todos esses textos estão disponibilizados no blog Ijuí: sua história e sua gente – Memória Virtual: Série Dr. Martin Fischer.

1.4 – Considerações finais

Neste capítulo, a partir de sua autobiografia, de textos de outros escritores e da imprensa (homenagens prestadas e efemérides), foi narrada a trajetória pessoal e profissional de Martin Fischer. Os acontecimentos mais significativos de sua vida – origem, formação acadêmica, atuação profissional, ações nas sociedades em que esteve inserido – foram representados em diferentes fontes e por diversos autores.

Por meio de sua trajetória foi possível constatar que Martin Fischer teve uma vida repleta de marcantes acontecimentos. Também, que as mudanças constituíram uma constante em sua vida, pois foram três migrações entre dois continentes, duas por países da América do Sul e uma no interior do estado. No levantamento quanto às atividades desenvolvidas por Martin Fischer foram encontradas as de advogado estagiário, bancário, diretor de empresa industrial, oficial do exército (durante a Primeira Guerra), professor de alemão, redator de jornal, escritor *freelancer*, chefe de redação, integrante de comissão de estudos sobre imigração, diretor de agência noticiosa, agricultor, colecionador de jornais, moedas e artefatos indígenas, colaborador de jornal impresso, apresentador de programa de rádio, conferencista e diretor de museu. De um modo geral, foi representado como doutor em Direito, jornalista, historiador e museólogo.

Os depoimentos e artigos apresentados neste capítulo testemunham que em Ijuí Martin Fischer e sua companheira Charlotte Wollermann, integraram-se à vida da comunidade e encontraram um ambiente que nos últimos decênios de suas vidas lhes permitiram sentir-se acolhidos, respeitados e seguros. Reconhecendo que a disposição com que as pessoas de avançada idade vivem os seus dias decorre das atividades que as proporcionam a sensação de serem úteis, os 74 anos de Fischer não foram um obstáculo para que se lançasse no projeto do museu antropológico – o seu maior legado.

Muito do que foi apresentado são publicações do jornal *Correio Serrano* com depoimentos de amigos e pessoas que conviveram com Martin Fischer. Por exemplo, os textos publicados por Ulrich Löw são do diretor do jornal, a pessoa que trouxe Martin Fischer

para Ijuí e que o conhecia melhor do que ninguém. Seus depoimentos não são somente válidos como imprescindíveis, mas, diante do objetivo das publicações, somente um lado da personalidade de Martin Fischer foi destacado. Assim, foi caracterizado como “exemplar raro de superioridade dos espíritos abertos e aventureiros”, que nasceu antes de sua época; bravo e destemido militar; gênio intelectual que enxergava com a alma; extremamente dedicado às letras, à comunicação e a cultura; um dos mais expressivos estudiosos da região; cidadão sábio e de fino trato que, com seu trabalho, visava o bem de seu próximo; que tratava a todos com reverência e também era reverenciado. Em outros depoimentos Fischer é apresentado como alguém que ganhava pouco, apenas o suficiente para viver modestamente, mas não era dado a lamentações.

A vida desse imigrante foi marcada, também, por instabilidades e conflitos. Na obra *O aviador e o carroceiro: política, etnia e religião no Rio Grande do Sul dos anos 1920*, de René E. Gertz, Martin Fischer é mencionado como o controvertido e não bom redator do jornal *Deutsche Post*, de São Leopoldo e que não gozava de simpatia em lugar algum. Por sua vez, Aurélio da Silva Py em um dos capítulos do livro *A 5ª Coluna no Brasil: A conspiração Nazista no Rio Grande do Sul* traz informações sobre a negação de Martin Fischer ao juramento de fidelidade ao *Führer* Adolf Hitler e que, em decorrência disso, foi condenado a não ter mais nenhuma oportunidade em qualquer empresa alemã, inclusive impedido de regressar ao próprio país de origem. Foi considerado, assim, como o emigrante que voltou às costas à Alemanha. Também, quando fez declarações sobre o nazismo e a atuação da Gestapo na Argentina e no Brasil, ao chefe da Polícia do Estado do Rio Grande do Sul, assumiu a responsabilidade por divulgar informações sigilosas. Talvez não tenha sofrido maiores inconvenientes, pois, quando da publicação de suas declarações, a Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS) controlava as atividades dos agentes nazistas no Rio Grande do Sul e o Brasil rompia relações diplomáticas com a Alemanha em meio a Segunda Guerra Mundial. Segundo Aurélio Py, em outro capítulo do livro, pelo fato de morar em Iraí juntamente com outros alemães, o próprio Martin Fischer era suspeito de espionagem nazista.

Outros contextos nos quais Martin Fischer se envolveu ou foi envolvido, nas décadas de 1930 e 1940, particularmente nas cidades de Buenos Aires, Iraí e Ijuí, serão abordados nos capítulos seguintes.

II. UM CASAL DE IMIGRANTES NO MUNDO RURAL

Este capítulo apresenta os antecedentes e os motivos que levaram Martin Fischer e Charlotte Wollermann a escolher, como opção de vida, o mundo rural. Entre migrações pelo oeste de Santa Catarina e Buenos Aires foi escolhida uma área rural em Iraí, no norte do Rio Grande do Sul, uma das últimas frentes de colonização do Estado. O recorte temporal situa-se entre os anos de 1931 e 1948 e as correspondências emitidas e recebidas por Martin Fischer, algumas também por Charlotte, constituem as fontes para a compreensão dos acontecimentos desse período. Também constitui uma fonte o livro *Iraí – cidade saúde: trechos característicos de sua história*, escrito por Fischer. O capítulo emprega os conceitos de imigração, germanidade e etnicidade no contexto da trajetória de Fischer, além de textos sobre Iraí como estação hidromineral, sobre agricultura colonial e sobre frente pioneira de ocupação territorial.

2.1 – Passarinhos: o ensaio para a entrada no mundo rural

Em setembro de 1931, Hans Henning, agente de vendas da Companhia Territorial Sul Brasil (CTSB), instalada na localidade de Passarinhos, hoje pertencente ao município de Palmitos, em Santa Catarina, enviou extensa correspondência a Martin Fischer. Era a resposta a uma carta anterior escrita por Fischer, que nessa época estava em Berlim e trabalhava na agência de notícias *Wolff*, na qual teria manifestado planos de retornar ao Brasil e solicitava informações sobre a região de atuação da companhia.²¹ A Companhia Territorial Sul Brasil (CTSB) foi constituída em 23 de maio de 1925, em Porto Alegre (RS), onde permaneceu a sede administrativa. Atuou na venda de terras e na extração de madeiras e foi responsável pela colonização de parte da região Oeste de Santa Catarina. A sede operacional foi instalada em Cascalho, na época distrito de Chapecó, às margens do rio Uruguai e a sudoeste das terras da companhia. Em 1929 foi transferida para Passarinhos, sete quilômetros acima, também às margens do rio Uruguai. Com a transferência da companhia seguiu a sede do Distrito, a Intendência (Prefeitura), a Coletoria (Exatoria), o Cartório, a Igreja, o hotel e a barca. A mudança para a localidade de Passarinhos foi estratégica, pois incrementou o trânsito de

21 A cópia desta carta e também de outras enviadas por Fischer para Hans Henning, não foram localizadas na Coleção Martin Fischer do Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP).

peças representado pela cidade de Iraí, no Rio Grande do Sul, localizada na outra margem do rio. Em 1937, o escritório da empresa mudou mais uma vez, acompanhando a transferência da sede do distrito para uma área mais central. Na nova sede foi instalado, em 1954, o município de Palmitos (SCHUH, 2011).

Henning iniciou a correspondência dizendo estar “entusiasmado” com a possibilidade de Fischer vir para aquela região e que iria ajudá-lo no que fosse necessário. Relatou que a CTSB negociava por meio da venda de colônias, uma extensa área de terras que havia adquirido da Companhia Oeste Catarinense; que as colônias que se situavam às margens do rio Uruguai por muito tempo foram vendidas a negociantes de madeiras, que após a extração das árvores abandonavam o lugar; e que o engenheiro civil Carlos Culmey, diretor administrativo da CTSB, incluiu no contrato de compra e venda a condição da ocupação da terra e o cultivo agrícola dos lotes por um determinado período de tempo (HENNING, 17 set. 1931).

Carlos Culmey nasceu em Neuwied, na Renânia, em 1879 e formou-se engenheiro civil. Com 23 anos veio para o Brasil onde atuou em empreendimentos colonizadores (Cerro Largo e Santo Cristo) no Rio Grande do Sul (WERLANG, 1992). Em meados de 1914, decidiu retornar à Alemanha com sua família, porém, foi impedido pela eclosão da Primeira Guerra Mundial. Então, assumiu a direção de uma pequena empresa colonizadora, no norte do estado, a qual administrou por dois anos. Como resultado desse trabalho, surgiu o povoado de Sete de Setembro (atual município de Charrua), localizado entre Erechim e Sananduva. Em 1919, sem condições financeiras de retornar ao seu país de origem, dirigiu-se a Província Argentina de Misiones onde coordenou assentamentos de imigrantes vindos da Alemanha. Voltou ao Brasil, em 1926, a convite da Companhia Territorial Sul Brasil (CTSB), para planejar e executar a colonização de suas terras no Oeste de Santa Catarina (HERWIG; KNORR, 1987). Conforme relatos de sua filha Tutz Herwig (1987), Culmey demonstrou preocupação com o bem-estar dos pequenos agricultores. Por isso, sempre organizou os assentamentos com base na pequena propriedade, em detrimento da implementação do latifúndio, estrutura fundiária que era contrário. Segundo ela, “quase todas as colônias que fundou tinham entre 25 e 27 hectares. Organizava-as de tal forma, que cada uma tinha seu abastecimento de água. Isso garantia satisfação e progresso” (HERWIG; KNORR, 1987, p. 54).

Culmey transferiu, em 1929, a sede da empresa de Cascalho para Passarinhos, no interior do município de Palmitos. A nova localização favoreceu a recepção e a distribuição

dos colonos. Nesta localidade, às margens do rio Uruguai, construiu sua residência, denominada “Castelinho” e de onde administrava os negócios. Além das atividades na companhia teve também seus próprios negócios. Conforme relatos era uma pessoa “amada por uns e odiada por outros” e enfrentou muitas divergências, pois “as coisas tinham que ser como ele queria”. Coordenou a colonização até maio de 1939, quando morreu tragicamente (WERLANG, 1992).

Sobre Passarinhos, onde ficava o escritório da companhia, Henning alertou que a localidade não deveria ser idealizada “maior do que ela realmente é”. Expôs que as operações de vendas, inicialmente realizadas no povoado de Cascalho, foram transferidas para Passarinhos, pois Culmey tinha ali a sua área particular e a sua casa. Na Figura 5 percebe-se a dispersa e irregular ocupação do povoado, conforme a descrição de Henning de que havia “apenas algumas casas; um hotel, que não é muito bom; uma venda, que normalmente não tem o que se quer comprar; uma olaria; uma carpintaria; uma marcenaria; e, desde que Culmey passou a ser o intendente, a Coletoria” (HENNING, 17 set. 1931).

Figura 5 – Passarinhos (SC) – 1932



Fonte: SCHUH, 2011, p. 29.

Ainda conforme o agente de vendas,

A localização em frente a Águas do Mel (Irahy) e no meio de toda a área na fronteira sul, também tornou o tráfego mais favorável. No entanto, é

improvável que a área da cidade se expanda; pois está situada entre colinas e as colônias vizinhas estão quase todas vendidas (HENNING, 17 set. 1931).

Quanto aos grupos étnicos, mencionou que havia italianos e “brasileiros” que moravam na região e que as famílias alemãs eram Culmey, Niemann, Wohlfarth e Grosse. Informou que uma Colônia de 24,2 hectares custava 3:400\$000 (três contos e quatrocentos mil réis), com desconto de 10% para pagamento à vista e que os melhores lotes se localizavam em São Domingos, cerca de 20 km ao norte de Palmitos, onde muitos alemães estavam instalados. Também apresentou a possibilidade de aquisição de uma chácara ou o arrendamento de uma colônia (HENNING, 17 set. 1931).

Hans Henning, referindo-se ao que Martin Fischer teria escrito na sua carta, fez ainda os seguintes apontamentos:

Você escreve que pode querer brincar de mestre-escola; Culmey quer fundar uma escola aqui em Passarinhos, que também será uma escola pública, ou seja, receberá apoio do Estado. Com o seu conhecimento da língua e do país, você certamente seria bem-vindo [...] Também gostaria de sugerir que entre em contato com a *Gesellschaft für Wirtschaftlichkeit Studien im Übersee* (Sociedade para Estudos Econômicos no Exterior), que trabalha conosco. O presidente da referida sociedade é o Sr. Hermann von Freedon (HENNING, 17 set. 1931).

Em outra carta enviada a Fischer, o agente da CTSB expressou que “se você retornar ao Brasil, naturalmente ficaremos muito felizes, principalmente se você vier para a nossa região” (HENNING, 24 out. 1932). Nesta carta, detalhou que

as terras da Companhia Territorial Sul Brasil estão localizadas no lado catarinense do rio Uruguai, entre os afluentes Chapecó e Antas; ao norte, elas se estendem por cerca de 70 km, uma área do tamanho de Luxemburgo. Como as terras a oeste de Chapecó ainda são escassamente povoadas e quase não tem estradas, todo o tráfego para o Rio Grande passa pelo rio Uruguai. Da nossa estação ferroviária Santa Bárbara até Passarinhos, a distância é de 180 km [...] Esperamos em um futuro próximo ter uma conexão com a estrada para Herval, a mais próxima estação ferroviária em Santa Catarina, o que nos tornaria independentes das taxas de comércio com o Rio Grande (HENNING, 24 out. 1932).

Continuou sua descrição dizendo que as terras eram densamente cobertas por florestas, em altitudes elevadas e que o comércio de madeira com a Argentina, por meio das balsas de cedro, era operado por italianos e brasileiros, os *Holzwoermer*, para quem a antecessora da CTSB havia vendido muitas colônias às margens do rio Uruguai. Relatou a separação dos assentamentos por etnias e confissões religiosas, que ficaram assim distribuídas: os italianos estariam sendo encaminhados para São Domingos, os teuto-russos para Iracema, os alemães

católicos para São Carlos e Saudades e os alemães luteranos para Palmitos e Cunha-Porã. Segundo Henning, Cunha-Porã, a *Stadtplatz* mais jovem, se tornaria o centro da imigração alemã. Ele próprio queria ir para lá, pois a geografia era atraente, as terras situavam-se em um plano elevado e o clima era mais ameno que o vale do rio Uruguai (HENNING, 24 out. 1932). No entanto, fez algumas observações:

Os cunhaporenses são, claro, por vezes também marcas especiais, principalmente os solteiros. Apenas é preciso evitar que os solteiros não voltem! Se eles se sentarem sozinhos na floresta, eles enlouquecem; mas se possivelmente houver vários em uma colônia, eles logo entrarão em uma briga. É claro que esta última acontece com mais frequência entre os nossos compatriotas, pelo menos certamente aqui em Passarinhos. Isso não é de admirar, uma vez que, por um lado, somos altamente educados e, por outro lado, nos damos bem uns com os outros com base no tom áspero, mas vigoroso, como o porco da frente. O jovem casal Weiss, que mora conosco desde junho, também se tornou popular entre homens, mulheres e crianças, pois facilmente entra em uma briga [...] Inge poderá lhe contar também sobre a insolência dos filhos que crescem sobre a cabeça do pai aflito (HENNING, 24 out. 1932).

Henning não descreveu os motivos que levavam os jovens imigrantes alemães, assentados em Cunha-Porã, a “enlouquecerem” na solidão da floresta ou a se envolverem em conflitos. No entanto, o ambiente diferente e um novo modo de vida marcado por muito trabalho, sem a sociabilidade a que estavam acostumados em seus locais de origem e tendo que conviver com indivíduos com diferentes identidades, precisam ser considerados. Contendas também ocorriam em Passarinhos, nas quais a rispidez nas palavras e a imposição eram determinantes. Se por um lado às brigas entre imigrantes de língua alemã tornavam populares os envolvidos, por outro, refletiam negativamente no desafio para a educação dos próprios filhos.

Em uma terceira carta enviada para Fischer, em novembro de 1932, Henning descreveu um diálogo estabelecido com Carlos Culmey. O diretor administrativo da CTSB teria afirmado que pretendia utilizar Martin Fischer no projeto de assentamento de imigrantes direcionados à região de Cunha-Porã, o qual estava sendo trabalhado intensamente. Fischer seria designado administrador da colônia. Tratava-se de um assentamento fechado, em regime de cooperativa, idealizado por F. Lange, conselheiro econômico da República de Weimar e profundo conhecedor da América do Sul. Conforme Henning, foi principalmente por meio deste que os teuto-russos se estabeleceram na região de abrangência da CTSB e “se tudo der certo, haverá imigração da Alemanha, talvez de outros países, no início do próximo ano” (HENNING, 18 nov. 1932).

Como resultado da indicação de Fischer para a administração da nova colônia, em Cunha-Porã, Henning acreditava que este poderia comprar uma área de terras a um custo mais baixo, por meio de um subsídio. Porém, era importante saber, em primeiro lugar, onde os imigrantes seriam assentados, para depois escolher a colônia ideal. Henning sugeriu que era necessário

Levar em consideração que as estradas são traçadas dentro da região planejada, então você deve escolher uma colônia que fica na estrada. Da mesma forma, acho melhor esperar quanto à questão do pagamento, porque se eu acertar uma colônia com você, também tenho que fazer um contrato, a partir do qual, é claro, correm os juros [...] Que você consegue uma boa colônia não há dúvida; conheço pessoalmente os agrimensores que fizeram o levantamento no entorno de Cunha-Porã, bem como o *Landanweiser* (guia agrário). Quando chegar a hora, vou dar uma olhada e informá-lo sobre os lotes que você mesmo escolher (HENNING, 18 nov. 1932).

Também informou os custos de deslocamento do porto de Rio Grande até Passarinhos. Uma passagem de trem via Bagé até Santa Bárbara, na 1ª classe, custava 83\$000 (oitenta e três mil réis). A tarifa de bagagem para 100 kg era de 125\$000 réis. De Santa Bárbara até Passarinhos, o custo da viagem de caminhão era de 35\$000 réis. O valor da bagagem ficava entre três e quatro mil réis a arroba (15 kg). O trajeto via Bagé era o mais acessível, até mesmo incluídas as despesas com hotel. No entanto, não sabia exatamente o custo da viagem por Porto Alegre, apenas que a passagem de trem até Santa Bárbara ficaria em torno de 90\$000 réis e nesse itinerário ainda teria que ser incluído o custo de deslocamento de barco entre Rio Grande e Porto Alegre (HENNING, 18 nov. 1932).

Nesta correspondência, Henning detalhou valores e as condições de negociação das colônias. Aquelas localizadas próximas a Cunha-Porã custavam 3:400\$000 réis com desconto de 10% à vista ou mediante uma entrada de 1:000\$000 réis e o valor restante parcelado em 18 meses, com um acréscimo de 8% de juros/ano. Em prestações superiores há 18 meses o juro anual subia para 12%. Como agente de vendas comissionado, Henning recebia 300\$000 réis por cada colônia vendida e fez a seguinte proposta a Fischer, caso o negócio de terras fosse concluído à vista: isentaria o pagamento de 200\$000 réis referentes à sua comissão. Juntando esse valor com o desconto de 340\$000 réis, pela compra à vista, Fischer teria um decréscimo de 540\$000 réis; portanto, a colônia sairia por 2:860\$000 réis (HENNING, 18 nov. 1932).

O autor também detalhou os custos de derrubada da floresta, da limpeza da terra, do cultivo do milho e os custos de uma empregada doméstica. Aconselhou a contratação de uma jovem russa, “pois geralmente elas são mais empregáveis, sensatas e independentes e não tão

exigentes quanto às semieducadas locais” (HENNING, 18 nov. 1932). Sobre a moradia, destacou que seria um prazer projetar uma casa na selva para Fischer e Charlotte:

É melhor ter uma casa pequena, mas bem construída [...] Na verdade, sou apenas a favor dessas cabanas improvisadas em uma emergência extrema. Se você passou um dia de calor com o extenso catálogo de insetos do Brasil e está cansado, torna-se necessariamente amargo ter que se mover à noite porque a chuva está caindo em seu nariz através do telhado; pode ser romântico, mas em longo prazo ficará monótono! E até acho que Charlotte não está acostumada com isso. Uma casinha bem construída como imagino para um início, custaria cerca de 2 a 3 Contos, com madeira, mão de obra e material. Um galpão de acomodação, como você se referiu na última carta, custará cerca de 4 a 4½ Contos, embora dependa, é claro, inteiramente da execução. Só para mencionar algo: deve o piso ser aplainado ou não aplainado, com janelas ou portinholas, parede divisória em macho e fêmea ou cru, com ou sem mata juntas, coberto com telhas de madeira ou pranchas ou chapa ondulada? Portanto, certifique-se de comentar sobre a questão da casa (HENNING, 18 nov. 1932).

Em nenhum outro documento, como o *Curriculum Vitae* (FISCHER, 1961) e o *Lebenslauf* (FISCHER, 1964), abordados no capítulo anterior, consta a intenção ou uma “sondagem” de Martin Fischer para a aquisição de uma área de terras e a sua transferência para o meio rural. Nas cartas de Hans Henning, no entanto, constam várias informações como respostas a possíveis questionamentos feitos por Fischer, em correspondências enviadas de Berlim.

Em fins de 1932, Fischer recebeu carta de Guilherme Gaelzer Netto, diretor do Departamento Nacional de Povoamento e Serviço de Imigração no Exterior, vinculado ao Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio do Brasil. O autor assim iniciou o texto, escrito de próprio punho:

Querido amigo! Eu havia solicitado ao nosso amigo em comum Dr. Ernst Kundt, do *Auswärtiges Amt* [Ministério das Relações Exteriores da Alemanha], para lhe avisar sobre a minha partida de Berlim, no domingo, dia 04.12, às 13 horas. Antes de deixar a velha Europa com todos os seus problemas sociais e políticos, eu venho, por meio desta enviar ao querido amigo, um apertado abraço de despedida (GAELZER NETTO, 14 dez. 1932).

Gaelzer Netto utilizou de cordialidade neste parágrafo e também no decorrer de sua carta, o que revela a existência de uma relação mais pessoal com Martin Fischer. Relatou que componentes de uma comissão de estudos de imigração estariam deixando a Alemanha, rumo ao Brasil, em janeiro de 1933. Também, em reunião com o Dr. Hans Luther, presidente do *Reichsbank*, sugeriu a co-participação da *Gesellschaft für Wirtschaftlichkeit Studies im*

Übersee (Sociedade para Estudos Econômicos no Exterior), nos trabalhos da referida comissão. Segundo Gaelzer Netto,

Neste sentido, escrevi ao Prof. Dr. Paul Vageler²², em Berlim, pedindo para ele falar contigo e, possivelmente, levá-lo como membro componente da Comissão. Você falando, juntamente com nosso amigo Hermann von Freeden, com o Dr. Luther, será possível, talvez, conseguir os 3 ou 4.000 marcos para as despesas de viagem. Quanto a você fazer parte da Comissão, uma vez que tenha o indispensável dinheiro, parece que não haverá dúvida por parte do Dr. Vageler. O que convém, uma vez que o amigo queira, é “mexer os pauzinhos”! (14 dez. 1932).

A Sociedade para Estudos Econômicos no Exterior é citada nas cartas de Hans Henning e Guilherme Gaelzer Netto. Fischer relatou ter atuado na diretoria administrativa desta sociedade em seus currículos autobiográficos (FISCHER, 1961; 1964), no entanto, a pesquisa não encontrou informações sobre quando passou a integrá-la e nem as funções que efetivamente desempenhou em sua sede na Alemanha. Uma breve atuação de Fischer na Sociedade de Estudos apareceu em três cartas trocadas com Oswald Nixdorf, que coordenou a imigração alemã para a Colônia Roland, desde a sua fundação até 1939.

No início da década de 1930, o Governo do Estado do Paraná passou a incentivar a política de expansão das fronteiras agrícolas por meio da colonização. Este processo de colonização contou com a participação da Paraná Plantations Ltda., empresa fundada por ingleses, que investiu em áreas no norte do Estado. Coube à Companhia de Terras do Norte do Paraná (CTNP), uma subsidiária da Paraná Plantations, fazer propaganda e oferecer terras por vários países europeus. Ao assumir a presidência da Sociedade para Estudos Econômicos no Exterior Erich Koch-Weser, ex-vice-chanceler da República de Weimar e ex-ministro da Justiça convidou Oswald Nixdorf, especialista em agricultura de países tropicais, para encontrar um local ideal para um assentamento alemão no Brasil. Nixdorf chegou ao Brasil em 1932 e escolheu uma área de terras de propriedade da Companhia de Terras do Norte do Paraná, distante 25 km de Londrina (ROLÂNDIA, 2021).

Em outubro de 1932 Nixdorf enviou uma carta a *Gesellschaft für Wirtschaftlichkeit Studies im Übersee*, aos cuidados de Martin Fischer, na qual abordou as sugestões de alguns nomes para a colônia, que foram levantados pelo Conselho de Administração. O primeiro nome era *Tannenbergl*, que poderia estar relacionado a uma montanha ou a um pinheiro, no

22 Paul Wilhelm Eduard Vageler (1882-1963), especialista em Geologia, veio ao Brasil, em 1933, para realizar estudos em diferentes regiões climáticas para verificar possibilidades de criação de assentamentos alemães no Brasil (BISPO, 2013).

entanto, seria mais lembrado pelo grande confronto militar entre os exércitos alemão e russo, durante a Primeira Guerra Mundial. A outra sugestão era nomear a colônia com um nome indígena, neutro em relação aos colonos alemães e melhor que um nome português. No entanto, conforme Nixdorf, após deliberação com outras pessoas o nome *Roland* era o mais adequado (NIXDORF, 10 out. 1932). Segundo ele,

Por motivos publicitários, tanto aqui como na Alemanha, o nome da colônia é de grande importância. Roland não é provocativo e é de fácil pronúncia para os brasileiros. Também tinha pensado em *Holz* (madeira) ou *Erde* (terra), essas palavras também seriam um tanto familiares aos alemães. Todavia, Roland é mais valorizado pela maioria das pessoas aqui. Se você concorda com o nome, eu peço notificação correspondente (NIXDORF, 10 out. 1932).

Como membro da diretoria administrativa, Fischer respondeu e solicitou a Nixdorf que suspendesse por um breve período a questão da nomeação da colônia, cuja sugestão seria tratada em reunião. Conforme Fischer, “a ideia de escolher um nome indígena para a colônia não é tão absurdo quanto possa parecer. No entanto, também não tenho nenhuma objeção ao nome alemão que você sugeriu” (FISCHER, 28 out. 1932). No mês seguinte a resposta da *Gesellschaft*, assinada por Fischer, foi de que “nós não temos nenhuma objeção em você nomear a colônia de *Roland*. Talvez a versão em português ‘Orlando’ também possa ser discutida. Entretanto, deixaremos para você decidir” (FISCHER, 18 nov. 1932). Segundo Thiago Groh (2009) a escolha do nome tem haver com o fato de Nixdorf ter nascido em Bremen, onde também nasceram Erich Koch-Weser e o deputado do *Reichstag* Johannes Schauff, envolvidos no desenvolvimento da colônia, e que nesta cidade está erguida há mais de 500 anos uma estátua em homenagem a *Roland*, lendário guerreiro medieval, símbolo de Liberdade e Justiça.

Em 1933, Koch-Weser e Schauff, juntaram-se a Nixdorf e estabeleceram-se na nova colônia alemã. Em suas viagens à Alemanha, passaram a fazer propaganda da Gleba *Roland* e estimularam outras famílias a emigrarem. No início, os imigrantes eram constituídos basicamente por filhos de agricultores. No entanto, a partir do início das perseguições étnicas e da política repressiva provocada pelo regime nazista, muitos deixaram a Alemanha. Políticos, religiosos e judeus alemães elevaram os números daqueles que vieram para Rolândia²³ (GROH, 2009).

23 Esse nome passou a ser utilizado à medida que a colônia se tornava multiétnica, pois, gradativamente se estabeleceram na localidade, japoneses, italianos, espanhóis, húngaros, poloneses, tchecos e austríacos.

É possível relacionar a vinda de Martin Fischer ao Brasil, em 1933, com a Sociedade para Estudos Econômicos no Exterior, pelo fato da mesma estar envolvida em projetos de imigração; e como integrante de uma comissão de estudos para o assentamento de alemães na região oeste do Estado de Santa Catarina, a convite de autoridades do governo brasileiro. O desejo de Fischer de retornar ao Brasil, manifestado nas cartas trocadas com Hans Henning, ou em “mexer os pauzinhos” conforme sugestão de Gaelzer Netto se concretizou em maio de 1933 quando ele e a companheira Charlotte Wollermann se estabeleceram em Passarinhos, no lado catarinense do rio Uruguai. Por meio do trabalho em um projeto de imigração alemã e nos estudos sobre os colonos teuto-russos, assentados na região, os dois estavam entrando em um mundo diferente para eles: o mundo rural.

Ainda em Berlim, Martin Fischer escreveu breve correspondência ao *Versorgungsamt I* (Escritório de Previdência I), Repartição de Pensões, na qual informou que estava se mudando para o Brasil, para um longo período de tempo, juntamente com a solicitação para que sua pensão por invalidez de guerra fosse enviada para o seu pai, em Königsberg. Informou, também, como referência, o endereço da sede da Companhia Territorial Sul Brasil (CTSB), em Porto Alegre (FISCHER, 24 abr. 1933).

No final de 1933, Fischer escreveu para Arthur Kuss, presidente da CTSB, informando que havia se instalado muito bem na *villa* de Passarinhos e que estava feliz por ter “escapado” de Berlim. Lembrou que na Alemanha, caso uma pessoa quisesse progredir, teria que trabalhar muito e “o quanto uma reunião perseguia a outra, por isso as atividades diárias sempre tinham que ser feitas à parte” (FISCHER, 14 nov. 1933). Dentre as atribuições oficiais, mencionou que estava colaborando com o jornal *Mensageiro do Uruguai*, o qual pretendia converter em órgão de propaganda da CTSB. Naquele momento, por meio da coleta de material diverso, havia produzido um informe publicitário em forma de relatório (FISCHER, 14 nov. 1933).

Quem fez uma descrição sobre o período em Passarinhos foi Charlotte Wollermann, em carta enviada a sua mãe. Ela escreveu que estava feliz, pois havia alugado uma pequena casa de madeira, com dois quartos e que tinha cama, mesa, cadeiras, talheres, cobertores,

Internamente, mineiros, paulistas, baianos e filhos de imigrantes alemães radicados em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, migraram e contribuíram para o povoamento da mesma. O município Rolândia, foi criado por meio da Lei Estadual nº 199, de 30 de dezembro de 1943 e instalado oficialmente em 1º de janeiro de 1944. Por cerca de três anos, o município teve seu nome trocado para Caviúna, em decorrência das restrições do Governo brasileiro quanto aos nomes de origem germânica (ROLÂNDIA, 2021).

lençóis e toalhas. Também citou as muitas caixas de querosene²⁴ recolhidas “das quais se pode fazer as coisas mais maravilhosas com pouco esforço: penteadeira e mesinha de cabeceira, armário de lavanderia e armário de cozinha, estante de livros e outras coisas” (WOLLERMANN, 02 jan. 1934). Continuou a carta dizendo que não sentia medo de ficar sozinha em casa e reforçou que estava feliz por ter vindo para o Brasil, pois,

Na Alemanha eu nunca, mesmo com todo o trabalho árduo, teria sido capaz de alcançar nem mesmo a mais modesta independência e trabalho autônomo e certamente não na Alemanha de Hitler, onde as mulheres saíram de moda no trabalho. Agora estou fazendo planos maravilhosos para mais tarde: o cultivo de nozes e a criação do bicho-da-seda [...] Isso requer uma plantação de nogueiras e amoreiras que precisam de água e ambas necessitam de um pedaço de terra própria e não alugada (WOLLERMANN, 02 de jan. 1934).

Em carta enviada a Thomas Koch, ex-editor-chefe da *Wolffs Telegraphisches Bureau* (WTB), Fischer relatou sobre o projeto desenvolvido originalmente na Alemanha para o assentamento no Brasil de um grande número de desempregados alemães. Com a participação da Sociedade para Estudos Econômicos no Exterior foi enviada uma comissão, sob a liderança do Professor Dr. Paul Vageler, a qual se juntou no Brasil, mas devido a uma mudança de orientação do governo alemão, o projeto acabou não sendo executado. Segundo Fischer,

O fato da comissão também ter falhado aqui é outra questão [...] Para mim, no entanto, isso significava que eu teria que me ajustar completamente. Fiz o que sem dúvida era a coisa mais certa no momento, fui para a selva e me tornei agricultor, o que por si só mais me convinha. Quando penso no tempo que passei aqui na selva brasileira como um cavalheiro em um pequeno torrão, devo dizer que foi extremamente difícil, mas também muito bom. Acima de tudo, restaurei totalmente minha saúde, que havia sido muito prejudicada em Berlim. Fiquei mais magro depois de perder incríveis 15 quilos e me tornei ágil novamente (FISCHER, 30 set. 1934).

Passados quase doze meses do estabelecimento de Martin Fischer em Passarinhos, onde acabou conhecendo o processo de imigração e colonização, o presidente da Companhia Territorial Sul Brasil (CTSB), Arthur Kuss, lhe ofereceu o cargo de diretor adjunto. Fischer deveria auxiliar o diretor administrativo Carlos Culmey que estava sobrecarregado de

24 O querosene, um subproduto do petróleo, foi muito utilizado na iluminação residencial nas primeiras décadas do século XX. Como produto inflamável líquido, que vinha em latas, havia a necessidade de armazená-lo em caixas de madeira para o transporte. Na maioria das vezes, não havia utilidade precisa para as caixas, que acabavam sendo descartadas.

atividades e necessitava de um assistente. Kuss ofereceu um salário mensal de 750\$000 réis, o qual, a princípio, não agradou Fischer. Sua resposta ao presidente do CTSB foi a seguinte:

Você mesmo terá que admitir para mim que este é o salário normal de um contador e não é particularmente aconselhável que você atribua um cargo de responsabilidade, como pensa que é para mim, colocando em questão somente a opção de pagar um salário de contador [...] Dos meus cargos anteriores não sei outra coisa senão que os funcionários em cargos de responsabilidade recebiam uma parte dos lucros, além dos seus salários [...] Acredito que você também entende quando um homem, por uma questão de satisfação interior através de seu trabalho, abre mão de todas as vantagens externas e materiais (FISCHER, 27 maio 1934).

Portanto, a oferta foi aceita conforme a alegação de Fischer de que “o trabalho é extraordinário e nunca escondi o fato de que me sinto muito confortável aqui na floresta” (FISCHER, 27 maio 1934). Kuss retornaria ao assunto salário ao considerar que a situação econômica pela qual o Brasil estava passando, que provocou o fechamento de muitas empresas, colocou no mercado um grande número de trabalhadores “bons e baratos”. Argumentou que salários acima de 500\$000 réis eram raros e que foi em reconhecimento ao “serviço passado” que ofereceu os 750\$000 réis e emprego imediato. Disse ainda que poderia ter aguardado pela “grande imigração” para daí oferecer o cargo, mas, caso Fischer o desempenhasse conforme a expectativa receberia 0,5% sobre as vendas a partir de 1º de janeiro de 1935. Desejou-lhe boas-vindas “para um bom e frutífero trabalho” (KUSS, 09 jun. 1934).

Em setembro de 1934, Fischer enviou correspondência a Erich Koch-Weser, residente na Colônia Roland, na qual relatou que os meses que passou no oeste catarinense não foram “desperdiçados”, porque aprendeu muito, de modo que se julgava especializado em vários assuntos. No entanto, não tinha planos para construir uma “existência”, ou seja, se estabelecer definitivamente naquela região. Expôs que, como tinha conhecimento de agricultura subtropical e colonização, faria sentido tentar encontrar um emprego adequado em alguma empresa de colonização. Por isso estava se dirigindo ao ex-presidente da *Gesellschaft für Wirtschaftlichkeit Studien im Übersee*, para que intercedesse a seu favor junto Companhia de Terras do Norte do Paraná (CTNP), no sentido de “encontrar uma posição adequada na empresa em um futuro próximo” (FISCHER, 23 set. 1934). Na mesma correspondência lembrou que, em maio de 1933, quando os dois se encontraram em São Paulo Koch-Weser lhe expôs um projeto de cultivar cana-de-açúcar. Fischer disse que discutiu o projeto “repetida” e “cuidadosamente” com produtores que se estabeleceram no Alto Uruguai e que chegou a enviar um relatório. Ainda conforme Fischer,

Há poucos dias recebi a notícia de que você comprou 100 Alqueires em Rolândia, sendo que 35 alqueires são de florestas. A partir disso, deduzo que você provavelmente se aproximou do plano para uma grande plantação de cana-de-açúcar. Espero que você tenha se adaptado bem às condições brasileiras, principalmente sua estimada esposa, pois para as mulheres a vida costuma ser ainda mais difícil aqui. De qualquer forma, desejo sinceramente que suas esperanças e desejos se realizem em abundância (FISCHER, 23 set. 1934).

Foi rápida a resposta de Koch-Weser, escrita em papel timbrado com o nome *Fazenda Janeta*, a sua propriedade na Colônia Roland. Na correspondência relatou que estava feliz pelo contato de Fischer; que não recebeu o relatório sobre a cana-de-açúcar; e que, pelo seu conhecimento, o quadro de funcionários da Companhia de Terras do Norte do Paraná (CTNP) estava completo, mas mesmo assim iria lhe “recomendar calorosamente” à empresa (KOCH-WESER, 09 out. 1934).

Em outra correspondência para Koch-Weser, enviada de Passarinhos, Fischer lamentou que o relatório não tivesse chegado ao destinatário e justificou que suas considerações foram escritas à mão e que depois de tanto tempo não tinha mais condições de reescrevê-las. Fischer também relatou que queria muito visitar a Colônia Roland, para conhecer o assentamento no qual se envolveu quando ainda estava na Alemanha. Inclusive havia pensado na possibilidade de se estabelecer naquela região, depois de encerrada sua “longa viagem de estudos” no oeste de Santa Catarina. No entanto, os planos de ir para o Paraná teriam que ser adiados devido a eventos inesperados. Conforme Fischer,

no mesmo correio, que me trouxe sua gentil carta, recebi uma consulta de Berlim, sobre se eu estaria pronto assumir, no dia 1º de dezembro, em Buenos Aires, a representação do *Deutsches Nachrichtenbüro* da Argentina. Assim, em cerca de 10 dias estarei fora do maravilhoso silêncio da selva brasileira para mergulhar na agitação da capital argentina (FISCHER, 03 nov. 1934).

Fischer relatou ainda que, em Buenos Aires, faria uma reserva financeira e com os pesos argentinos convertidos em contos de réis, seu antigo desejo de possuir uma área de terras em algum lugar do Brasil se concretizaria.

2.2 – O breve contrato com o *Deutsches Nachrichtenbüro* de Buenos Aires

Em março de 1934 Martin Fischer foi consultado sobre a disposição de aceitar ou não as atividades de correspondente do *Deutsches Nachrichtenbüro* (DNB), no Rio de Janeiro, na época a capital federal do Brasil. Além do trabalho na agência de notícias estavam vinculadas,

também, as funções de adido de imprensa na embaixada alemã. A consulta para assumir o cargo veio por meio de Alfred-Ingemar Berndt, editor-chefe do DNB e destacado líder do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP). Fischer respondeu não haver nenhum inconveniente, mas iria aguardar uma solicitação oficial antes de decidir. No entanto, como membro registrado no NSDAP seria difícil recusar a proposta (FISCHER, 27 maio 1934). Apenas em setembro as condições contratuais com o DNB se delinearão e, nesse ínterim, Martin Fischer exerceu atividades junto à Companhia Territorial Sul Brasil (CTSB), em Passarinhos.

Na carta enviada ao jornalista Thomas Koch, Fischer detalhou o que aconteceu no decorrer do ano de 1934: que em março recebeu carta de Berndt, questionando-o sobre o interesse de ir para o Rio de Janeiro como representante do DNB; que, embora houvesse estimado um novo modo de vida e o trabalho em uma empresa de colonização, a oportunidade de assumir a representação da agência noticiosa era “fundamentalmente honrosa” e “não poderia ser recusada”; e que, ao final, emergiu algo completamente diferente do que havia sido proposto inicialmente – o cargo não seria mais para o DNB no Rio de Janeiro, e sim, para Buenos Aires. Fischer relatou que certamente não teria se decidido por Buenos Aires tão facilmente quanto pelo Rio de Janeiro, mas que, na expectativa de retornar a profissão de jornalista, escreveu ao Diretor Meyer, do DNB, em Berlim, aceitando o cargo. Segundo ele,

Devo dizer que do ponto de vista puramente jornalístico Buenos Aires é significativamente mais importante que o Rio e a posição de representante do DNB em Buenos Aires por causa das tarefas que são oferecidas a um jornalista competente é - como Deus sabe - tentadora. Sou sinceramente grato a Berndt por ter me indicado ao Sr. Meyer. Há poucos dias recebi, por correio aéreo, as condições sob as quais eles querem me contratar e as aceitei e agora estou preparando lentamente minha mudança para a metrópole do Rio da Prata. Não é tão simples como quando você só precisa fazer algumas malas. Eu vou dissolver toda a minha economia e isso não é fácil para mim na crise atual [...] No dia 1º de dezembro serei o bem nomeado representante do DNB em Buenos Aires. Você acha que estou ansioso? Na verdade, estou muito ansioso por isso, e também sinto um orgulho justificado pelo fato do Sr. Meyer ter-me confiado um cargo tão importante em Buenos Aires (FISCHER, 30 set. 1934).

Nesta mesma carta, dirigida a Thomas Koch, Fischer declarou estar feliz pela oportunidade de trabalho, na certeza de que a mesma iria proporcionar novamente os relacionamentos e trazer de volta os bons momentos de Berlim. Isso porque as coisas haviam mudado muito desde que deixara a capital alemã. Fischer também escreveu para Arthur Kuss, presidente da CTSB, informando que lhe fora oferecida uma “posição segura”, “independente” e “influyente” no *Deutsches Nachrichtenbüro* (DNB), bem como as questões

relacionadas à imprensa, junto à Embaixada Alemã em Buenos Aires. Alegou que se “separar” da floresta não seria fácil, mas por vários motivos não poderia desistir do convite que lhe havia sido feito. Então, solicitou que Kuss o liberasse do cargo em 30 de novembro alegando que com a paralisação total da colonização as tarefas estavam se tornando “visivelmente menores a cada dia” (FISCHER, 30 set. 1934).

Arthur Kuss acolheu o pedido de desligamento e o felicitou pelo cargo em Buenos Aires. Declarou estar convencido de que iria desenvolver as atividades “para a plena satisfação do NSDAP” (KUSS, 13 out. 1934). Passados alguns dias Fischer enviou outra correspondência fornecendo mais detalhes do contrato de trabalho e fazendo outra solicitação: como teria que assumir no DNB em 1º de dezembro não poderia ficar até o dia 30 de novembro; teria que deixar Passarinhos dez dias antes. (FISCHER, 03 nov. 1934).

A transferência para Buenos Aires também foi descrita na correspondência enviada por Fischer a Hermann von Freedten, Conselheiro no Ministério do Interior do Reich. Nela, relatou que estava em Buenos Aires desde o dia 1º de dezembro como representante do DNB, em tempo integral, pois o Ministério da Propaganda, em Berlim, queria uma ocupação mais abrangente da capital argentina. Fischer afirmou que a proposta recebida lhe era conveniente, por isso concordou em se transferir para a “metrópole de La Plata”. Segundo ele,

Com pressa, dissolvi minhas economias em Passarinhos, arrumei minhas malas e comecei a viagem [...] Me encontro bastante familiarizado com as novas condições e com o que tenho que fazer [...] Minha única preocupação é se vou suportar o trabalho estressante e se vou manter minha saúde por um longo período. Bem, se realmente não conseguir, vou me aposentar e me retirar para alguma área da selva novamente. Por enquanto, o pensamento ainda está tão distante que apenas paira no horizonte como uma fantasia (FISCHER, 17 jan. 1935).

Fischer também relatou que Charlotte Wollermann o acompanhou e que passou a exercer atividades como secretária no DNB, além das tarefas domésticas. Num olhar retrospectivo reafirmou que não foi fácil dizer adeus à floresta e que se sentiu feliz e livre em Passarinhos, mesmo que as condições não fossem exatamente encorajadoras para comprometer a vida por lá. Admitiu que o trabalho de um ano e meio, no qual estudou a colonização, não foi em vão, pois sempre iria permanecer como uma agradável lembrança. Encerrou a carta dizendo que provavelmente iria se retirar para a solidão da selva novamente e, então, o conhecimento adquirido em Passarinhos lhe seria útil (FISCHER, 17 jan. 1935). Na carta enviada ao *Versorgungsamt I* (Escritório de Previdência), em Berlim, comunicou sua

mudança para Buenos Aires e o seu domicílio; também solicitou a continuidade do envio de sua pensão por invalidez de guerra para seu pai, em Königsberg (FISCHER, 07 fev. 1935).

O trabalho no DNB e a permanência em Buenos Aires duraram apenas dois anos. A pesquisa não encontrou referências às atividades específicas de Fischer na agência de notícias, apenas alguns acontecimentos que tiveram a cobertura do DNB: a Conferência de Paz do Chaco, em Buenos Aires, que firmou um protocolo de paz cessando as hostilidades entre a Bolívia e o Paraguai (Guerra do Chaco); a visita oficial do presidente brasileiro Getúlio Vargas à Montevideu (Uruguai) e a Buenos Aires, ambas em 1935; e a Conferência Interamericana para a Manutenção da Paz, na capital argentina, em dezembro de 1936, que contou com a presença do presidente norte-americano Franklin D. Roosevelt e que discutiu, dentre outros temas, a unidade e a solidariedade entre os países americanos e a não intervenção em assuntos culturais (FISCHER, 31 maio 1935; WOLLERMANN, 01 dez. 1936).

Como o *Deutsches Nachrichtenbüro* (DNB) era uma empresa cujo capital estava predominantemente em mãos do setor estatal, Fischer teria que atender as normas legais de suspensão do recebimento da pensão por invalidez de guerra, pois não poderia receber dois rendimentos diferentes de uma mesma fonte, nesse caso o Reich Alemão. Teria, então, que restituir os valores recebidos da pensão desde a assinatura de seu contrato de trabalho, que foi em 1º de novembro de 1935. Solicitou ao Escritório de Previdência I, em Berlim, autorização para devolver os valores em parcelas mensais de 25 RM (vinte e cinco reichsmarks), pois o reembolso em valores maiores representaria um pesado encargo financeiro (FISCHER, 30 abr. 1935). No entanto, de acordo com uma determinação do Ministério do Trabalho do Reich, os regulamentos de suspensão do direito a pensões, no qual Fischer se incluía, entraram em vigor em 1º de janeiro de 1935. Então, a restituição dos valores seria aplicada a partir desta data e não da assinatura do contrato com o DNB (FISCHER, 26 jul. 1935). Em setembro, Fischer foi comunicado pelo *Versorgungsamt IV* (Escritório de Previdência IV) que o Ministério do Trabalho baixou, em 12 de junho, portaria sobre a redução dos honorários do serviço público. De 107,10 RM mensais passaria a receber 91,80 RM e ainda teria descontado os valores que lhe foram pagos a mais nos meses de julho e agosto (VERSORGUNGSAMT, 25 set. 1935).

Conforme relatou em sua correspondência, se por um lado o trabalho era extenuante e sempre se estendia até tarde da noite, quando não entrava na madrugada; por outro, era exercido de forma “responsável” e “gratificante”. No entanto, o problema maior nem era o

excesso de trabalho, mas o “ambiente”, por isso, se sentia muito “solitário por dentro”. Segundo ele os dezoito meses na “selva brasileira” foram muito bons para o fortalecimento de seus nervos, porém, em apenas um ano, em Buenos Aires, estavam danificados novamente (FISCHER, 24 ago. 1935; 30 nov. 1935). Disse ainda que estava necessitando de férias e que no verão gostaria de aproveitar bem as quatro semanas a que tinha direito. Não descartava uma viagem ao Brasil, todavia, o único problema, naquele momento, é que não tinha um “substituto adequado”. Também, não poderia, pelos custos, se “dar ao luxo de fazer uma viagem de férias mais longa” (FISCHER, 30 nov. 1935).

Nesse período, solicitou a Hermann von Freeden informações sobre a Colônia Roland, no norte do Paraná, pois tinha planos de investir em terras naquela área de colonização alemã. Seis meses depois, ao mesmo interlocutor, comunicou que havia adquirido uma área de quarenta alqueires em Roland, junto a Companhia de Terras do Norte do Paraná (CTNP). Disse que os 15 contos de réis, investidos na aquisição da terra, foram disponibilizados por Charlotte, mas que era o responsável pelo valor. Relatou também que ainda não havia se adaptado ao “conjunto de construções de pedra” e que estava com saudades da floresta, do ar livre, de cavalos, gado, aves e cães. O clima em Buenos Aires não lhe era atrativo, porque a planície de La Plata liberava muita umidade deixando o ambiente abafado. Ele próprio se sentia cansado e sonolento (FISCHER, 31 maio 1935; 30 nov. 1935).

Na condição de jornalista com credenciais para transitar no meio artístico e apreciador de gêneros teatrais e musicais assistiu, na companhia de Charlotte, diversas apresentações no *Teatro Colón*, como as óperas *Don Carlos*, *O Anel do Nibelungo* e *Tannhäuser*, apresentadas por artistas alemães. Sobre a última, após assistir o ensaio final, Fischer escreveu ao diretor-geral Fritz Busch um breve texto no qual expressou que “do fundo do coração desejo que a apresentação de abertura inspire o público tão completamente quanto me inspirou ontem à noite [...] e que a apresentação seja outra folha de ouro na rica coroa de seus sucessos” (FISCHER, 08 ago. 1935). Desejou também que “as coisas amargas” que o diretor e o seu grupo tiveram que suportar na Alemanha fossem gradualmente dissipadas. Ainda sobre o drama musical apresentado em Buenos Aires, enviou correspondência a Fritz Busch, que havia retornado a Europa, externando que:

Será sempre uma boa lembrança às horas maravilhosas no Teatro Colón, passadas em sua companhia, que admiro como grande artista, como pessoa e como homem alemão, apesar do pouco tempo que o conheço. Raramente fiquei tão feliz com os sucessos de um homem e de um artista e participei tão profundamente deles como estou com os triunfos que você celebrou aqui em Buenos Aires. Você fez um trabalho cultural alemão, caro Dr. Busch que não

pode ser classificado o suficiente em suas dimensões (FISCHER, 30 nov. 1935).

Encerrou desejando a Busch o mesmo sucesso nas apresentações em Copenhague, na Dinamarca, para onde o grupo tinha ido e agradeceu o envio de um cartão postal e de uma fotografia quando da passagem deste pelo Rio de Janeiro.

Os novos rumos que seriam tomados por Fischer e pela companheira aparecem nas cartas enviadas a Hermann Freeden, a mãe de Charlotte e a Friedrich Wohlfarth, antigo vizinho, em Passarinhos. Na primeira, Fischer informou que dificilmente permaneceria em Buenos Aires, em 1937. Disse não se sentir saudável, pois o estilo de vida sedentário fez com que ganhasse muito peso; que estava muito nervoso, então pretendia buscar novamente a quietude e a tranquilidade da selva; e que, com muitos problemas, não era mais um prazer viver em Buenos Aires. Também disse que a capital argentina, em sua opinião, era o lugar ideal para se beber conhaque, por outro lado, à cultura alemã local era a pior que havia encontrado na América do Sul (FISCHER, 21 out. 1936).

Charlotte, por sua vez, escreveu para sua mãe informando que a ideia de ficar mais um ano não prevaleceu e que estavam “desmontando as barracas” em Buenos Aires. O plano dos dois era retornar ao Brasil, no início de janeiro, para lá construir o *Astendam*²⁵ (WOLLERMANN, 01 dez. 1936). Conforme seu relato a partida iria ocorrer antes do que fora originalmente planejado, pois

Martin tem problemas com algumas pessoas em seu emprego, mas pelo menos não com sua autoridade superior em Berlim. Hoje, porém, as coisas estão bastante complicadas aqui [...] a inveja, o ressentimento e a vaidade de todos os possíveis pequenos desejos não devem ser subestimados. Isso é típico da colônia alemã altamente elogiada em Buenos Aires, ah, infelizmente receio que isso seja típico da *Deutschtum* no exterior: um não passa para o outro a manteiga no pão! E como uma pessoa decente, você não está preparada para o jogo das intrigas (01 dez. 1936).

A expressão alemã *Deutschtum*, segundo Gertz (1998), pode ser traduzida como germanidade. Para Seyferth (1982), a ideia de germanidade está vinculada a questão da identidade étnica em qualquer grupo teuto. Constitui-se de elementos como a língua alemã, a preservação de certos costumes, as lembranças da pátria-mãe e a herança de sangue. Essas

²⁵ A expressão *Astendam* é encontrada na língua romena e significa “estou à espera”. Tratava-se de um lugar ainda não definido, mas que estava no imaginário de Charlotte Wollermann e Martin Fischer para reconstruir suas vidas.

representações, tomadas de uma concepção nacionalista que também motivou a segregação e o combate aos casamentos interétnicos, foram introduzidas nas comunidades por meio de instituições consideradas “alemãs”, como a igreja, a escola, a sociedade cultural e recreativa e a imprensa. O movimento germanista teve influência de lideranças intelectuais, sobretudo pastores, padres, professores e jornalistas. Ainda segundo Seyferth,

a *Deutschtum* representa a solidariedade cultural e racial do povo alemão [...] A nação é considerada fenômeno étnico-cultural e, por essa razão, não depende de fronteiras; a nacionalidade significa a vinculação a um povo ou raça e não a um estado. A cidadania, sim, liga o indivíduo a um estado e, portanto, expressa a sua identidade política. Por sua vez, a cidadania não alemã em nada impede que um descendente de alemães seja fiel à nacionalidade que herdou dos seus antepassados (1982, p. 45-46).

A partir da fundamentação teórica de que a germanidade está relacionada a preservação da língua alemã, aos costumes, ao nacionalismo e a solidariedade cultural, os alemães no exterior também construíram valores morais, comportamentais e de personalidade que precisam ser considerados. Segundo Anne Saint Sauveur-Henn (2010), depois de 1933, especialmente após a chegada de emigrantes judeus e exilados políticos, a divisão na comunidade alemã de Buenos Aires se acentuou. Formaram-se duas “aldeias”, a republicana e a nacionalista, cada uma com seu teatro, com sua escola e com seu clube. Alegando representar a verdadeira Alemanha os dois grupos excluíram-se mutuamente e cada um tinha seu próprio jornal: os nacionalistas e o NSDAP com o *Deutsche La Plata Zeitung* e os republicanos, os exilados judeus e socialistas com o *Argentinisches Tageblatt* (SAUVEUR-HENN, 2010). Portanto, o acentuado nível de exclusão, de tensão e conflito identitário no interior da comunidade alemã em Buenos Aires e a conduta pessoal inconstante de algumas pessoas do círculo de Fischer, podem ser apontados como motivos para a decisão dos dois de não permanecer mais na capital argentina.

Na correspondência para Wohlfarth, Fischer revelou que tinha uma grande novidade, mas solicitou que seu correspondente não revelasse a ninguém. Disse que, se nada impedisse, voltariam a se encontrar em Passarinhos em breve; que estava ansioso para visitar os “lugares antigos”, conversar com os amigos como nos “tempos passados”, com um “sólido

chimarrão”; e que iria “recuperar os nervos danificados” nas banheiras do balneário termal de Ilha Redonda²⁶ (FISCHER, 11 dez. 1936).

A direção do DNB em Berlim, segundo Wollermann, foi condescendente quanto à rescisão contratual de trabalho dos dois: Fischer deveria ficar até 15 de fevereiro de 1937, mas recebeu licença para se afastar em janeiro; no seu caso, como havia interposto um aviso há mais tempo, a rescisão foi rapidamente acertada. A exata localização do *Astendam* no Brasil, naquele momento ainda era incerta; primeiramente os dois iriam até Passarinhos, onde ficariam hospedados na casa de Carlos Culmey, depois iriam procurar alguma área de terras. Charlotte expôs para sua mãe que conheciam a região do Oeste de Santa Catarina e o seu clima e que se encontrassem algo adequado ficariam por lá, caso contrário, iriam para o Paraná (WOLLERMANN, 01 dez. 1936). Por sua vez, o planejamento da viagem e o itinerário estavam definidos, pois,

Se nada atrapalhar sairemos daqui no dia 3 de janeiro ao meio-dia, é um domingo. O trem parte às 13 horas. Então teremos que viajar durante a noite e ao meio-dia do dia 4 chegaremos a Paso de Los Libres. Um barco nos levará, juntamente com nossa bagagem pelo rio Uruguai e, em seguida, estaremos em solo brasileiro na cidade de Uruguaiana. De Uruguaiana continuamos de trem, novamente, por um dia inteiro até Santa Maria. Lá passaremos à noite e no dia seguinte (o quarto dia de viagem) chegaremos em Santa Bárbara. Na estação de trem, há uma conexão com os belos ônibus *Pullman* para Irahy três vezes por semana, e você não conhece Irahy, por assim dizer? São apenas 5 quilômetros até Passarinhos, para o Sr. Culmey [...] Ficaremos por lá brevemente, até que nossa bagagem chegue e esteja bem guardada, depois nos dirigiremos para a Ilha Redonda, onde sempre gostei, para curarmos nossos nervos danificados (WOLLERMANN, 26 dez. 1936).

Charlotte Wollermann concluiu sua carta dizendo que nos últimos dias manteve-se ocupada costurando meias, embalando coisas e encaixotando; que convites chegavam vindos de pessoas que ainda gostariam de ter um último contato com eles; que estavam deixando um grupo muito bom de amigos em Buenos Aires; e que os documentos necessários para a entrada no Brasil, como os certificados de vacinação, de saúde, de boa conduta e o visto brasileiro, haviam sido providenciados. Disse estar ansiosa pela “paz celestial lá fora”, pois, “o barulho infernal nessa caixa de pedra é insuportável e eu desfrutei dele por dois anos, dia e noite, sem intervalo [...] O barulho constante te dá nos nervos terrivelmente, pessoas ainda

²⁶ O Balneário Ilha Redonda, às margens do rio Uruguai, está distante 15 km de Palmitos (SC). A partir da década de 1920, quando foram construídos os primeiros hotéis, o local passou a ser cada vez mais frequentado por turistas que atribuíam as suas águas termais a cura para diversas enfermidades.

mais robustas que eu sofrem muito. Agora restam apenas oito dias, e acabou” (WOLLERMANN, 26 dez. 1936). A caixa de pedra, acima referida, implicava a urbanização de Buenos Aires, as edificações, os cenários e os ambientes materiais da cidade, acompanhada pela aglomeração populacional, pelo tráfego dos bondes e pelo trânsito crescente de veículos, causadores de uma atmosfera desconfortável. Conforme Sauveur-Henn (2010) Buenos Aires tinha 2,5 milhões de habitantes em 1936, o que representava 1/4 da população total da Argentina. A paz, então, significava viver fora da cidade, provavelmente sob uma tranquila paisagem campestre.

Para evitar problemas na transferência da bagagem, do lado argentino para o brasileiro, Fischer antecipadamente solicitou ajuda a Wollauf Marx²⁷, residente em Paso de Los Libres e a Arend Lang, vice-cônsul alemão em Uruguaiana. Em uma de suas correspondências para Marx, comunicou que a “carga” seria enviada para Paso de Los Libres, pelo rio Uruguai, pela Empresa de Transportes Fluviais Albuquerque & Cia. No entanto não queria que a bagagem, composta por nove caixas (seis grandes e pesadas e três pequenas) e um fardo com dois tapetes, fosse aberta porque havia empacotado com muito cuidado para o longo trajeto. Conforme Fischer,

Não me importo que as pessoas da alfândega recebam um aperto de mão decente em papel. Contudo, não posso e não quero escrever isso ao Sr. Lang, porque, afinal, ele é o representante do Reich, com quem não se especifica oficialmente essas coisas por escrito. Gostaria de pedir, nesse sentido, que você o informasse sobre a mão. Assim que a bagagem for despachada, darei ao Sr. Lang uma declaração de honra de que não há armas, munições ou literatura comunista na bagagem [...] Os numerosos livros fazem parte das minhas ferramentas como jornalista (FISCHER, 10 dez. 1936).

Em outra carta, declarou que ele e Charlotte ficariam “muito felizes” se pudessem encontrá-lo na estação de trem e anteciparam agradecimentos pela ajuda na questão da bagagem. Informou também que estava levando em mãos quatro malas grandes, duas malas pequenas e uma caixa com a máquina de escrever e o gramofone. Esperava conseguir dois quartos no Hotel Paris de Uruguaiana, um para acomodar a “carga”, o outro para descansar dos rigores da viagem de trem (FISCHER, 23 dez. 1936).

Numa das correspondências para Hermann Heinz Hell, Fischer escreveu que até 31 de dezembro de 1936 cumpriu com “fidelidade” suas atividades no *Deutsches Nachrichtenbüro*

²⁷ A pesquisa não encontrou informações sobre Wollauf Marx, apenas que não fazia muito que estava morando em Paso de Los Libres. Por sua vez, sua mãe residia em Buenos Aires e havia visitado Fischer e Charlotte no mês de novembro de 1936.

(DNB). Nesta data, também renunciou ao NSDAP. Sobre esse assunto relatou que nos dois anos em que viveu na capital argentina conheceu a fundo toda a falsidade interna do Partido Nazista e toda a falsidade “descarada” de sua liderança²⁸. Conforme Fischer,

Um mundo me separa desses canalhas que, sob o pretexto de que se trata do povo alemão, exploram e chantageiam seus concidadãos da forma mais criminosa. Não quero ter mais nada a ver com todo esse lixo. Minha declaração de demissão foi breve, mas clara (FISCHER, 25 fev. 1937).

Dois anos depois de sua saída de Buenos Aires, Fischer enviou carta ao jornalista Hans Bayer, representante do DNB, no Rio de Janeiro, na qual descreveu várias situações vividas, inclusive aquela considerada como a principal causa para a rescisão do contrato com a agência de notícias e a desfiliação junto ao NSDAP. Afirmou que sempre trabalhou com autonomia e seriedade no escritório do DNB em Buenos Aires, no entanto, eram lamentáveis os erros cometidos em Berlim em relação às notícias que enviava. Por exemplo, trocas de acontecimentos que ocorreram em Buenos Aires pelo Rio de Janeiro e a inversão do nome das capitais dos países sul americanos. Fischer teria escrito ao DNB/Berlim, com certo cinismo, que o nome dos países da América do Sul e suas respectivas capitais eram ensinados no ensino fundamental, contudo, nunca deu grande importância a isso como um problema grave, pois sabia que seus conterrâneos em Berlim superestimavam suas capacidades e “se consideravam muito inteligentes, como autoridades superiores” (FISCHER, 03 jan. 1939).

Fischer relatou a Bayer que os graves ferimentos de guerra lhe afetaram muito no decorrer dos anos e que o trabalho criterioso e difícil em Buenos contribuiu para a precarização de seu estado de saúde. Segundo ele, “tinha dias em que eu simplesmente não aguentava mais; mas cumpri meu dever ao máximo e teria permanecido em meu posto até o fim, como convém a um velho soldado” (FISCHER, 03 jan. 1939). No entanto, o que precipitou sua decisão quanto à desistência em permanecer na Argentina foi à relação conflituosa com Willy Köhn, na época um importante chefe do NSDAP e comissário estrangeiro do partido para os países sul-americanos. Köhn, por meio dos inúmeros relatórios que produzia, possuía um canal direto com Ernst Wilhelm Bohle, chefe da *Auslandsorganisation der Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei* (Organização para o

²⁸ A desfiliação do NSDAP motivada pela “falsidade da organização partidária”, também foi abordada na correspondência para Hans Bayer. Ao se referir aos chefes do partido, Fischer disse que não passavam de “macacos de duas patas” (FISCHER, 25 fev. 1937).

Exterior do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães)²⁹ e com Rudolf Hess, o *Vice-Führer* e o terceiro homem mais poderoso da Alemanha, atrás de Hitler e Hermann Göring. Segundo Fischer, no entanto, ele não passava de um “canalha”, “covarde”, “dissimulado”, “sem consideração”, “um sujeito da pior espécie” (FISCHER, 03 jan. 1939).

Na mesma carta, Fischer se referiu a uma declaração de Köhn, que acabou provocando um conflito entre os dois. O desentendimento aconteceu após uma viagem de Köhn ao Rio de Janeiro, onde conheceu Bayer. De volta a Buenos Aires teria comentado nas repartições da Embaixada Alemã que o representante do DNB no Brasil era um judeu. Em defesa do colega jornalista Fischer relatou que,

Eu disse a ele que isso estava fora de questão, pois, como representante da imprensa, você teria que fornecer evidências de descendência ariana. Então ele disse que estava tudo bem [...] mas ninguém conseguiu convencê-lo de que você não era judeu. Quando ele, então, fez a declaração atrevida e mesquinha de que quem sabe alguma bisavó sua poderia ter tido um caso [com um judeu], então houve uma briga entre nós (FISCHER, 03 jan. 1939).

No século XIX o termo ariano foi utilizado para identificar os povos indo-europeus que se estabeleceram na Índia, Pérsia e Europa, milhares de anos antes. A classificação se deu, inicialmente, pela semelhança entre a maioria das línguas europeias com o sânscrito e o persa. Mais tarde, intelectuais raciais, como o francês Arthur Gobineau (1816-1882), usaram o termo se referindo a uma etnia ou raça. Por sua vez, o britânico Houston Stewart Chamberlain (1855-1927) difundiu a ideia de que os arianos eram superiores aos outros povos. Na década de 1920, Adolf Hitler e os ideólogos do Nacional-Socialismo adaptaram a expressão a sua ideologia e promoveram a crença de que os alemães pertenciam à “raça superior ariana”. O termo não ariano foi atribuído, principalmente, aos judeus (povo de linhagem étnica semita), apontados como a principal ameaça racial aos alemães (ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO, 2021).

29 Fundada em 1931 a Organização para o Exterior do NSDAP, na sua forma abreviada AO/NSDAP, foi um departamento do Partido Nazista incumbido de estruturar formalmente a organização partidária em outros países e difundir a ideologia nazista entre os cidadãos alemães. A organização deveria também promover o conceito de cidadania baseado no sangue e na raça, o boicote aos judeus e o recrutamento de voluntários em caso de guerra (LUCAS, 2011). Dentre as atividades estavam os festejos de datas do calendário nazista, encontros da comunidade alemã e divulgação dos ideais do partido em programas de rádio e na imprensa alemã de orientação nazista (DIETRICH, 2007).

Fischer teria sido ameaçado com a abertura de um inquérito disciplinar. Não se intimidou e disse que iria aguardar o desenrolar do mesmo para se defender e contestar as acusações feitas por Köhn ao seu colega. Pesou nesse contexto, a suspeita de que Köhn queria indicar outra pessoa para o DNB no Rio de Janeiro, mas, para isso, era preciso tirar Bayer do cargo. Em meio a essa situação chegou um decreto do NSDAP, segundo o qual todos os funcionários de estatais e da Embaixada alemã em Buenos Aires deveriam prestar o juramento de Hitler, nesse caso, aos líderes nomeados por ele. Sobre isso, escreveu para Bayer o seguinte:

Eu prestar juramento por Köhn? Escrevi a Berndt e informei-o de que, se eu tivesse que prestar o juramento por Köhn, renunciaria ao partido. Berndt respondeu que eu seria demitido do DNB, sem aviso prévio, se não fizesse o juramento [...] Imediatamente após receber a carta de Berndt, tive vontade de jogá-la fora porque Deus sabe que não procurei o emprego em Buenos Aires. Na verdade fiz sacrifícios consideráveis na minha pequena fazenda, que estava apenas começando, um projeto rentável esbanjado para atender ao chamado de Berndt para Buenos Aires [...] Então esse é o Partido? Essa é a sua verdadeiro face? Devo abrir mão de minha liberdade interior por quaisquer benefícios materiais? [...] Tirei minhas conclusões sobre o assunto, pedi demissão do DNB e anunciei minha saída do partido. Não tenho nada em comum com esses espíritos e nem quero [...] Antes de me permitir ser forçado a fazer algo que não posso justificar em minha consciência, prefiro ser um lavador de pratos (FISCHER, 03 jan. 1939).

Ainda nessa carta afirmou que sempre se opôs ao fato do Partido Nazista manter organizações no exterior e que a presença do mesmo, neste caso, em países da América do Sul, somente gerou atritos e provocou a divisão entre os alemães. Para Fischer, muitos dos chefes do partido eram “existências fracassadas”, que de outra forma não teriam como progredir e que o partido e a sua natureza foram “pervertidos por esses líderes”. Em vez de uma intencional união de todos os alemães do Reich, o único resultado foi o aprofundamento da divisão. Concluiu afirmando que não estava, de forma alguma, contrariado; que estava se sentindo muito bem desde que voltou para a floresta em 1937; e que também não fazia questão de saber o que estava acontecendo em Buenos Aires (FISCHER, 03 jan. 1939).

Cinco anos depois de ter deixado o DNB e se desligado do Partido Nazista, Fischer voltou ao assunto em carta enviada a Christian Grotewold, amigo e jornalista do *Deutsche La Plata Zeitung* (Jornal Alemão La Plata), de Buenos Aires. Escreveu que em 1936 poderia ter afrontado Willy Köhn, pois este não estava em posição de lhe prejudicar. No entanto, o “caso Köhn” lhe ensinou que todo o sistema estava “podre de dentro para fora” e que a nomeação do líder nazista para Buenos Aires tinha sido um erro. Disse que Köhn era um “criminoso”, um “verme” e que na época estava sendo acobertado por Bohle e por Hess porque “sabia

demais”. Conforme Fischer, o caso só fez aumentar sua criticidade em relação ao partido e a desconfiança em relação a Hitler. Ressaltou que, se por um lado não se deixou seduzir pela propaganda e não se deixou intimidar pelo terror, por outro se sentiu enganado, pois a sua “boa-fé” e confiança foram “vergonhosamente exploradas”. Alegou também que 90% do povo alemão não tinha ideia do que realmente era o regime nazista (FISCHER, 23 jan. 1941). Apesar da renúncia ao Partido Nacional-Socialista que, segundo Fischer, estava corrompido em seu interior, cerceava a liberdade das pessoas e intimidava uma população pelo terror, é impossível saber qual a profundidade desse desligamento. A Figura 6 apresenta alguns acessórios com a suástica nazista que pertenceram a Martin Fischer. Esses acessórios o acompanharam em todas as suas mudanças, ou seja, Buenos Aires, Iraí e depois Ijuí. Em 1984, sua companheira Charlotte Wollermann os deixou, juntamente com o restante de seu acervo pessoal, no Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP). Trata-se de bens simbólicos que foram guardados por Fischer, manifestados por uma dimensão identitária de um período de sua vida e cuja memória está neles contida. Se Fischer precisava desses acessórios é uma pergunta que ficará sem resposta, porém, o fato de não tê-los descartado é porque movimentavam seus sentimentos, os quais podiam ser de atração, indiferença ou repulsão.

Figura 6 – Acessórios que pertenceram a Martin Fischer



Fonte: Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP)

2.3 – O *Astendam* em Iraí e a agroindústria colonial

Antes de fazer parte das Rotas Turísticas das “Águas e Pedras” e das “Gemas e Joias”, a área que compreende o município de Iraí, foi também chamada de Colônia Guarita, Fontes do Barreiro do Mel, Águas do Mel, Cruzeiro do Sul e Irahy. Em meados do século XIX, a região era habitada por indígenas Kaingang³⁰, mas a expressão Irahy, de onde deriva o nome do município, vem de dois vocábulos da língua tupi-guarani: ira (mel) e hy (água). No livro *Iraí: cidade saúde*, Martin Fischer apresentou a seguinte descrição:

Pois neste recanto às margens do majestoso Rio Uruguai, é um dos poucos lugares em todo o Rio Grande do Sul, onde ainda se pode achar a natureza em virgindade incólume, e onde ainda há o porco do mato e o bugio, e onde também podemos encontrar, em desertos atalhos, índios caçadores, usando suas armas primitivas. Não são mais aqueles rapazes cor de bronze que antes percorreram as vastas matas, os verdadeiros senhores do sertão: os de hoje são, por assim dizer, “lambidos” pela civilização (1954, p. 9).

Descreveu os Kaingang como homens e mulheres que “vestem camisas, calças e até usam chapéu, da maneira de homens civilizados”, mas que “preferem a caça de arco e flecha, como fizeram seus ancestrais há centenas ou milhares de anos” (FISCHER, 1954, p. 9). Sobre os Kaingang, das décadas de 1930/40, também relatou que

as mulheres carregam crianças e utensílios, geralmente em cestos que são trazidos às costas, presos à testa por uma cinta, de maneira que todo esforço recaia sobre esta. Locomovem-se com rapidez espantosa e, mesmo nos dias mais quentes de verão, percorrem longas distâncias em tempo muito curto [...] Durante a temporada dos banhos constroem nas redondezas uns míseros ranchinhos que, entretanto, satisfazem plenamente suas modestas aspirações, vivendo eles da “indústria para o turismo” (1954, p. 13).

30 Etimologicamente, Kaingang significa “povo do mato” e segundo a classificação linguística esse grupo pertence à Família Jê do Tronco Macro-Jê. O povo Kaingang, descendente dos Guaianás ou Caaguás, habita há séculos o sul do Brasil. Devido ao seminomadismo, se dispersou pelo Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e o sul de São Paulo (SANTOS, 1970). Os primeiros contatos “amistosos” de grupos Kaingang com a sociedade luso-brasileira ocorreram no início do século XIX, na região de Guarapuava, no Paraná. Por sua vez, os últimos grupos contatados amistosamente foram os Kaingang da região dos rios Feio e Aguapeí, em São Paulo, em 1912 (D’ANGELIS; VEIGA; 1998). Conforme a análise de Santos (1970), a interação dos Kaingang com os “colonizadores” ocorreu através de sucessivas frentes de expansão: primeiramente a pastoril, posteriormente à extrativa e, a partir de 1920, a agrícola. O “ganhar da vida” dos Kaingang, nos estados do Sul, se fez na maior parte dos casos por meio da colheita da erva-mate, no entanto, segundo Baldus (1979), a partir da década de 1930, também passaram a fazer artesanato para venda. Segundo os dados do Censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 677 Kaingang ocupavam o Toldo Rio do Mel, em Iraí, localizado às margens do Rio do Mel até a barra no rio Uruguai, uma área de quase 280 hectares e o artesanato representava 90% de suas atividades econômicas.

Conforme Fischer, eles ofereciam para venda várias espécies de animais, como filhotes de macacos e de quatis; tucanos, papagaios e caburés³¹; também, arcos, flechas, chapéus, leques, cestos e esteiras trançados de palha. Os indígenas deixavam-se fotografar sem a “menor estranheza”, pois compreenderam ser uma “curiosidade” para os turistas. Por fim, observou que

Não só pedem e conseguem “preços de raridade” exorbitantes para seus produtos, como também fabricam seus artigos com muito menos cuidado de que empregam naqueles que usam em sua própria domesticidade. Vão mesmo à falsificação, usando tintas compradas nos armazéns em vez de tintas naturais, que, logicamente, lhes causam maior trabalho na sua procura e preparação [...] Haverá, entretanto, quem possa zangar-se com estas maneiras dos filhos da natureza? Ao contrário, deve-se querer bem a esta gente modesta, gentil, pacífica e de forma nenhuma estúpida. E a quem ganhou sua confiança, mostram certa afeição e lealdade (FISCHER, 1954, p. 13-14).

Martin Fischer revelou uma imagem dos indígenas a partir de percepções com base em valores culturais, pré-conceituais e morais de sua formação europeia. As expressões “lambidos pela civilização”, “da maneira de homens civilizados” e “de forma nenhuma estúpida”, reforçaram a concepção que via como atrasada a cultura kaingang. A introdução do vestuário europeu é um exemplo de que hábitos e costumes estariam em processo de mudança. Por sua vez, a adulteração de matérias-primas utilizadas na produção e a maneira como os índios negociavam seus produtos a preços “exorbitantes”, não podem ser creditadas como atitudes inescrupulosas apenas aos indígenas. Por meio de observações advindas do contato com os colonizadores europeus, eles acabaram desenvolvendo uma lógica comercial própria. Perceberam que poderiam promover vendas mais lucrativas para seus produtos, sem se importar com a origem das tintas, para uma arte que lhes era exclusiva, típica e natural e que os colonizadores não desenvolviam. Quanto à expressão “filhos da natureza”, esta foi retirada por Fischer da representação do indígena na literatura romântica brasileira da década de 1930.

A ocupação da região de Iraí por outras populações, que prosseguiram a história, teve início durante a Revolução Federalista (1893-1895), quando um grupo de aproximadamente 200 pessoas, provenientes de Cruz Alta, buscou refúgio nas encostas das matas às margens do rio Uruguai. O grupo era partidário da revolução e estava sendo ameaçado pelas ações do

³¹ Caburé é uma espécie de coruja encontrada desde o sul dos EUA até a Argentina. O senso popular acreditava ser portadora de boa sorte.

governo. Em uma de suas incursões de caça e pesca, encontraram, às margens do rio do Mel, um afluente do rio Uruguai chamado assim em função das numerosas colmeias de abelhas, um pântano com várias fontes de águas quentes que emergiam do solo com grande força. Estavam descobertas as *Fontes do Barreiro do Mel* (FISCHER, 1954).

Encerrada a revolução, a maioria das famílias retornou a Cruz Alta, mas algumas permaneceram na região. Estas difundiram a existência das águas termais e teve início, então, uma sistemática ocupação por colonizadores, sendo que os primeiros teriam vindo de Caxias do Sul e Guaporé (RS). Em 1917, o governo do estado instalou a Comissão de Terras e Colonização em Palmeira das Missões, com o objetivo de organizar a ocupação efetiva da região norte. Após a fundação oficial da *Villa das Águas do Mel*, em 1916, diversas levas populacionais chegaram à região, com o predomínio das de origem italiana, seguidas de alemães, poloneses, russos e luso-brasileiros. O nome Irahy³² passou a ser usado em 1920, para designar o 2º Distrito de Palmeiras das Missões. As vendas dos lotes rurais, pela Comissão de Terras, estendeu-se até 1929, cada um com 25 hectares, negociados a preços acessíveis e a prazo. Muitos dos que adquiriram terras quitaram suas dívidas através da venda das madeiras de árvores nobres que eram levadas à Argentina através do rio Uruguai (PREFEITURA MUNICIPAL DE IRAÍ, c. 2017).

Três anos após a emancipação político-administrativa, ocorrida em 1933, Martin Fischer e Charlotte Wollermann chegaram a Iraí, um município com cerca de dois mil habitantes, mas cuja evolução justificava as melhores expectativas. O número de pessoas que afluiu a Iraí à procura de terras pode ser relacionado com suas fontes termais³³. Sobre esse assunto, Fischer esclareceu que:

O desenvolvimento progressivo da estação balneária trouxe como consequência natural que se tivesse que dar maior atenção aos banhistas e, por isso, desde cedo surgiu uma quantidade de hotéis. No decorrer do decênio 1923-1933 estes hotéis foram consideravelmente aumentados e melhorados, modernizados conforme as exigências dos tempos [...] Também as casas comerciais cresceram, ficando os negócios mais sólidos e começaram a adaptar-se à estação anual [...] A indústria não passava de diminutas tentativas. Em melhores condições estavam os ofícios; chegaram à vila ferreiros, carpinteiros, marceneiros, alfaiates, sapateiros e seleiros (1954, p. 30).

32 Seguindo as determinações do Acordo Ortográfico Luso-Brasileiro, implantado em 1941, passou a ser usada a grafia "Iraí".

33 As fontes de Iraí brotam de rochas melafíricas, umas no fundo e outras às margens do Arroio do Mel, um afluente do rio Uruguai. Das oito nascentes três são mesotermiais, com temperatura entre 33 e 36° C e as demais hipotermiais, com temperatura entre 25 e 33° C (MARIANTE, 1934, p. 124-125).

O maior fluxo de banhistas se dava durante os meses de verão, que buscavam a estação hidromineral atraídos pelo valor terapêutico e certas propriedades das águas minerais difundidas por “alguns segmentos urbanos que endossavam o êxito dos tratamentos com base na hidroterapia” (CORREA, 2010, p. 173). Em 1927, o médico Heitor Silveira apresentou a Faculdade de Medicina de Porto Alegre a tese *A Estância de águas minerais de Iraí e suas indicações e contra-indicações terapêuticas*, na qual defendeu que

a água mineral de Iraí teria propriedades que minimizavam tensões neuropsíquicas, tonificavam músculos e tratavam estresse, revigorando funções físicas e mentais. Além disso, ela ajudaria na aceleração do metabolismo celular, eliminação do ácido úrico, estimulação de secreções internas, regularização da pressão sanguínea, além de possuir ação diurética, antialérgica e sedativa, com melhoria do sono, podendo ser benéfica, sobretudo, para o organismo de pessoas nervosas, neurastênicas ou que sofriam de insônia (CORREA, 2010, p. 172-173).

Nas décadas de 1930 e 1940, Iraí, juntamente com Araxá e Poços de Caldas, em Minas Gerais e Tubarão, em Santa Catarina, eram referências brasileiras de estações hidrominerais, cuja divulgação era realizada por meio de jornais e revistas da época. Curistas de diversas partes do estado e do país, também da Argentina, do Uruguai e do Chile, passaram a frequentar o balneário e os hotéis de Iraí. Em comparação com a estância termal de Poços de Caldas, Thomaz Mariante (1934) descreveu Iraí com instalações ainda modestas. Segundo ele, “a precariedade dos meios de transporte, a falta de bons hotéis e a dificuldade na organização do regime alimentar dos aquáticos se constituíam em elementos negativos e diminuía as possibilidades nas indicações clínicas das águas de Iraí” (MARIANTE, 1934, p. 126). Na análise que fez na época, argumentou que para uma estação termal progredir era necessário que também fosse “um centro de turismo, onde o viajante rico possa encontrar hotéis confortáveis, alimentação agradável, diversões e passeios e o pobre habitação higiênica e alimentação sadia” (MARIANTE, 1934, p. 126).

Como os turistas ficavam vários dias ou semanas os jogos de apostas ou jogos de azar foram incorporados a sua recreação e se tornaram imprescindíveis. Em 1941 foi inaugurado o Cassino Guarani, uma “tendência internacional de ampliar as atrações turísticas dos balneários” (CORREA, 2010, p. 170). Em levantamento feito por Fischer (1954), baseado em estatísticas oficiais, a partir de 1941 o município de Iraí teve um incremento no número de turistas, nos banhos e na renda anual arrecadada em decorrência da abertura do cassino. No entanto, com a criminalização dos jogos de azar no Brasil, em 1946, o Cassino Guarani foi fechado. Na década de 1940, também, “a companhia aérea Varig chegou a estabelecer uma

linha entre Porto Alegre e Iraí, porém, com o refluxo decorrente do fechamento do cassino, deixou de voar para o norte do estado” (CORREA, 2010, p. 173).

*

Poucos dias antes da saída de Buenos Aires, Charlotte Wollermann escreveu para sua mãe que iriam retornar a Passarinhos. O objetivo era adquirir um lote de terra as margens do rio Uruguai, preferencialmente “aberto e limpo”, conforme o conhecimento que tinham da localidade. Então, “vamos procurar um lugar para morar, nosso *Astendam* [...] Tenho em mente alguns lotes que estavam disponíveis naquela época [...] Se ainda houver algo para comprar, então deve ser um desses” (WOLLERMANN, 26 dez. 1936).

Em carta anterior, também enviada à mãe, Charlotte descartou a possibilidade de irem à *Colônia Roland* (Rolândia), próxima de Londrina, no Paraná, onde possuíam uma área, adquirida há pouco tempo³⁴. Mesmo contando com aspectos positivos como as proximidades de um centro urbano maior, recursos médico-hospitalares e meios de locomoção (trem e ônibus), havia, segundo Wollermann, muita coisa desagradável em Rolândia:

os alemães são todos barulhentos uns com os outros, além disso muitos não-arianos [judeus] foram deportados para lá e, finalmente, o pior é a febre amarela [...] por isso perdemos o interesse na terra lá em cima e queremos procurar outra coisa. Além disso, todos os queridos não-arianos têm fortunas, de modo que os salários dos criados e das criadas aumentam imediatamente, e os mortais comuns podem ver como eles fazem isso. Não, de fato, brincadeira à parte, os preços lá são muito mais altos do que em torno do rio Uruguai (01 dez. 1936).

Em sua carta, Charlotte usou de ironia quando utilizou a expressão “queridos não arianos” ao se referir aos judeus ricos que migraram para a Colônia Roland, responsáveis por inflacionar o salário de serviços³⁵. Ao mencionar o termo “não ariano” deliberadamente estava reproduzindo o preconceito racial disseminado na Alemanha, nesse período, de que os elementos desse grupo eram inferiores.

Conforme Felipe C. Abal em seu livro *Nazistas no Brasil e extradição*, apesar do antissemitismo na Alemanha ser um fenômeno antigo, a perseguição dos judeus evoluiu e se tornou cada vez mais radical após a chegada dos nazistas ao poder, em 1933. A política

34 Na correspondência enviada a Hermann Heinz Hell, Fischer compartilhou que a desistência dos planos de Roland foi motivada não somente pelo temor da malária e da febre amarela, lá existente, mas por causa da desastrosa administração da colônia por parte de Oswald Nixdorf. Disse que iria para o Paraná em breve para vender suas terras (FISCHER, 25 fev. 1937).

35 Segundo Groh (2009), entre 80 e 120 famílias de origem judaico-alemã se estabeleceram na Colônia Roland.

nazista concentrou esforços em forçar a emigração dos judeus residentes na Alemanha, então “judeus ricos que possuíam meios de pagar para se refugiar em outro país obtinham permissões para sair do Reich” (ABAL, 2014, p. 34). Ainda, segundo Abal, “de março de 1938 a setembro do mesmo ano, portanto, antes do início da guerra, 45 mil judeus deixaram a Áustria e 19 mil fugiram da Alemanha” (2014, p. 34).

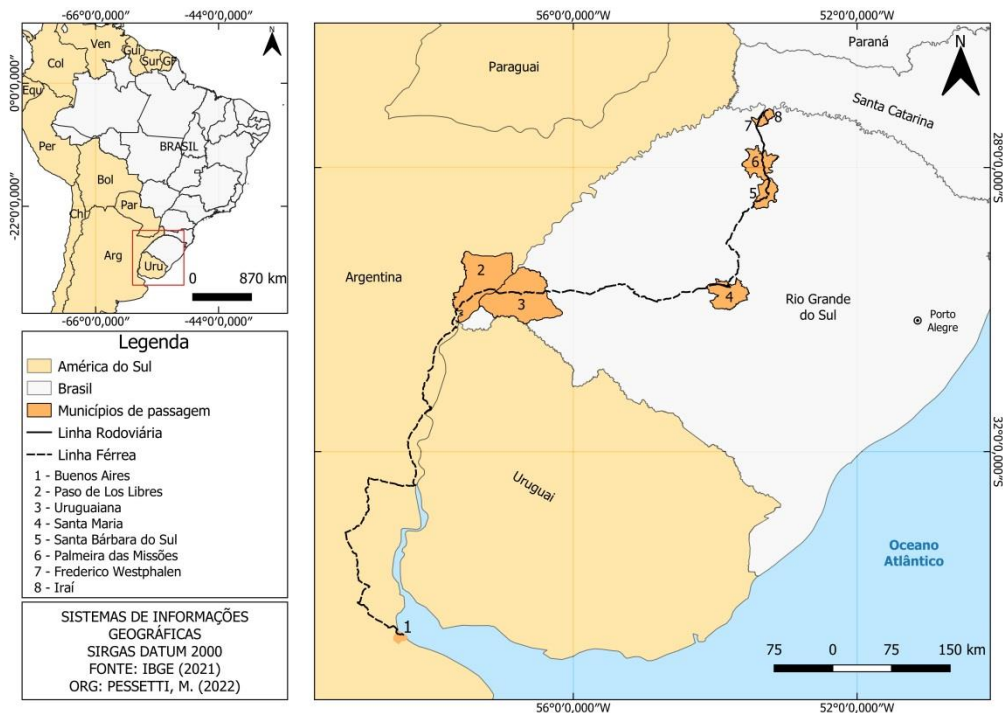
Talvez, para tranquilizar a mãe quanto à indefinição do local aonde iriam se estabelecer, Charlotte Wollermann comparou o tamanho do Brasil com a Alemanha e a relação de habitantes de um país e outro. Depois disse que iriam encontrar um pedaço de terra para “seguir em frente” e serem felizes. Relatou que não estava sozinha, que Fischer há cuidava o tempo todo e que não estavam empreendendo uma aventura, mas que tudo havia sido cuidadosamente considerado (WOLLERMANN, 01 dez. 1936). Com a mesma incerteza, também, Martin Fischer enviou correspondência ao *Versorgungsamt I* (Escritório de Previdência I), em Berlim. Nela declarou que em 31 de dezembro de 1936 estaria se desligando do *Deutsches Nachrichtenbüro* e, nos dias seguintes, estaria deixando Buenos Aires. O novo endereço ainda não estava definido, todavia o destino seria o Brasil. Assim que tivesse uma residência definitiva informaria o escritório (FISCHER, 29 dez. 1936).

O itinerário que Fischer e Charlotte fizeram até Iraí, na viagem que iniciou no dia 03 de janeiro de 1937, na Estação *La Croze*, em Buenos Aires, está descrito na Figura 7. O percurso de trem de 750 quilômetros, até Paso de Los Libres, foi concluído na tarde do dia seguinte, onde foram recebidos pelo amigo Wollauf Marx. Ele e o vice-cônsul alemão em Uruguaiana “havia preparado tudo de maneira muito amigável, para que a passagem do lado argentino para o brasileiro fosse realizada sem problemas e toda a enorme bagagem passou para Uruguaiana sem ser revistada” (FISCHER, 07 fev. 1937). Na manhã de 06 de janeiro pegaram o trem para Santa Maria. Conforme o relato de Fischer, “a viagem não foi muito agradável, mas o pensamento de que estávamos de volta ao nosso amado Brasil nos permitiu passar pelo pequeno inconveniente” (FISCHER, 07 fev. 1937). Passaram a noite em Santa Maria, hospedados no Hotel *Pharol* que, segundo Fischer, “sempre foi bom e recomendável, mas que se transformou em um chiqueiro” (FISCHER, 07 fev. 1937). Na manhã do dia seguinte, também de trem, subiram a serra “com vistas pitorescas” que teria compensado o pernoite desconfortável em Santa Maria. Percorreram o *Riograndenser Kamp* e chegaram às 3 horas da tarde em Santa Bárbara (FISCHER, 07 fev. 1937). Ainda segundo Fischer,

A viagem de Santa Bárbara a Iraí não foi muito agradável, porque os caminhões andam muito rápidos e não deixam absolutamente nenhum

buraco na estrada [...] Você precisa se segurar por seis horas, caso contrário corre o risco de bater com a cabeça no teto do caminhão (07 fev. 1937).

Figura 7 – Itinerário da viagem de Buenos Aires (ARG) até Iraí (RS) – 1937



Fonte: IBGE (2021); Mateus Pessetti (2022).

*

Conforme Regina Weber, “a imigração é um tema universal, pois, seja qual for o período histórico que estivermos enfocando, sempre constataremos habitantes de um lugar movendo-se para outro” (2006, p. 236). Para Frederik Schulze, é parte do “processo de globalização cujo primeiro auge ocorreu no final do século XIX” (2014, p. 2). No Brasil, a imigração teve início no século XVI a partir do estabelecimento de um sistema relativamente organizado de ocupação. Vieram inicialmente os portugueses, seguidos de africanos, espanhóis e franceses. O processo de imigração intensificou-se a partir de 1808 quando um número expressivo de outros grupos europeus chegou ao Brasil, dentre eles italianos, alemães, poloneses e russos. A imigração alemã para o Rio Grande do Sul, durante os séculos XIX e XX, foi abordada por diversos autores. Alguns deles, como Roche (1969) e Willems (1980), constituem o campo historiográfico mais tradicional sobre a imigração alemã e em seus trabalhos trouxeram uma percepção idealizada e até mesmo romantizada do processo migratório ao veicular a imagem dos imigrantes como a de colonos que desbravaram a selva com muito sacrifício. Em suas obras também destacaram o caráter empreendedor, construtivo

e associativista dos imigrantes em setores econômicos, educacionais, religiosos, culturais e recreativos. No entanto, não é com essa compreensão de imigrante e de colonização no sul do Brasil que Martin Fischer deve ser identificado. Ele foi sim um imigrante, no entanto, não envolvido em alguma corrente migratória ou em alguma política de colonização. Ele veio por iniciativa própria e com recursos para investir em atividades agrícolas. Por isso, sua história é distinta dos milhares de imigrantes que se tornaram pequenos agricultores.

Ainda não havia passado um mês, desde o seu retorno ao Brasil, quando Fischer enviou carta para Wollauf Marx, em Paso de Los Libres, relatando suas primeiras ações e os planos para o futuro³⁶. Disse que tinha alugado, como residência temporária, uma pequena casa na vila Passarinhos e que estava negociando a compra de 34 hectares de terras, cinco quilômetros ao norte da sede do município de Iraí, na margem esquerda do rio Uruguai, onde iria construir residência própria e cultivar cana-de-açúcar. Mencionou também que se associou ao vizinho Roberto Konrad Dreher numa pequena indústria de derivados da cana-de-açúcar e que em breve iriam comprar novos equipamentos a fim de colocar as operações em uma “base” maior e “mais lucrativa” (FISCHER, 22 jan. 1937). Fischer tinha noção de que a agricultura sozinha não era promissora, por isso optou pela sociedade na pequena indústria capaz de gerar uma renda adicional. Conforme relatou em várias correspondências, o cultivo da cana-de-açúcar era um projeto que estava estudando há muito tempo. No entanto, primeiramente, precisava revitalizar os “nervos danificados” e se recuperar totalmente, porque Buenos Aires ainda estava “presa” a ele e aos seus ossos. Atribuiu a “beleza paradisíaca do Vale do Uruguai”, o silêncio, a “calma celestial” e o cuidado dispensado pela companhia Charlotte, como fatores para sua recuperação (FISCHER, 22 jan. 1937; 21 set. 1937).

Nas correspondências enviadas para Christian Grotewold e Hermann Heinz Hell, em Buenos Aires e para Hermann von Freeden, em Berlim, Fischer forneceu mais detalhes sobre a área adquirida em Iraí, o período inicial e a breve sociedade com seu vizinho. Sua propriedade situava-se em frente à localidade de Passarinhos, na outra margem do rio Uruguai e diagonalmente acima das terras de Carlos Culmey; por sua vez a colônia do sócio Roberto

36 Martin Fischer enviou quatro correspondências para Wollauf Marx. Nas três primeiras, quando ainda estava em Buenos Aires, tratou sobre o traslado da bagagem de Paso de Los Libres a Uruguaiana, pelo rio Uruguai, quando da mudança para o Brasil. Nesta, que foi a primeira carta que Fischer escreveu de Iraí, entre todos os seus correspondentes, além de relatar os primeiros empreendimentos, agradeceu a intermediação para que sua bagagem entrasse no Brasil em segurança; lembrou a despedida, tarde da noite, no pátio do Hotel Paris, em Uruguaiana; e justificou que não escreveu antes porque estava se recuperando da cansativa viagem (FISCHER, 22 jan. 1937).

Dreher lhe fazia divisa. Economicamente, a região era menos desenvolvida que a de Londrina, onde se localizava a Colônia Roland e o lado catarinense era consideravelmente pior que o rio-grandense. O rio Uruguai, com 660 metros de largura onde passava a balsa representava um obstáculo ao fluxo do comércio, pois a travessia de balsa pressionava todos os produtos, tornando-os mais caros. Todavia, sua colônia, dispunha de um mercado de vendas profícuo na “próspera cidade termal de Iraí”. Destacou que as fontes termais eram a cada ano mais visitadas e que os hotéis ficavam lotados; então, “os agricultores tiram tudo de suas propriedades, para que não haja falta de produtos para os hotéis e para o comércio” (FISCHER, 25 fev. 1937).

Logo que adquiriu sua área rural iniciou o trabalho de derrubada de parte da floresta a fim de abrir espaço para a construção das benfeitorias: a casa principal, os galpões, os currais e o galinheiro. Da casa alugada em Passarinhos, durante três meses, os dois atravessaram o rio Uruguai para trabalhar na recém-adquirida colônia, ao lado da fábrica. Segundo Fischer, Charlotte remava bem, de modo que não precisavam mais do que dez minutos para chegar ao outro lado. No dia 08 de abril se mudaram para a “casa de emergência”³⁷, então o gerenciamento de até 15 pessoas envolvidas nas construções pode ser melhor executado. Relatou que no intervalo de dez meses tinha cercado o poteiro, o espaço da casa e o jardim; que ampliou a área de plantio de cana-de-açúcar, mas em breve uma área maior de floresta seria derrubada para o cultivo do produto; que negociou um terceiro cavalo e vários porcos em uma liquidação; que possuía oito reses, entre touros, bois e vacas e alguns novilhos que estavam sendo engordados; que “perambulavam” cerca de cinquenta galinhas; e que existiam várias frutíferas, como bananas, laranjas, figos, abacaxis e nozes. Mencionou que Charlotte, às vezes, passava por momentos difíceis no preparo da alimentação dos funcionários, mesmo com a ajuda de uma empregada (FISCHER, 07 fev. 1937; 25 fev. 1937; 11 jul. 1937; 03 set. 1937; 21 set. 1937). Não há relatos, nesse início, de que o próprio Fischer tenha trabalhado na lavoura ou na produção da fábrica, apenas que ficava “em pé” da manhã até a noite supervisionando os funcionários em suas várias tarefas.

O sócio Roberto Dreher era filho de imigrantes alemães e trabalhou por muitos anos nas empresas Bromberg e Siemens, em Porto Alegre. Chegou a ter um prédio comercial em Erechim, mas “perdeu praticamente tudo” por ocasião da Revolução de 1930. Então ele se instalou na área rural de Iraí e abriu uma pequena fábrica de rapaduras. Fischer o conhecia

37 Pequena construção contendo uma cozinha e três cômodos; mais tarde teria outras finalidades.

desde os tempos em que transitou por Passarinhos e se associou a ele constituindo a empresa *Dreher & Fischer*. Depois de uma grande reforma, na qual a antiga prensa de cana-de-açúcar, movida por bois, foi substituída por uma “moderna prensa a motor”, a empresa, além da produção de açúcar mascavo e rapadura, também iria produzir aguardente, álcool e verniz³⁸. A sociedade possuía cerca de trinta hectares de terra cultivada com cana-de-açúcar, além dos canaviais privados dos dois sócios. Todo o complexo com prédios, máquinas e terras estava avaliado em 50 contos de Réis (FISCHER, 21 set. 1937).

No entanto, a sociedade *Dreher & Fischer* teve curta duração. Em outra correspondência enviada a Christian Grotewold, Fischer abordou a questão, mas não forneceu maiores explicações; relatou apenas que “envolvido com a política local, Dreher temia todos os tipos de consequências se as coisas tomassem um rumo diferente do que ele esperava” (FISCHER, 16 maio 1938). Então sugeriu que Fischer comprasse sua parte na empresa. Como não chegavam a um acordo sobre o valor, as negociações se arrastaram por muito tempo. Nesse ínterim aconteceu a prisão de Dreher por “suspeita infundada”, mas sua inocência foi logo comprovada e ele foi solto. Fischer argumentou que,

como ele tem uma tendência a *Grössenwahn* (delírios de grandeza), sua crista ficou bastante inchada nesse meio tempo. Em suma, ele retirou sua primeira oferta e me fez uma muito maior [...] Interrompi abruptamente as negociações e expliquei que queria levar a empresa à dissolução judicial. Agora Dreher ficou com medo e três dias depois mandou verificar por meio de um terceiro, se eu queria vender minha parte do negócio para ele [...] E rapidamente chegamos a um acordo (FISCHER, 16 maio 1938).

Ao correspondente Hermann von Freeden, Fischer expôs que o cultivo e o uso industrial da cana-de-açúcar no Vale do Uruguai era bastante lucrativo, por isso continuaria investindo no produto. Quando encerrou a sociedade com Dreher, em dezembro de 1937, acabou se limitando apenas a sua colônia. Então, imediatamente, comprou duas colônias no lado catarinense do rio Uruguai, que poderiam ser cultivadas e administradas sem maiores dificuldades. Mais de sete hectares de cana-de-açúcar haviam sido plantados (FISCHER, 17 jun. 1938). Sobre esse assunto, também escreveu para Grotewold:

Agora, um período de atividade absolutamente louco começou para nós. O plano é primeiro plantar tanta cana-de-açúcar para que eu me torne independente de qualquer forma, depois construir minha própria fábrica e

³⁸ Fischer não chegou a descrever como iriam produzir verniz a partir da cana-de-açúcar. No entanto, o processo é bastante complexo. Segundo Ferreira (2012) o verniz tem na sua origem o óleo fúsel, um subproduto da fermentação alcoólica da cana-de-açúcar, em cuja composição destaca-se o álcool isoamílico. A partir da destilação desse composto são produzidos vários produtos, dentre eles os vernizes.

competir ferozmente com meu ex-sócio [...] Do outro lado do Uruguai comprei a colônia bem em frente a minha e, recentemente, também a colônia vizinha, então trabalho nas duas margens. Isso apresenta dificuldades, mas, dadas as circunstâncias, é a única maneira de cultivar matéria-prima suficiente para a produção (FISCHER, 16 maio 1938).

A expressão “competir ferozmente” evidencia uma mentalidade, por um lado empreendedora, por outro agressiva, própria de quem quer concorrer em um determinado ramo da economia. Frederik Schulze, a partir do discurso protestante sobre a germanidade no Brasil, apresentou uma relação de “virtudes alemãs” das quais as principais características eram dedicação, desempenho e dinamismo. Virtudes inerentes ao pensamento empresarial-capitalista de Fischer. As outras virtudes, como “moralidade”, “economia”, “piedade” e “fidelidade” apareceram como modelos de conduta na relação entre os alemães, ou entre os alemães e teuto-brasileiros (SCHULZE, 2008, p. 23). No entanto, não foram aplicadas em todas as situações dentro da história da imigração alemã.

Relatou ainda para Grotewold que um canavial de mais de três hectares podia ser visto, onde antes havia mata fechada; que área de floresta entre a casa e o rio, “que sempre emitiu uma bonita silhueta ao luar” ficou menor; e que do rio para cima a floresta estava sendo desmatada para a plantação de 500 árvores frutíferas (FISCHER, 16 maio 1938).

Dentro da história sulina, Luiz Carlos Tau Golin, baseado em José de Souza Martins (1997), aborda duas concepções de referência: a frente de expansão e a frente pioneira. A primeira, expressa a concepção de ocupação de um espaço de quem tem como referência as populações indígenas; a segunda transfere a situação espacial e social, através de novas formas de produzir, em alterações no mercado e nas relações sociais (2002, p. 31). A frente pioneira esteve, portanto, voltada para o mercado interno e foi marcada, particularmente, pela presença de colonizadores europeus. Ainda, segundo Golin, a frente pioneira pode ser observável no norte-noroeste do Rio Grande do Sul e no oeste de Santa Catarina, quando ocorreu a “intervenção direta do Estado para acelerar o deslocamento dos típicos agentes da frente pioneira sobre territórios novos, em geral ocupados por aqueles que haviam se deslocado com a frente de expansão” (2002, p. 33).

Martin Fischer, sobre a história dos primórdios de Iraí fez o seguinte relato:

Com a colonização em lento progresso, a paisagem paulatinamente muda de aspecto. A selva majestosa teve que ceder ao machado, roças e sempre mais roças devoram a mata verde. Assim, o caráter da paisagem torna-se mais alegre, mais lindo, mais romântico. Onde antes o cedro, o angico e a guajuvira balanceavam seus cimos sombrosos, cresce agora o feijão, o milho, trigo e batatas [...] que constituem a essência da produção da população campestre da região. Também a cana de açúcar, o fumo, laranjas,

limas e limões, bananas, abacaxi e mamão aparecem em lugar dos gigantes caídos das selvas; e onde outrora vivia a anta, a onça e o javali, agora cacarejam pacíficas galinhas, grunhem gordos leitões nos seus chiqueiros e mugem vacas com seus terneiros (1954, p. 23).

O relato de Fischer revela o processo de desmatamento que ocorreu na região setentrional do Rio Grande do Sul (com características similares no oeste de Santa Catarina), no qual a vegetação nativa foi removida para o desenvolvimento de uma agricultura colonial. Roche (1969) destacou que a agricultura colonial teve início com a “limpeza” da floresta existente; que os implementos agrícolas foram sendo remodelados conforme a diversidade de produtos cultivados; e que animais foram empregados no trabalho agrícola, sendo que os de pequeno porte serviam para o consumo doméstico. Percebe-se que Fischer aborda a alteração paisagística e ambiental de uma forma tranquila, que vai se transformando com a colonização e o progresso, mas, também, despreocupada, particularmente quanto à extinção de espécies de animais nativos, como a anta, a onça e o javali.

*

A partir de dezembro de 1937, outros personagens entraram em cena e novos eventos constituíram a trajetória de Martin Fischer e Charlotte Wollermann, na área rural de Iraí. Antes de Fischer sair de Buenos Aires foi abordado por Antonio Pauly, funcionário da Embaixada Alemã, que confirmou interesse em comprar ou investir no setor agrícola no Brasil. Segundo Fischer, Antonio Pauly

Repetidamente enfatizou que estava cansado do seu trabalho e da sua vida em Buenos Aires e queria ir embora [...] Na noite anterior à nossa partida de Buenos Aires, Pauly falou seriamente comigo em particular, quis me confiar um dinheiro com o qual eu deveria comprar um pedaço de terra para ele no Brasil. Recusei imediatamente, alegando que ainda não sabia como e aonde iria me estabelecer no Brasil, portanto não poderia assumir a responsabilidade. Prometi escrever para ele caso eu encontrasse algo adequado, ele deveria então nos visitar e dar uma olhada no assunto (FISCHER, 24 out. 1939).

Quando Pauly visitou Fischer, em fins de 1937, ficou “extremamente encantado” e na ocasião uma decisão foi tomada entre os dois, ou seja, a constituição de uma sociedade para a produção de aguardente. Conforme Fischer, “a forma exterior era de uma sociedade, a forma interior era um acordo de cavalheiros; após a mudança definitiva de Pauly, seria encontrada uma forma legal para uma sociedade externa também” (FISCHER, 24. out. 1939). Na mesma época Fischer foi procurado pelo médico Heinz von Ortenberg, de Santa Cruz do Sul, amigo de muitos anos, que disponibilizou capital e a solicitação para que seu filho, de 23 anos, se

juntasse como sócio³⁹ (FISCHER, 11 jul. 1938). O capital inicial da sociedade foi estabelecido em 42 Contos de Réis, no entanto, um aumento foi logo previsto para 100 Contos de Réis. Martin Fischer e Charlotte entrariam com 50 contos; Heinz Ortenberg e Antonio Pauly, com 25 contos cada (FISCHER, 24 out. 1939).

Dezoito meses após a chegada dos dois a Iraí, Fischer descreveu as edificações concluídas em sua colônia: uma residência “provisória”; uma casa para hóspedes; uma casa para o carpinteiro⁴⁰; uma casa popular de seis quartos, medindo 12x3m, para os empregados solteiros; um galpão de milho; um galinheiro de 14x3m; um chiqueiro; um galpão para duas carroças, juntamente com um quarto para selaria; e um pequeno galpão de lenha, todos de madeira e cobertos com zinco. Por sua vez, as obras da destilaria estavam bastante adiantadas: a base para a prensa de bois acabara de ser finalizada, assim, a “grande e moderna” caldeira de aguardente de cobre e latão entraria em funcionamento em breve. A próxima obra a ser realizada seria a casa do capataz, no outro lado do rio Uruguai. Mencionou que com o aumento da pecuária, dois touros, dois bois de tração, dezesseis cabeças entre vacas, novilhos e bezerros, teve que aumentar a área do potreiro, cercado com 1.000 metros de arame quádruplo. Embora ainda não tivesse um único animal de raça pura, disse possuir animais com 3/4 de sangue holandês e que talvez mudasse para a raça Jersey, pois, segundo suas observações, era a mais apropriada às condições da região. Também se referiu à cultura do milho e a expectativa de colher 150 sacas e as plantações de batata-doce, batata-inglesa e mandioca, esta com mais de sete mil pés, atividades nas quais empregava muitas pessoas (FISCHER, 16 maio 1938; 17 jun. 1938).

Passados alguns meses, fez outros relatos sobre a sua área rural, onde destacou o aumento da avicultura; a produção de legumes e morangos, sob a responsabilidade de Charlotte; e a existência de quatro mil cachos de bananas, pés de pêssegos, goiabas e figos, cujas frutas eram usadas na produção de conservas, doces e licores. A produção de manteiga, queijo, salame, presunto e banha de porco, juntamente com aves e leite, era requisitada pelos

39 Heinz von Ortenberg exerceu a medicina no sul da África, na Alemanha, durante a Primeira Guerra Mundial como médico das tropas alemãs no *front* e, posteriormente, por muitos anos, em Santa Cruz do Sul (RS). Durante a década de 1930 frequentou o balneário de Iraí em estadas de hidroterapia e reputou como milagrosas as águas termais locais (CORREA, 2010, p. 170-171). Em relação à amizade entre Fischer e Ortenberg, a pesquisa encontrou o relato de que Charlotte se hospedou na casa do médico, em Santa Cruz do Sul, durante duas semanas, para descansar das atividades na colônia (FISCHER, 26 jun. 1938). Quanto à sociedade, Fischer argumentou, em uma de suas correspondências, que Heinz Ortenberg entrou no negócio para criar um meio de vida para seu filho, que efetivamente se mudou para Iraí. Fischer o descreveu como “um trabalhador muito leal”, mas com “pouquíssimas habilidades” (FISCHER, 17 jul. 1938).

40 O carpinteiro Willi Nuglisch foi contratado para o trabalho em tempo integral.

hotéis de Iraí, cuja venda se intensificava durante a temporada termal (FISCHER, 13 out. 1938).

Portanto, durante o ano de 1938, Fischer se envolveu na construção da destilaria de aguardente. Na edificação das benfeitorias contou com a mão-de-obra de mais de dez pessoas, cuja alimentação ficou sob a responsabilidade de Charlotte e de uma empregada doméstica (FISCHER, 11 jul. 1938). A produção projetada para começar no segundo semestre teve que ser adiada, por diversos motivos. Um deles foram as fortes chuvas que duraram duas semanas, no mês de junho e provocaram sérios prejuízos na estrutura da destilaria, impedindo a entrada em funcionamento da caldeira. (FISCHER, 17 jul. 1938).

Nesse ínterim foi registrada a marca *Tatú*, a “caninha do Alto Uruguai”, que passaria a estampar os rótulos das garrafas da aguardente. No rótulo que aparece na Figura 8, além destas informações, consta também a localização da fábrica, ficando entre parênteses o antigo nome pelo qual a cidade de Iraí ficou conhecida e a frase “Fabricada e engarrafada por Dr. Martin Fischer”. Ao se identificar como “doutor”, com base em seu título acadêmico, com certeza pretendia se colocar em uma posição hierárquica distinta e assim ser reconhecido naquela comunidade.

Figura 8 – Rótulo da Aguardente Tatú



Fonte: Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP).

Martin Fischer não revelou por qual motivo teria escolhido o nome *Tatú*. No entanto, a expressão pode estar relacionada ao título do livro *Tatú: um colonizador na América do Sul*, de autoria do amigo Hermann von Freedten, enviado de Berlim, na época de Buenos Aires. Fischer teria lido o livro com muito interesse, durante uma viagem de trabalho que fez a Assunção, capital do Paraguai. Sobre a obra, comentou que provocaria objeções de alguns colonizadores porque permitiria que “pessoas de fora” examinassem os métodos de colonização “que antes se pensava serem cuidadosamente guardados” (FISCHER, 17 jun. 1936).

No ano de 1938, Fischer não contou com Pauly para o trabalho efetivo na destilaria, pois para reunir sua cota de participação na sociedade ele permaneceu trabalhando em Buenos Aires. Por isso, uma sociedade formal também não se materializou e tudo ficou num simples “acordo de cavalheiros”. Na correspondência enviada ao seu cunhado Hugo, na Alemanha, Fischer revelou que a propriedade em Iraí – na qual Antonio Pauly era sócio apenas da destilaria – estava em seu nome, mas que efetivamente fora adquirida com fundos que Charlotte disponibilizou. Disse que era o administrador do capital investido, porém, os rendimentos das atividades, naquele momento, eram praticamente nulos. Conforme Fischer

Até agora só consegui suprir nossa necessidade de vestuário e subsistência. Você só pode passar por aqui se, como nós, dispensar tudo e aplicar os padrões mais baixos ao padrão de vida. No entanto, nos sentimos extremamente confortáveis e não perdemos nada porque estamos muito próximos da natureza e com nossos animais. Há também uma esperança bem fundamentada de que algumas coisas mudem no futuro próximo e que as operações industriais em breve gerarão mais renda. Você vai balançar a cabeça quando eu lhe disser que eu posso me virar aqui com cerca de 200\$000 (duzentos mil réis) por mês, ou seja, cerca de 30 marcos em dinheiro alemão (FISCHER, 25 nov. 1938).

Em novembro de 1938 Martin Fischer e Heinz Ortenberg dissolveram a parceria e o capital investido por este permaneceu na forma de um empréstimo mediante o pagamento de juros. No entanto, o filho continuou trabalhando com Fischer, que também assumiu o compromisso de cuidá-lo, pois Ortenberg projetava (e realizou) uma viagem à Alemanha (FISCHER, 04 jul. 1939). Em carta enviada a Christian Grotewold, Fischer revelou que o jovem Ortenberg era “uma completa decepção”, motivo que o levou a encerrar a sociedade com o pai (FISCHER, 14 ago. 1939). Para o lugar do médico de Santa Cruz do Sul, Fischer sempre conjecturou a possibilidade de ter como sócio, e possível sucessor, Hans Grotewold, o filho mais velho de Christian. Para o próprio, escreveu quando ainda tinha sociedade com Ortenberg relatando como a empresa estava estruturada e que o médico santacruzense havia

deixado o filho como seu preposto, porém o mesmo não estava correspondendo às expectativas. A primeira medida seria afastar o jovem da empresa, o que levaria Ortenberg a retirar seu capital; então Hans assumiria o seu lugar. Caso não dispusesse o valor de 25 contos de réis (5.000 pesos argentinos) à vista, referentes à sua participação na sociedade poderia pagar parceladamente. Fischer também esclareceu que na sociedade havia apenas um acordo informal, mas que um contrato legal seria formalizado e registrado em breve (FISCHER, 11 jul. 1938). Sobre esse assunto Fischer esclareceu que era deprimente não poder imaginar quem um dia daria continuidade ao trabalho, iniciado por ele e por Charlotte. Então, “a ideia de que você e o seu filho pequeno possam nos suceder e venham um dia plantar aqui, tem algo infinitamente amigável para nós” (FISCHER, 17 jul. 1938). No entanto, apesar das várias propostas e investidas para Hans compor a sociedade, ele nunca aceitou. Depois de um tempo, Christian Grotewold explicou porque a sociedade proposta por Fischer para seu filho Hans não evoluiu: o primeiro motivo estava no temor quanto ao início de uma guerra, pois o mesmo perderia seu emprego na empresa de importação e ficaria dependente de suas reservas pessoais; o segundo motivo foram as condições desfavoráveis de participação na fábrica de aguardente de Iraí, apenas como um “sócio limitado”, conforme proposta oferecida por Antonio Pauly, em Buenos Aires (GROTEWOLD, 21 jul. 1939). Sobre a questão trazida por Christian Grotewold, Fischer alegou que nunca teria autorizado Pauly a discutir as condições de uma participação de Hans na destilaria (FISCHER, 14 ago. 1939).

Durante os anos em Iraí, nas correspondências com familiares, Fischer relatou com muita satisfação suas atividades, seus investimentos e a descrição do clima do lugar. Para o primo Hermann Rauschnig, que viveu em alguns países europeus como refugiado do regime nazista, escreveu que possuía um engenho para a produção de aguardente, uma pequena criação de gado, suínos, aves e planos para uma pecuária leiteira em maior escala para o futuro (FISCHER, 15 fev. 1939). Para a prima Ágatha, residente na Alemanha, expôs que fazia muito calor no verão, porque embora Iraí estivesse localizada geograficamente numa região subtropical, climaticamente o alto vale do Uruguai se aproximava do tropical. No verão 1938-39, as temperaturas chegaram aos 38 graus na sombra. Fischer sugeriu que Ágatha imaginasse como era trabalhar próximo de uma caldeira de aguardente sob aquela temperatura externa. Por outro lado, no inverno, a temperatura também não poderia ser negativa, pois o frio extremo faria desaparecer as culturas de cana-de-açúcar, banana e abacaxi. Esclareceu que como a terra dificilmente congelava as ervas daninhas se desenvolviam “fantasticamente”; igualmente os vermes na forma de moscas e mosquitos. Cobras e aranhas

venenosas também existiam, mas esses ele deixava para os gatos, que na sua pequena fazenda não ficavam “particularmente confortáveis”. Tranquilizou sua prima afirmando que não havia necessidade de ter medo do lugar, nem mesmo de doenças, porque o clima quente naturalmente favorecia “todo o tipo de coisas”. Bastava um pouco de cuidado e tudo poderia ser contornado, principalmente se fosse usado a *Flitspritze* (bomba de *Flit*) para eliminar os mosquitos⁴¹ (FISCHER, 26 fev. 1939).

Em fevereiro de 1939 Antonio Pauly, após a integralização dos 25 contos de réis referentes à sua participação na sociedade, mudou-se para Iraí. Tornou-se responsável por toda a operação da destilaria e a execução das questões técnicas (abastecimento de água, manutenção da destilaria, dos equipamentos e do prédio). Por sua vez, Martin Fischer assumiu a administração, a contabilidade, a produção da cana-de-açúcar, a pecuária, a propaganda e a comercialização da bebida e Charlotte Wollermann assumiu a equipe responsável pela horta, pelo jardim, pelos pequenos animais, pela limpeza, lavanderia, alimentação e alojamento do pessoal (FISCHER, 24 out. 1939; 17 abr. 1940). No primeiro semestre desse ano, expressando satisfação, relatou ao seu cunhado, na Alemanha, que a colheita da cana-de-açúcar estava em pleno andamento, que um grande caldeirão de aguardente era destilado todos os dias e que os barris estavam sendo lentamente enchidos (FISCHER, 21 abr. 1939).

A Fábrica de Aguardente Tatú, portanto, passaria a desempenhar o papel de uma pequena empresa agrícola capitalista, através da produção para o mercado, da geração de emprego e do lucro sobre a venda. Retomando a concepção de frente pioneira, o sociólogo brasileiro José de Souza Martins afirmou que:

Atrás da linha da fronteira econômica está a frente pioneira, dominada não só pelos agentes da civilização, mas nela pelos agentes da modernização, sobretudo econômica, agentes da economia capitalista (mais do que simplesmente agentes da economia de mercado), da mentalidade inovadora, urbana e empreendedora (1997, p. 158).

Mesmo com uma mentalidade empreendedora, Martin Fischer passou por situações inerentes a todo administrador de uma empresa. Desde o início, as obras da destilaria avançaram graças ao capital disponibilizado pelos sócios. Por isso, em sua correspondência,

⁴¹ O inseticida *Flit* foi inventado, em 1923, pelo químico Franklin Nelson e passou a ser produzido inicialmente pela empresa norte-americana Standard Oil Company. No Brasil, o inseticida é conhecido desde 1928 e era eficaz na eliminação de moscas, mosquitos, pulgas, formigas, traças, percevejos e baratas. Comercializado em embalagens de 500 ml, o produto líquido era esguichado por meio de uma bomba de pulverização manual. Após a aplicação do *Flit* era recomendável não permanecer no ambiente por algum tempo, devido o cheiro forte, ácido e altamente tóxico.

descreveu positivamente sua experiência como empreendedor ao afirmar que o resultado que vinha obtendo era notável, que não tinha como os negócios não evoluírem e que previa o futuro da sua empresa com muita satisfação. Ao analisar o teor das cartas, trocadas com vários correspondentes, há a impressão de que tudo o que Fischer estava “construindo” estava sendo feito sob uma equilibrada administração. No início de 1939 todo o capital tinha sido investido e a empresa valia 120 contos de réis. Todavia, em março de 1939 Fischer constatou falta de capital de giro para cobrir as despesas com salários, manutenção e impostos. A empresa tinha aguardante em estoque, mas que ainda não estava em condições de ser comercializada⁴² e levantar um empréstimo bancário para esse fim “estava fora de questão”, pois os primeiros sinais de uma crise se fizeram sentir. Fischer e Charlotte possuíam terras no Paraná, avaliadas em 22 contos de réis que foram colocadas a venda, no entanto, sabiam que o negócio poderia demandar tempo. Fischer também não conseguia descontar, no banco local, uma letra de câmbio de quatro contos de réis, dada por Roberto Dreher, quando da liquidação da antiga sociedade. Conforme os cálculos realizados, para cobrir as todas as despesas até o final do ano a empresa necessitaria de no mínimo 12 contos de réis. Ao tomar conhecimento da situação, prontamente Pauly disse que tinha como conseguir esse valor. Relatou que conhecia em Buenos Aires “certa Sra. Baumann, filha de Stegmann”, uma idosa muito rica que tinha como lhe emprestar o dinheiro. O valor seria transferido para a conta bancária de Fischer em Palmeira das Missões. Depois de algum tempo, não havia doze contos, apenas quatro contos; e eles não tinham vindo da “lendária Sra. Baumann”, mas de Anita Schneidewind. Pauly não soube responder, apenas disse que o restante ainda chegaria, pois Schneidewind certamente era “agente da Sra. Baumann”. Mais tarde confessou que o dinheiro era realmente de Anita, transferido após o envio de uma nota promissória (FISCHER, 04 jul. 1939; 14 ago. 1939; 24 out. 1939).

Numa extensa correspondência escrita para Christian Grotewold, Fischer abordou com mais detalhes sua relação com Antonio Pauly, em Buenos Aires e trouxe informações sobre Anita Schneidewind. Disse ter conhecido Pauly, no final de 1934, na Embaixada Alemã em Buenos Aires, onde o mesmo atuava em uma “pequena posição subordinada”. Apesar dos comentários depreciativos que os outros funcionários da embaixada faziam à pessoa de Pauly,

42 Todas as bebidas destiladas, tais como, cachaça, conhaque, rum, tequila, vinho e uísque, passam, como etapa do processo de produção, por um período de descanso ou envelhecimento em barris previamente selecionados. O período da cachaça armazenada ou descansada não passa de um ano; por sua vez, o envelhecimento pode se estender até três anos. Essa etapa provoca alterações responsáveis por definir o aroma, a cor e o sabor da bebida.

Fischer o solicitou para o serviço no *Deutsches Nachrichtenbüro* (DNB). Alegou que o mesmo lhe fornecia materiais interessantes para suas atividades no DNB, que era uma pessoa discreta, modesta e de comportamento agradável. Com a confiança conquistada Pauly também passou a frequentar a casa de Fischer regularmente. Em meados de 1938, deixou a Embaixada Alemã para trabalhar como secretário e bibliotecário na Associação Cultural Germano-Argentina, de Buenos Aires⁴³. Por sua vez, Anita Schneidewind fora, por alguns anos, tradutora na Embaixada. Ela perdeu o emprego quando agrediu fisicamente o vice-embaixador, por motivos não devidamente esclarecidos. Ressentida pela demissão passou a fornecer clandestinamente ao jornal antinazista *Argentinisches Tageblatt* (AT), várias irregularidades que descobrira na embaixada. Fischer teria descoberto que na casa de Schneidewind, o padre Holzer “entrava por um lado e saía por outro” e que era um convidado frequente na casa de Ernesto Alemann, editor-chefe do *Tageblatt Argentino*; também que “Alemann era frequentemente chamado, por telefone, tarde da noite, por uma senhora com voz aguda e alta, que não se identificava” (FISCHER, 24. out. 1939). Pauly e Anita frequentemente se encontravam para fazer refeições, mantinham certa relação, mas não moravam juntos. Ele a ajudava com traduções, atividade que continuou a desempenhar e algumas vezes emprestou dinheiro “para nunca mais voltar” (FISCHER, 24. out. 1939).

Inicialmente, Fischer tinha Pauly como uma pessoa de “bom coração”, “calma”, de “natureza modesta e despreziosa” e um “companheiro querido e agradável” (FISCHER, 14 ago. 1939; 24 out. 1939). Não escondeu que também sentiu admiração quanto aos seus conhecimentos, no entanto, quando passaram a conviver juntos em Iraí, percebeu que o seu suposto conhecimento não tinha aplicação prática. Principalmente quanto as suas funções na fábrica, pois desde cedo Pauly se mostrou descuidado com a produção e causava muitos prejuízos. Conforme Fischer, Pauly lia resenhas de livros e obras de arte e depois reproduzia o conteúdo das mesmas para impressionar os que estavam a sua volta (FISCHER, 5 dez. 1939). Utilizou também a expressão “ações independentes” ao se referir as atitudes impensadas de seu sócio. Com o passar do tempo e mediante algumas atitudes, Pauly passou a ser caracterizado como uma pessoa inconsequente, incoerente e enigmática. Segundo Fischer,

43 Em outra correspondência Fischer expôs que, com base na dedução de um comentário feito por Pauly, o motivo de sua saída da Embaixada Alemã, em Buenos Aires, teria ocorrido porque revelou segredos internos da legação para a Embaixada Inglesa, em troca de compensação financeira (FISCHER, 5 dez. 1939).

“frequentemente ele diz e faz coisas que me levam ao completo desespero, por isso não sei exatamente com quem estou lidando” (FISCHER, 14 ago. 1939).

O pior, no entanto, é que Fischer e Charlotte começaram a levantar dúvidas quanto as suas “qualidades morais”. Conforme Fischer,

Ele sempre disse que nasceu em Valparaíso, portanto é um Chileno. Ele também tem um passaporte argentino, segundo o qual ele nasceu em Valparaíso e, em seguida, adquiriu a nacionalidade argentina em Buenos Aires. Ele também tem um documento com data de 1919 (logo após a guerra) contendo registro de matrícula no Consulado do Chile no Rio de Janeiro. Então, porque ele não é um chileno? No curso de muitas conversas noturnas, porém, chegamos à convicção, com base em numerosas contradições, de que ele nasceu em Viena⁴⁴ (FISCHER, 24 out. 1939).

A quebra das “qualidades morais” também foi percebida quando da mudança de Pauly para Iraí, por meio de vários livros trazidos como presente a Fischer e Wollermann, mas que, no entanto, continha o selo ou o carimbo da Associação Cultural Germano-Argentina. Confrontado sobre as obras serem de propriedade da associação, disse apenas que dera outros livros em troca. No entanto, outras dúvidas ainda permaneceram a partir da afirmação de que sua relação com Anita Schneidewind havia acabado e da forma como se deu seu desligamento da Associação Cultural sem qualquer aviso prévio (FISCHER, 24 out. 1939).

Em maio, as primeiras garrafas de aguardente foram vendidas, com boa recepção; e em julho as vendas ultrapassaram os 1:500\$000 réis. Na primeira quinzena de agosto a empresa registrou a entrada de quase 900\$000 réis totalizando 2:400\$000 réis em seis semanas. No entanto, as entradas foram utilizadas somente para cobrir despesas imediatas. Conforme cálculos que vinha realizando Fischer apontou a necessidade de sete contos de réis para equilibrar as contas. Então, se dirigiu a Christian Grotewold, radicado em Buenos Aires e solicitou o valor na forma de um empréstimo (FISCHER, 4 jul. 1939). Em correspondência enviada, Grotewold informou sobre a transferência de 1.600 pesos argentinos (aproximadamente sete contos de réis) para a conta de Fischer no Banco da Província do Rio Grande do Sul, em Palmeira das Missões; que o dinheiro fora levantado pelos filhos Hans e

⁴⁴ Em outra carta enviada a Christian Grotewold, Fischer voltou a afirmar que Pauly nasceu na Áustria; que teria entrado no Brasil vindo da Bolívia, em 1919; e que no Rio de Janeiro conseguiu documentos atestando origem chilena (FISCHER, 5 dez. 1939). Sobre o mesmo assunto, alguns anos depois, também em correspondência enviada a Grotewold, Fischer revelou que por sua iniciativa uma investigação estava sendo conduzida no Chile para descobrir como o ex-sócio conseguira seus documentos. Alegou que sua paciência havia se esgotado e descobrindo a verdade sobre o passado de Pauly poderia torná-lo “inofensivo” (FISCHER, 23 jan. 1941).

Walther e pelo genro Hans Lüters⁴⁵; que não precisaria se preocupar quanto a uma data pré-fixada para a devolução; e que juros não seriam cobrados (GROTEWOLD, 21 jul. 1939). Fischer respondeu, agradecendo a “calorosa”, “fiel” e “rápida ajuda” e prometeu devolver o dinheiro em breve (FISCHER, 14 ago. 1939). Ainda sobre o empréstimo, em outra correspondência para Christian Grotewold, declarou que:

Eu posso lhe dizer com calma que lutei comigo por uma semana inteira, se deveria pedir sua ajuda, tanto que me senti envergonhado. Finalmente eu fiz, mas não contei a ninguém sobre isso. Por vergonha. Espero que você me entenda. Eu não sei se você pode sentir o meu constrangimento. Você entende que eu me sinto mal? Claro que você dirá: Não! Somente depois de muito tempo, quando o dinheiro estava em minhas mãos, confessei a minha melhor amiga, Lotting; eu não contei a Pauly e não direi a ele. Os sete contos figurou como um empréstimo do Dr. Fischer para a empresa (FISCHER, 24 out. 1939).

Nesse contexto, também, pequenos atritos e desconfianças acabaram provocando o esfriamento do vínculo de amizade entre Fischer e Pauly. A relação foi profundamente afetada quando Pauly passou a cogitar a vinda de Anita Schneidewind⁴⁶. A correspondência entre os dois não foi interrompido, entretanto, Pauly fazia constantes comentários depreciativos sobre ela. Sem nenhum constrangimento revelou que a iniciativa de uma aproximação mais afetiva veio da parte de Anita, a qual inclusive possuía um atestado médico confirmando sua virgindade. Fischer e Charlotte o desaconselharam a trazê-la para Iraí, porém Pauly justificou que a visita seria por algum tempo, para que ela inicialmente conhecesse o lugar e as condições (FISCHER, 24 out. 1939). Segundo Fischer,

Pelo nosso conhecimento do caráter da mulher, poderíamos dizer que em breve isso seria uma catástrofe, quando essa planta urbana fosse transferida para a floresta primitiva com suas condições primitivas. Pauly sempre sustentou que ele escrevera isso para a *Dona*, mas sempre havia contradições. Se soubéssemos para o que os dois estavam se preparando, poderíamos ter conseguido tomar outras providências a tempo. Realmente não poderíamos suspeitar de tanta maldade. Era tudo uma questão de tempo entre Pauly e Schneidewind, isso está perfeitamente claro para nós hoje (FISCHER, 24 out. 1939).

45 Alguns meses depois Grotewold esclareceu que o dinheiro emprestado viera da parte de Hans, os demais deram apenas uma “garantia conjunta e solidária” (GROTEWOLD, 15 out. 1939).

46 Christian Grotewold também teria simpatizado com Pauly depois que o conheceu, pela sua “riqueza de conhecimentos”, mas não tinha como opinar sobre suas “qualidades morais”. Pelas informações que obteve, em Buenos Aires, Anita Schneidewind era sua noiva (GROTEWOLD, 03 nov. 1939).

Pauly viajou no final de setembro para Uruguaiana, para recebê-la. Após duas semanas os dois chegaram a Iraí e Fischer foi buscá-los. Juntamente com Charlotte intencionaram serem agradáveis e gentis e até um quarto de hóspedes foi preparado, mas Anita não quis vir. No entanto, logo que se encontraram Fischer e Schneidewind tiveram um desentendimento. Segundo ele,

Perguntou a mulher, na presença de outras pessoas: “Diga Sr. Dr. Fischer, eu lhe enviei 4 contos no começo de abril?” Eu respondi: “Este não é o lugar para conversarmos sobre assuntos de negócios!” Ela: “Outro tom, por favor Sr. Dr. Fischer, eu não sou sua empregada!” Pauly foi extremamente grotesco e eu lhe disse que proibia essa falta de respeito sob todas as circunstâncias; que estava indo para casa e que no outro dia mandaria a carruagem (FISCHER, 24 out. 1939).

Passados alguns dias, a discussão sobre os quatro contos de réis tomou outro rumo. Para Anita, o empréstimo lhe assegurava uma participação mínima na destilaria e o direito de participar das decisões da empresa; para Fischer, era tão somente uma disponibilização emergencial de Pauly à mesma. O intrincado ambiente de acusações, intimidações e mentiras os levou a considerar a dissolução da sociedade. Num primeiro momento, Pauly aceitou a proposta de receber de volta sua participação societária de 25 contos mais os quatro contos transferidos por Anita, totalizando 29 contos de réis que seriam pagos em cinco parcelas iguais. Para Fischer, levantar esse valor significava um “tremendo fardo”, situação que seria resolvida parcialmente caso conseguisse vender as terras no Paraná. Pauly e Anita, então, se estabeleceram no Hotel Descanso e levaram o caso ao juiz local. Chamado perante o magistrado Fischer teria oferecido outras propostas para um acerto, mas os dois não chegavam a um acordo porque Pauly não tinha permissão para aceitar sem o consentimento de Anita Schneidewind (FISCHER, 24 out. 1939). Na carta para Grotewold argumentou que,

era claro que queriam nos empurrar para fora daqui [...] A fábrica está montada e está funcionando, é perfeitamente compreensível Pauly e sua *Madame* quererem sentar no meio do ninho pronto e podemos imaginar onde ficaremos. Graças a Deus, felizmente, eles próprios foram muito estúpidos (os criminosos sempre cometem uma estupidez!), pois divulgaram esse plano; não com essas palavras estúpidas, mas de tal maneira que até o pouco talentoso jovem Ortenberg ouviu e me disse (FISCHER, 24 out. 1939).

Depois de ter discutido com o magistrado local todas as situações, Fischer foi alertado do risco de abertura de um processo pelo sócio. Chegou a solicitar a intervenção de um “alto funcionário brasileiro” que estava de passagem por Iraí, o qual também tentou, sem sucesso, um acordo com a outra parte (FISCHER, 24 out. 1939). O acerto definitivo para a dissolução da sociedade se deu em 19 de novembro. Os quatro contos de réis, referentes ao empréstimo

concedido por Anita Schneidewind, foram pagos em poucos dias e os 25 contos da participação acionária de Antonio Pauly seriam pagos integralmente dentro de um prazo de seis meses. Todavia, para levantar o valor as terras no Paraná teriam que ser vendidas nesse período (FISCHER, 05 dez. 1939).

Conforme descrição em várias correspondências, a “terrível decepção” com Pauly começou a partir da confusa injeção de capital por parte de Anita Schneidewind. Por outro lado, a entrada de Pauly na sociedade sem um contrato formal de valor jurídico, ou seja, um documento assinado entre todos os sócios e registrado em cartório, foi um dos erros de Fischer, pois, deu margem a alegações múltiplas e transformou o episódio em um caso emblemático. No entanto, o maior erro foi não ter buscado, com antecedência, informações sobre Antonio Pauly, pois nem conhecimento suficiente possuía sobre o passado, sobre a nacionalidade e sobre o local de nascimento de seu sócio. Felizmente, provas documentais e testemunhas confirmaram que Fischer e Carlote trabalharam dois anos ininterruptos, num intenso serviço para colocar a fábrica em operação e que a maior parte do capital da sociedade era dos dois.

Em setembro de 1939 teve início a Segunda Guerra Mundial, que no Brasil atingiu a economia, inicialmente com o aumento dos preços dos artigos importados e depois de outros produtos e gêneros alimentícios. Por outro lado, no sul do Brasil, uma crise na agricultura provocou a alta dos preços do feijão e do milho. No entanto, os últimos meses foram bons para a fábrica e em dezembro as vendas de aguardente superaram os dois contos de réis. Mesmo com do trabalho acumulado após a saída de Pauly, Fischer declarou que não havia perspectiva de mudança. (FISCHER, 31 jan. 1940). Segundo ele, “temos que lutar para continuar avançando e como ainda temos grande alegria em nosso trabalho e em nosso belo lugar celestial na terra, também não nos falta a coragem e a vontade de abrir caminho” (FISCHER, 31 jan. 1940).

Em abril de 1940, Fischer dirigiu-se novamente a família Grotewold, em Buenos Aires. Expôs que necessitava urgentemente de 32 contos de réis (em moeda argentina, cerca de sete mil pesos), valor equivalente a 26% de toda a sua empresa. Detalhou que os sete contos de réis, do empréstimo anterior, haviam sido “desperdiçados” com Pauly; era o dinheiro de capital de giro tão necessário para a empresa. Além desse valor, faltavam 25 Contos referentes ao acerto final com Antonio Pauly, que deveria ser feito até o dia 19 de maio, caso contrário, “toda a empresa, na qual estão investidos mais de 120 contos de réis, vai para o inferno e Lotting e eu ficaremos sem um tostão” (FISCHER, 17 abr. 1940). Descreveu

todas as garantias que poderia oferecer para o empréstimo, ou seja, as terras no Paraná, avaliadas em 22 contos de réis; os barris e as garrafas de aguardente estocadas, cerca de oito contos de réis; as plantações de cana-de-açúcar, 14 contos de réis; além das benfeitorias residenciais e da destilaria. Relatou que somente o zinco dos telhados dos vários prédios, caso fosse vendido, renderia 18 contos de réis (FISCHER, 17 abr. 1940). Concluiu a carta, enviada a Christian Grotewold, com forte sentimento e enfatizando extrema urgência:

Posso colocar nossas pesadas tristezas em suas mãos amigas? Você quer e vai nos ajudar? Ajudar rapidamente? Infelizmente, a pressa agora se tornou necessária. Estou enviando a cópia desta carta por via aérea, por segurança e rapidez, porque, pelas minhas observações, as cartas daqui para Buenos Aires levam em torno de 11 dias (FISCHER, 17 abr. 1940).

Três dias depois, informou que as terras no Paraná estavam praticamente vendidas, não pelo valor avaliado, mas por 18 contos de réis. A metade seria paga à vista e o restante dentro de um prazo determinado. Assim, também a transferência da propriedade se daria somente após a quitação total por parte do comprador. Isso significava que não precisava mais de 32 contos, mas de 23 contos de réis (cerca de cinco mil pesos argentinos). Fischer voltou a insistir na participação de Hans Grotewold na empresa, por meio dos sete contos de réis anteriormente disponibilizados, acrescidos dos 23 contos de réis que estava solicitando. Deixaria para Hans a escolha quanto ao interesse em uma participação acionária ou empréstimo comercial. No caso deste, ofereceria um contrato de hipoteca ou de dívida notarial (penhora de bens pelo valor concedido, após avaliação técnica), mas também aceitaria qualquer outra exigência (FISCHER, 20 abr. 1940). Ainda, conforme Fischer,

Lotting, que não está mais tão nervosa desde a notícia da venda da terra e (supostamente) com uma sensação perceptível de alívio, insiste que eu vá para Buenos Aires para discutir tudo com calma com você, mas não vou ficar bem deixando-a sozinha. Também temo a despesa, que provavelmente seria de pelo menos 1 conto de réis (FISCHER, 20 abr. 1940).

Um novo empréstimo foi disponibilizado por Hans Grotewold e o seu cunhado Hans Lüters assumiu a responsabilidade pela metade dele. Quanto à participação na empresa, afirmou que estava que fora de questão e que uma mudança para o Brasil não seria feita; pesava aí a questão da educação dos filhos que estavam atingindo a idade escolar. Em correspondência enviada disse que ficaria grato se Fischer registrasse o valor total como hipoteca cujos termos ainda precisavam ser definidos, pois representava uma parte significativa de suas economias (GROTEWOLD; LÜTERS, 15 maio 1940).

Fischer sempre teve uma ótima relação com a família Grotewold, também imigrante alemã, por isso, nos momentos mais difíceis da sua empresa recorreu a ela. Conforme Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart (1998) a etnicidade não é um conjunto inalterável de traços culturais (língua, crenças, valores, regras de conduta, culinária, etc.), transmitidos da mesma forma de uma geração a outra na história de um grupo. Ela provoca ações e reações e uma delas é a solidariedade de grupo. O aspecto dinâmico da etnicidade está estritamente ligado a seu caráter relacional e supostamente pessoas de um mesmo grupo étnico tendem a ter redes sociais mais cooperativas. Não se sabe o peso da etnicidade sobre os empréstimos Grotewold-Fischer, mas a presença de determinados traços culturais e identidades étnicas foram preponderantes. Não havia interação social entre as duas famílias, porque uma estava na Argentina e a outra no Brasil, no entanto existia o sentimento de afinidade.

Sobre o dinheiro para o acerto final, Fischer relatou que “Pauly e a esposa estavam dizendo em Iraí que assumiriam a empresa porque eu não pagaria [...], no entanto, o dinheiro chegou a tempo hábil e pude cumprir o compromisso assumido” (FISCHER, 25 maio 1940). Na sequência, expôs que poucos dias antes do acerto houve uma briga entre os três:

A mulher histérica, provavelmente mentalmente doente, ameaçou atirar em mim na rua e Pauly de repente me acertou como um louco quando tentei arrancar o revólver da mulher. No entanto, a agressividade de Pauly tomou outro rumo, pois ele caiu instantaneamente no chão e eu quase o estrangulei se não tivesse mantido a calma. Quando outras pessoas seguraram a louca para que ela não pudesse mais ser perigosa para mim, soltei o patife e disse-lhe que se afastasse. Como muitas testemunhas presenciaram o incidente, as coisas ficaram muito ruins para os dois bandidos (não consigo pensar em outro nome); mas como eu não tinha interesse em tornar o evento grande, a história acabou (FISCHER, 25 maio 1940).

De volta ao conceito de germanidade, que envolve uma identidade étnica, a solidariedade cultural e racial e os supostos valores morais comportamentais dos alemães, a “Questão Pauly” demonstrou que o pertencimento a uma mesma comunidade ou ao mesmo convívio sociocultural não é condição que possa impedir a existência de tensões, desentendimentos e conflitos.

Ainda, conforme Fischer, os “Paulys” tiveram uma discussão com o advogado, em frente ao juiz, porque queriam enganar o próprio defensor. Outra informação era de que Anita Schneidewind em breve iria retornar a Buenos Aires, pois “havia se tornado completamente impossível” e que “coisas absolutamente inacreditáveis foram provocadas por ela em Iraí” (FISCHER, 02 jun. 1940). Porém, não entrou em detalhes.

Nessa tese, para análise de sua trajetória, conforme revelam as fontes, é necessário dividir a experiência de Fischer no mundo rural em dois momentos: antes da dissolução da sociedade com Antonio Pauly e depois desta. Com a saída de Pauly da fábrica e da forma como aconteceu, as preocupações de Fischer, naquele momento, se direcionaram ao “fardo de dívidas”; a dificuldade de administração, pois agora tinha que trabalhar por dois; e a venda do produto. Absolutamente necessárias seriam as viagens de negócios, entretanto, Fischer não estava conseguindo sair para captar novos clientes porque o grande número de funcionários exigia sua presença constante. Segundo ele, “reduzir o tamanho da empresa é impensável sem incorrer em maiores perdas. Pelo contrário, devo fazer de tudo para aumentar a produção a fim de aliviar os pesados encargos financeiros que assumi” (FISCHER, 25 maio 1940). Nas correspondências desse período vão aparecer expressões como “excesso de trabalho”, “cansaço físico e mental” e “desânimo”, alegações muitas vezes utilizadas quando ficava muito tempo sem escrever.

Fischer não mencionou em que momento se tornou sócio de um hotel na pequena localidade de Taquarussu, distante 15 quilômetros de Iraí, a jusante do rio Uruguai, hoje pertencente ao município de Palmitos (SC). No entanto, para vários correspondentes relatou que em dezembro de 1940 um incêndio destruiu totalmente o hotel, onde perdeu cerca de 7:500\$000 réis, o equivalente a sua participação no estabelecimento (FISCHER, 23 jan. 1941). Além disso, também cessaram as entradas, em plena temporada de verão, que contabilizavam 1:700\$000 réis até 21 de dezembro, data do incêndio. Segundo Fischer, a reconstrução seria uma prioridade, todavia não sabia como iria proceder (FISCHER, 24 fev. 1941). Esse acontecimento foi o último grande revés financeiro de Fischer, mesmo assim, em uma carta enviada após o ocorrido justificou que “apesar disso, continuamos dizendo a nós mesmos para não desanimar, porque existem milhões de pessoas que estão muito piores e não há como negar que a chuva é sempre seguida de sol” (FISCHER, 24 fev. 1941).

No início de 1941, um grave defeito na prensa de cana-de-açúcar provocou a interrupção da produção, a partir do qual não conseguiu mais encobrir sua preocupação sobre o futuro da empresa. Por razões de economia teve que reduzir o seu pessoal, inclusive foi demitido o capataz que o acompanhara desde o início. Agora, então, teria que trabalhar mais, mas as medidas tiveram que ser tomadas (FISCHER, 23 jan. 1941). Quando os efeitos da guerra começaram a se fazer sentir com mais intensidade na economia da região, eles atingiram também as vendas de aguardente. Afirmou que um grande número de destilarias havia fechado e que estava estudando maneiras de “trazer um alívio perceptível” para a sua.

Conforme Fischer, “uma mudança para o açúcar ou melado parece ser a coisa mais certa a fazer, porque a operação da destilaria é muito onerosa, e as despesas não estão sendo cobertas pelas vendas instáveis” (FISCHER, 24 fev. 1941). As mudanças também seriam motivadas em decorrência das regulamentações oficiais para o ramo. No entanto não especificou quais eram as “regulamentações”, apenas disse que seria conveniente em relação à Charlotte, que estava passando por um momento difícil e cuja saúde o preocupava bastante. Segundo Fischer “ela mesma não quer admitir, mas afinal de contas eu tenho olhos na minha cabeça e posso ver que o trabalho dela cresceu muito acima de sua capacidade” (FISCHER, 24 fev. 1941).

No mês de abril, Fischer recebeu uma carta de Rauschning, do Hotel Bedford, Southampton Row, Londres, na qual o mesmo agradeceu o convite de Fischer para acolher sua família. Relatou que a esposa estava em Nova York e um dos filhos em uma fazenda no oeste americano. Afirmou que “eu mesmo ainda pretendo voltar para o campo, mas prefiro o norte e espero um dia poder me estabelecer no Canadá. Um retorno à Alemanha está praticamente fora de questão para mim” (RAUSCHNING, 29 abr. 1941). Nesta correspondência ainda solicitou à Fischer que escrevesse a sua esposa comunicando-a que poderia encontrar “refúgio” em Iraí, em caso de emergência. Na carta que enviou a Erwino Anuschek, farmacêutico em Frederico Westphalen, Fischer comentou que ofereceu Iraí como um refúgio à família Rauschning, em “caso de emergência”. Segundo ele,

Nesse caso, espero que as autoridades locais não causem dificuldades para mim. Ainda pretendo viajar para Porto Alegre, desde que minhas finanças permitam. Preciso ter uma ideia de como as autoridades vão lidar com a questão da família Rauschning, caso ela decida se mudar para cá (FISCHER, 22 jul. 1941).

Na correspondência enviada para seus pais, em Königsberg, escreveu sobre algumas medidas que o governo brasileiro adotou, em decorrência da guerra: que estava agindo com “extraordinária energia e prudência para mitigar os choques na vida econômica, estabelecendo preços máximos e que estava garantindo que o ódio contra estrangeiros não se fizesse sentir” (FISCHER, 21 jul. 1941). Ainda, segundo ele,

Nós, alemães, temos todos os motivos para agradecer ao governo brasileiro por essa política. Como eu disse o país infelizmente tem muito a sofrer economicamente, o que é preciso suportar com serenidade. A crise me afetou diretamente porque fechei minha destilaria de aguardente; isso é “não há mais negócios”. Pelo menos minha saúde está boa, apesar do reumatismo, que às vezes me incomoda muito e pequenas doenças que surgem de vez em quando (FISCHER, 21 jul. 1941).

Em outra carta escrita para Erwino Anuschek disse que Antonio Pauly e a sua esposa, que teria voltado a Buenos Aires, “danificaram seriamente” sua situação econômica razão pela qual se tornou um “homem pobre”. Todavia, mesmo se ressentindo de dinheiro “constantemente e quase atormentadoramente, pelo menos ainda tenho o suficiente, gostaria de dizer mais do que o suficiente para viver” (FISCHER, 30 set. 1941). Ainda conforme Fischer,

Essa é a grande vantagem de ser agricultor, ao qual me chamo com orgulho, pois mesmo em tempos ruins a gente não passa fome. Graças a Deus você se torna modesto e não precisa de tantas coisas que pensava serem essenciais quando era jovem. Leite, ovos e outras "delícias campestres" são muito abundantes (FISCHER, 30 set. 1941).

Depois de dizer que era um homem pobre e que possuía o suficiente para viver, na correspondência seguinte convidou Anuschek para uma “festa de assados no espeto” que estava programando para os “senhores e senhoras da Inspetoria de Terras⁴⁷”. Conforme Fischer,

Marcamos para um domingo e então você organiza uma viagem até aqui [...] Estou contando com o Dr. Ambros, Dr. Minuano, Mário Cardoso, Afonso Maron e Walter Schieck, com suas famílias, em torno de 16 pessoas [...] Partida de Barril às 7h00, com chegada aqui entre 9h30 e 10h. Refresco leve, passeio pela empresa, churrasco às 12h, descanso na mata até às 16h, depois café, saída às 18h e chegada em Barril às 21h (FISCHER, 01 nov. 1941).

Fischer solicitou que o amigo pensasse no assunto e desse uma resposta o quanto antes. A resposta sobre o churrasco veio na carta de 05 de novembro, na qual Anuschek expôs que,

a ideia é muito boa, mas dificilmente será bem recebida aqui. Porque muita coisa aconteceu nesse meio tempo. Se não houver nenhuma mudança devido à visita oficial de Estado, o clima continuará extremamente ruim. Todos os diaristas e funcionários mensais da Inspetoria de Terras, na medida em que não realizaram concurso e eram tão somente nomeados, foram despedidos em 1º de novembro. Toda Inspetoria conta apenas com 11 pessoas, 24 diaristas foram demitidos. Você pode imaginar o clima. O Dr. Ambros⁴⁸ também está preocupado, não sabe o que ainda está por vir, porque ainda há muitas dívidas a serem pagas [...] Talvez a visita do Interventor possa esclarecer e tratar essas questões (ANUSCHEK, 05 nov. 1941).

47 As antigas Comissões de Terras e Colonização passaram a se chamar Inspetorias de Terras. A Inspetoria com sede em Palmeira das Missões foi transferida, em 1939, para Frederico Westphalen.

48 O engenheiro Arthur Ambros foi o diretor da Inspetoria de Terras de Frederico Westphalen, entre 1939 e 1948.

Anuschek encerrou a correspondência mencionando o trabalho que desenvolvia no hospital de Frederico Westphalen; que o mesmo contava com 14 internações; e que o mês de outubro encerrou com um déficit, mas que havia dois contos de réis em valores a receber. No entanto, em nenhuma outra carta foi mencionado se o churrasco aconteceu ou não.

Quatro correspondências foram enviadas por Fischer para a Coletoria Federal, em Palmeira das Missões. Na primeira, foi mencionado o resumo contábil da fábrica de aguardente referente ao mês de abril de 1940; o livro de vendas à vista para fins do imposto de renda do ano-base 1939; e a caderneta verde com registros estatísticos de produção exigidos pelo Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA) (FISCHER, 01 maio 1940). A seguinte é um requerimento, com data de 1º de janeiro de 1941, no qual Fischer declarou não querer mais continuar com o comércio de aguardente, por isso estava solicitando a exclusão da sua empresa dos registros da coletoria para o exercício de 1941. Quando afirmou não continuar com o comércio é porque também as atividades da destilaria foram desativadas. Na carta de 14 de fevereiro de 1942, enviada aos cuidados de Orestes Palma, Fischer solicitou a transferência do registro da fábrica de aguardente para Roberto Dreher – curiosamente o primeiro sócio de Fischer nos negócios da cana-de-açúcar – e comunicou que havia encerrado a produção no início do ano anterior. Por sua vez Dreher saldaria seu débito junto à repartição (FISCHER, 14 fev. 1942). Na última correspondência Fischer abordou novamente a questão do encerramento das atividades da fábrica de aguardente, provavelmente ainda não concluída junto à repartição pública. Solicitou novamente ao coletor Orestes Palma a exclusão dos lançamentos para o exercício de 1941, porque “havia desistido” da fábrica no início do ano de 1940. Agradeceu a “bondade” demonstrada em outras ocasiões, quando ainda possuía a “modesta” fábrica de aguardente, bem como aos favores prestados (FISCHER, 28 jun. 1942).

A partir de 1942, Fischer trocou várias correspondências com integrantes da polícia do Estado do Rio Grande do Sul, nas quais foram abordadas e reveladas várias situações e momentos de sua trajetória em Iraí e no breve período que residiu em Porto Alegre. Foram experiências diversas, muitas delas surpreendentes. Ao Tenente Rubem Ferraz, delegado em Iraí, Fischer escreveu que:

As instruções que baixou o Sr. Tte. Cel. Chefe de Polícia, no dia 29 de janeiro, em vista que o Governo Brasileiro resolveu romper as relações diplomáticas com as potências do Eixo, determinam (art. V) que devem ser confiscados todos os livros e materiais de propaganda política em favor daquelas potências. Acho-me moralmente obrigado a comunicar que, desde tempos anteriores, tenho em mãos alguns destes livros os quais tenho a honra de entregar ao senhor (FISCHER, 10 fev. 1942).

Ainda na mesma carta comunicou que caso encontrasse outros livros em sua biblioteca, que pudessem ser enquadrados pelas instruções, faria a entrega posteriormente junto a Delegacia de Iraí.

Em outubro de 1942 Fischer escreveu uma inusitada carta para Evaldo Walter Bergmann, Inspetor de Polícia da DOPS/RS. Relatou que há três semanas estava detido em Iraí, sem saber o motivo da prisão. Apenas que o delegado de Iraí foi a sua casa e confiscou quase todos os livros da sua biblioteca, livros que o próprio Bergmann tinha verificado alguns meses antes sem encontrar qualquer irregularidade, dando-lhe ordem de prisão. Fischer argumentou que Bergmann conhecia bem seus antecedentes, sua opinião política e os motivos que o levaram a se afastar do Partido Nacional-Socialista Alemão (Partido Nazista), em Buenos Aires; que se transformou de um partidário de Hitler bastante entusiasmado em um anti-hitlerista fanático; e que após suas declarações sobre a Gestapo na Argentina, “na esplêndida obra” *A Quinta Coluna no Brasil*, “perdeu” a velha pátria e nunca mais poderia voltar para a Alemanha (FISCHER, 02 out. 1942). Ainda, segundo Fischer,

Sabe o senhor também que pretendia – e pretendo ainda hoje – apresentar-me como voluntário nas fileiras do exército brasileiro para provar o meu amor por este país e ganhar desta maneira com meu próprio sangue uma nova pátria aqui. Não sei os motivos da minha detenção, a qual me surpreendeu bastante; nem posso achá-los. Porém digo: guerra é guerra e numa situação como esta cada um tem que fazer sacrifícios [...] É uma ironia do destino que eu, que amo e venero o Brasil como poucos, estou sendo considerado um “inimigo” (FISCHER, 02 out. 1942).

Declarou estar sendo tratado na prisão com “muita delicadeza” e “cavalheirismo” o que compensava a perda da liberdade pessoal. No entanto, naquele momento sua preocupação era com Charlotte, que estava em casa somente com a companhia de Heinz Ortenberg, filho do Dr. von Ortenberg, “que o senhor conhece bem e sabe como é bobo, embora tenha 27 anos de idade” (FISCHER, 02 out. 1942). Alegou que estavam em época de plantio, que faltavam braços para o trabalho e que precisava pagar suas dívidas depois dos dois “grandes golpes” que lhe atingiram: a “encrenca” com o ex-sócio Antonio Pauly, em 1939, que resultou na liquidação da fábrica de aguardente e o incêndio que destruiu seu hotel em Taquarussu. Encerrou solicitando a Bergmann intervenção junto a Plínio Brasil Milano, Delegado de Ordem Política e Social do Rio Grande do Sul, para que seu caso fosse resolvido com a máxima urgência. Conforme Fischer, “não quero solicitar diretamente ao ilustre Sr. Dr. Milano, porque sei que nesta época o serviço dele deve estar tão acumulado que pode ser um

sinal de má educação incomodá-lo com minha pequena causa particular” (FISCHER, 02 out. 1942).

Esta carta, escrita para Bergmann, foi última que trata de Fischer no mundo rural. Conforme o teor, naquele momento ainda estava buscando recursos para pagar as dívidas que havia contraído. A correspondência estudada e trazida para este capítulo permite compreender que o fim da experiência de Fischer como agricultor e agroindustrial necessariamente passa por duas situações: a primeira foi a difícil situação financeira na qual ficou após a dissolução da sociedade, provocada pelo ex-sócio; a segunda passa pela crise econômica, em decorrência da guerra, que apressou o encerramento das atividades em sua fábrica de aguardente. No entanto, a contar da data da correspondência ao Inspetor de Polícia da DOPS/RS, ele permaneceu no meio rural ainda por dois anos.

No final do mês de outubro, Fischer enviou breve carta para Milano na qual agradeceu a restituição de sua liberdade, que teria ocorrido após o envio de um telegrama ao Delegado de Polícia de Iraí:

Receba Vossa Excelência os meus mais sinceros agradecimentos. Esteja convencida V. Ex.^a que estou verdadeiramente feliz e muito grato, pois novamente me julgou como homem honesto que está venerando a vossa gloriosa pátria hospitaleira. Vossa Excelência pode ficar com a certeza de que eu também para o futuro mostrar-me-ei sempre digno de vossa nobre confiança (FISCHER, 30 out. 1942).

Sobre a sua prisão em Iraí, no dia 09 de setembro de 1942, Fischer forneceu mais detalhes em um documento produzido em 1944 cujo título é *Relatório sobre Antonio Pauly: engenheiro, morador de Iraí*. Trata-se de um documento datilografado contendo dez páginas e dividido nas seções *Relações e Experiências Pessoais; Fatos e Presunções; e Vida Atual do Sr. Pauly*. Provavelmente foi escrito com o propósito de servir, caso necessário, de prova contra este, em decorrência de tudo o que aconteceu entre os dois imigrantes, em Iraí. No entanto, não se sabe se o relatório chegou a ser enviado para alguém. Segundo Fischer, o delegado Joaquim Germano Melgaré o mandou prender em razão de uma denúncia: de que era chefe da quinta-coluna naquela região⁴⁹. Algum tempo depois, na ausência do delegado, o

49 Quinta-coluna é uma expressão usada para se referir a grupos clandestinos que atuam, dentro de um país ou região prestes a entrar em guerra (ou já em guerra), ajudando o inimigo, espionando e fazendo propaganda subversiva. Por extensão, é todo aquele que atua dentro de um grupo, praticando ação subversiva ou traiçoeira, em favor de um grupo rival (MARXISTS INTERNET ARCHIVE, 2010). No caso de Martin Fischer, ele foi acusado de estar espionando e fazendo propaganda para o Partido Nazista, o qual possuía células espalhadas pelo território brasileiro.

escriturário da delegacia lhe confidenciou que a denúncia foi feita por Antonio Pauly. Conforme Fischer, ela era “conscientemente falsa e mentirosa”, pois se alguém conhecia “todas as circunstâncias da minha encrenca com o Partido Nazista, todas as perseguições sofridas na Argentina por parte dos *nazis*, bem como as perseguições posteriores, era o Sr. Antonio Pauly” (1944, p. 5). Portanto, a denúncia foi um ato de vingança particular.

Sobre as “perseguições” que teria sofrido na Argentina, o estudo documental identificou somente seus desentendimentos com Willy Köhn, liderança do NSDAP, na Argentina e representante do partido em países da América do Sul e a negativa do juramento de lealdade (Juramento a Hitler); motivos que o levaram a solicitar demissão junto ao *Deutsches Nachrichtenbüro* (DNB) e a desfiliação do Partido Nazista. Conforme o *Relatório sobre Antonio Pauly* teria sofrido “perseguições posteriores”. No entanto, em sua correspondência não as descreveu, apenas relatou a visita de um conhecido que teria vindo a Iraí trazendo consigo grande soma em dinheiro e buscando informações sobre seu primo Hermann Rauschning, dissidente do nacional-socialismo e perseguido pela Gestapo. Pelas atitudes e questionamentos deste, se referiu ao visitante como um suposto agente da Polícia Secreta Alemã. Também, no livro *A 5ª Coluna no Brasil: A conspiração Nazista no Rio Grande do Sul* (1942) constam declarações de Fischer sobre o nazismo e a atuação da Gestapo, na Argentina e no Brasil. Em nenhum momento relatou perseguições.

Segundo Leandro Mayer (2021), que investigou inquéritos policiais contra indivíduos estabelecidos no Oeste de Santa Catarina, durante o Estado Novo (1937-1945), a imprensa do sul do Brasil desempenhou um papel determinante ao fomentar a ideia de uma ameaça da quinta-coluna. Os jornais davam destaque a reportagens que especulavam sobre a presença de elementos que representavam riscos à integridade e a segurança do país, classificando particularmente os alemães como uma ameaça permanente. Segundo relato de autoridade policial da DOPS/SC, a difusão dos ideais nazistas nas colônias alemãs, através do movimento extremista da quinta-coluna, ocorria de maneira “quase imperceptível” desde a ascensão de Hitler ao poder, em 1933, por meio da organização do exterior do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (NASDAP) (MAYER, 2021, p. 67). Ainda, segundo Mayer (2021), a Igreja também foi alvo de criminalização política por meio da “construção do inimigo religioso”, conforme revelaram os processos-crime arrolados contra

padres e pastores, supostamente líderes quinta-colunas e acusados de “atividades antibrasileiras” (MAYER, 2021, p. 98).

Duas correspondências foram enviadas por Fischer ao Inspetor da Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS/RS) Paulino Teixeira de Freitas. Na primeira, escrita no *Hotel Guahyba*, em Porto Alegre⁵⁰, informou que entregou o manuscrito de seu livro *Revolução sem Lógica* à Livraria do Globo, que o aceitou para exame com vistas a uma possível publicação. Externou agradecimentos pela “gentileza” e “bondade” que o mesmo lhe prestou, pois

Foi o senhor que me ofereceu a passagem; que me recebeu aqui com tanta amabilidade; que teve o cuidado de arranjar o Sr. Hans Foerthmann como tradutor; que me pôs a disposição um abundante e valioso material para o manuscrito do livro; que, afinal, gentil e amavelmente me ajudou, durante todas essas semanas com seu conselho em todas as situações. O senhor se demonstrou um verdadeiro amigo, o que nunca vou esquecer. Aceite o senhor os meus sinceros agradecimentos por tudo o que fez em meu favor (FISCHER, 18 abr. 1944).

Na segunda, escrita em Iraí, comunicou que sua viagem de retorno foi muito boa; que saiu na sexta-feira, 21 de abril, à noite da capital e chegou a sua casa no domingo de madrugada. No entanto, um pequeno incidente ocorreu na viagem de Santa Maria a Santa Bárbara. Conforme Fischer,

No trem houve uma busca nas malas e o inspetor (da Delegacia Regional de Santa Maria) apreendeu o livro *A ofensiva japonesa no Brasil* que comprei na Livraria do Globo, para estudar o problema japonês. Infelizmente, não havia lido inteiramente, apenas só um terço ou a metade e, por isso, a apreensão me aflige. Não conheço os motivos do inspetor; parecia-me que foi invitado porque eu sublinhara, como é de meu costume, diversas frases, detalhes que me interessaram por um ou outro motivo. Não lhe questionei, considerando o episódio em tempo de guerra. Devo, porém, reconhecer que aquele funcionário procedeu corretamente e cortesmente (FISCHER, 17 maio 1944).

Dentre outros assuntos, mencionou que após o retorno de Porto Alegre conversou com Charlotte sobre a ideia de se mudar para a capital, que foi imediatamente aceita. Segundo Fischer, “naquelas doze semanas da minha ausência, ela perdeu um pouco do gosto de viver no mato e – verdade seja dita – sete anos na solidão no meio do mato são suficientes para ‘descansar’; mais para Charlotte do que para mim” (FISCHER, 17 maio 1944). E continuou,

Quando nós, o senhor e eu conversamos pela primeira vez sobre a possibilidade de uma mudança a Porto Alegre, perguntei se conseguiria a

50 Martin Fischer esteve em Porto Alegre entre fevereiro e abril de 1944 para concluir o manuscrito de seu livro sobre a psicologia do nazismo.

devida licença da DOPS. O senhor, oferecendo gentilmente seu apoio, respondeu-me simplesmente: “Eu arrumo”. Agora, agradeço-lhe mais uma vez por sua boa vontade. Se o senhor pode nos ajudar nesse sentido, ficarei muito grato. Talvez faça à gentileza de informar a Delegacia de Polícia em Iraí, por telegrama, para fornecer os devidos salvo-condutos para mim e para Carlota Wollermann (FISCHER, 17 maio 1944).

Fischer ainda mencionou que tinha interessados em comprar a sua propriedade. Por isso “é possível que, dentro de quinze dias, possamos viajar [...] Vou apressar a viagem por causa do meu livro” (FISCHER, 17 maio 1944).

Para Theobaldo Neumann, também Inspetor da DOPS/RS, Fischer enviou outras duas correspondências. Na primeira, agradeceu a concessão de licença para se mudar para Porto Alegre, conforme informação fornecida pela Delegacia de Polícia de Iraí (FISCHER, 07 jun. 1944). Na outra carta, abordou a questão de ter sido intimado pelo Delegado de Polícia de Iraí, para prestar declarações sobre os “contatos” que teve com Alfredo Markarzel Júnior. Relatou ao inspetor que esteve em Porto Alegre por cerca de três meses para concluir a escrita de um livro e, nesse período, se hospedou no *Hotel Guahyba*. Os primeiros contatos entre os dois se deram após várias semanas, quando Markarsel, que estava hospedado no mesmo hotel, lhe contou que trabalhava na DOPS. Segundo Fischer,

Interessado em descobrir paralelos entre o nazismo e o niponismo, comprei na Livraria do Globo um livro intitulado *A ameaça japonesa no Brasil*, no qual encontrei algumas páginas sobre a colonização japonesa em Santa Rosa. Sabendo pelo mesmo Sr. Markarzel, que fora antes subdelegado em Santa Rosa e trabalhou no distrito habitado pelos japoneses, pedi-lhe uma descrição da situação naquela região. Ele me prometeu fornecer a descrição, porém, nunca lhe era possível encontrar-se comigo em seus momentos de folga, para uma conversa assim (FISCHER, 21 ago. 1944).

Ainda conforme Fischer, antes de retornar a Iraí se despediu do policial pessoalmente encerrando aquela relação superficial. Para o delegado de Iraí disse não entender ou explicar a expressão “contatos”, em relação a uma pessoa com a qual conversou pouquíssimas vezes. Fischer comunicou que em breve retornaria a Porto Alegre e que poderia se apresentar no gabinete de Neumann caso o mesmo lhe exigisse mais declarações ou até mesmo para uma acareação com Markarzel. Segundo Fischer, “V. Ex.^a pode ter certeza que não arriscaria por quaisquer atos inconsiderados ou estúpidos, as relações pelas quais a DOPS sempre me distinguiu há anos” (FISCHER, 21 ago. 1944).

Na última carta, enviada ao inspetor Evaldo Bergmann, em outubro de 1944, Fischer disse ter sido informado por Olivério Gomes de Oliveira, Delegado de Polícia em Iraí, sobre a

morte de Plínio Brasil Milano, em Montevideu, em consequência de uma operação policial. Conforme Fischer,

Devo dizer-lhe que estou profundamente abalado com essa notícia. Pergunto-me sempre de novo, como é possível que esse distinto cavalheiro, relativamente muito jovem, teve que falecer tão cedo; esse homem inteligentíssimo e estudado, tão culto, tão perfeito cavalheiro e tão cheio de bondade. Quem compreende o destino e a Divina Onipotência? Comigo, o finado Dr. Milano sempre se mostrou com muita bondade, sinto profundamente a perda e sofri por sua morte. O senhor também sofreu grande perda pelo falecimento de seu antigo chefe, eu o sei bem. E é por isso que venho pela presente prestar ao senhor os meus sinceros pêsames, apertando-lhe fortemente a mão (FISCHER, 25 out. 1944).

Comunicou também que após receber a “infandosa” notícia enviou telegrama a Theobaldo Neumann, como sucessor de Milano, expressando suas sinceras condolências (FISCHER, 25 out. 1944).

Em 1944 Fischer iniciou os preparativos para a mudança para Porto Alegre e três correspondências trocadas com Charlotte Wollermann abordam esse período de transição. Na carta de 24 de dezembro de 1944, escrita na localidade de Espírito Santo (um dos bairros da Zona Sul de Porto Alegre), Fischer iniciou mencionando o Natal; as saudades da esposa e o final de janeiro como a data para o reencontro. Desejou votos de felicidade para o futuro e para o “pequeno e querido ser que nós dois esperamos”, pois Charlotte estava grávida (FISCHER, 24 dez. 1944). Sobre a futura residência dos dois escreveu que

Embora pequena e de madeira, possui uma salinha, dois quartos para dormir, mais um quarto para escritório, pequena cozinha e dispensa e um quarto de banho, sem banheira, mas com chuveiro frio e quente; naturalmente patente também; outrossim pequeno, mas bonito jardim. Cerca de 200 metros da linda praia do Guaíba e da estação de ônibus. A distância a Porto Alegre é mais ou menos 30 Km e o ônibus leva 45 minutos, de meia em meia hora (FISCHER, 24 dez. 1944).

Informou que a casa era um dos vários imóveis de Benno Mentz (empresário teuto-brasileiro e filho de Frederico Mentz), que resolveu alugá-la, pois iria empreender viagem por um período de tempo para São Paulo e Rio de Janeiro. Ainda segundo Fischer,

É por isso que me ofereceu a casa mobiliada para alugar. Considerando que é difícil encontrar aqui uma casa de residência, não hesitei nem um momento. O aluguel mensal é 300\$000 Réis e paguei, imediatamente, por três meses. Pertence a casa, entre outros, um fogão, um *frigidair*, um guarda-roupas, um *buffet* de cozinha, uma cama grande, perfeitamente apta para meu colchão, outra cama menor e mais uma cama regular, dois pequenos guarda-roupas, um pequeno guarda-louça, um fogareiro elétrico, um ferro elétrico para passar roupa, um tanque para lavar e tantos outros

utensílios [...]Até uma garagem temos, falta só o automóvel, mas serve bem para guardar os baús, caixas e vasilhames (FISCHER, 24 dez. 1944).

Sobre o livro *Iraí: cidade saúde* informou que a introdução e três capítulos tinham sido concluídos e que havia entrado em contato com a Livraria do Globo para uma possível publicação. Perguntou a Charlotte sobre o pagamento dos 400\$000 réis devidos por Vergílio Radaelli e sobre a venda do zinco, pois sua reserva financeira estava se esgotando. Por outro lado solicitou o envio de um conto de réis. Também solicitou que a mudança fosse enviada, o quanto antes a Frederico Mentz & Cia., em Porto Alegre, de onde um caminhão da empresa transportaria até Espírito Santo. Informou ainda que sofreu, por alguns dias, de um forte reumatismo na perna direita que dificultou seu caminhar e provocou fortes dores. No entanto estava sensivelmente melhor e iria aproveitar a estadia em Iraí, durante o mês de fevereiro, para tomar banhos termais (FISCHER, 24. dez. 1944).

Charlotte Wollermann respondeu com uma extensa carta. Iniciou afirmando estar com saudades de ter novamente uma casa própria, pois no hotel onde estava hospedada em Iraí sempre havia alguém fazendo barulho ou escutando rádio com o volume alto. Confortava-se, pois “o tempo está passando rápido e eu estou contentíssima que, em Porto Alegre, existe uma linda casa à minha espera” (WOLLERMANN, 30 dez. 1944). Quanto ao despacho da mudança informou que a viação férrea não estava aceitando nenhuma carga antes do final do ano e que iria telegrafar no dia que ela saísse. Charlotte mencionou sobre valores que conseguiu arrecadar e sobre as dificuldades em vender o zinco. Sobre sua saúde disse que se sentia forte, sadia e sempre bem disposta; que estava comendo muitas frutas e bebendo leite; que passeava duas vezes por dia em companhia da cachorra Blandina; e que passava o dia costurando, lendo e descanando. Conforme Wollermann,

Me agrada muitíssimo a nossa casa em Espírito Santo ter todas as comodidades, como chuveiro frio e quente, fogão, fogareiro, e, acima de tudo, *frigidaire!* Quantas vezes e com quanta ansiedade estou pensando em nosso lar! Faz quatro semanas que estou hospedada aqui no hotel. Mais quatro e tu, meu coração, estarás de novo aqui comigo. E mais duas ainda, vamos ver o teu presente de aniversário! (WOLLERMANN, 30 dez. 1944).

Na carta ainda se referiu ao livro *A fronteira agreste*, um romance “bastante real” com questões psicológicas muito difíceis de serem compreendidas pela “mente europeia”; aos familiares na Europa em guerra; e ao seu finado pai que estaria completando 87 anos. Indagou com quem Fischer passaria a virada do ano ou se ficaria “solito” na casa em Espírito Santo e

desejou que o ano novo fosse bom e feliz para os dois e para a “nossa criancinha que há de nascer” (WOLLERMANN, 30 dez. 1944).

A carta escrita por Charlotte, em 07 de janeiro, informou que a mudança seria despachada em dois dias e que o frete e todas as despesas haviam sido pagos; que teriam que achar outra solução para vender o zinco, porque a seca e a falta de dinheiro afugentou os interessados; e que com o aumento dos “banhistas” no hotel o barulho também aumentou, “mas eu fico bem quietinha no meu quarto, desde que o sol e o calor da tarde não me expulsem de lá” (WOLLERMANN, 07 jan. 1945). Outros assuntos da carta foram às aulas para gestantes das quais iria participar; as visitas que deixou de fazer por se achar “feia demais”; as roupas do bebê que estavam prontas; e sobre a amiga que iria lhe ajudar no hospital. Mencionou também que descobriu um “remédio especial” para as moléstias de estômago, intestinos, congestão, mal-estar e dores: Elixir Paregórico. Conforme Wollermann, “tudo se acalma rapidamente e, em pouco tempo, desaparece o azedume, a vontade de vomitar, os gases, as dores. Este é um remédio que seria bom ter em casa, não vamos esquecer o nome” (WOLLERMANN, 07 jan. 1945). Finalizou dizendo estar com saudades de Fischer e de uma casa própria, pois estava cansada da vida de hotel.

Não poderia deixar de constar nesse trabalho o nascimento, sem vida, do bebê de Charlotte Wollermann, no mês de fevereiro de 1945, um pouco antes da mudança dos dois para Porto Alegre, conforme o telegrama enviado por Fischer a Ernesto Albrecht:

Agradeço carta aérea dia sete deste que recebi hoje pt. Vejo que senhor não recebeu minha resposta sua carta 1º de fevereiro pt. Minha senhora desde semanas hospital após parto gravíssimo dum filho morto pt. Nossas esperanças destarte destruídas pt. Esperamos poder viajar semana após páscoa pt. Devido zinco espera resposta nestes dias pt. Lembranças a todos amigos pt. Cordiais abraços (FISCHER, 16 mar. 1945).

Apesar da permanência dos dois em Porto Alegre ter sido breve – Charlotte retornou a Iraí em julho de 1946 e Fischer três meses depois –, ele estabeleceu na capital relações de amizade e contatos profissionais que lhe foram favoráveis na sequência de sua vida. Um destes contatos foi Fritz Wertheimer, representante do periódico *Argentinisches Tageblatt* para o Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Na carta enviada para Wertheimer, em Porto Alegre, datada de 10 de dezembro de 1946, Fischer informou a venda de assinaturas do *Argentinisches Tageblatt*, em Iraí e solicitou material de propaganda do referido jornal. Fischer também escreveu sobre a tradução que estava realizando de obras de autores brasileiros para um volume impresso, mas que precisaria ainda entrar em contato com os autores para obter a licença para publicar em alemão. Conforme Fischer,

Você disse que poderia me ajudar porque conhecia pessoalmente Érico Veríssimo. Em sua opinião, através dele também seria possível obter a licença de Jorge Amado, que é seu amigo, se entendi bem. De qualquer forma, haverá muito a ser feito com a Revista do Globo, porque a novela de Ernani Fornari foi publicada na versão que escolhi da Globo, Ernesto Vinhaes também publicou seu livro por lá e Érico Veríssimo tem relações íntimas com a Globo. A parte mais difícil provavelmente vai ser chegar a Monteiro Lobato, que se exilou voluntariamente. Pedi seu endereço ao editor em São Paulo (FISCHER, 10 dez. 1946).

Fischer lembrou que Wertheimer propôs ajudá-lo na busca de uma editora e que chegou a sugerir Ernesto Alemann, diretor e redator-chefe do *Argentinisches Tageblatt*, em Buenos Aires, como um possível interessado. No entanto, Fischer tinha planos mais ambiciosos, publicar as “novelas brasileiras” também na Europa. Alemann ou outro interessado compraria os direitos de publicação para as Américas e outra pessoa compraria os direitos para a Suíça, Alemanha e Áustria. Ainda, segundo Fischer,

Talvez você possa me dar um conselho, porque com seus extensos relacionamentos e sua grande experiência, principalmente no campo editorial, você vê a proposta de uma maneira completamente diferente do que eu [...] No que diz respeito ao valor da sua participação, posso deixá-la inteiramente a seu critério [...] Sei que as novelas são todas boas, algumas são até muito fortes e merecem reconhecimento internacional. E também sei que a tradução é muito boa. E hoje, quando a Europa pobre desperta novamente a vontade de ir para o exterior e o Brasil, como país de imigração, desperta de imediato um interesse maior por lá, tudo o que se escreve sobre o Brasil é literalmente devorado, todo livro sobre o Brasil deveria ser um bom negócio editorial (FISCHER, 10 dez. 1946).

Wertheimer respondeu que a primeira remessa do jornal *Argentinisches Tageblatt* para Iraí havia sido despachada e a segunda iria naquele dia, juntamente com o material de propaganda solicitado por Fischer. Disse também que aceitaria artigos de 150 linhas sobre temas brasileiros dramáticos, emocionantes, épicos, animados, compreensíveis para leitores rurais, adequados para “entretenimento de mesa de armazém” e não muito profundos para leitores urbanos. Sobre o plano das “novelas brasileiras” Wertheimer advertiu Fischer quanto à expressão “comunista”, porque, segundo ele “os comunistas são um péssimo garoto-propaganda literário” (WERTHEIMER, 19 dez. 1946). Alegou que Érico Veríssimo poderia ter sido contatado quando Fischer ainda estava em Porto Alegre e que a Revista do Globo, por meio de seu diretor literário o “alugou” e quer mantê-lo com exclusividade. Quando escrevesse para Veríssimo, deveria anexar seu cartão de visita. Sobre a “novela” de Fornari publicada pela Revista do Globo e outras obras, expôs que Fischer teria a permissão dos editores desde que fossem incluídos na edição alemã. De Monteiro Lobato acreditava que seu

editor daria permissão para publicação, pois não sabia quanto tempo duraria seu exílio. Wertheimer lembrou que uma ou outra novela, desde que não fosse muito extensa, poderia ser publicada em *Hüben und Drüben*, o suplemento literário semanal do *Argentinisches Tageblatt*. Quanto à obra, iniciada por Fischer, mencionou que a introdução estava muito longa e filosófica para uma coleção de contos; que os Alemann talvez não entrariam na questão, mas que estaria pronto para mediar assim que estivesse concluída; e que não descartava uma divisão editorial suíça e sul-americana para publicação (WERTHEIMER, 19 dez. 1946). Finalizou dizendo que por meio de suas relações as “novelas brasileiras” traduzidas por Fischer poderiam ser também oferecidas na Alemanha, mas a urgência naquele momento era obter a licença dos autores⁵¹.

Outra atividade urbana exercida por Fischer em Iraí, após seu retorno de Porto Alegre, foi mencionada por Charlotte numa carta enviada a sua mãe, na Alemanha:

Martin tem uma pequena renda mensal há quase três meses. Assumi a supervisão e toda a gestão financeira de um novo grande edifício hoteleiro, para o qual sua empresa de Porto Alegre está fornecendo os materiais de construção. Isso envolve muito trabalho e problemas, acima de tudo é muito desagradável que ele passe a maior parte do tempo sentado no novo prédio e quase não consiga escrever de verdade (fazer seu trabalho literário real). Porque à noite ele está naturalmente muito cansado (WOLLERMANN, 08 out. 1947).

A mesma informação consta na carta enviada por Fischer para Olivério Gomes de Oliveira, quando diz que tem a representação da Sociedade Fornecedora Ltda., empresa porto-alegrense de material de construção e artigos sanitários, que estava fornecendo material para a construção do novo Hotel Avenida, de propriedade de Artidor Moraes. Além do material, comunicou também que assumira a fiscalização da obra e do pessoal (FISCHER, 17 ago. 1947).

Em meados de 1948, Martin Fischer foi procurado por Ulrich Löw para colaborar na edição do *Die Serra Post Kalender*, um dos veículos de comunicação de sua empresa

51 Para a Livraria e Editora Martins (São Paulo) Fischer solicitou o endereço de Monteiro Lobato e a licença para a publicação do conto *A colcha de retalhos*, da obra *Urupês* (FISCHER, 10 dez. 1946). Na carta enviada para Érico Veríssimo agradeceu a autorização para a publicação, em língua alemã, dos contos *O navio fantasma* e *Drama num aquário* (FISCHER, 17 abr. 1947). Também agradeceu a Ernani Fornari a concessão para traduzir e publicar o conto *Porque matei o violinista*, publicado originalmente na Revista do Globo (FISCHER, 19 abr. 1947). Para Jorge Amado agradeceu a autorização para a inclusão em sua coletânea de contos brasileiros, em versão alemã, partes do livro *Capitães de Areia* (FISCHER, 03 out. 1947). E, de Ernesto Vinhaes, recebeu a permissão para utilizar *Aventuras de um repórter na Amazônia*, no todo ou em partes, desde que autorizado também pela Livraria do Globo (VINHAES, 25 out. 1948).

jornalística, em Ijuí. Após a edição do anuário em 1949 (também nos anos seguintes), Fischer recebeu convite para colaborar com os outros jornais da mesma empresa: o *Die Serra Post* e o *Correio Serrano*. Quando a atividade passou a se tornar constante Fischer e Charlotte mudaram-se para Ijuí, encerrando uma trajetória assinalada por projetos, expectativas, progressos e revéses que caracterizou a permanência dos dois em Iraí.

2.4 – Considerações finais

O interesse particular de Martin Fischer de voltar para o Brasil foi identificado, neste capítulo, por meio das correspondências trocadas com Hans Henning, agente de vendas da Companhia Territorial Sul Brasil (CTSB). Em 1933, Fischer trocou as salas de redação de uma das maiores agências de notícias do mundo – a *Wolffs Telegraphisches Bureau* (WTB), de Berlim – por uma pequena comunidade rural no Oeste de Santa Catarina. No entanto, quando veio o convite do NSDAP para ocupar um cargo no *Deutsches Nachrichtenbüro* (DNB), em Buenos Aires, retornou às atividades intelectuais urbanas. Passados dois anos Martin Fischer e a sua companheira Charlotte Wollermann deixaram Buenos Aires rumo ao *Astendam* no Brasil, delineado a partir da aquisição de uma área rural no recém-criado município de Iraí/RS, onde se tornaram agricultores e proprietários de uma agroindústria.

Este capítulo identificou as principais variáveis que levaram Martin Fischer a imigrar para o Brasil, após deixar as atividades jornalísticas, em Buenos Aires. A primeira é que, apesar de todas as vantagens oferecidas por uma cidade grande, os dois não conseguiram se adaptar ao urbanismo da capital argentina e ao seu clima. No entanto, as motivações principais foram os ferimentos de guerra, que se agravaram com o passar dos anos; o trabalho criterioso, difícil e extenuante que “destruiu” sua saúde, principalmente a emocional; e os atritos que teve com alguns de seus superiores que tornaram o ambiente desagradável e incômodo. A segunda situação, naquele momento, se relacionou a busca de liberdade, de silêncio e de tranquilidade, recursos que julgava necessários para aliviar as tensões, o estresse e uma “grande dose de insociabilidade”. Fischer relatou várias vezes em sua correspondência às lembranças que lhe vinham do tempo em que viveu em Passarinhos, ou seja, sobre a beleza paradisíaca do Vale do Uruguai e sobre a quietude indescritivelmente envolvente da floresta, Quando de fato se instalou no interior de Iraí podia ver todos os dias o “encanto da paisagem”, as encostas arborizadas e o “majestoso” rio Uruguai com seus 600 metros de largura. A terceira situação diz respeito aos planos de Fischer e Charlotte de voltar ao Brasil,

país que, segundo ele, passou a amar desde a primeira vez em que aqui chegou. Além da paisagem e da conexão com a natureza, afirmou várias vezes que apreciou o caráter do povo brasileiro pela sua “nobreza”, “amabilidade” e “cavalheirismo” inatos. Viver em uma área rural por meio de um trabalho livre, independente e criativo era um sonho antigo que estava conseguindo realizar aos 50 anos. Fischer escolheu se tornar um agricultor e executar um projeto que havia estudado nos tempos da Companhia Territorial Sul Brasil (CTSB), ou seja, plantar cana-de-açúcar. Tão logo passou a desenvolver as atividades agrícolas e ver a possibilidade de progredir naquele lugar, novos planos foram surgindo: adquirir equipamentos para aumentar a produção de açúcar, produzir aguardente e outros derivados.

A escolha de Martin Fischer e Charlotte Wollermann pela zona rural de Iraí não é detalhada no *Curriculum Vitae* (1961) ou no *Lebenslauf der Dr. Martin Fischer in Ijuí* (1964). Nestes documentos ele apenas disse que escolheu viver no interior do município para fugir de possíveis perseguições de seus conterrâneos do Partido Nazista e que viveu como um pequeno agricultor. No entanto, por meio do estudo das fontes constatou-se que havia a intenção de adquirir uma área agrícola e a transferência para o meio rural desde 1931 e que várias vezes mencionou a ideia quando ainda estava em Buenos Aires. Há que se discordar também da expressão “pequeno colono”, que cultivava uma “pequena chácara”, utilizada por Fischer nos dois documentos pessoais. Na área rural de Iraí ele possuía 34 hectares, toda a operação da destilaria, a pecuária, assim como a maioria das plantações. Porém, ele ainda possuía duas colônias em Passarinhos, onde plantava cana-de-açúcar e 40 alqueires de terras em Rolândia, no Paraná. Para vários correspondentes declarou que se tornou agricultor de corpo e alma e via nas atividades rurais a realização de seu projeto de vida.

No entanto, uma questão interessante em meio a tudo isso está na adaptação ao novo, ou seja, a mudança do modo de vida urbano para o rural, das atividades intelectuais para as agrícolas, do conforto para as adversidades, do convívio social para o isolamento, aparentemente sem grandes conflitos. Como exemplo, o desapego quanto a morar em uma pequena casa de madeira cujos móveis foram montados com caixas de querosene. O pensamento e a personalidade de Martin Fischer aparecem, também, nas afirmações que a satisfação interna através do trabalho valia mais que vantagens materiais e que não valia a pena abrir mão da liberdade interior por quaisquer benefícios materiais.

O capítulo deu ênfase às ações de Martin Fischer como administrador de uma pequena empresa agrícola e industrial, sua sociedade com Antonio Pauly e o episódio conflituoso protagonizado pelos dois imigrantes em uma região de colonização. Também, trouxe vários

acontecimentos vivenciados por Fischer e por Charlotte Wollermann de 1941, quando foi extinta a fábrica de aguardente *Tatú*, até meados de 1948, quando surgiu a oportunidade de transferência dos dois para Ijuí, no noroeste do Rio Grande do Sul, ocorrida três anos depois.

Outros aspectos sobre a inserção pessoal, profissional e ideológica de Martin Fischer, num espaço de colonização no sul do Brasil e suas ações na comunidade onde viveu, a partir do estudo das correspondências enviadas e recebidas, serão apresentados no próximo capítulo.

III. OS DIÁLOGOS DE MARTIN FISCHER

Este capítulo traz diversos temas que aparecem nas correspondências enviadas e recebidas por Martin Fischer, nas décadas de 1930 e 1940. Nesse tempo, Fischer movimentou-se por Berlim, pelo Oeste de Santa Catarina, por Buenos Aires até se estabelecer na área rural de Iraí. O conjunto das cartas trocadas revelou temas diversos, inesperados e complexos, representações de uma realidade e desempenhou um papel significativo na comunicação estabelecida por Fischer com seus correspondentes. A pesquisa também constatou que nem todas as correspondências foram deliberadamente guardadas pelo pesquisado. Muitas foram apenas mencionadas entre os interlocutores, mas não estão nos arquivos pessoais de Martin Fischer no Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP).

3.1 – Cartas trocadas com a família Grotewold

Conforme Eni Orlandi (2015), diante de fatos somos instados a interpretar, no mínimo questionar o que querem dizer. No caso dos diálogos de Fischer com seus correspondentes, num primeiro momento, é necessário observar sobre o que estão escrevendo – o discurso –, compreender o sentido do que está sendo dito nas cartas e qual o significado dos assuntos para os sujeitos. No entanto, ao fazer a leitura é necessário ir além do que fica na superfície dos diálogos. Dessa maneira, o analista terá a chance de perceber o que os autores não expressaram explicitamente em seus textos, mas que também contribui significativamente para os sentidos em suas palavras. Por isso, a *Análise de Discurso* “se propõe construir escutas [...] procurando escutar o não dito naquilo que é dito” (ORLANDI, 2015, p. 34).

Para desvendar os discursos trocados entre Martin Fischer e seus correspondentes, em primeiro lugar foram traduzidas as cartas do alemão para o português. A tese se debruçou em um trabalho com documentos originais, ou seja, que por muitos anos compuseram um arquivo privado, guardado por Fischer no curso de sua vida. Após a leitura das cartas foram catalogadas todas as que pudessem responder a questão da pesquisa. O estudo da correspondência buscou identificar as informações factuais e as circunstâncias que levaram a produção da mesma. Também, alguns dados biográficos foram necessários para o conhecimento dos interlocutores. Na análise procurou-se levar em consideração as relações intrínsecas entre o texto e o contexto, por isso, o presente capítulo também dialogou com a historiografia a respeito de diversos temas. O conjunto representativo de cartas permitiu

identificar o posicionamento de Fischer em relação a si mesmo e como se manifestou em relação aos outros; a observação de conhecimentos, comportamentos, mentalidades, práticas e ações; e captar fenômenos a partir das perspectivas contidas na correspondência, contribuindo para a história da imigração no sul do Brasil. Foram extraídos elementos essenciais de documentos originais, cujo conteúdo foi expresso de forma abreviada, resultando na conversão de documentos primários em documento secundário. Por fim, a organização do capítulo privilegiou os interlocutores com o maior número de correspondências.

A correspondência entre Martin Fischer e Christian Grotewold, existente no MADP, estende-se de 07 de fevereiro de 1937 a 24 de fevereiro de 1941. Corresponde exclusivamente ao período de Iraí, com 26 cartas enviadas por Fischer e 19 recebidas. Natural de Bremen, na Alemanha, Grotewold emigrou com sua família para a Argentina, após a Primeira Guerra Mundial. Ex-combatente, jornalista e escritor, nessa época era redator do *Deutsche La Plata Zeitung* (Jornal Alemão La Plata), de Buenos Aires, o principal periódico da comunidade germânica na Argentina e o maior jornal diário alemão da América Latina. Conforme Anne Saint Sauveur-Henn (2010), o *Deutsche La Plata Zeitung* (DLPZ) foi fundado por Hermann Tjarks, em 1887, após o fechamento do *La Plata Zeitung*, o primeiro jornal alemão de Buenos Aires, que circulou entre 1863 e 1885. Em 1936, Emílio Tjarks assumiu a direção do jornal até 1945. Rivalizando com o DLPZ estava o *Argentinisches Wochenblatt*, fundado em 1878, por Johann Alemann, que se transformou no *Argentinisches Tageblatt* (AT), em 1889. Desde o princípio houve uma nítida divisão entre os dois jornais. Enquanto o DLPZ era voltado para um público mais elitista, o AT era dirigido às classes mais populares. Entretanto, por ocasião da Primeira Guerra Mundial, ambos os jornais promoveram o patriotismo e justificaram a guerra. No final desta, o DLPZ rejeitou a República de Weimar e influenciou a maioria dos alemães na Argentina. Por sua vez uma minoria de republicanos, reunida em torno do AT, era a favor do novo regime. No final da década de 1920, as divergências dentro da comunidade alemã aumentaram com a ascensão do nacional-socialismo. Os defensores do movimento nacional-socialista, que compunham a grande maioria dos alemães na Argentina, tinham como referência o DLPZ. O apoio do jornal ao nazismo ficou evidente pelas edições que elogiavam regularmente o chanceler do *Reich* Adolf Hitler. Por sua vez, os oponentes do nacional-socialismo se uniram ao AT, que passou a criticar o movimento de Hitler. No decorrer da década de 1930 os dois jornais passaram a se acusar mutuamente. Enquanto o *Argentinisches Tageblatt* era o “jornal inflamatório antialemão”, o *Deutsche La Plata Zeitung* era o “jornal local de Hitler”, acusado de ocultar deliberadamente as atrocidades nazistas. Na

época o AT chegou a sofrer um boicote publicitário por parte de bancos, empresas e lojas que apoiavam o nazismo. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, o DLPZ passou por uma reestruturação passando a se chamar *Freie Presse* e circulou até a década de 1970. Por sua vez, o *Argentinisches Tageblatt* ainda é publicado semanalmente em Buenos Aires (SAUVEUR-HENN, 2010).

A relação de amizade com Christian Grotewold teve início em 1935, pouco tempo depois da chegada de Fischer à capital argentina, mas se consolidou de uma forma muito afetuosa. Fischer utilizou muito a expressão *Onkel Christian* ou *Papito* quando se dirigia a Grotewold. Ele ficara viúvo não fazia muito e tinha três filhos que também moravam em Buenos Aires: Hans, Walther e Gisela, todos casados e com filhos pequenos.

A presente tese apresentou o entendimento de alguns teóricos sobre o que é ser intelectual, ou seja, de alguém que produz conhecimento, que tem uma postura sociopolítica, que saiba interpretar o mundo ou que faça parte de um grupo específico (literatos, filósofos, artistas). Para Gérard Leclerc (2004), os “intelectuais” como categoria social surgiram no século XIX e estão ligados à modernidade, isto é, ao secularismo, ao pluralismo religioso, ao nascimento das liberdades de pensamento e de publicação. Conforme o jornalista francês o intelectual ultrapassa o campo de sua competência profissional para falar de coisas nas quais não é *expert*, mas em relação às quais se julga implicado e referido; o intelectual “é aquele que se ocupa do que não lhe diz respeito [...] que vive para as ideias, por uma vocação ou engajamento” (LECLERC, 2004, p. 17). Quando Fischer inverteu suas atividades e trocou as jornalísticas pelas agrícolas ele passou a falar de “outras coisas” e discutir “outras ideias” que não eram as mesmas da sua competência profissional anterior. Entretanto, em sua correspondência manteve conexão com intelectuais e, embora muitos dos temas abordados estivessem relacionados à sua experiência no mundo rural, discutiu questões complexas de forma acessível e envolvente. Em sua rede de relações Christian Grotewold foi um dos principais.

Na primeira carta enviada, um mês após sua chegada em Iraí, Fischer revelou que o modo de vida em Buenos Aires não lhe fizera bem. No entanto, “falta de paz interior”, tensão, problemas cardíacos e “outras pequenas dores” não lhe incomodavam mais e certo entusiasmo havia retornado. Conforme Fischer, a relação de amizade com a família Grotewold e o grande número de amigos que os acompanhou até estação representou o lado positivo da permanência em Buenos Aires (FISCHER, 07 fev. 1937). Nesta carta se referiu à Iraí e suas fontes termiais como um local que teve um notável impulso nos últimos anos. Disse

também que viver em um pequeno balneário tinha algo peculiar, pois “o pijama é o vestuário predominante dos banhistas, mesmo os grandes figurões preferem essas roupas casuais, além de uma simplicidade forte e abundante que caracteriza toda vida no Brasil” (FISCHER, 07 fev. 1937). Afirmou não relutar em andar apenas de bombacha, camiseta e um grande chapéu. Relatou sobre a aquisição de uma área de terra às margens do rio Uruguai; sobre a sociedade com um pequeno produtor de rapaduras e açúcar mascavo; e sobre os planos futuros que previam a ida a São Paulo para adquirir equipamentos para aumentar a produção de açúcar e produzir aguardente. Conforme Fischer a “doçura” seria um lado de seu futuro; o outro seria a agricultura. Sobre a sua área rural, o lugar e o clima relatou que,

Vivemos aqui adaptados às condições rurais. Além disso, só posso dizer que me sinto completamente livre e feliz nesse silêncio e na paz da floresta. Da varanda do chalé alugado, podemos ver nas encostas arborizadas, ao fundo, o majestoso Uruguai que se move, é lindo e paradisíaco. Nos últimos dias tivemos muito calor e tempestades regulares [...] O clima nos lembrou um pouco Buenos Aires! É estranho como as coisas ruins ainda nos tocam (FISCHER, 07 fev. 1937).

Revelou que desde que partiu de Buenos Aires, não teve em mãos nenhum jornal. Nesse momento “os preços do açúcar são mil vezes mais importantes para mim do que os eventos na Espanha⁵² ou em qualquer outro lugar” (FISCHER, 07 fev. 1937). Observou que a coisa mais certa a fazer era cuidar da sua saúde e que quando estivesse completamente recuperado daria atenção ao que estava se passando no mundo.

Pode parecer estranho que alguém que viveu os últimos anos envolvido com o jornalismo diga que ainda não pegou nenhum jornal para ler; que não está interessado no que está acontecendo no mundo; que equinos, bovinos e suínos lhe atraem mais e que os preços da banha, da batata e do açúcar são mais significativos. Pois estas frases foram mencionadas várias vezes por Fischer, em sua correspondência, tão logo se estabeleceu na área rural de Iraí. Por um lado, se desconectou das notícias vindas do continente europeu como forma de se isolar e se recuperar do estresse de Buenos Aires; por outro, suas atividades e negócios eram mais importantes naquele momento. No entanto, quando para outros correspondentes mencionou que escutava notícias “aqui e ali” é porque não ficou desinformado ou alheio ao

52 É provável que Fischer estivesse se referindo a Guerra Civil Espanhola (1936-1939), conflito armado que colocou, de um lado, republicanos, anarquistas e comunistas e de outro, os nacionalistas, uma aliança composta por militares, monarquistas e católicos, liderados pelo general Francisco Franco. Os nacionalistas venceram a guerra e Franco governou a Espanha até sua morte, ocorrida em 1975. Durante o conflito, os nacionalistas contaram com a ajuda militar da Alemanha, de Hitler e da Itália de Mussolini. Também o Vaticano apoiou Franco, pois a Igreja condenava o comunismo.

que estava acontecendo. Também quando expôs que as notícias que chegavam da Alemanha vinham por intermédio de amigos e vizinhos que possuíam rádio.

Encerrou a carta dizendo que Antonio Pauly, ao se despedir deles em Buenos Aires, presenteou Charlotte com o livro *A lente convergente*, de Julius Pupp, uma coleção de provérbios com o subtítulo *Da sabedoria de três milênios*. Também convidou Christian Grotewold para lhe visitar no verão seguinte, na qual “o melhor frango e o mais gordo porco serão abatidos em sua homenagem e o *Schnabus* fabricado em nossa própria fábrica será colocado no gelo inexistente”. Também “donzelas de honra vestidas de branco acenderão as lâmpadas e será pura alegria nos ‘salões de Tróia’” (FISCHER, 07 fev. 1937).

A carta de 22 de fevereiro de 1937 trouxe como assunto exclusivo a publicidade para a venda do Hotel Descanso de Bernardo Maahs⁵³. Segundo Fischer, Maahs era seu conhecido, um veterano da Primeira Guerra Mundial e Oficial da Reserva que, assim como ele, emigrou depois do conflito. Depois de várias escalas tornou-se proprietário de um hotel em Iraí, avaliado naquela época em 200 contos de réis. Maahs queria vender o empreendimento porque contraiu uma doença ocular que estava lhe impedindo de administrar e como não tinha filhos, sua esposa sozinha não queria assumir o negócio. O preço de venda do hotel com todas as suas benfeitorias⁵⁴ era de 150 contos de réis. Fischer deixou claro que estava apenas prestando uma ajuda ao conterrâneo e solicitou a Grotewold o seguinte favor: que colocasse um anúncio no *Deutsche La Plata Zeitung*, que pagasse o valor devido (a ser restituído) e se tornasse um contato que pudesse fornecer informações caso aparecesse algum interessado (FISCHER, 22 fev. 1937).

A Figura 9 mostra como era o hotel em fotografia registrada em 1929: um extenso prédio de madeira com dois pavimentos, com sacada na parte superior, uma escada dupla para o andar térreo, uma área livre em frente e uma exuberante floresta ao fundo. Um grupo de mais de vinte pessoas está na parte externa do hotel, no qual se percebem homens e mulheres com idade avançada; algumas mulheres acomodadas em cadeiras e se protegendo do sol; e a quase totalidade dos homens trajando vestuário convencional e usando chapéus.

53 Bernardo Guilherme Maahs foi mencionado no capítulo *Prisão e expulsão de espiões nazistas: um caso com sabor de aventura*, do livro *A 5ª Coluna no Brasil: A conspiração Nazista no Rio Grande do Sul*, de Aurélio da Silva Py, tema tratado no capítulo 1.

54 Fischer teria anexado à carta uma relação de bens da empresa hoteleira.

Figura 9 – Hotel Descanso – Iraí (RS) – 1929



Fonte: Centro de Documentação da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC).

Muitas linhas foram escritas por Fischer descrevendo o hotel que tinha capacidade para acomodar 70 pessoas e que contava com uma seleta clientela; o prefeito de Porto Alegre Alberto Bins, por exemplo, era um dos hóspedes regulares. Também esclareceu que a atividade do hotel era sazonal, com início em meados de novembro e término no final de março, no entanto, mesmo assim era muito lucrativa. Para reforçar o argumento que poderia ser utilizado por Grotewold, Fischer enfatizou que,

A empresa hoteleira está a funcionar perfeitamente, tem a melhor reputação, abastecimento próprio de água, atividade secundária agrícola, garagens, carro próprio, etc. Hoje, Iraí é uma estância termal conhecida em todo o Brasil por suas fontes minerais/medicinais, para as quais o governo do Estado do Rio Grande do Sul concede constantemente grandes verbas. Há uma série de hotéis locais, mas o Hotel Descanso é o preferido do bom público alemão. Agora está completamente lotado (FISCHER, 22 fev. 1937).

Quanto ao valor para uma possível negociação, expôs que os 150 contos de réis não representavam o valor real. Porém, no Brasil, as perspectivas de venda eram baixas, por isso, surgiu à ideia de oferecer no país vizinho. Conforme Fischer, “150 contos de réis são apenas 30.000 pesos argentinos e não é uma fortuna na Argentina”. Por outro lado, “seria realmente um grande favor a um velho oficial alemão, que agora está gravemente doente e correndo o risco de talvez perder a visão” (FISCHER, 22 fev. 1937). Na carta seguinte, Fischer agradeceu os esforços de Grotewold na questão da venda do hotel e insistiu para que viesse

conhecer a Granja *Astendam* e ver o que estavam construindo. Ofereceu garantia total de “silêncio, paz e relaxamento” (FISCHER, 15 maio. 1937).

Em 12 de agosto Fischer respondeu a carta de Grotewold, que teria sido escrita no mês de junho⁵⁵. Relatou que o tempo favorável foi usado para a abertura de uma estrada de acesso; para a construção de um embarcadouro no rio Uruguai; e que a fábrica *Dreher & Fischer* estava operando há alguns dias com “nova aparência”. Abordou o ensaio produzido por Grotewold publicado na revista *Lasso*, de Buenos Aires, sob o título *A Lei dos Alemães no Exterior*. Naquele momento, toda a produção intelectual de alemães na Argentina estava passando pelo crivo de um censor do Partido Nazista e Grotewold teria solicitado a opinião de seu correspondente sobre o assunto. Fischer expôs que havia virado as costas para o partido por causa da “imundície inacreditável” e da “desordem interna”, mas que preferia abster-se de qualquer comentário, pois, na condição de ex-membro do partido não queria “sujar o ninho que havia sentado por muitos anos” e que o seu senso de honra o “proibia” de expressar qualquer tipo de crítica. Ela poderia atingir “aqueles numerosos camaradas do partido que são nacional-socialistas honestos, reais e verdadeiros e que não perderam a fé no partido” (FISCHER, 12 ago. 1937).

Em sua correspondência Fischer declarou que se desfilou do partido depois de ter visto toda a falsidade do NSDAP no exterior e as atitudes negativas dos líderes. Por outro lado, provavelmente tinha conhecimento sobre a censura, às atrocidades e as violações dos direitos humanos que o NSDAP vinha impondo a população alemã desde 1933, quando chegou ao poder e que estava se tornando uma realidade também em países de imigração, naqueles onde o Partido Nazista estava mais bem estruturado. Na carta enviada a Grotewold, se resguardou de comentar as ações do partido, sob a alegação de que quaisquer que fossem suas considerações elas poderiam afetar os camaradas que acreditavam no nacional-socialismo. Com outros correspondentes, como veremos, Fischer voltou a esse assunto com mais detalhes.

Na continuidade da carta Fischer relatou que a construção da casa de hóspedes, que ficaria conhecida como o “chalé do cavalheiro” havia iniciado, mas que não avançava por falta de madeira. Esclareceu que as árvores derrubadas eram trazidas pelo rio Uruguai, no

55 Pela leitura das cartas enviadas por Fischer, identificou-se que Christian Grotewold escreveu quatro cartas durante o ano de 1937 (31 mar., 21 jun., 27 set. e 23 dez.), porém nenhuma delas foi encontrada na Coleção Martin Fischer do MADP.

entanto, como o leito do rio estava baixo a corrente era insuficiente para trazê-las até Iraí. Conforme Fischer,

Depois da chuva desta noite e desta manhã modestamente esperamos que o Uruguai volte a subir e traga a madeira [...] No entanto, a madeira ainda precisa secar por várias semanas, para ser utilizada [...] No final de setembro ou início de outubro o chalé do cavalheiro provavelmente estará pronto. Então, se você quiser vir em outubro, podemos torná-lo muito confortável para você (FISCHER, 12 ago. 1937).

Fischer também descreveu as condições de tráfego e o itinerário para uma viagem de Buenos Aires a Iraí. Em primeiro lugar, não seria ideal que ocorresse antes de outubro. Mesmo que o inverno daquele ano estivesse passando com poucas chuvas às estradas ficaram intransitáveis em muitos momentos. Por isso, “ficar deitado num acampamento na estrada rural por dois ou três dias ou ficar preso na floresta não seria nenhum pouco divertido” (FISCHER, 12 ago. 1937). O itinerário, caso Grotewold viesse de avião até Porto Alegre, era o seguinte: trem noturno com saída de Porto Alegre, às 17 horas, via Santa Maria, e chegada em Santa Bárbara por volta das 16 horas do dia seguinte. Na estação férrea de Santa Bárbara aguardavam camionetes, de propriedade da ferrovia, para o transporte até Iraí. O custo aproximado da viagem, considerando o trajeto Porto Alegre-Iraí-Porto Alegre em vagão-leito, incluindo alimentação e hotel, ficaria entre 1:500\$000 e 2:000\$000 réis (o equivalente a 300-400 pesos argentinos). Especificamente sobre o traslado Santa Bárbara-Iraí esclareceu que a distância, caso o tempo estivesse bom, poderia ser percorrida em seis horas, mas geralmente levava mais tempo e as camionetes dificilmente chegavam antes das 2 horas da madrugada (FISCHER, 12 ago. 1937).

Em outras cartas, também para outros correspondentes, sempre alertou que Iraí situava-se em um lugar de difícil acesso e os desafios que a viagem, um tanto demorada e árdua podia apresentar. Estradas sinuosas e condições climáticas em determinados meses do ano dificultavam a travessia. No entanto, cada obstáculo superado valeria a pena quando o visitante chegasse e testemunhasse a serenidade do lugar. Por isso, a experiência e a paciência seriam recompensadas com experiências únicas e memórias duradouras.

As cartas de 25 de setembro e 09 de outubro são muito breves: a primeira trouxe uma mensagem de Fischer e Charlotte a Christian Grotewold (e demais familiares) por ocasião do aniversário de falecimento de sua esposa; e a segunda foi à resposta para a carta enviada por Grotewold, na qual confirmou visita para o início do mês de novembro e informou o novo plano de viagem: voo com avião da VARIG de Porto Alegre a Palmeira (hoje, Palmeira das Missões). Fischer comentou que a distância, desta cidade até Iraí, era de 60 quilômetros e que

seria percorrida em quatro horas, desde que a estrada estivesse em boas condições (FISCHER, 09 out. 1937).

A Viação Aérea Rio-Grandense (VARIG), primeira empresa aérea comercial brasileira, foi idealizada pelo imigrante alemão Otto Ernest Meyer. Fundada em 1927, mediante um acordo com o consórcio aéreo alemão *Condor Syndikat*, para o fretamento de serviços aéreos, passou a operar inicialmente com voos entre Porto Alegre-Pelotas, ampliando suas linhas para outras regiões do Estado. As estreitas ligações da VARIG com o *Condor Syndikat* e posteriormente com a *Lufthansa*, fizeram com que a companhia passasse a ser vigiada, quando do início da Segunda Guerra Mundial, pela polícia do Estado do Rio Grande do Sul. Pressentindo represálias Otto Meyer deixou a presidência, em 1941, assumida por Rubem Berta. A partir de 1942, começou a operar linhas aéreas para fora do Estado (FAY, 2020).

Na carta seguinte, escrita após um intervalo de vários meses, Fischer comentou sobre o “exaustivo” trabalho de Charlotte que, momentaneamente sem empregada doméstica, realizava todo o serviço doméstico, além da ordenha. Ela era a primeira a levantar e a última a ir dormir. Sobre si disse que quase não parava em nenhum momento durante o dia e que “afundava morto de cansaço” à noite. Por outro lado fez uma extensa exposição sobre a “alegria irreprimível no trabalho”, pois os dois podiam ver como estavam progredindo naquele lugar. Segundo Fischer era possível prescindir completamente das “alegrias” da cidade. Sobre o cinema e o teatro em Iraí eles só ouviram falar; aparelho de rádio não tinham, pois não queriam que nada estragasse a quietude da floresta; e os jornais chegavam depois de muitas semanas, daí as notícias não eram mais atuais. No entanto, a beleza paradisíaca daquele “cantinho no mundo” compensava todas as “delícias culturais” que ele e Charlotte haviam perdido. Afirmou que ambos estavam inteiramente imersos no trabalho que, por ser acima de tudo criativo, era infinitamente gratificante. Em um momento filosófico Fischer voltou-se a Grotewold com as seguintes considerações:

As condições de vida em que nós vivemos aqui são fundamentalmente diferentes das suas e, no final, o ambiente sempre moldará a visão de mundo. Provavelmente você não tenha subido ao nível do desprezo humano como nós, do desprezo humano e do desprezo por todos os valores externos e materiais. Afinal, não entramos na selva à toa. Amamos a natureza acima de tudo e nossos animais são nossos companheiros favoritos, mas a grande maioria das pessoas nos deixa tão indiferentes que preferimos evitar o contato próximo com elas. O número daqueles que estão próximos de você em termos de atitude e educação é muito modesto em relação ao grande número de pessoas que você conhece na vida e que você não pode simplesmente evitar. A solidão estimula o pensamento reflexivo e a se preocupar consigo mesmo e é aí que às vezes se forma uma visão de mundo

que se desvia consideravelmente do habitual entre as pessoas bem-educadas. (FISCHER, 16 maio 1938).

No breve comentário, Fischer expressa uma visão de mundo particular e aborda três situações: o desapego, o distanciamento social e a autoreflexão. O primeiro pode ser interpretado como uma crítica aos valores predominantes na sociedade, nos quais as pessoas estão focadas em ganhos e bens materiais. Ao mencionar a entrada na selva, pode-se entender que Fischer e Charlotte valorizavam a natureza. Por outro lado, expressa a visão de alguém que se sente distante e indiferente à maioria das pessoas, por isso escolheu esse ambiente para viver. Fischer chegou a utilizar a expressão “desprezo” ao referir-se ao comportamento humano. Na comunidade em que se inseriu ele se destacou por uma educação e uma visão de mundo superior em relação aos outros ao seu redor. Isso pode ter contribuído para sentimentos de alienação ou dificuldades em encontrar afinidades intelectuais com as pessoas com quem ele interagia. Assim, ele identificou uma maior satisfação na solidão, onde teve oportunidades para desenvolver o pensamento reflexivo.

Em papel timbrado do *Deutsche La Plata Zeitung*, Christian Grotewold escreveu sobre Hermann Heinz Hell, que também tinha planos de visitar Fischer e sobre a sua viagem até Iraí, realizada no final de 1937 que, caso não tivesse sido realizada de avião, teria sido cansativa e demorada (GROTEWOLD, 15 jun. 1938). Um mês depois, em sua carta, Fischer abordou a constituição da sociedade com Pauly e Ortenberg e o desejo de também ter como sócio o filho mais velho de Christian (FISCHER, 17 jul. 1938). Grotewold escreveu para Martin Fischer depois de quatro meses e superficialmente comentou a proposta de sociedade oferecida para o seu filho. Por outro lado, alertou que rumores de guerra circulavam pela Alemanha e que os acontecimentos na Europa passariam a exigir uma leitura mais minuciosa dos jornais (GROTEWOLD, 26 nov. 1938).

Dois dias após receber a carta de Buenos Aires, Fischer respondeu não acreditar que um conflito envolvendo a Alemanha iniciaria logo. Tomou como base o rearmamento alemão que, segundo ele, ainda não estava concluído. Fischer fez também apontamentos sobre a ditadura nazista no pré-guerra. Segundo ele,

As analogias da história nem sempre são felizes, mas uma coisa é conhecida pela história: as ditaduras devem estar sempre atentas aos sucessos da política externa para eliminar as tensões internas ou pelo menos não permitir que elas aumentem. Em todas as ditaduras as tensões internas são muito mais agudas e intensas do que nas democracias, ainda que naturalmente muito menos visíveis, pois as ditaduras têm o poder de usar a violência para silenciar forças que não são bem-vindas para elas. É justamente por isso que elas também são muito mais perigosas, porque os insatisfeitos não podem se

manifestar. Esse é o caso da Alemanha, mesmo que a maioria das pessoas não veja, ou melhor, não queira ver (FISCHER, 11 dez. 1938)

Concluiu seu raciocínio afirmando que o governo alemão tinha esse entendimento, daí a necessidade de desviar a atenção das tensões internas por meio da política externa e manter o mundo em constante suspense. É importante ressaltar que a natureza das ditaduras pode variar amplamente e que nem todas seguem exatamente o modelo descrito por Fischer. Entende-se que a política externa da Alemanha, a que Fischer se referiu, esteja relacionada com a remilitarização da Renânia em 1936, que violou o Tratado de Versalhes e permitiu a ocupação militar dessa região na fronteira com a França; com o *Anschluss*, em 1938, que foi a anexação da Áustria pela Alemanha; e com Crise dos Sudetos, quando a Alemanha pressionou pela anexação de territórios da Tchecoslováquia habitados por uma grande população de origem alemã. Essas ações da política externa alemã foram populares entre muitos alemães, pois recuperaram o orgulho nacional e promoveram uma sensação de grandeza e sucesso para o regime nazista implantado por Adolf Hitler, em 1933. No entanto, desde a implantação do regime foram empregadas estratégias repressivas e um aparato militar para silenciar a oposição e todos aqueles que não se alinhavam com sua ideologia, bem como para controlar as tensões internas. O regime projetou, antes mesmo da política externa, uma imagem positiva interna. Isso incluía a realização de eventos e propaganda, cuidadosamente planejados para ocultar a violação dos direitos humanos e as políticas repressivas do governo. Porém, segundo Fischer, a maioria da população não queria enxergar.

Na sequência da carta, sobre a proposta do filho de Grotewold entrar na sociedade, Fischer encerrou a questão. Disse que podia entender que morando em Buenos Aires, Hans preferisse entrar em uma sociedade para comprar um iate a motor para navegar em *La Plata* do que se envolver na agricultura no Brasil. Expôs ainda os progressos em sua empresa agrícola e que em decorrência das mudanças possivelmente Grotewold não reconheceria a Granja *Astendam* visitada um ano antes (FISCHER, 11 dez. 1938).

O contato entre os dois foi retomado pela carta de 31 de março de 1939, enviada de Buenos Aires. Nela, Grotewold comunicou, entre outros assuntos, que iria proferir palestra sobre direito matrimonial, tendo por base uma recente lei que trazia as novas determinações para o requerimento do divórcio na Alemanha. Uma cópia da palestra seria enviada para Fischer para que este pudesse conhecer a nova lei e a aplicabilidade da mesma no processo de divórcio de seu primeiro casamento, anterior a Primeira Guerra Mundial, que se arrastava há anos (GROTEWOLD, 21 mar. 1939).

Se a correspondência de Grotewold, de 08 de abril, foi breve, contendo apenas felicitações pela Páscoa e notícias familiares, a escrita por Fischer alguns dias depois foi mais extensa. Iniciou agradecendo o texto sobre a nova legislação referente ao divórcio na Alemanha e informou que “as negociações com a Madame” (ex-mulher), estavam num impasse. Sobre a expressão “virar do avesso”, que tinha sido utilizada por Grotewold ao se referir sobre os recentes acontecimentos político-militares na Europa, Fischer reafirmou que as notícias vindas deste continente passavam sem qualquer emoção e que os seus negócios lhe interessavam mais do que a situação da Europa. Nesta carta, comentou, também, a conduta profissional das pessoas que trabalhavam com ele, pois

às vezes gostaria de ter uma máquina que pudesse operar com o apertar de um botão e que fizesse todo o trabalho que precisa ser feito, porque empregar uma dúzia de trabalhadores não é difícil, mas conseguir um trabalho realmente valioso deles é uma façanha. A maioria carece da disciplina necessária, o que é essencial se você deseja alcançar algo. Deus sabe que não precisa se transformar em obediência cega, como em certos países europeus. Uma disciplina firme seria necessária aqui para obter algo valioso dos países ricos da América do Sul. No entanto, como não há nada perfeito neste mundo de luto, você precisa ser modesto (FISCHER, 19 abr. 1939).

Em geral, comparações culturais e de trabalho podem ser sensíveis e propensas a estereótipos. Generalizações amplas que não consideram os fatores históricos e sociais, que moldam as diferentes abordagens ao trabalho, podem ser injustas e imprecisas. Além disso, as noções de trabalho disciplinado ou indisciplinado podem variar de acordo com as perspectivas culturais e contextos específicos. Fischer voltará ao assunto mão-de-obra, detalhando sua experiência com diferentes grupos, na correspondência enviada ao seu cunhado Hugo, como veremos adiante.

Outra extensa carta foi enviada por Fischer no mês de julho. Nela, relatou o acidente que provocou a morte de Carlos Culmey, diretor administrativo da Companhia Territorial Sul Brasil (CTSB). Segundo Fischer, Culmey, o genro Walter Herwig e Álvaro Berthier juntaram grande quantidade de madeira para ser levada a Argentina pelo rio Uruguai. Em meados de maio chuvas contínuas provocaram forte enchente. Carlos Culmey teria sugerido que aguardassem até que a violência das águas diminuísse, mas Álvaro Berthier foi muito insistente e na noite de 15 de maio, com uma lancha a motor, decidiram descer o rio até Porto Feliz de Mondahy (atual Mondai) para pegar os documentos de exportação da madeira. Conforme Fischer,

Às 19 horas, os três homens embarcaram na lancha que desceu o rio a uma velocidade vertiginosa. Por falha de direção, enroscou em alguns arbustos

em uma pequena ilha em frente à vila de Cascalho e imediatamente virou. Agora, o que realmente aconteceu ninguém pode dizer, pois a noite estava escura. Herwig, Berthier e o piloto foram jogados para fora da lancha e conseguiram se agarrar em alguns arbustos. Eles passaram a noite inteira entre a vida e a morte em uma situação terrível e foram resgatados pela manhã, completamente exaustos, com os nervos em colapso. Não ficaram vestígios nem da lancha, nem de Culmey (FISCHER, 04 jul. 1939).

A notícia do ocorrido somente foi confirmada alguns dias depois, quando também chegou à informação de que o corpo de Culmey fora encontrado a cerca de 200 quilômetros abaixo do local do acidente (FISCHER, 4 jul. 1939).

Na correspondência seguinte Grotewold perguntou a Fischer se os acontecimentos na Europa – Pacto de Não-Agressão entre a Alemanha e a URSS⁵⁶ e a “enorme psicose de guerra” com a Inglaterra e a França – haviam chegado ao seu “canto verde do mundo” (GROTEWOLD, 22 ago. 1939). Em outra carta, Grotewold discorreu sobre o conflito que iniciara na Europa no início do mês de setembro. Em primeiro lugar, expôs o temor quanto à situação dos filhos e do genro: Hans, que trabalhava com importação e exportação, poderia ter seu salário reduzido, por isso estava providenciando mudança para um apartamento menor; Walther e o genro Hans Lüters poderiam resistir sem grandes perdas, desde que a guerra não durasse muito. Sob tais circunstâncias, solicitou que Fischer devolvesse o dinheiro que lhe fora emprestado o mais breve possível. Considerou também, na pior das hipóteses, que Fischer levasse os familiares para morar em Iraí. Mencionou que todos da família se registraram como voluntários, mas ironizou quando disse que não eram mais necessários na Polônia, porque “todo o trabalho foi feito lá” e que os soviéticos “nossos novos amigos” provavelmente liquidariam o resto (GROTEWOLD, 18 set. 1939). E continuou,

Estou simplesmente encantado com a notícia de que um submarino alemão despachou o porta-aviões *Courageous*⁵⁷. Espero que nossa amada pátria alemã saia grande e poderosa deste novo teste difícil. De qualquer forma, nossa jovem *Wehrmacht*⁵⁸ mostrou que está à altura da tarefa e todo o resto é

56 O Pacto Nazi-Soviético de Não-Agressão, também conhecido como Pacto Ribbentrop-Molotov, firmado em Moscou, no dia 23 de agosto de 1939, insere-se no interior das causas da Segunda Guerra Mundial. Diante da política militar expansionista do ditador alemão Adolf Hitler, o Pacto representou para a URSS a garantia para “ganhar tempo” e preparar o país para um conflito que era inevitável. Do lado alemão, serviria para isolar e manter a URSS fora do conflito. Dentre as cláusulas escritas estava a garantia de não beligerância entre os dois países, no entanto, também foram discutidas cláusulas secretas que previam a divisão de territórios de alguns países do leste europeu em áreas de influência. Dentre esses países estava a Polônia. No dia 1º de setembro de 1939 as tropas nazistas entraram no território polonês, dando início a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) (HOBSBAWM, 2003).

57 Navio de guerra da Marinha Real Britânica desde 1916, torpedeado nas primeiras semanas da Segunda Guerra Mundial.

58 Denominação das forças armadas alemãs.

inicialmente completamente sem sentido. Os eventos da guerra me ocupam tanto que dificilmente consigo pensar em outra coisa. Afinal, o destino de todos os meus entes queridos e o meu também, depende do fim da guerra de forma rápida e vitoriosa. Deus castigue a Inglaterra, mas desta vez não de forma muito restrita. Meu único arrependimento é não poder estar lá novamente com meus obuses de campo (GROTEWOLD, 18 set. 1939).

O relato de Grotewold retratou os sentimentos específicos de um imigrante alemão, com fortes vínculos ao seu país de origem, em relação ao início da Segunda Guerra Mundial. O autor demonstrou entusiasmo com as primeiras ações militares, particularmente com a notícia de que um submarino alemão afundou um porta-aviões britânico; e a expressão clara de apoio à Alemanha Nazista. Em seu relato expôs a mentalidade de ex-soldado e desejo de vingança em relação à Inglaterra, um dos países vencedores da Primeira Guerra Mundial.

Em outras correspondências Fischer chegou a afirmar que em hipótese alguma haveria uma guerra, porque os países não estavam em condições de se envolver num conflito. Com o passar dos meses mudou de opinião e passou a se referir a uma provável guerra na Europa, mas ainda assim não acreditava que iniciaria antes de 1940. Na carta de 25 de setembro, Fischer mudou sua análise e se referiu a guerra como algo conjecturado há muito tempo. Para ele a Polônia acabaria em breve, mas a guerra com a França e a Inglaterra iria durar muito tempo. Porém, ficaria feliz se estivesse errado. Manifestou preocupação com a família Grotewold e propôs que,

Se um de vocês estiver precisando, venha aqui imediatamente com sua família. [...] Agora, neste tempo, um tem que apoiar o outro até o fim. Estamos apertados, é claro, mas sempre temos algo para comer. Nós vamos abrir espaço. Se necessário, uma casinha será construída, nem tudo é glorioso aqui. Todos são muito bem vindos e, se todos vierem, certamente não será demais para nós. Tenham certeza disso (FISCHER, 25 set. 1939)

Dois dias depois Fischer escreveu outra carta. O assunto permaneceu centrado na guerra e suas repercussões. Segundo Fischer a situação de Hans ficaria crítica caso a agência Lloyd do Norte da Alemanha tivesse que ser fechada devido o bloqueio inglês sobre o tráfego de navios. Voltou a estender o convite à família Grotewold para que viesse a Iraí e aguardasse o final da guerra, independente do tempo que ela durasse. Era a contrapartida pelo empréstimo, mas o autor deixou claro que não seria nenhum fardo. Disse que a guerra fizera sentir-se em Iraí porque produtos e gêneros alimentícios ficaram mais caros. Por outro lado não havia ainda nenhuma animosidade em relação à Alemanha. Conforme Fischer, “o

governo brasileiro não apenas declarou solenemente sua neutralidade⁵⁹, mas está fazendo o possível para mantê-la, por exemplo, todos os comícios estão proibidos, assim como falar sobre a guerra em locais públicos” (FISCHER, 27 set. 1939).

Em uma breve carta, Grotewold relatou que as operações de importação e exportação na empresa onde seu filho trabalhava não foram interrompidas, no entanto, caso a guerra se prolongasse por muito tempo, Hans poderia retornar a proposta de uma sociedade com Fischer. Encerrou repetindo a frase mencionada em uma carta anterior: “Deus castigue a Inglaterra” (GROTEWOLD, 15 out. 1939).

A correspondência que Fischer escreveu em 24 de outubro de 1939 é a mais longa das missivas, entre todas que compõem a Coleção Martin Fischer. Suas 14 páginas tratam exclusivamente de Antonio Pauly (o sócio informal de Fischer) e de sua companheira Anita Schneidewind e a relação de ambos com a fábrica de aguardente. Praticamente, as demais correspondências trocadas entre Martin Fischer e Christian Grotewold irão abordar os desdobramentos da situação conflitiva gerada com a chegada de Schneidewind a Iraí.

Na carta de 15 de janeiro de 1940, dentre outros assuntos, Fischer reforçou a convicção de que o conflito mundial iria durar muito tempo, pois as nações envolvidas lutariam até a exaustão completa e ao final, não haveriam vencedores e vencidos, mas apenas vencedores e aniquilados. Informou que seu ex-sócio o Dr. Ortenberg, em viagem a Europa, foi surpreendido pela guerra e estava na Holanda, em Doorn, como médico pessoal do ex-imperador alemão Guilherme II. Fischer também revelou cansaço pelo excesso de trabalho e depressão originada das adversidades dos últimos meses. Afirmou que tinha em mente, para não desanimar, a frase desafiadora de Goethe⁶⁰: “Preserve-se apesar de toda violência” (FISCHER, 15 jan. 1940).

Christian Grotewold só voltaria a escrever para Martin Fischer no mês de março (1940). Contou que com sua família as coisas estavam bem e que “nem tudo ficou tão bom como era, mas também não ficou tão ruim quanto poderia ter ficado” (GROTEWOLD, 01 mar. 1940). Na mesma carta informou que na Argentina o consumo de bebidas alcoólicas havia diminuído e sugeriu como possibilidade para alavancar os negócios de Fischer a produção de gelo seco para a refrigeração e a produção de água com gás com essências de

59 O Brasil declarou inicialmente sua neutralidade em relação à guerra. No entanto, devido a uma série de fatores, incluindo ataques a navios brasileiros por submarinos alemães, o governo brasileiro decidiu entrar em guerra contra as Potências do Eixo (Alemanha, Itália e Japão) em agosto de 1942.

60 Outras perspectivas do pensamento do escritor alemão Johann Wolfgang von Goethe serão discutidas na sequência deste capítulo.

frutas. Grotewold tinha conhecimento da produção frutífera de Fischer, por isso sugeriu a adição de extratos de frutas à água como sugestão para a produção de refrigerantes e assim diversificar sua atividade agroindustrial.

Na correspondência seguinte, escrita por Fischer, este iniciou dizendo que o trabalho o mantinha muito ocupado, por outro lado lhe faltava paz interior para escrever; que Charlotte vinha sofrendo de uma erupção cutânea inexplicável, a ponto de estar praticamente ausente de suas atividades específicas⁶¹; e que gostaria de ir a Buenos Aires para visitar os amigos, mas que seria difícil porque o trabalho exigia sua presença. Na mesma carta revelou que necessitava urgentemente de 32 contos de réis, até o dia 19 de maio. Argumentou que as questões que envolvem dinheiro costumam destruir amizades sólidas, mas a difícil situação não lhe oferecia outra saída, por isso clamava por mais uma ajuda (FISCHER, 17 abr. 1940).

Na correspondência datada de 1º de maio, Fischer explicou a Grotewold que estava fora de questão uma viagem para Buenos Aires. Diante do complicado estado de saúde de Charlotte – motivado pelas erupções cutâneas e estresse – o médico de Iraí prescreveu banhos de enxofre. Como Fischer possuía participação societária no único hotel da pequena localidade de Taquarussu, que dispunha de banhos de água termal sulfurosa, Charlotte foi levada para lá. Fischer também insistiu para que Grotewold viesse a Iraí, pois queria lhe mostrar tudo o que fora construído e o que ainda poderia ser ampliado (FISCHER, 01 maio 1940).

Os assuntos principais nas duas outras cartas, enviadas por Fischer, foram: o encerramento do caso Pauly e o veemente agradecimento pelo gesto de amizade e confiança de Hans e Lüters para com seu caso e a melhora no estado de saúde de Charlotte, que retornara “descansada” e “infinitamente feliz”. Sobre as erupções cutâneas, os abscessos e as feridas que surgiram em Charlotte, Fischer apontou como causa o alto nível de estresse pelo qual passou sua companheira (FISCHER, 19 maio 1940; 02 jun. 1940).

Quem escreveu as duas correspondências seguintes foi Grotewold. Na primeira, comentou sobre o ato de beber, que no caso de Fischer envolvia uma atividade econômica e indagou sobre o que aconteceria com as fábricas de aguardente se ninguém mais quisesse consumir. Questionou se Martin era feliz por ser alemão; devaneou que há 25 anos poderia ter feito mais como soldado, por ocasião da Primeira Guerra Mundial; e que teria gostado de ter

61 As suspeitas vinham de uma picada de aranha ou, o que era mais provável, de superestimulação nervosa provocada pelo impacto de toda a situação vivida desde o início da questão com Antonio Pauly.

participado da recente invasão da França, no novo conflito europeu (GROTEWOLD, 25 jun. 1940). Na segunda, mencionou que havia a possibilidade de empreender uma viagem a Iraí; mas que também não era improvável que fosse com o genro Hans Lüters e com a filha Gisela para a Alemanha, pois esta estava grávida e queria que seu bebê nascesse em seu país de origem (GROTEWOLD, 13 ago. 1940).

É no mínimo intrigante alguém querer ir para um país em guerra, mesmo que seja para ter um bebê no país onde nasceu. Na cronologia da Segunda Guerra Mundial, em abril de 1940 o exército alemão prosseguiu com a *Blitzkrieg* (guerra-relâmpago) visando vitórias rápidas. O avanço militar nazista foi fulminante: a Dinamarca, a Noruega, a Holanda, a Bélgica e a França foram ocupadas. Por sua vez, a Inglaterra enfrentava os violentos ataques da aviação alemã, a *Luftwaffe*, que travava um verdadeiro duelo aéreo contra a *Royal Air Force* (RAF) (VICENTINO; DORIGO, 2010). Somente um vínculo sentimental muito forte, de conexão com suas raízes ou a vontade de manter viva a herança cultural para subestimar os riscos e acreditar que a viagem seria viável e segura. Mesmo que naquele momento eram noticiadas no mundo as conquistas territoriais alemãs e identificada à fase de expansão dos países do Eixo, era temerosa uma viagem para a Europa.

Fischer iniciou a carta, datada de 18 de agosto, dizendo que estava escrevendo a uma temperatura de 4 graus e que os seus dedos estavam ficando rígidos na máquina de escrever. Comentou que a carta de seu correspondente, de 25 de junho, chegou depois de quatro semanas, uma prova de que o correio aéreo para aquela região ainda não funcionava bem. Sobre a guerra escreveu que achava possível e até provável que a Inglaterra fosse ocupada em pouco tempo, assim como outros países tinham sido, mas que o conflito não se encerraria. Também afirmou que não deveriam subestimar a tenacidade e a obstinação dos ingleses, porém apostava que o conflito teria um “final feliz” para a Alemanha. Lembrou que para as atividades profissionais dos familiares de Christian Grotewold era imprescindível o final da guerra para breve e com sucesso. Sobre a visita de Hermann Heinz Hell⁶² e sua esposa, durante o mês de dezembro do ano anterior, Fischer disse que não iria escrever. Apenas relatou que Hell se infiltrara em sua casa sob o “disfarce de um amigo para propósitos muito estranhos” e que veio com “uma missão que não era compatível com as leis do país”. Por

62 Hermann Heinz Hell é mencionado por Martin Fischer no capítulo *O homem que apanhou a luva lançada pela Gestapo*, do livro *A 5ª Coluna no Brasil*, escrito pelo Tenente Coronel Aurélio da Silva Py. Segundo Fischer, Hell lhe visitou em Iraí, em fins de 1939, com uma grande soma em dinheiro. As suspeitas de que Hell era um agente da Gestapo se confirmaram quando passou a sondar sobre Hermann Rauschning e insistir para que Fischer fornecesse o endereço de seu primo-irmão, procurado pelo regime nazista (ver capítulo 1).

causa dele teve todo tipo de inconvenientes com as autoridades locais, por isso não queria mais nenhum contato. Pediu para Grotewold tratar da comunicação como estritamente confidencial e quando se encontrassem novamente iria lhe contar “coisas surpreendentes”. Finalizou dizendo que amigos realmente leais são a maior raridade e um dos maiores bens que são concedidos (FISCHER, 18 ago. 1940).

Em outubro, Christian Grotewold confirmou sua viagem para Iraí. Disse também que pretendia ficar um ou dois dias “em algum lugar legal no caminho”, pois gostaria de conhecer melhor o Rio Grande do Sul (GROTEWOLD, 12 out. 1940). Fischer escreveu após o retorno de Grotewold a Buenos Aires, expressando desejos de que o mesmo estivesse descansado e revigorado física e mentalmente. Conforme o autor,

Você nem imagina o quanto uma visita tão querida nos fortalece em nossa solidão. A monotonia interminável do trabalho que, aliada às preocupações que nos sobrecarregam, nos deixam muito nervosos, o que exige obrigatoriamente uma distração que nos revitalize. E, por isso, ambos gostaríamos de lhe agradecer novamente pelo grande prazer de sua visita (FISCHER, 26 nov. 1940).

Christian Grotewold respondeu confirmando que a viagem lhe fizera muito bem. Apenas sua filha Gisela, ao ver algumas fotografias, mencionou que Charlotte estava muito magra, “parecia transparente”. Questionou Fischer quanto à possibilidade de reduzir à pecuária, o que diminuiria também o trabalho de sua companheira, com a manutenção apenas dos pequenos animais. Também lhe chamou a atenção o fato de Fischer viver naquele isolamento e perguntou se não teria condições de se sustentar de alguma outra maneira em outro lugar. Para Grotewold, Fischer não deveria deixar que toda a sua visão de mundo fosse afetada por aborrecimentos pessoais, mesmo que fundamentados e que não deveria se ofender com a opinião de um amigo (GROTEWOLD, 13 dez. 1940).

Grotewold expressou preocupação com a situação de Fischer, após o Caso Pauly e questionou se o mesmo não teria outra forma de se sustentar fora daquele ambiente. Ele fez o questionamento porque sabia da enorme diferença entre as atividades desenvolvidas por Fischer anteriormente e o estilo de vida isolado assumido pelo amigo desde que se mudou para Iraí. Acreditava ser possível para Fischer, que adquiriu vasta experiência em atividades urbanas, abandonar aquele lugar e buscar uma vida mais conectada à sociedade.

Na correspondência de 23 de janeiro de 1941, Fischer escreveu que muitas das cartas enviadas não chegavam ao seu destino, observação que também levantada por outros residentes de Iraí. Segundo ele, “no caso das cartas da Europa é até compreensível, mas quando as cartas desaparecem, sem deixar vestígios, no interior do próprio país, é um fato que

dá o que pensar” (FISCHER, 23 jan. 1941). A única explicação possível era que, talvez, por alguma “expressão descuidada” na redação, as correspondências tenham sido confiscadas pelas autoridades de censura. Na sequência, em resposta a sugestão de Grotewold, de restringir à pecuária, disse que não era tão simples. Charlotte ordenhava apenas quatro vacas e gostava do que fazia. Por outro lado precisava do leite para alimentar os funcionários, parcialmente em estado bruto, parcialmente como manteiga, requeijão, queijo e sopa de leite. Quanto aos pequenos animais disse que cabras ou ovelhas leiteiras também precisam ser ordenhadas “porque os animais não passam por cima do balde e deixam o suco branco escorrer”, então “ordenhar três ou seis cabras em vez de quatro vacas, não faria nenhuma diferença” (FISCHER, 23 jan. 1941). Alegou ainda que para manter o pequeno gado teria que cercar todos os poteiros com oito fiadas de arame farpado em vez de quatro, o que corresponderia a um gasto de cerca de quatro contos de réis. Por outro lado, seus cavalos morreriam porque nenhum cavalo pasta onde ovelhas ou cabras transitam por causa do alto teor de amônia no esterco.

Quanto ao isolamento em que vivia, disse que a escolha não lhe impedia de acompanhar os acontecimentos mundiais e que estava sempre “muito bem” informado daqueles “realmente importantes”. Também mencionou que possuía fontes confiáveis e que sabia como as notícias eram produzidas. Segundo Fischer,

se você entende que minha reclusão significa que eu não estou politicamente ativo, então você pode estar certo. Você sabe o quanto eu me envolvi na vida política alguns anos atrás. Hoje não quero mais nada com política, fico feliz quando tenho meu gado e meus cavalos e quando posso vender minha aguardente. Por quê? Em primeiro lugar, aqui na selva, no meu exílio voluntário, realmente não tenho nenhuma oportunidade para a atividade política. Além disso, sinto-me tão afortunado neste país que não arriscaria minha existência por tal loucura. Porque seria uma loucura, sejamos honestos, querer bancar o político aqui no país anfitrião [...] E não quero fazer mera política de mesa de bar (FISCHER, 23 jan. 1941).

Nessa carta Fischer escreveu sobre as correspondências que não chegavam ao seu destino; sobre os desafios ou restrições de ter uma pecuária de pequenos animais; sobre como as notícias lhe chegavam; e sobre o não envolvimento com política. No entanto, quanto à pergunta de Grotewold se não teria condições de viver e trabalhar em outro lugar, Fischer não discorreu. Quanto aos seus comentários sobre guerra, eles variavam de acordo com as notícias dos acontecimentos. Em carta anterior chegou a dizer que a Batalha da Inglaterra seria vencida pela Alemanha e que a Inglaterra seria ocupada, assim como a Polônia, a Noruega e a França. Todavia, este evento não marcaria o fim da guerra. Realmente a Batalha da Inglaterra

não marcou o fim do conflito, todavia assinalou a primeira grande derrota da Alemanha em território europeu. Diante da informação do revés da Alemanha comentou que tudo ainda estava muito incerto; que a entrada dos Estados Unidos era iminente; e que o problema não era quem sairia vencedor, mas o que viria depois. Uma vitória da Inglaterra significaria a destruição completa da Alemanha; uma vitória da Alemanha significaria que “o sistema de Hitler se perpetuaria por pelo menos cem anos”. Para Fischer somente aqueles que não conheciam realmente o regime nazista acreditavam que as coisas iriam melhorar. Então, segundo ele,

Quem será o Hércules que vai limpar o estábulo de Áugias? [...] O problema para mim é que qualquer que seja o final vai ser horrível. Se você ler estas linhas, talvez até fique indignado. Eu tenho que aceitar isso e esperar o tempo para provar que estou certo. Talvez você possa entender que meu coração sangra quando penso no final. E não foram os “maus alemães” que, profundamente preocupados com sua pátria, se opuseram ao governo (de Hitler). A história fornece muitos exemplos de quedas (FISCHER, 23 jan. 1941).

Na mitologia grega, Áugias, o rei de Élide, alcançou fama devido aos seus estábulos que abrigavam o maior rebanho de gado bovino da região, mas que nunca foram limpos. O quinto dos trabalhos do herói Hércules consistiu em limpar os estábulos de Áugias em um único dia, um trabalho considerado impossível e humilhante (BAILEY, 2008). Fischer utiliza a mitologia grega como metáfora para descrever uma tarefa extremamente difícil, ou seja, qual seria o destino da Alemanha envolvida em um conflito sob o regime nazista. O relato de Fischer expressou a preocupação, a tristeza e o sofrimento emocional de um alemão que não reside na Alemanha. Reconheceu que qualquer que fosse o desfecho seria terrível – até mesmo porque vivenciou a experiência da guerra de 1914 – no entanto, teria que aceitar a realidade. Quando usou a expressão “maus alemães” reconheceu que nem todos os alemães apoiaram as políticas e as ações de Hitler e que os que foram assim chamados, na verdade foram os que não se colocaram ao lado do ditador por amor à Alemanha.

Na mesma carta, Fischer ainda escreveu sobre o intenso calor daquele verão, com frequentes temperaturas de 40 graus; no Natal teria chegado aos 42,5 graus na sombra. Por outro lado, as noites eram “agradavelmente frescas”, geralmente em torno de 20 graus. Reclamou dos mosquitos que mesmo com a aplicação do *Flit* e outros meios de extermínio “não querem ser expulsos”. Somente “quando fica mais frio, eles vão embora por conta própria” (FISCHER, 23 jan. 1941).

Na última carta encontrada no acervo, daquelas enviadas a Christian Grotewold, Fischer disse estar muito preocupado com a sua empresa e não descartava uma mudança para a produção do açúcar. Sobre o incêndio que destruiu o hotel de Taquarussu, alegou que foi um enorme prejuízo para ele e seu sócio. Além disso, também, a perda de renda na temporada, cujas entradas até 21 de dezembro, dia do incêndio, contabilizavam um conto e setecentos mil réis. Conforme Fischer “a reconstrução parece-me ser uma prioridade, mas ainda não sei como fazer. Então, novamente paciência” (FISCHER, 24 fev. 1941).

*

A pesquisa encontrou no acervo do MADP doze correspondências trocadas entre Fischer e Hans Grotewold, o filho mais velho de Christian Grotewold. Nascido em Bremen, em 08 de dezembro de 1902, Hans trabalhava na *Agência Marítima T. Martens*, empresa de importação e exportação em Buenos Aires. Era casado e tinha dois filhos pequenos⁶³. Foram oito cartas enviadas por Fischer e quatro cartas recebidas entre 14 de julho de 1937 e 17 de novembro de 1940. Os assuntos não se distanciam daqueles abordados nas correspondências que seu pai trocou, ou seja, a instalação do casal Fischer em Iraí, seus progressos e adversidades. Na primeira carta, Fischer afirmou que as horas “amigáveis” e “harmoniosas” que passou na casa de Hans e de sua família, ficariam na memória como as “poucas coisas boas” que ele e Charlotte viveram em Buenos Aires. Nesse tempo, identificou no amigo “honestidade e sinceridade”, bem como “nobreza interior, cavalheirismo e caráter”. Escreveu que estava recuperado da agitação e do estresse de Buenos Aires e que em seis meses havia perdido 12 quilos. Charlotte também tinha perdido peso, motivo pelo qual, por razões de “ vaidade feminina” estava muito animada. Sobre a nova residência, em Iraí, escreveu que tinham uma “maravilhosa” vista do rio Uruguai, onde estava atracado o barco de 8 metros de comprimento, com o qual saíam ocasionalmente para um passeio (FISCHER, 14 jul. 1937).

A resposta de Hans Grotewold viria depois de quase um ano. Na carta agradeceu a amizade sincera dos amigos, durante o tempo relativamente curto em Buenos Aires e disse que acompanhava o “árido trabalho” de Fischer pelas correspondências trocadas com seu pai. Declarou estar ciente de que Fischer e Charlotte haviam encontrado uma “satisfação real em seu trabalho”; que ambos “podiam ver o que estava sendo feito”; e que “a floresta recua cada vez mais, os campos ficam maiores, o gado aumenta ano após ano, as construções aumentam”

⁶³ Conforme informações que constam em outras correspondências a esposa Ilse esperava um terceiro filho para abril de 1941.

(GROTEWOLD, 16 jun. 1938). Alegou que as descrições de Fischer sobre seus negócios em Iraí lhe entusiasmaram muito e que até brincou com a ideia de oferecer suas economias para uma possível “parceria”, mas daí ficou sabendo que Antonio Pauly se antecipara. Sobre suas atividades profissionais junto a Agência Marítima T. Martens declarou que além dos negócios de exportação e importação, a empresa também se tornou representante da fábrica alemã *Focke-Wulf Flugzeugbau* e passou a vender aeronaves militares para o governo argentino. Relatou que depois da saída de Fischer não houve mais “calmaria” na representação do *Deutsches Nachrichtenbüro* (DNB); que o substituto teve curta duração; e que o chefe do escritório, em Berlim, passou por Buenos Aires em busca de alguém, mas a situação ainda estava indefinida. Também mencionou que Willy Köhn, antigo desafeto de Fischer, “desaparecera na obscuridade” e que as relações no partido aparentemente se acalmaram. Conforme Hans, “em vista de hostilidades sofridas pelo NSDAP, as pessoas estão evitando qualquer coisa que possa oferecer à imprensa sensacionalista novos materiais para ataques” (GROTEWOLD, 16 jun. 1938). Provavelmente, estava se referindo ao jornal antinazista *Argentinisches Tageblatt* (AT), também chamado de “jornal inflamatório antialemão”, abordado no início deste capítulo.

Fischer não demorou a responder e, na carta de 11 de julho, mencionou que Alfred Sternstein seria o novo diretor do *Deutsches Nachrichtenbüro* (DNB), em Buenos Aires. Sternstein, que fora apresentado ao Partido Nacional-Socialista (NSDAP) por Fischer, no início da década de 1930, trabalhou anteriormente no *Berliner Tageblatt* em Roma, por isso, no círculo de amigos era chamado de “o romano”. Dentro do DNB alcançou a posição de diretor administrativo da agência de Viena. Como resultado do *Anschluss*⁶⁴ não quis mais ficar na capital da Áustria e aceitou o cargo em Buenos Aires. Em resposta a indagação irônica de Hans, quanto a possibilidade de retornar ao DNB, Fischer escreveu que “nem por 1.000 cavalos” voltaria. Disse que estava feliz na floresta, imerso no trabalho de agricultor e se sentindo muito bem como próprio senhor, livre e independente. Sobre suas atividades junto ao DNB declarou que gostava de escrever, mas nunca havia sido jornalista de “alma e coração”; que encontrou algumas coisas boas em Buenos Aires, que fizeram sua estadia parecer agradável; porém, desde que para lá se mudou, em fins de 1934, estava convicto de

64 O *Anschluss* foi o rompimento do Tratado de Versalhes, que ao final da 1ª Guerra Mundial impôs severas exigências a Alemanha, no qual ocorreu a anexação da Áustria, em março de 1938, pelo Terceiro Reich de Adolf Hitler. O *Anschluss* representou o início da política expansionista do reich alemão e permitiu o crescimento da popularidade e da autoconfiança do *Führer*. Após a incorporação da Áustria, a Tchecoslováquia foi envolvida no mesmo processo e os dois eventos antecederam a Segunda Guerra Mundial (HOBSBAWM, 2003).

que não ficaria na Argentina por muito tempo. Disse que precisava de “liberdade”, “ar fresco” e “terra para ser feliz”. Quanto a Willy Köhn, alegou que era apenas uma “salsicha insignificante”, um “bandido mesquinho”, um “carrasco medieval”, que conseguiu construir temporariamente uma posição de destaque, mas nunca defendeu os interesses do Partido Nazista, nem da Alemanha. Para Fischer a principal culpa deveria recair sobre as autoridades de Berlim que sabiam que Köhn estava se comportando de maneira prejudicial ao partido e, no entanto, não o afastaram. Ainda alegou que deixou Buenos Aires sem ressentimentos, apenas com uma “grande dose de insociabilidade” e “escapou para a quietude e pureza da natureza” onde estava se sentindo feliz e realizado (FISCHER, 11 jul. 1938).

A insociabilidade está relacionada com a dificuldade de uma pessoa se relacionar adequadamente com outras. O isolamento social, à falta de habilidades sociais ou à aversão a interações sociais são fatores que contribuem para o seu desenvolvimento. No caso de Fischer a expressão pode ser aplicada em decorrência dos problemas que teve com Willy Köhn, portanto, como um traço temporário resultante de circunstâncias específicas.

Nessa carta, de cinco páginas, Fischer também detalhou a proposta de uma sociedade. Por um lado, considerou que Hans pretendia apenas “oferecer suas economias” a fim de ter um pequeno negócio numa área rural, onde pudesse visitar nas férias ou a qualquer momento; por outro, que queria um lugar estável para passar a velhice e deixar para o seu filho um promissor campo de trabalho. A conclusão da carta é quase um apelo, pois, segundo Fischer, ele e Charlotte construíram muitas coisas em pouco mais de um ano. A expectativa era de que a empresa continuasse a se expandir. A pergunta, no entanto era: para quem? Na ausência de um herdeiro, Fischer e Charlotte apostavam na entrada de Hans na sociedade e que seu filho, futuramente, continuasse o trabalho. Conforme Fischer, “seria um prazer inimaginavelmente grande para nós, saber que não criamos algo por nada, algo que depois as mãos de estranhos vão derreter” (FISCHER, 11 jul. 1938).

Fischer ficou por muito tempo aguardando uma carta com a resposta de Hans Grotewold. Provavelmente, ela nunca tenha sido escrita e o projeto de uma sociedade entre os dois não se concretizou. Fischer somente voltaria a escrever em janeiro de 1940 e entre outros assuntos revelou que por uma carta de Christian Grotewold soube que Hans foi quem disponibilizou o dinheiro do empréstimo, no valor de sete contos de réis, para a fábrica de aguardente. Por isso o agradecimento tardio; naquele momento apenas com palavras (FISCHER, 15 jan. 1940).

Em maio de 1940, Fischer recebeu uma carta assinada por Hans Grotewold e pelo cunhado Hans Lütters. Nela, os autores expressaram pesar quanto às dificuldades financeiras pelas qual Fischer estava passando e por mais um empréstimo solicitado, desta vez em uma proporção maior. Decidiram intervir rapidamente, por isso enviaram o valor solicitado pelo Banco Germânico. Mencionaram também o sentimento de tensão “quase insuportável” quanto ao desenrolar da guerra na Europa. Conforme os autores, “mesmo que o que foi alcançado até agora torna o que parecia impossível parecer viável, o resultado da última guerra ofusca os eventos para deixar alguém realmente feliz com os sucessos, antes da vitória final” (GROTEWOLD; LÜTERS, 15 maio 1940).

Na citação em questão o autor sugere cautela quanto às conquistas territoriais empreendidas até aquele momento pelas forças armadas da Alemanha, na guerra em curso. O resultado final da Primeira Guerra foi tão devastador e desanimador, cujas lembranças dificultam a capacidade de alguém se alegrar verdadeiramente com os recentes sucessos parciais antes da vitória final.

Fischer também se dirigiu aos dois em sua carta de 25 de maio. Iniciou dizendo que suas palavras, naquele momento, talvez fossem “muito pobres” para expressar a gratidão pelo que ambos fizeram por ele; que as várias cartas enviadas a Christian Grotewold detalharam o real motivo para o pedido de ajuda; e que se pudesse um dia retribuir o ato de amizade e de confiança, ficaria grato ao destino. Sobre a garantia do empréstimo Fischer propôs um Contrato de Dívida, no qual ele e Charlotte destinariam bens, previamente avaliados por peritos, como penhora até o limite do valor devido (FISCHER, 25 maio 1940).

Em outra carta, Hans Grotewold acenou com a possibilidade de uma viagem a Iraí, mas ficaria na dependência do desenrolar da “Batalha de Londres”⁶⁵. Caso a Alemanha vencesse logo, então ele não poderia deixar Buenos Aires. A intenção do casal era voar para Porto Alegre com a Condor e depois seguir de trem. Hans Grotewold, no entanto, fez algumas observações: como levariam os filhos (5 e 2 anos) queria evitar “passeios perigosos”; pelo motivo da esposa estar grávida gostaria que fosse poupada ao máximo das tarefas domésticas;

65 Também chamada de Batalha da Inglaterra ou Batalha da Grã-Bretanha, foi uma série de combates aéreos entre alemães e britânicos que teve início em 10 de julho de 1940, prolongou-se até 31 de outubro do mesmo ano e foi definitivamente encerrada em maio de 1941. Estimulada pela vitória contra a França a *Luftwaffe* (Força Aérea Alemã) passou a bombardear fortemente importantes centros ingleses, tendo como objetivo enfraquecer suas defesas, necessárias para uma invasão terrestre (Operação Leão Marinho). No entanto, no decorrer da campanha aérea os britânicos conseguiram resistir com os aviões de caça da *Royal Air Force* (RAF) e inverter a superioridade alemã. A Batalha da Inglaterra assinalou a primeira derrota da Alemanha na Segunda Guerra Mundial.

e, como uma ideia, pensou em se hospedar com a família no “hotel alemão em Iraí”, desde que pudessem ser acomodados em um quarto grande com banheiro anexo (GROTEWOLD, 13 set. 1940).

Na sua resposta, Fischer argumentou que mesmo que a “Batalha de Londres” estivesse prestes a se encerrar e a Alemanha fosse vitoriosa, este episódio não marcaria o fim da guerra. Algumas semanas ainda teriam que passar até que o transporte marítimo alemão voltasse ao normal. Declarou estar convencido de que Hans e a família poderiam sair de férias em segurança e que definitivamente esperava recebê-los em outubro. Ele descreveu o itinerário de trem Porto Alegre - Santa Maria - Santa Bárbara e, caso a esposa grávida não estivesse se sentindo bem, sugeriu os hotéis Farol e Comércio para dois pernóites. A tarifa do trem, por pessoa, estava em torno de 100\$000 réis. De Santa Bárbara até Iraí teria como opção as camionetes da ferrovia ou um carro particular. O custo da camionete era de 35\$000 réis por pessoa enquanto que o carro cobraria 250\$000 réis. Fischer estipulou em Um conto de réis o custo total da viagem, incluindo todas as despesas (FISCHER, 24 set. 1940).

Quanto à ideia de acomodação da família no hotel alemão, Fischer afirmou que ela teria que ser descartada porque o mesmo estava fechado há algum tempo. Mesmo Iraí possuindo outros bons hotéis, sem o luxo de um quarto com banheiro privativo, insistiu que a família Grotewold deveria ficar hospedada no pequeno “chalé do cavalheiro”, com dois quartos e o café da manhã sendo levado no local. Também relacionou algumas possibilidades de lazer para os hóspedes: passeios a cavalo, natação e pescaria no rio Uruguai ou o “retiro” para a floresta para a leitura de um livro (FISCHER, 24 set. 1940).

Hans Grotewold retornou dizendo que o itinerário estava definido; que pegariam o carro particular em Santa Bárbara; e que ficariam felizes em se hospedar no “chalé do cavalheiro”. No entanto, o plano de férias poderia sofrer mudanças em função de seu trabalho. Conforme Hans,

Ficaríamos genuinamente satisfeitos em poder realizar nosso tão acalentado plano de visitar vocês em breve e certamente não será nossa culpa se tivermos que adiar um pouco. Em todo o caso, peço-lhe que não faça quaisquer preparativos, o que não queremos de todo, pois infelizmente nem sempre tenho o controle das minhas decisões (GROTEWOLD, 08 out. 1940).

Na última carta de Fischer para Hans Grotewold, encontrada na Coleção Martin Fischer do MADP, o autor manifestou, por um lado, tristeza por seu interlocutor não ter vindo com a família como planejado, e por outro, alegria e gratidão pela vinda de seu pai. Informou que os assuntos de negócios, discutidos extensivamente com Christian, durante sua estada em

Iraí, seriam levados para a apreciação com os demais familiares em Buenos Aires (FISCHER, 17 nov. 1940).

*

Com Walther Grotewold, segundo filho de Christian Grotewold, foram encontradas no acervo do MADP apenas cinco correspondências, todas enviadas por Martin Fischer⁶⁶. Nascido em Leipzig, em 03 de novembro de 1903, Walther era funcionário do *Condor Syndikat* (Sindicato Condor), empresa subsidiária da *Lufthansa*, que operava com aviação comercial e correio aéreo em países da América do Sul. Sua esposa se chamava Hilde e tinham dois filhos pequenos.

Na primeira carta, datada de 14 de fevereiro de 1937, Fischer iniciou agradecendo a sincera amizade de Walther e sua esposa durante os dois anos de Buenos Aires. Sobre as notícias que tinha de Berlim, Fischer relatou que Konstantin Neurath⁶⁷ havia encaminhado requerimento a Hitler solicitando à dissolução da *Auslandsorganisation der Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei* (Organização para o Exterior do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães – AO/NSDAP), no entanto Ernst Wilhelm Bohle, Secretário de Estado do Ministério das Relações Exteriores, incorporou a AO a esta pasta. Para Fischer a Organização para o Exterior do Partido Nazista era um “absurdo” e deveria ser dissolvida. Também afirmou que a *Volksgemeinschaft* (comunidade nacional) só poderia existir no exterior em condições completamente diferentes. Isso porque os alemães que vivem no exterior, em última análise, não são “tão estúpidos” que não conseguem extrair o verdadeiro núcleo da retórica. Em grandes cidades como Buenos Aires e Rio de Janeiro “ainda é possível exercer pressão econômica, chantagem e aplicar medidas coercitivas sobre os residentes alemães, mas no interior isso não é possível” (FISCHER, 14 fev. 1937). Relatou que em Palmitos, “uma pequena praça no lado catarinense do Rio Uruguai” foi fundada uma célula nazista, desde logo marcada por dissidências; e argumentou que o Partido Nazista “na selva do oeste” não era unificador, mas desagregador.

Na concepção de Karl Mannheim (1986) o termo intelectual pode ser aplicado àqueles que conseguem interpretar acontecimentos, fenômenos e realidades. Fischer apresentou a sua interpretação sobre a Organização para o Exterior do NSDAP, quando afirmou que a mesma

⁶⁶ Duas cartas enviadas por Walther Grotewold foram apenas mencionadas: a primeira escrita em 18 de maio de 1937 e a outra de 12 de dezembro de 1937, esta enviada de Santiago do Chile.

⁶⁷ Konstantin Freiherr von Neurath foi Ministro das Relações Exteriores da República de Weimar e depois do III Reich entre 1932 e 1938.

era inconcebível e que uma *Volksgemeinschaft* no exterior nunca se tornaria uma realidade. Sua posição frente à comunidade étnica era que os elementos que compõem a *Deutschtum* no exterior eram muito heterogêneos e que a coerção e a intimidação promovidas pela política nazista poderiam ter um efeito eficaz na Alemanha, mas não poderiam ser aplicadas fora. Sobre esse assunto considerou que em grandes cidades a AO ainda poderia manipular e controlar o comportamento dos residentes alemães, por meio do medo de consequências negativas, mas no interior a persuasão não era executada facilmente. Como exemplo citou a fundação de um Partido Nazista em Palmitos (na época distrito de Chapecó/SC), de maneira alguma unificador da comunidade alemã.

Fischer ainda declarou:

Estou muito feliz por ter tido a coragem moral de renunciar a uma organização que empreendeu um desenvolvimento contrário a tudo que desejava ser. O ideal pelo qual lutei honestamente e com toda a minha personalidade ainda existe, mas não o partido (como organização) ao qual fui filiado. Lutamos contra o capital, lutamos contra a burocracia, a corrupção, os figurões, o desperdício de dinheiro público, a construção de prédios enormes! [...] Se quisermos ser honestos com nós mesmos, temos que perguntar: para que lutamos tanto no passado? É tudo tão mentiroso e a calúnia, a inveja e o engano celebram os triunfos como “lealdade alemã”. Andei muito por aí e acredite, agora me sinto feliz de novo [...] Poucos entenderão por que me retirei para a solidão da selva. Para mim foi à coisa certa (FISCHER, 14 fev. 1937).

Conforme Nildo Viana (2017), o que também permite identificar um intelectual é a sua postura política diante da sociedade. Para Walther Grotewold relacionou algumas das causas políticas pelas quais “lutou” como integrante do NSDAP. No entanto, segundo ele, o partido abandonou os ideais e princípios que inicialmente defendia. Depois da ascensão do nazismo na Alemanha ele só conseguiu ver “mentiras”, “calúnias” e “engano” e a falsa celebração de uma “lealdade alemã”. Ante a possibilidade de ver incorporados esses comportamentos encontrou uma saída: renunciar ao partido. Em sua correspondência, quando questionado sobre política, Fischer relatou que em outros tempos teve um envolvimento maior, mas que no Brasil, o país que o recebeu, não pretendia exercer nenhuma atividade nessa área.

Na carta seguinte, Fischer reforçou o convite de uma visita e disse que Walther não iria se arrepender porque “a natureza era indescritivelmente bela”. Contou que a vida era relativamente calma somente alterada quando uma galinha deixava seus pintinhos cedo demais; quando um cavalo estava mancando; ou quando chovia demais ou de menos. Dentre outros assuntos, escreveu que em substituição ao rádio escutava o “concerto de milhares de

sapos que vivem no banhado próximo e cujo coaxar soa de longe como o canto de corais russos” (FISCHER, 19 set. 1937).

Nas outras correspondências relatou sobre o projeto de construir sua própria destilaria de aguardente; agradeceu pela garantia conjunta no empréstimo concedido pelo irmão; confidenciou sobre a questão envolvendo o ex-sócio Antonio Pauly, que além da decepção pessoal, provocou o enfraquecimento financeiro de sua empresa; e retribuiu as saudações transmitidas pelo pai quando este o visitou recentemente (FISCHER, 26 jun. 1938; 15 jan. 1940; 17 nov. 1940).

*

Na Coleção Martin Fischer também foram encontradas três correspondências enviadas para Hans Albrecht Lüters, genro de Christian Grotewold e uma enviada para sua esposa Gisela. Na primeira carta, Fischer repetiu outras ao afirmar estar “fisicamente sobrecarregado”, “mentalmente exausto” e necessitado de “paz interior” para escrever. Mesmo assim abordou diversos assuntos, tais como, a visita de Hell, com aspectos positivos (lembranças alegres de Buenos Aires) e negativos (percepção de uma pessoa diferente em relação aos anos passados); a temporada de banhos em Iraí que estava “a todo vapor”; o filho de Ortenberg que ainda estava com eles; e a expectativa da vinda de Hans Grotewold e sua família, caso a agência na qual trabalhava tivesse que paralisar as atividades em função da guerra (FISCHER, 31 jan. 1940).

Na carta seguinte informou sobre o retorno de Christian Grotewold a Buenos Aires, após a estadia de três semanas em Iraí e que a sua situação e da destilaria seria relatada por “Papito”. Também agradeceu a intermediação por ocasião do último empréstimo (FISCHER, 17 nov. 1940). Na correspondência de 24 de fevereiro de 1941 externou felicitações pelo nascimento do filho primogênito de Hans e Gisela, como um bom presságio, que ocorreu em 10 de fevereiro, mesma data de seu nascimento. Escreveu que não tinha saudades de Buenos Aires, mas que gostaria, naquele momento, de poder “testemunhar a alegria dos dois e ver Gisela desfrutar plenamente a felicidade de uma jovem mãe” (FISCHER, 24 fev. 1941).

Na correspondência para Gisela Grotewold Lüters, Fischer escreveu sobre a sua decepção com o ex-sócio; afirmou que “muita coisa foi esclarecida nos últimos meses”; e que “Pauly e sua Dulcinea tramaram, desde o princípio, um plano para nos privar de nosso dinheiro e dos frutos de nossos três anos de trabalho” (FISCHER, 05 mar. 1940). E continuou:

Isso é amargo quando você viu e tratou alguém como um “amigo” que estava apenas esperando o momento de agarrar sua garganta. Apesar de todas as nossas preocupações muito sérias, mantemos nossas cabeças

erguidas, mesmo que às vezes seja bastante difícil. De qualquer forma, a bela tranquilidade da selva acabou por enquanto. A gente se torna mais rico por uma experiência e mais pobre por uma ilusão! Pelo menos estamos saudáveis e consideramos isso o principal e uma grande fortuna (FISCHER, 05 mar. 1940).

O uso da expressão “agarrar sua garganta” indica todo o desapontamento vivido por Fischer quando descobriu que Antônio Pauly, o sócio em quem confiava, não hesitou em aguardar uma oportunidade para lhe prejudicar. Com certeza Fischer e Charlotte não conseguiram mais desfrutar da tranquilidade e da paz que a “floresta” sempre representou para eles, após o desenrolar do Caso Pauly. Quando afirmou que se tornou “mais rico por uma experiência” é que teve a oportunidade de vivenciar a experiência de administrar seu próprio negócio. As lições que tirou quando se deparou com as dificuldades financeiras, provavelmente foram de grande valia para seu enriquecimento pessoal. A segunda parte da frase “mais pobre por uma ilusão” pode ser vista como uma autocrítica diante das decisões equivocadas que tomou como empreendedor, necessariamente não relacionadas somente ao seu ex-sócio, mas na forma como projetou seus negócios no mundo rural. Apesar da séria crise pela qual passava sua agroindústria, encontrou consolo ao dizer que ambos gozavam de boa saúde. Reconheceu a saúde como a maior riqueza, por isso, a posicionou à frente de todos seus problemas financeiros.

Encerrou a carta relatando que em decorrência da guerra estava sentindo os efeitos de uma crise econômica; que o verão, a alta temporada para as cervejarias, era o responsável pelo baixo consumo e conseqüentemente pela redução nas vendas de aguardente; e que precisava realizar uma venda expressiva, porém, deixar a empresa ficara difícil desde a saída de Pauly (FISCHER, 05 mar. 1940).

O teor das 66 correspondências trocadas entre Martin Fischer e a família Grotewold, entre 1937 e 1941, revelou-se essencial para entender a sua trajetória pessoal e profissional, como se posicionou em relação a si mesmo e se manifestou em relação aos outros.

3.2 – Correspondências com Freeden, Anuschek, Kuss e Hell

Na Coleção Martin Fischer do Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP) foram encontradas 24 cartas trocadas entre Martin Fischer e Hermann von Freeden, entre os anos de

1934 e 1939⁶⁸. Cópias e originais de outras correspondências entre os dois também foram encontradas no acervo, no entanto, datadas após um intervalo de quase dez anos⁶⁹. Hermann von Freedden exerceu carreira política como ministro durante a República de Weimar e como Conselheiro no Ministério do Interior do Reich; também foi um dos fundadores e presidente da *Gesellschaft für Wirtschaftlichkeit Studien im Übersee* (Sociedade para Estudos Econômicos no Exterior). Trocou correspondências com Fischer quando este morou em Passarinhos, Buenos Aires e Iraí.

Nas duas cartas enviadas por Freedden, em 1934, o tema principal foi a Companhia Territorial Sul Brasil (CTSB), o seu presidente Arthur Kuss e a imigração alemã para o Brasil. O autor negou que a CTSB estivesse sendo perseguida pelas autoridades de Berlim. Inclusive Kuss gozava de boa reputação e era visto como um administrador “particularmente agradável” à Erich Müller-Boedner presidente da *Gesellschaft für Siedlung im Ausland* (GSA), a Sociedade para Colonização no Exterior, entidade incorporada em 1933 pelo governo nazista. No entanto, não sabia se a GSA continuaria a colonização no âmbito da Companhia Territorial Sul Brasil (CTSB), pois não havia colonos e há algum tempo estava restrita a moeda estrangeira para imigrantes⁷⁰. Informou que o Partido Nazista tinha pouco interesse na questão da colonização externa, tanto que Richard Darré e Rudolf Hess⁷¹ não concordavam com ela. O primeiro projetava colocar pessoas em assentamentos internos, colônias agrícolas administradas pelo Estado; o segundo não concordava inteiramente, mas ambos assumiram a posição de que todo alemão que quisesse deixar a Alemanha “daria ao *Führer* um voto de desconfiança” (FREEDDEN, 02 abr. 1934; 25 nov. 1934).

A correspondência de 17 de janeiro de 1935 foi escrita por Fischer em Buenos Aires, pois, não fazia muito havia assumido a representação do *Deutsches Nachrichtenbüro*. Quando

68 Outras dez correspondências trocadas entre os dois foram mencionadas, mas não localizadas no acervo. Uma carta enviada por Fischer (12 mar.1934) quando estava em Passarinhos e as demais enviadas por Freedden: uma escrita em Bad Salzuflen (23 abr. 1935); duas escritas em São Paulo (02 e 04 mar. 1936), por ocasião de uma viagem ao Brasil; e seis enviadas de Berlim, entre 02 de junho de 1936 e 13 de junho de 1939.

69 Foram as cartas enviadas por Fischer, de Iraí, em 10 jan. 1948, 21 ago. 1948 e 21 nov. 1948. As cartas de Freedden de 09 mar. 1948, 24 jul. 1948 e 07 nov. 1948 foram enviadas de Ratzeburg, Estado de Schleswig-Holstein, zona de ocupação britânica, após a Segunda Guerra Mundial.

70 A ascensão do Nazismo e a chegada de Adolf Hitler ao poder estão intrinsecamente ligadas às consequências da Crise Mundial de 1929. Para enfrentar a diminuição nas exportações, a redução do influxo de capital estrangeiro, a perda de moeda estrangeira, bem como a saída de investimentos, o regime implantado em 1933 impôs várias restrições financeiras e burocráticas. Freedden se refere às restrições cambiais, ou seja, a limitação da conversão da moeda alemã em dólar ou em libra britânica, operação realizada pelos que emigravam, para evitar a saída de capitais do país e, assim, preservar as reservas internacionais.

71 Richard Walther Darré foi Ministro da Economia do Terceiro Reich, entre 1933 e 1942 e Rudolf Walter Richard Hess, o *Vice-Führer*, ocupou o cargo de 1933 até 1941.

ainda estava em Passarinhos (SC), prometeu ao seu correspondente um relatório sobre a situação financeira da CTSB. Segundo Fischer, o relatório chegou a ser produzido, com exceção do capítulo final. Disse que chegou a ir a Porto Alegre para discutir o assunto com Arthur Kuss, porque as informações prestadas pelo diretor administrativo Carlos Culmey não lhe pareciam corretas. Conforme Fischer,

as discussões com Kuss duraram muitos dias e foi assustador o que eu acabei descobrindo [...] por isso tomei a decisão de não tornar pública a situação financeira da CTSB. Então, abandonei todo o relatório e o guardei embaixo da mesa, porque sem o capítulo final, que fornecia a chave de tudo, ele não teria valor (FISCHER, 17 jan. 1935).

Esse teria sido o motivo para Arthur Kuss lhe oferecer o cargo de vice-diretor: evitar que as notícias negativas sobre a companhia fossem divulgadas. Por outro lado, argumentou que “dada às relações amigáveis que tive e ainda tenho com Kuss e Culmey, não poderia prejudicar a existência deles” (FISCHER, 17 jan. 1935). No entanto, contraditoriamente, solicitou a Freeden que não fossem mais enviados alemães do Reich para a área da CTSB porque “as pessoas estão realmente perdidas por lá”. Disse que a situação financeira da empresa não era o problema maior e que o motivo pelo qual o desenvolvimento das colônias da CTSB estava regredindo era a “completa inadequação e incapacidade colonizadora de Culmey”. Na análise de Fischer,

o bom Culmey não passa de um miserável falante. Meu julgamento parecerá muito duro para você, porque todos os que o conhecem ficam encantados com esse homem bom e honesto. Tenho que admitir que, apesar do meu conhecimento da natureza humana, que me orgulho de possuir, fui enganado pela máscara de caldeireiro de Culmey por um ano inteiro. Conversei muito sobre isso com Kuss, que estava muito bem informado sobre as qualidades de seu diretor administrativo e também me disse com toda a franqueza que sabia muito bem que ele havia fracassado em todos os lugares⁷² (FISCHER, 17 jan. 1935).

Ainda segundo Fischer, Kuss também teria “cometido erros na colonização do Alto Uruguai”, pois, por vários meses, deixou de transferir dinheiro e Culmey ficou totalmente desprovido de recursos. Os veículos da companhia não circulavam, ou por problemas

⁷² Em outra carta enviada a Freeden, Fischer afirmou que o presidente da CTSB, reconhecia a “completa incompetência de Culmey, mas não conseguia se livrar dele ou talvez não quisesse por causa do sentimento de lealdade” (FISCHER, 21 set. 1937). Como exemplo, relatou que as estradas, em alguns trechos, estavam completamente intransitáveis; até mesmo a nova estrada para Porto Feliz (atual Mondai) dificilmente podia ser atravessada. Segundo o autor “Culmey cuidadosamente deixa tudo se deteriorar, desde que ele receba seu salário em dia” (FISCHER, 21 set. 1937).

mecânicos ou por falta de combustível. Assim, Culmey ficava a maior parte do tempo em sua *Villa* às margens do rio Uruguai e quase não era visto visitando as colônias. Diante desse quadro e da falta de perspectivas junto a CTSB, recorreu a Nixdorf e Koch-Weser sobre a possibilidade de trabalho na Colônia Roland. Então, veio a “história de Buenos Aires [...] e o novo emprego, para o qual tenho todos os pré-requisitos” (FISCHER, 17 jan. 1935).

Fischer ainda voltaria a abordar a Companhia Territorial Sul Brasil (CTSB) em outras correspondências: quando informou que Arthur Kuss não era mais seu presidente e sobre a questão dos títulos de propriedade envolvendo a CTSB e os colonos. Kuss deixou a companhia, em meados de 1935, após vender todas as suas ações para o *Banco do Commercio* e se mudou para a Alemanha com a família⁷³. Conforme escreveu, um “desgastado coronel” foi eleito para sucedê-lo, com poucos conhecimentos sobre colonização. No entanto, o novo presidente da CTSB injetou capital para que todas as dívidas acumuladas sob a administração Kuss fossem liquidadas. Por outro lado, houve um aumento no afluxo de colonos das antigas colônias rio-grandenses (São Leopoldo, Montenegro, Santa Cruz do Sul, Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Silveira Martins)⁷⁴ e Culmey passou a demonstrar novamente otimismo em relação ao futuro (FISCHER, 30 nov. 1935; 21 set. 1937). Num breve relato, expôs porque muitos teuto-brasileiros passaram a evitar a área de abrangência da CTSB, até meados da década de 1930:

Como se sabe, a Companhia Territorial Sul Brasil comprou a área que agora está autorizada a colonizar do Governo do Estado de Santa Catarina, em um chamado “negócio de compadre”. Então, quando a Revolução de 1930 fez uma grande limpeza, a “compra” da Companhia Territorial Sul Brasil também passou pela vassoura. O novo governo revolucionário anulou a “compra” reconhecendo com razão o negócio como uma grande farsa. Surgiu então a questão sobre o que seria dos colonos que, por sua vez, haviam comprado terras e recebido títulos de propriedade da CTSB? Esses títulos de propriedade também foram declarados nulos e sem efeito pelo governo. Depois de muitas idas e vindas com mil passos oficiais e não oficiais, o Governo do Estado de Santa Catarina suavizou sua posição. Mantendo a propriedade do território, a Companhia Territorial Sul Brasil recebeu o direito de colonizar e emitir títulos legais (FISCHER, 21 set. 1937).

73 Na opinião de Fischer, ele não ficaria por muito tempo na Alemanha porque sua esposa era uma teuto-brasileira, com familiares estabelecidos em Porto Alegre e sem nenhum parente próximo no país europeu (FISCHER, 30 nov. 1935).

74 Sobre migrações internas, também relatou que era forte o afluxo de colonos teuto-brasileiros para Santa Rosa, na região noroeste do Rio Grande do Sul. (FISCHER, 21 set. 1937).

Conforme Tedesco e Ferrari (2021) a Companhia Territorial Sul Brasil (CTSB) se apropriou de uma extensa área de terras na região Oeste de Santa Catarina, através de concessões, influência política ou favores, com o intuito de promover a colonização. De um modo geral, o governo catarinense estabeleceu as empresas colonizadoras da referida região um projeto para promover a normatização jurídica, o controle social e a geração de excedentes. Portanto, as companhias colonizadoras, por meio da mediação com a esfera pública, foram encarregadas da divisão das propriedades, da introdução dos colonos e da implementação de um projeto de colonização. Ao governo do Estado de Santa Catarina interessava assegurar a “regulamentação da terra, o ordenamento social, a produção de excedentes e a obtenção de divisas financeiras com a intermediação mercantil dela e dos frutos do trabalho gerado pelo extrativismo e a produção agrícola” (TEDESCO; FERRARI, 2021, p. 62). Ao lado das concessões, da influência política ou do “negócio de compadre”, segundo Fischer, estava à política do governo na dinâmica da colonização. Quanto à questão dos títulos de propriedade, a pesquisa não encontrou fontes que comprovam ou não o relato de Fischer.

A Companhia Territorial Sul Brasil (CTSB) além de promover a colonização obteve também permissão para a derrubada da floresta e a extração da madeira. Conforme Fischer, milhares de troncos de “madeiras preciosas”, principalmente cedro, mas também louro, pinho e outros desciam o rio Uruguai em grande quantidade para serem vendidos na Argentina (FISCHER, 21 set. 1937). Conforme Marcos Batista Schuh (2011), as árvores eram extraídas e arrastadas até a margem do rio. Depois que houvesse uma determinada quantidade de troncos, os mesmos eram rolados para dentro do rio e amarrados uns aos outros com cipó. Então, eram montadas várias balsas compostas por dúzias de toras, que formavam um extenso conjunto. Segundo Schuh,

para que o transporte pudesse ser realizado, era preciso aguardar o período de chuvas. O rio precisava atingir o “ponto de balsa”. No mínimo, devia ficar a três metros acima do nível normal, isto porque o rio possui trechos não navegáveis, com pedras e quedas d’água. Nestes trechos, com a enchente e conhecendo o rio, era possível descer com a balsa (SCHUH, 2011, p. 79)

Ainda conforme Schuh o transporte de madeiras pelo rio se intensificou na década de 1940, pois muitas serrarias foram instaladas ao longo do rio Uruguai. O transporte antes realizado com troncos inteiros passou a ser feito com madeiras em pranchas ou em tábuas. O cipó para a amarração foi substituído pelo arame e lanchas passaram a conduzir a balsa, dispensando o uso dos remos. A quantidade de dias necessários para completar a viagem até

São Borja, onde a madeira era comercializada, dependia do volume de água. Quanto maior era a cheia, com mais velocidade a balsa descia o rio e menor era o tempo do percurso. Por outro lado, “enchentes menores, além da necessidade de mais dias para percorrer o trajeto, eram sempre muito mais arriscadas” (SCHUH, 2011, p. 89).

A Colônia Roland, o administrador Oswald Nixdorf, a *Gesellschaft für Siedlung im Ausland* (GSA) e os casos de malária e febre amarela também foram assuntos recorrentes na correspondência com Freeden. Quando Fischer ficou sabendo que Nixdorf teria dito que era “extremamente indesejável”, na Colônia Roland, solicitou a Freeden, que faria uma visita a colônia alemã, para averiguar a veracidade ou não da declaração (FISCHER, 26 mar. 1936). Como representante do Ministério do Interior do Reich, Freeden esteve em Roland, durante o mês de maio de 1936, para uma “missão de reconhecimento”. Juntamente com as incumbências oficiais da viagem, também atendeu ao pedido de Fischer e, numa carta seguinte, teria esclarecido o “extremamente indesejável”. No entanto, essa correspondência escrita por Freeden, ainda no Brasil, não foi encontrada no acervo. Outro assunto levantado por Fischer foi o clima de animosidade entre Nixdorf e a *Gesellschaft für Siedlung im Ausland* (GSA), que inclusive estava retirando o interesse, o financiamento e o apoio à Colônia Roland, recomendada por anos e comprometida com a preservação da germanidade. Conforme Fischer,

Os ingleses ocuparão rapidamente a área reservada aos colonos alemães com colonos de outras nações [...] Os atuais colonos de Roland serão afetados diretamente por isso, mas indiretamente toda a germanidade, porque a colônia de Roland será invadida por estrangeiros e, portanto, exposta ao perigo de ser desgermanizada (FISCHER, 17 jun. 1936).

Segundo Frederik Schulze, depois da fundação do Império Alemão, em 1871, este “esforçou-se por alargar o seu poder no mundo e descobriu a germanidade como fator político” (2008, p. 21). Para o mesmo autor, germanidade “significava uma imaginada comunidade étnica de todos os alemães, constituída não por cidadania, mas por ascendência, língua, moralidade, religião e costumes” (SCHULZE, 2014, p. 5). Os imigrantes tornaram-se importantes para o governo alemão, não apenas por razões econômicas, mas também por razões de influência cultural e religiosa. Na segunda metade do século XIX foram fundados, na Alemanha, o *Comité für die protestantischen Deutschen in Südbrasilien* (Comitê para os Alemães Protestantes no Sul do Brasil) e a *Evangelische Gesellschaft für die protestantischen Deutschen in Amerika* (Sociedade Evangélica para os Alemães Protestantes na América). Essas instituições foram responsáveis por enviar pastores e professores, com o objetivo de

preservar e fortalecer a identidade e os valores culturais alemães. Também alocaram recursos financeiros e forneceram uma ampla gama de livros e material educacional (SCHULZE, 2008, p. 21). O sul do Brasil, então, tornou-se o espaço vital ideal para os imigrantes, pelo clima saudável e suave, terras férteis, uma riqueza de produtos e uma paisagem quase alemã. Por outro lado, a “emigração alemã tinha que ser apoiada e desviada dos Estados Unidos, uma vez que a preservação da germanidade no Brasil era possível como em nenhuma parte do mundo⁷⁵” (SCHULZE, 2008, p. 23 apud FABRI, 1884).

Segundo Fischer, a GSA tinha razões administrativas para retirar seu apoio, principalmente financeiro, mas elas estavam também relacionadas às ações do administrador Oswald Nixdorf, suspeito de corrupção em sua gestão e acusado de dividir a germanidade em Roland. Essas acusações trouxeram instabilidade e desconfiança entre os colonos, minando a coesão e comprometendo o desenvolvimento da colônia paranaense. Para Fischer, mesmo que alguém quisesse permanecer indiferente as brigas internas, com certeza em algum momento seria arrastado para elas. Ele também justificou que Nixdorf estava prejudicando a reputação alemã no Brasil ao relatar que o mesmo havia retirado, sem autorização, árvores de cedro de suas terras vendidas por 600\$000 réis e conseqüentemente provocando a desvalorização de sua área (FISCHER, 17 jun. 1936). Passados três anos Fischer voltaria ao mesmo assunto, em outras correspondências enviadas a Freeden. Numa delas expôs que chegou a solicitar a Nixdorf explicações sobre a retirada da madeira. A resposta teria chegado, no entanto, seu teor não foi mencionado em nenhuma outra carta. Conforme Fischer, “esse sujeito deveria ter sido trancado a sete chaves quando suas transgressões vieram à tona [...]; não aconteceu nada e agora o canalha está aí, vivendo sua vida” (FISCHER, 24 mar. 1939). Em outra correspondência comentou não entender porque na Alemanha não o “derrubaram” antes ou não o tornaram “inofensivo”. Na Colônia Roland, depois das fraudes e roubos de que era acusado, também não teria sido difícil sua expulsão e deportação para a Alemanha pelas autoridades brasileiras. Finalizando a questão Fischer lamentou que um alemão tenha feito “tanta trapaça” e abusado da “hospitalidade brasileira” (FISCHER, 09 jun. 1939).

Fischer também escreveu sobre os casos de malária na colônia e o descaso por parte da administração. Conforme teria ouvido de algumas fontes, num primeiro momento, a doença teria chegado à região com os trabalhadores envolvidos na construção de uma barragem; em

75 A afirmação da emigração e o seu desvio para o Brasil é a tese principal de Friedrich Fabri, exposta na sua monografia *Bedarf Deutschland der Colonien?* (A Alemanha precisa de Colônias?) (SCHULZE, 2008, p. 23).

outro, uma prolongada seca permitiu que os insetos transmissores da doença se reproduzissem nas lagoas e nas nascentes dos córregos. Sobre esse assunto, segundo Fischer,

as autoridades enfatizaram repetidamente que a área estava completamente livre de malária. Gostaria de salientar que os Drs. Müller e Meyer (médicos do Consulado Alemão em Curitiba) também negaram a malária em seus relatórios. Era o ano de 1932 ou 1933 e Koch-Weser foi outro que negou a presença da malária em seu relatório de viagem publicado pela Sociedade para Estudos Econômicos no Exterior (FISCHER, 20 jul. 1936).

Mesmo diante da negativa da doença 60 casos teriam sido observados em 1935, o que fez com que Fischer solicitasse a Freedren sugestão sobre rescindir ou não o contrato da compra dos 40 alqueires, junto a Companhia de Terras do Norte do Paraná (CTNP). Concluiu dizendo saber que os ingleses não aceitariam o cancelamento da compra sem retenções e que também não queria perder os 15 Contos de Réis investidos por Charlotte Wollermann (FISCHER, 20 jul. 1936).

Na carta seguinte, Fischer permaneceu na questão da malária em Roland. Segundo ele, August Fräger (que também teria chegado em 1933, mas designado pela *Gesellschaft für Wirtschaftlichkeit Studien im Übersee* especificamente para a Colônia Roland) lhe relatou o seguinte:

Houve malária aqui no verão de 33-34 e 34-35 [...] Porém, não tivemos mortes em toda a área. Surgiu através da construção de uma barragem que rompeu em setembro de 1935 devido a inundações. Depois disso, não se ouviu falar mais de malária, exceto algumas recaídas. Jatahy, a 46 km de Roland, é conhecida como o antigo ninho da doença. A Cia. Terras do Norte fez um grande esforço para combater a doença: o hospital, o médico e os remédios estavam disponíveis gratuitamente para todos. Em vez de malária, tivemos febre amarela no verão passado. Os números exatos não são conhecidos, diz-se ter havido cerca de 10 mortes na área da companhia (FISCHER, 10 ago. 1936).

Fischer justificou que a quantidade relativamente baixa de precipitação, a natureza nativa da malária, a ocorrência de febre amarela e a inexistência de uma campanha intensiva de prevenção não lhe motivavam a se estabelecer em Roland (FISCHER, 10 ago. 1936). Nove meses após seu estabelecimento em Iraí, trouxe outro motivo pelo qual descartou a colônia paranaense. Segundo ele, Nixdorf se tornou extremamente antipático e caso fosse para o Paraná com certeza teria contato e algum tipo de relacionamento com o administrador. Em sua opinião, era “repugnante” a maneira de agir de Nixdorf, tanto é que dividiu a comunidade de Roland. Fischer poderia permanecer alheio a essa “divisão”, mas um dia inevitavelmente seria arrastado para um dos lados (FISCHER, 21 set. 1937).

Respalado pelo seu conhecimento sobre aspectos da condição humana, Fischer sentiu-se justificado em fazer análises críticas e perspicazes de diversas pessoas que cruzaram seu caminho ao longo de sua trajetória. Na correspondência com Freedden discerniu nuances nas personalidades, motivações e comportamentos de Carlos Culmey, diretor administrativo da Companhia Territorial Sul Brasil (CTSB); Arthur Kuss, presidente da CTSB; Oswald Nixdorf, administrador da Colônia Roland; e, como veremos adiante, de Heinz von Ortenberg, ex-sócio na fábrica de aguardente.

O tema imigração foi abordado na correspondência de Freedden, em meados de 1938, na qual escreveu que o Brasil não iria mais contar com colonos alemães. Em primeiro lugar, porque não havia mais emigrantes na Alemanha; em segundo lugar porque o Brasil perdeu sua posição como país de destino. Conforme Freedden,

O Brasil corta sua própria carne com a imigração como se fosse capaz de povoar e desenvolver suas grandes áreas por conta própria. Um dia as pessoas vão perceber que precisam de imigrantes e que precisam tratá-los bem, caso contrário vão preferir ir para a Argentina (FREEDDEN, 13 jun. 1938).

Disse também que a Alemanha se ressentia de trabalhadores; que naquele momento apenas os judeus estavam deixando o país, alguns com capital considerável; e que custaria muita moeda estrangeira se todos saíssem de uma vez. Aconselhou Fischer a não retornar para a Alemanha, pois percebeu que muitos dos que migraram de volta, do Brasil e de outros países, “não encontram o que achavam que encontrariam” e que “a cultura superorganizada aqui não agrada mais a quem está fora por muito tempo” (FREEDDEN, 13 jun. 1938).

Na carta seguinte Fischer agradeceu o livro *Dois alemães na selva: um livro de vitalidade ininterrupta* de Peter August Staller e comunicou que o mesmo estava em um lugar de honra na biblioteca como lembrança de um amigo querido. Relatou a presença na região de Ernst Kundt, conselheiro do *Auswärtiges Amt* (Ministério das Relações Exteriores da Alemanha) e de W. Meyer⁷⁶, diretor da *Gesellschaft für Siedlung im Ausland* (GSA). Fischer mencionou que teve oportunidade de conversar com os dois, no entanto, não saberia dizer se ambos tiveram a “impressão correta” dos muitos problemas existentes, particularmente na área de atuação da CTSB (FISCHER, 17 jun. 1938).

76 Nesta tese foram mencionadas cinco pessoas com o sobrenome Meyer: Otto Ernest Meyer, fundador da VARIG; Willi Meyer, imigrante radicado em Iraí; Diretor Meyer, do DNB-Berlim; Dr. Meyer, médico do Consulado Alemão de Curitiba; e W. Meyer, diretor da GSA. Quanto aos três últimos, nas cartas seus nomes estão expressos desta forma ou apenas pelo sobrenome e na pesquisa não foram encontradas outras informações sobre estas pessoas.

Freeden escreveu carta em setembro na qual retomou o assunto imigração ao informar que a GSA parou de enviar colonos, pois as regras brasileiras de entrada estavam causando muitas dificuldades. Conforme Endrica Geraldo (2009), no mês de dezembro de 1930, apenas dois meses após a chegada de Getúlio Vargas ao poder, o governo implementou as primeiras medidas restritivas à imigração, tendo como objetivo proteger os trabalhadores nacionais da concorrência estrangeira, especialmente nas áreas urbanas. Identificou-se na época “a entrada desordenada de imigrantes como uma das causas do crescimento do desemprego, da desordem econômica e da insegurança social” (GERALDO, 2009, p. 172). Por outro lado, também no início da década de 1930, setores da elite brasileira engajaram-se em um acalorado debate sobre imigração, mais especificamente sobre o perfil dos imigrantes desejados ou indesejados, para preencher as vastas áreas despovoadas do território nacional e assim contribuir para a construção da nação brasileira (KOIFMAN, 2012). Restrições à imigração foram definidas na Constituição de 1934, em seu artigo 121, parágrafo 6º, que passou a estabelecer o uso de cotas nacionais como princípio. Conforme a Lei

A entrada de imigrantes no território nacional sofrerá as restrições necessárias à garantia da integração étnica e capacidade física e civil do imigrante, não podendo, porém, a corrente imigratória de cada país exceder, anualmente, o limite de dois por cento sobre o número total dos respectivos nacionais fixados no Brasil durante os últimos cinquenta anos (BRASIL, 1934).

Também, nesse período, o nacionalismo brasileiro ganhou um destaque maior. Se no século XIX, os políticos brasileiros incentivaram a imigração europeia como um recurso para “civilizar” a nação, durante a década de 1930, a ênfase deslocou-se para a criação de uma identidade brasileira homogênea (SCHULZE, 2014). Em vista do novo nacionalismo forçado pelo governo de Getúlio Vargas e com o objetivo de concentrar o controle e a supervisão do processo de imigração e colonização, foi fundado, em 1938, o Conselho de Imigração e Colonização. Segundo Geraldo (2009) houve um reforço nos projetos de seleção e restrição para o ingresso de novos estrangeiros, além do aumento das políticas de controle e repressão sobre os imigrantes. Sociólogos e etnólogos dedicaram-se a estudos sobre brasilidade, como o país “poderia aproveitar a imigração o máximo possível e como a assimilação dos imigrantes à sociedade brasileira poderia ser feita” (SCHULZE, 2014, p. 3). Especial atenção foi dada aos núcleos coloniais acusados de apresentar dificuldades de assimilação. Ainda, conforme Schulze (2014), os imigrantes alemães e japoneses foram os que mais recusavam a assimilação no Brasil e, por isso, constituíam um perigo para a unidade nacional. Assim, “eles deveriam tornar-se verdadeiros brasileiros e também perder a cultura de seu país de origem”

(SCHULZE, 2014, p. 3). Na apresentação do primeiro número da *Revista de Imigração e Colonização*, publicada pelo Conselho, o então presidente João Carlos Muniz explicou a justificativa da intervenção do Estado nos fluxos migratórios. Ele enfatizou a necessidade de planejar, selecionar e orientar os movimentos populacionais, pois o acesso a formas específicas de assimilação étnica e interação social eram considerados elementos cruciais para o progresso nacional. Entre as medidas propostas pelo Conselho estava à firmação de acordos de imigração com nações como Dinamarca, Suécia, Suíça e Iugoslávia, onde, naquele momento, se encontrariam os imigrantes “desejáveis” (GERALDO, 2009).

Na sequência da carta, Freeden relatou que Erich Finmann, o diretor-gerente da GSA de Curitiba estava na Alemanha, na Convenção do Partido Nazista e que resoluções sobre a emigração seriam discutidas e decididas. Por sua vez, Kundt e Meyer estavam naquele momento ocupados com a aquisição da colônia austríaca de *Dreizehnlinden* (Treze Tílias, localizada no meio oeste de Santa Catarina), para onde seriam enviadas algumas famílias alemãs. Relatou, também, que no mês de julho participou do Congresso Internacional de Geografia de Amsterdam, que contou com a presença de 1.200 geógrafos. Na seção sobre Geografia Colonial contribuiu nos debates sobre as possibilidades de colonização dos trópicos com os brancos. Na carta, ainda abordou a questão da “migração de retorno” que, segundo sua opinião, poderia ser feita, mas de países mais próximos da Alemanha. Conforme Freeden as pessoas que retornam não conseguem mais se afirmar e muitos tentam voltar aos países de imigração depois de cerca de um ano. Encerrou dizendo que o perigo iminente de um novo conflito armado estava provocando um estado de ânimo deprimente e que não se sentia tão mal desde a Primeira Guerra Mundial (FREEDEN, 04 set. 1938).

A correspondência enviada por Fischer, datada de 13 de outubro de 1938 é a mais extensa dentre todas as que foram trocadas com Freeden. Nela expôs que era perfeitamente justificável que o Brasil quisesse fazer uma seleção na imigração de estrangeiros, isso porque os regulamentos de imigração não eram direcionados contra imigrantes de um país específico, mas se aplicavam de uma forma geral. O que não lhe era compreensível é que a GSA tivesse cessado o envio de colonos para o Brasil. Segundo Fischer, o governo brasileiro estava tentando de todas as formas impedir a entrada de comunistas no país e isso deveria ser particularmente bem-vindo na Alemanha. Sendo a hospitalidade uma tradição no Brasil, o governo só queria proteger o país contra o abuso que foi feito dessa hospitalidade. Sobre os “repatriados”, Fischer argumentou que as pessoas que estavam migrando de volta, com pouquíssimas exceções eram as que “falharam”. Vieram com grandes ilusões, mas não

conseguiram progredir. Eles também nada conseguiram em sua pátria, culpavam as circunstâncias na época, “amarraram suas trouxas” e emigraram, para logo perceberem que apenas os mais aptos seriam capazes de “abrir caminho” no país que os acolheu (FISCHER, 13 out. 1938).

Continuou sua análise afirmando que os imigrantes chegam sempre com muitos planos, mas quando percebem que precisam trabalhar bastante dizem que era melhor ter “ficado em casa”. Geralmente se consideram vítimas diante das circunstâncias negativas, nunca vítimas de sua própria incompetência. Conforme Fischer, são pessoas que estão sempre de olho na Alemanha especulando pela ajuda de alguém, não importa quem seja; são as que repetidamente causam problemas para a germanidade; que constantemente desacreditam o “bom nome alemão” e derrubam tudo o que foi construído pela “boa cultura alemã” ao longo de cem anos. E complementou:

Estamos muito felizes aqui que esses elementos estão nos deixando, mas lamentamos que eles estejam voltando para a Alemanha, porque inevitavelmente eles também irão se tornar um fardo por lá. Eles se dirigem para a Alemanha em um clima de alegria, assim como saíram de lá em um clima de alegria [...] Todo emigrante guarda no coração a imagem que formou de sua pátria quando embarca em um navio em Hamburgo ou Bremen. Muitos utilizam esse sentimento para voltar; outros percebem que ele logo se desvanece e depois de um tempo na Alemanha, querem partir novamente com todas as suas forças (FISCHER, 13 out. 1938).

Sobre os retornados por algum inconveniente pessoal, Fischer relatou o seguinte episódio:

Um homem decente acabou de voltar para a Alemanha, ele tinha um negócio de transporte aqui em Iraí e estava bem. Há alguns meses sua filha casou com um jovem brasileiro e poucas semanas depois do casamento ela deu um tiro em si mesmo. Havia todos os tipos de rumores, mas a polícia não encontrou nenhuma evidência de homicídio e assim o fato do suicídio por motivos desconhecidos permaneceu. No entanto, o pai não ficou convencido e por isso resolveu ir embora do Brasil. Aborrecimento pessoal! Perguntei-lhe o que ele estava planejando fazer na Alemanha. Ele disse simplesmente: “Sim, aqui sou meu próprio senhor e um homem livre, para lá terei que ir como trabalhador não qualificado”. O homem está na casa dos 50 anos. O que o espera por lá? (FISCHER, 13 out. 1938).

Nessa correspondência também relatou que, juntamente com Charlotte, fez “bons progressos” em sua empresa; que tudo requeria muita organização, particularmente com relação aos funcionários; que possuía uma pequena equipe e outros trabalhadores eram contratados conforme as necessidades; e que à noite os dois sentavam no terraço e apreciavam o “belo rio Uruguai” e a beleza paradisíaca da paisagem. Sobre o clima de incertezas na

Europa e o pressentimento de uma nova guerra, em sua opinião, em hipótese alguma haveria uma guerra, porque muitos países não estavam em condições de se envolver num conflito, particularmente a URSS (FISCHER, 13 out. 1938).

Na carta enviada em janeiro de 1939, Fischer agradeceu o recebimento da revista *Deutscher Auswanderer* (Emigrantes Alemães) com o artigo *Sobre as possibilidades de colonização da raça branca na zona tropical*, apresentado por Freeden no Congresso Internacional de Geografia, em Amsterdam. Também, conforme declaração de que foram mediante observações, descreveu o comportamento das mulheres de imigrantes, tanto dos novos como daqueles chegados há mais tempo. Segundo Fischer,

Aqui na colônia, as mulheres passam por mais dificuldades do que os homens. Tudo começa na mais tenra idade, quando as meninas têm que ir para a plantação, capinar e limpar no calor do sol e depois ajudar a mãe nas tarefas domésticas. Uma vez casadas, elas são basicamente “burros de carga” de toda a família, com uma dúzia de filhos para alimentar e criar ao longo da vida. Muitas mulheres carregam seu destino com admirável coragem e exemplar perseverança. Outras, no entanto, optam por “fugir para a doença”. Porque quando a mulher adoece todo mundo se preocupa com ela; daí ela passa a ser observada, poupada e cuidada. Muitas mulheres percebem isso e quando as coisas ficam demais para elas, apenas fingem estar doentes. Gradualmente, elas encontram prazer em ser cuidadas e então ficam “doentes” com mais frequência, tanto é que elas mesmas acreditam em sua doença. É uma típica “fuga para a doença” para tornar a vida mais fácil e confortável. Uma surra adequada talvez seja a coisa mais curativa aqui que, via de regra, deve ser o melhor remédio para pessoas histéricas do sexo masculino e feminino (FISCHER, 06 jan. 1939).

Sobre o comportamento das mulheres na colônia, Fischer provavelmente não era *expert*. Em seu relato não expressou sentimento de preconceito, repulsa ou aversão às mulheres, no entanto, o parecer final com certeza iria lhe custar uma quantidade enorme de críticas, caso o enredo pudesse ser transposto para o tempo presente. Foi quando afirmou que uma “surra adequada” seria justificada ou apropriada dada as circunstâncias específicas do relato; por outro lado, também seria o melhor remédio para pessoas histéricas de ambos os sexos. O termo “surra adequada” indica uma punição física ou violência direcionada a alguém, proveniente de normas sociais patriarcais e de desigualdade de gênero. Em seu comentário não há como negar que Fischer compartilhou e revelou seu machismo, ou seja, uma atitude discriminatória e opressiva em relação às mulheres, baseada na crença de superioridade masculina.

Eunice Nodari (2009), que abordou as relações étnicas no oeste de Santa Catarina, trouxe o relato de uma mulher de 84 anos, de origem alemã, sobre o papel das mulheres em casa, na mesma época:

Mas assim, na família, o homem era mais preguiçoso para trabalhar, ele fazia aquelas horas dele ali na roça, chegava em casa e tomava banho. Às vezes não tomava, lavava os pés e dizia: - “faça o chimarrão”. Enquanto isso, a mulher primeiro ia dar de mamar para os filhos [...]. Quando um desmamava vinha outro. Então amamentava a criança, colocava a panela no fogo para fazer polenta [...], tratar os bichos, tirar leite, tratar as galinhas, fechar galinheiros, ir atrás dos porcos. E era assim, quando anoitecia é que ela entrava, ele já estava cansado de tomar chimarrão. E a mulher, de manhã não ficava em casa, ia para a roça (NODARI, 2009, p. 119).

Conforme a análise de Fischer e o relato trazido por Nodari, ficou claro que as mulheres, desde a tenra idade, passavam por mais dificuldades e trabalho do que os homens; que a mesma interação que tinham com suas mães davam sequência com suas filhas; e que as mais ousadas propuseram alternativas para receber atenção e cuidados familiares, nem que fosse pela “fuga para a doença”.

Sobre o questionamento de seu interlocutor quanto às possibilidades de plantio e comercialização de tabaco em sua região, Fischer escreveu que originalmente pensou em cultivar esse produto, porém a cana-de-açúcar ganhou força quando se associou à pequena fábrica de rapadura, logo após sua chegada a Iraí. Afirmou que o solo da região era propício e que pragas eram relativamente raras; que o tabaco em flocos era feito por muitos agricultores, mas aqueles que migraram da área de Santa Cruz do Sul se “jogaram” no tabaco de forno⁷⁷; e que cooperativas compravam a produção, a qual era revendida para empresas de Santa Cruz do Sul e Santo Ângelo, que processavam e vendiam para outras regiões do país e para a Europa (FISCHER, 13 jan. 1939).

Hermann von Freeden agradeceu as informações sobre a cultura do tabaco e sobre a questão da “migração de retorno” disse ter escrito uma circular a instâncias do Ministério do

⁷⁷ Os dois principais processos de secagem do tabaco, após a colheita, utilizados pelos fumicultores são: o de “galpão”, onde as folhas do produto são penduradas e deixadas ao clima ambiente, ou seja, secadas com o ar e o calor natural; e o de “forno” ou estufa, que utiliza a queima de lenha em fornalhas para a produção de calor, que passa por uma tubulação atingindo as folhas estendidas em locais construídos para esse fim. Conforme a Associação de Fumicultores do Brasil (Afubra), de Santa Cruz do Sul/RS, mais de 90% dos produtores de tabaco no Rio Grande do Sul utilizam esse modelo. O tabaco de flocos foi, durante muito tempo, a forma original de preparação desse produto para a comercialização. Ele não era secado e as folhas eram enroladas umas as outras e estendidas conforme uma medida considerada padrão pelo produtor. Por isso, também ficou conhecido como “fumo de corda”. A expressão flocos se origina do fato que o tabaco, quando utilizado, era cortado em pequenas partes para a utilização pelos usuários. Atualmente, o tabaco em flocos é encontrado, com alguma semelhança, no processo de produção destinado aos cachimbos (PAULI; FLECH; LUCAS, 2012).

Interior com base nos comentários de Fischer. No entanto, teria sido informado que a repatriação planejada de alemães fora interrompida e que apenas trabalhadores qualificados e urgentemente necessários seriam aceitos. Sobre a emigração judaica comunicou que a Argentina e o Uruguai estavam rejeitando e que o Brasil estava impondo dificuldades. Ainda sobre os judeus expôs que, “recentemente ficamos bastante aliviados pelo fato da Gestapo ter se encarregado da sua expulsão, por meio de um escritório especial” (FREEDEN, 05 mar. 1939).

Nos dias 9 e 10 de novembro de 1938, uma onda de violência antissemita, conhecida como *Kristallnacht* (Noite dos Cristais), varreu toda a Alemanha, Áustria (anexada na época ao III Reich) e algumas áreas dos Sudetos, na Tchecoslováquia, recém-ocupada pelas tropas alemãs. O evento recebeu esse nome devido aos fragmentos de vidros que ficaram espalhados pelas ruas, após a quebra de vitrais de sinagogas, estabelecimentos comerciais e de residências de judeus, que foram vandalizadas e saqueadas. A violência teria sido incitada por membros do Partido Nazista, por integrantes das *Sturmabteilungen (SA)*, também conhecidas como Tropas de Assalto e pela Juventude Hitlerista. A Noite dos Cristais foi justificada, pelas autoridades alemãs, como uma reação popular espontânea ao assassinato de um diplomata alemão, em Paris, por um jovem judeu de origem polonesa. Cerca de 260 sinagogas e 7.500 estabelecimentos comerciais de propriedade judaica foram alvo dos atos de violência. Além disso, também, cemitérios de judeus foram profanados. Grupos de homens das SA percorreram as ruas agredindo judeus em suas residências, além de submeter aqueles que encontravam nas vias públicas a atos de violência e humilhação diante da população. A Noite dos Cristais resultou na morte de, pelo menos, noventa judeus. A *Kristallnacht* também foi o marco inicial da prisão em massa de judeus pelo regime nazista, sem apresentação de qualquer acusação criminal e teve como efeito estimular os judeus a deixarem a Alemanha. Nas semanas que se seguiram, o governo alemão aplicou uma série de leis e decretos com o objetivo de confiscar as propriedades dos judeus e privá-los de seus meios de subsistência. O regime nazista colocou em prática, num primeiro momento, uma política de emigração compulsória, na busca de uma Alemanha sem judeus; e, num segundo momento, a deportação forçada da população judaica para países do leste europeu (ENCICLOPÉDIA DO HOLOCAUSTO, 2021).

Provavelmente, era sobre os desdobramentos dos acontecimentos de novembro de 1938 que Freedden se referiu quando trouxe a informação referente à expulsão de judeus da Alemanha. Em sua correspondência em nenhum momento se apresentou como um fervoroso

adepto do regime nazista, no entanto, nesta assumiu declaradamente ser um antissemita. Ficou evidente que diante dos fatos concordou com a política de emigração imposta pelo governo; se colocou como um entusiasmado defensor da crença na superioridade da “raça ariana” e da necessidade de purificar a sociedade alemã dos elementos considerados indesejáveis, nesse caso os judeus.

Na carta seguinte, Fischer comunicou que a primeira produção de aguardente tinha sido vendida e com boa recepção, no entanto, o principal motivo da correspondência foi a morte trágica de Carlos Culmey, na noite de 15 de maio, a qual descreveu em detalhes. No momento em que escrevia a carta o corpo de Culmey ainda não havia sido localizado e “todo o Iraí e a área colonial da Companhia Territorial Sul Brasil estão extremamente consternados. O coronel Gaisser, cônsul alemão de Porto Feliz (Mondaí), veio imediatamente a Passarinhos para dar apoio à família” (FISCHER, 17 maio 1939). Disse não saber o que seria da CTSB, apenas que havia a possibilidade da mesma ser liquidada porque o capital investido não estava dando os resultados esperados⁷⁸ (FISCHER, 09 jun. 1939).

A carta escrita por Fischer, em 21 de agosto de 1948, não é a última na relação com Hermann von Freedem. Foi trazida para a tese, pois se situa no período final de Martin Fischer e Charlotte Wollermann, em Iraí. Trata-se de uma extensa carta onde, além de um importante relato pessoal e profissional, Fischer revelou concepções e informações nunca abordadas em outras correspondências. Um dos temas tratados foi a Igreja e o cristianismo. Sobre a Igreja Fischer disse a deixou no início da década de 1930, porque o cristianismo não significava nada para ele. Afirmou ser “bastante religioso”, mas o cristianismo era muito primitivo segundo a sua concepção. Relatou que, sendo fortemente influenciado por Goethe por décadas, mergulhou completamente na linha de pensamento do escritor alemão e foi na “natureza encantadora”, onde viveu que encontrou satisfação religiosa.

Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) é indiscutivelmente uma figura de extrema importância na literatura alemã. Sua vasta e diversificada obra, na qual abordou uma ampla gama de temas, continua a ser estudada nos dias de hoje, estabelecendo-se como um dos mais duradouros legados culturais tanto para a Alemanha quanto para a cultura ocidental. Em suas obras desenvolveu uma visão abrangente da natureza, percebendo-a como uma poderosa força

78 Sobre a atuação da CTSB no Oeste de Santa Catarina ver *A Colonização as margens do Rio Uruguai no extremo oeste catarinense: atuação da Cia. Territorial Sul Brasil: 1925 a 1954*, Dissertação de Mestrado defendida por Alceu Antonio Werlang, em 1992, junto ao Centro de Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

criativa e espiritual. Este tema está presente em *Os sofrimentos do jovem Werther*, um romance que se tornou referência para toda uma geração e que o tornou célebre (RODRIGUES NETO, 2019). Quando Fischer mencionou que encontrou satisfação espiritual na natureza, é porque provavelmente tenha lido esta obra. Conforme Rodrigues Neto (2019), que investigou a concepção de natureza em Goethe, partindo do romance *Os sofrimentos do jovem Werther*, ela é percebida como uma totalidade orgânica e espiritual, onde o cosmos se manifesta como um rico dinamismo de formas, sugerindo a existência de uma presença divina. É nesse contexto que a natureza se revela em toda a sua beleza e carrega consigo uma essência sagrada. Por sua vez, é na relação com a natureza que a subjetividade humana se desenvolve, por meio de uma conexão íntima, mediada pela imaginação artística e pela sensibilidade. Um elemento de grande importância presente na literatura de Goethe, especialmente no “Werther”, é a destacada contraposição entre natureza e cultura, pois, no romance “a natureza por vezes se torna um abrigo para o protagonista que busca fugir de uma sociedade que representa a opressão de sua autenticidade e o frio artificialismo que conduz o homem a uma vida prosaica e utilitária” (RODRIGUES NETO, 2019, p. 88).

Fischer, em certa medida, aderiu às ideias de Goethe e acreditou que a “natureza encantadora” na qual se inseriu por mais de uma década, pudesse se transformar em um refúgio para escapar de uma sociedade que não lhe despertava mais interesse e desprovida de elementos inspiradores, surpreendentes e emocionantes.

Na sequência da carta, expôs que,

Cheguei também à filosofia de que o mundo não é estratificado por povos e nações, mas por classes sociais. Marx estava certo quando disse “Trabalhadores de todas as classes, uni-vos!”. Estou sempre em contato direto com pessoas educadas, sejam elas alemãs, inglesas, brasileiras ou qualquer outra nacionalidade. Porém, um camponês grosseiro alemão da Alta Baviera, cuja língua só consigo entender com a ajuda de um intérprete, cuja religião me diverte, cujo comportamento gritante me repugna, por favor, o que me liga a ele? Que ele é alemão? O que isso me diz? Se eu não tiver nada para comer, ele certamente não me dará nada (FISCHER, 21 ago. 1948).

É um pouco confusa a narrativa de Fischer, pois no início ele mencionou Karl Marx, filósofo, economista e sociólogo revolucionário alemão do século XIX e a sua interpretação da sociedade, dividida em duas classes sociais: a burguesia e o proletariado⁷⁹. No entanto, na

⁷⁹ Segundo Karl Marx (1818-1883) a burguesia é formada pelos proprietários dos meios de produção, como fábricas e indústrias, e defende o poder econômico e político. Já o proletariado é formado pelos trabalhadores

sequência ele muda de assunto. Relatou que mantinha contato com pessoas educadas de várias nacionalidades, fator determinante nas relações humanas. Quando mencionou o camponês rude da Alta Baviera enfatizou que, apesar da nacionalidade comum, não existia a garantia de uma conexão necessariamente significativa com o mesmo. E ela estava nas diferenças linguísticas, culturais e comportamentais entre eles.

Disse também que possuía uma biblioteca com mais de mil volumes e os livros eram a principal companhia para os dois, em detrimento dos “amigos de duas pernas”. Como um intelectual leitor, além do orgulho de ter um acervo numeroso, também tinha cuidados com o mesmo. Em suas várias mudanças sempre solicitou especial atenção às caixas onde estavam depositados os livros. De alguns ele se desfez quando o Brasil rompeu as relações diplomáticas com os países do Eixo, durante a Segunda Guerra Mundial, outros foram confiscados quando de sua prisão, em outubro de 1942. É importante destacar que os mil volumes de sua biblioteca foram mencionados na correspondência enviada a Freeden, em agosto de 1948. No entanto, muitos outros devem ter sido incorporados a ela quando se mudou e passou a viver em Ijuí, onde retomou as atividades jornalísticas. Alguns dos livros mencionados ao longo de sua correspondência foram: *A aldeia na fronteira*, de Gottfried Rothacker; *A decadência do Ocidente*, de Oswald Spengler; *A fronteira agreste*, de Ivan Pedro de Martins; *A lente convergente: da sabedoria de três milênios*, de Julius Pupp, uma coleção de provérbios; *Aventura Brasileira*, de Peter Fleming; *Da águia do czar à bandeira vermelha*, de Pyotr Nikolayevich Krasnov; *Do submarino ao púlpito*, de Emil Martin Niemöller; *Dois alemães na selva: um livro de vitalidade ininterrupta* de Peter August Staller; *Eu não posso permanecer em silêncio*, de Walther Korrodi; *Na sombra de Ma-Kue*, de Albert Gervais; *Nossa América*, de Colin Ross; *Schleicher–Hitler–Cromwell! O ritmo na História*, de Herbert Blank; e *Uma batalha por Roma*, de Félix Dahn. Sobre alguns deles Fischer chegou a fazer breves comentários: *A aldeia na fronteira* foi escrito com muita habilidade, mas como literatura funcional em preparação para a incorporação dos Sudetos e a tomada da Tchecoslováquia; *Da águia do czar à bandeira vermelha* era um livro

que trocam a sua força de trabalho por um salário. Considerado um dos pensadores mais influentes da história moderna, desenvolveu uma análise crítica do capitalismo, argumentando que o sistema estava intrinsecamente ligado à exploração da classe trabalhadora. Marx propôs a ideia de que, em algum momento da história, a classe trabalhadora se revoltaria contra a burguesia, derrubaria o sistema capitalista e estabeleceria uma sociedade sem classes, na qual os meios de produção seriam de propriedade coletiva.

extremamente valioso do ponto de vista literário; e *Na sombra de Ma-Kue* foi escrito com a superficialidade dos franceses (FISCHER, 11 jun. 1940; 14 dez. 1940). Em relação ao livro *Nossa América*, como vivia no Brasil e conhecia sua história, pode ler o mesmo com mais criticidade do que os alemães no Reich; por outro lado, se recusava a fazer qualquer julgamento em relação à história da América do Norte, a qual não conhecia (FISCHER, 14 dez. 1940). Fischer também revelou que sempre procurou manter-se atualizado sobre a literatura do Terceiro Reich, mesmo que não gostasse dela.

Segue uma descrição mais detalhada de algumas obras mencionadas por Fischer e que compuseram seu acervo. A obra *A decadência do Ocidente*, que começou a ser escrita por Oswald Spengler antes do início da Primeira Guerra Mundial e publicada após o conflito, anunciou o fim da civilização ocidental e de seus valores dominantes. Spengler opôs-se veemente a história mundial como uma história de progresso constante. Na sua filosofia histórica, de mais de 1.000 páginas, denunciou o eurocentrismo e apresentou a teoria do ciclo de vida de oito civilizações, que chamou de “culturas avançadas”. Estas teriam se desenvolvido de acordo com um padrão fixo de faixas etárias, ou seja, seguindo os mesmos estágios de um ser vivo: infância, juventude, maturidade e velhice (WOOD, 1996; ABAL, 2021). Os acontecimentos do século XIX, relacionados com a ascensão de Napoleão Bonaparte, a expansão imperialista e a sociedade de massas eram o prenúncio de que a cultura ocidental estava entrando no último estágio e que sua decadência estava próxima. Tal como as outras civilizações que percorreram seu ciclo natural, o Ocidente passaria para uma fase de individualismo, inexistência da democracia e do sistema político parlamentar e niilismo cultural (WOOD, 1996). Conforme Abal (2021), esse pensamento pode ser creditado à visão apocalíptica da direita radical.

Na época em que foi publicada a obra, por causa da catástrofe da guerra, muitos leitores consideraram as teses de Spengler confirmadas. Fascinado por “grandes personalidades da história” previu que a democracia seria seguida pelo governo autoritário de um indivíduo. Por outro lado, atribuiu à Alemanha um papel de liderança na história mundial. Quando Adolf Hitler tomou o poder na Alemanha, alguns contemporâneos consideraram Spengler um grande vidente. Mesmo manifestando uma atitude antiliberal e uma concepção conservadora da história ele não foi um nacional-socialista e também não se tornou um apoiador do regime implantado por Hitler (KURBJUWEIT, 2018).

Em 1933, Friedrich Gustav Emil Martin Niemöller, ganhou fama pelo livro *Vom U-Boot zur Kanzel* (Do submarino ao púlpito), onde narrou sua carreira na Marinha Imperial

alemã até se tornar pastor luterano. Por seus feitos como comandante dos submarinos *Thüringen* e *Vulkan*, durante a Primeira Guerra Mundial, recebeu a Cruz de Ferro, no entanto, abandonou a carreira militar com o fim do conflito. Estudou, então, teologia em Münster e, em junho de 1924, foi ordenado pastor na paróquia da Igreja Evangélica no distrito de Dahlem, em Berlim. Conservador, anticomunista e crítico da República de Weimar, Niemöller entrou para o Partido Nazista e passou a simpatizar, também, com a política nacionalista e antisemita de Adolf Hitler. No início da década de 1930, apoiou movimentos políticos radicais de extrema direita. Em seu livro, disse que a República de Weimar deu à Alemanha “14 anos de escuridão”; por outro lado, interpretou Hitler como um líder messiânico, alguém que poderia salvar uma Alemanha decaída. Na conclusão, comemorou a chegada ao poder dos nazistas e o “renascimento nacional” que eles desencadearam. Por isso, a imprensa nazista da época profusamente elogiou o livro por suas ideias e discurso ufanista (ZIEMANN, 2019).

A partir de 1934, porém, com a crescente intervenção do Terceiro Reich nos assuntos religiosos e Hitler subordinando a Igreja Evangélica ao regime, Niemöller trocou de lado. Segundo Benjamin Ziemann (2019), Niemöller fundou a Igreja Confessante, de orientação luterana, que agregou sete mil pastores os quais reconheceram que o cristianismo não era compatível com o nazismo. Niemöller passou a dirigir ataques ao governo nacional-socialista, por isso, em 1937 foi preso, julgado por um tribunal nazista e condenado. Ele passou os últimos oito anos do governo nazista em prisões e nos campos de concentração de Sachsenhausen e Dachau, até ser libertado pelos Aliados no final da Segunda Guerra Mundial. Nos anos seguintes ao conflito, reorganizou a Igreja Evangélica na Alemanha e foi presidente do Conselho Mundial das Igrejas. O pastor Emil Martin Niemöller (1892-1984) também foi um dos primeiros a mencionar publicamente a responsabilidade e a culpa dos alemães pelo Holocausto (ZIEMANN, 2019).

Ein Kampf um Rom (Uma batalha por Roma), de Felix Dahn, publicada em 1876, é um dos muitos romances históricos escritos na Alemanha no século XIX. O nacionalismo agressivo e as crenças raciais pró-alemãs, que caracterizam a obra, tornaram-na popular na Alemanha; até 1938 foram mais de 600 edições. Durante o período nazista a obra atingiu o auge da popularidade e foi aceita como ideologicamente correta pela Associação Cultural Nacional-Socialista. Segundo Todd Kontje (2012) testemunhos relatam que Adolf Hitler tinha um exemplar de *Ein Kampf um Rom* em sua biblioteca pessoal, ao lado das obras racistas de Alfred Rosenberg, o principal teórico do nacional-socialismo. O romance de Felix Dahn conta

a história das tribos germânicas, mais especificamente dos godos (*die Goten*), no século VI (KONTJE, 2012).

O romance histórico *Vom Zarenadler zur roten Fahne* (Da águia do czar à bandeira vermelha), escrito entre 1918 e 1920 pelo general cossaco Pyotr N. Krasnow ofereceu um relato dos anos revolucionários da Rússia czarista, na segunda década do século XX. Publicado pela primeira vez em 1922, a obra abordou a transição dramática e trágica de um Estado dinástico multiétnico para um Estado revolucionário supranacional de trabalhadores e camponeses e expôs as razões pelas quais o czar perdeu a sua autoridade e como o seu carisma “hereditário” foi corroído e destruído. A obra baseia-se fortemente na experiência pessoal do autor e pode ser lido como um documento autobiográfico e semificcional (KUZMICS, 2023).

O livro *Das Dorf an der Grenze* (A aldeia na fronteira) se tornou um *best-seller* no final da década de 1930 e um dos livros mais vendidos na Alemanha nazista. Escrito por Gottfried Rothacker e publicado em 1936, trata-se de um romance autobiográfico. O tema central da obra é a representação da aldeia Morávia-Silésia de Skopolnica/Schatzdorf, os problemas políticos e sociais que envolviam os habitantes alemães, poloneses, tchecos e judeus, em interação com a chegada do jovem professor Ortwin Hartmichel (o próprio autor). Com forte teor ideológico a obra foi influenciada pelas ideias nacionais alemãs e pela atitude antitcheca do autor. Por isso, Rothacker alcançou popularidade durante o Terceiro Reich (PECHULA, 2020).

Na obra publicada anonimamente *Ich kann nicht schweigen* (Eu não posso permanecer em silêncio), Walther Korrodi pretendia acertar contas com o Partido Nazista. Apesar de ser membro ativo do NSDAP desde a fundação do partido e colaborador do jornal *Völkischer Beobachter*, Korrodi foi preso após a Noite dos Longos Punhais⁸⁰, em junho de 1934. Um ano depois emigrou para a Suíça onde obteve o *status* de refugiado político. Não querendo revelar seu nome, temendo represálias aos seus familiares na Alemanha, revelou em seu livro as mentiras deliberadas do governo nazista quanto ao incêndio do *Reichstag* (Parlamento) e da acusação de um golpe de Estado por parte de Ernst Röhm. Ex-aliado de Hitler e organizador das *Sturmabteilung* (SA - Tropas de Assalto), Röhm foi incriminado como traidor e fuzilado

80 Além de eliminar os sindicatos, os partidos e os jornais de oposição, Hitler depurou o próprio nazismo. Eliminou vários líderes das *Sturmabteilung* (SA) que divergiam de sua autoridade absoluta. Na Noite dos Longos Punhais, cerca de setenta líderes e 5 mil outros nazistas foram mortos por soldados do Exército, pelas SS e pela Gestapo (VICENTINO; DORIGO, 2010).

na chamada Noite dos Longos Punhais. Korrodi acusou explicitamente aqueles que estavam no poder de terem inventado provas e falsificado documentos. Ele também previu um fim iminente do regime nazista, não por meio da resistência da esquerda, mas pela tomada do poder pelos militares, que ele esperava para breve, mas que de fato nunca ocorreu (ROUX, 2021).

Na continuidade da carta para Hermann von Freedten, Fischer argumentou que ninguém se torna “nacional” ficando na selva por muito tempo e que havia uma disputa em seu interior sobre retornar a Alemanha ou não. Sua razão dizia para não voltar, por outro lado, o coração dizia sim. No entanto, tinha clareza de que aos 61 anos seria praticamente impossível encontrar um emprego e que não poderia, de forma alguma, ser um fardo para sua família “refugiada do leste” na zona de ocupação britânica da Alemanha⁸¹. Conforme Fischer,

Eles têm o mesmo destino que você, eles também escrevem que a sorte dos refugiados é terrível, mas eles não reclamam, eles têm confiança e esperança [...] E isso é edificante. Nós, da nossa classe social, fomos educados de tal forma que não podemos chorar ou reclamar; “Rapaz, se recomponha!” Quantas vezes ouvimos isso desde a tenra idade e agora essa educação dura vem a calhar para nós. E estou certo de que, se nenhuma nova guerra estourar, a Alemanha se recuperará rapidamente, apesar das enormes feridas das quais ainda está sangrando (FISCHER, 21 ago. 1948).

Fischer escreveu a carta para Freedten, que nessa época estava morando em Ratzeburg, Estado de Schleswig-Holstein, também na zona de ocupação britânica da Alemanha. Mesmo que tenha mencionado que a situação dos refugiados era terrível, quando mencionou que a educação rígida recebida desde a infância seria útil naqueles momentos difíceis, ele estava se dirigindo ao seu interlocutor. Os princípios e valores assimilados através de uma “educação dura” poderiam ajudar Freedten enfrentar com resiliência as adversidades e os desafios de reconstrução de um país derrotado na guerra. Quanto à recuperação da República Federal da Alemanha (RFA), esta recebeu por meio do Plano Marshall, um programa de ajuda econômica dos Estados Unidos, significativa ajuda financeira, investimentos e recursos para reconstruir sua infraestrutura e revitalizar sua economia. O país também se integrou à

81 Após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) Alemanha foi dividida em quatro zonas de ocupação controladas pelos países vencedores: Estados Unidos, Grã-Bretanha, França – conjunto que mais tarde deu origem à Alemanha Ocidental (República Federal da Alemanha) – e União Soviética – posteriormente originando a Alemanha Oriental (República Democrática Alemã). A cidade de Berlim, situada na área de ocupação soviética, também foi dividida em quatro zonas (VICENTINO; DORIGO, 2010). Milhares de pessoas ficaram deslocadas, especialmente devido aos danos causados pelos combates, migrações forçadas e mudanças nas fronteiras nacionais. Familiares de Fischer, residentes em Königsberg, cujo território foi incorporado pela URSS deixaram a Prússia Oriental com destino a zona de ocupação britânica.

Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (CECA), em 1951 e ao Tratado da Comunidade Econômica Europeia (CEE), em 1957, o que facilitou ainda mais sua recuperação econômica e sua integração na comunidade internacional. No entanto, a República Democrática Alemã (RDA), a Alemanha Oriental, controlada pela União Soviética, seguiu um caminho diferente. Embora também tenha passado por um desenvolvimento industrial, a economia foi significativamente menos próspera em comparação com a Alemanha Ocidental (VICENTINO; DORIGO, 2010).

Fischer relatou, também, episódios relacionados a Bernardo Maahs, proprietário do Hotel Descanso, em Iraí. Denunciado como um espião alemão foi preso pela Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS/RS), posteriormente julgado e condenado à extradição⁸². Depois da sua prisão se espalhou por Iraí a notícia de que o mesmo havia morrido. No Portal da Prefeitura Municipal de Iraí, na página referente à História do município, consta que contra Bernardo Maahs, suspeito de conspirar contra o Brasil em guerra com a Alemanha, foi instaurado processo policial que resultou na sua expulsão do Brasil; dado o estado de beligerância, ficou preso e morreu (PREFEITURA MUNICIPAL DE IRAÍ, c. 2017). Não foi o que aconteceu, ele de fato foi extraditado à Alemanha no “último navio diplomático” em meio à guerra. Na Alemanha teve que passar por uma cirurgia e inesperadamente, ou como Fischer se referiu, por uma “ironia do destino”, foi atendido pelo seu desafeto: o médico Heinz von Ortenberg, de Santa Cruz do Sul. Ortenberg, ex-sócio de Fischer na fábrica de aguardente tinha viajado para a Europa no final da década de 1930 e ficou impossibilitado de retornar por causa do conflito. Por anos a relação entre os dois foi de amizade, inclusive Ortenberg era hóspede assíduo do Hotel Descanso. O rompimento entre os dois se deu quando Maahs o denunciou como opositor das ideias do partido nazista no Brasil, então o médico passou a sofrer perseguição em Santa Cruz do Sul (FISCHER, 21 ago. 1948).

Ainda em relação à Ortenberg, Fischer abordou à questão de que o mesmo deixou o filho aos seus cuidados, para empreender a referida viagem, por isso o apontou como um oportunista. Segundo Fischer,

Ortenberg não podia prever que sua viagem levaria nove anos, mas como médico ele tinha que saber que seu filho era uma criatura muito inferior (mental e moralmente) e não tinha permissão para esconder isso de mim. Admito que seus sentimentos paternais possam ter obscurecido um pouco o

82 O Hotel Descanso, que era de madeira, foi demolido e com o respectivo material foram construídas duas obras: o Patronato Agrícola Getúlio Vargas e o Quartel da Brigada Militar (PREFEITURA MUNICIPAL DE IRAÍ, c. 2017).

seu olho de médico, apesar das muitas experiências que ele mesmo teve com o filho, mas a principal força motriz foi o puro egoísmo. Ele não queria e não podia levar o menino com ele para a Europa e tinha que encontrar um lugar para ele aqui de alguma forma. Em Santa Cruz ninguém estava disposto a acomodá-lo porque conheciam bem o menino. Em Neu-Wuerttemberg (atual Panambi), o Dr. Kuhlmann teve as piores experiências com ele, então a notícia se espalhou (FISCHER, 21 ago. 1948).

Para Fischer, Ortenberg escondeu tudo e o filho lhe causou “danos irreparáveis”. No entanto, não detalhou quais teriam sido os danos e não pormenorizou a afirmação de que a luta pela qual estava passando para obter as necessidades básicas era culpa do rapaz e indiretamente do próprio pai. Fischer disse que somente entrou no assunto porque Freedten, na carta anterior, escreveu que tinha visitado Ortenberg em Wiesbaden.

Referindo-se a frase “enquanto a pessoa ainda vê uma tarefa pela frente, ela funcionará”, escrita por Freedten em uma carta anterior, relatou que depois de muito tempo trabalhando apenas com “biscates”, uma nova oportunidade profissional lhe fora oferecida. Revelou que “no final do mês de maio a editora Ulrich Löw, de Ijuí, me procurou para editar um anuário para o ano de 1949. Fui a Ijuí rapidamente e cheguei a um acordo com o editor, uma pessoa muito culta e generosa” (FISCHER, 21 ago. 1948). Segundo Fischer,

Em meados de junho eu estava de volta a Iraí com uma missão permanente e foi aí que a história começou. Data de entrega até meados de setembro; então três meses. Como obter contribuições adequadas de escritores cariocas ou paulistas? E em Porto Alegre há pouquíssimas pessoas que realmente têm algo a dizer. Então o peso estava inteiramente em mim. Eu mesmo escrevi nada menos que seis ensaios, alguns sob meu nome, alguns sob pseudônimo, alguns sem nome, para que as coisas não pareçam muito unilaterais. Além de uma infinidade de traduções. Porque o calendário deve ser orientado de uma maneira completamente nova; na minha sugestão. Produto absolutamente realista sobre problemas exclusivamente brasileiros. Além disso, apenas ficção brasileira e poesia (FISCHER, 21 ago. 1948).

Fischer declarou que Charlotte também estava envolvida no projeto do anuário, pois estava escrevendo um ensaio com o tema “Goethe e nós”. Disse que mesmo no Brasil um anuário alemão não podia sair sem comemorar os 200 anos de Johann Wolfgang von Goethe, um dos mais importantes expoentes da literatura alemã. Comunicou que tão logo o anuário fosse publicado iria enviar um exemplar para Freedten, desde que a lei que proibia o envio de literatura para a Alemanha fosse revogado.

*

A correspondência com Erwino Carlos Germano Anuschek situa-se entre os anos de 1940 e 1942. Foram dez cartas enviadas por Martin Fischer e onze cartas recebidas. Nessa

época Anuschek morava na então vila de Frederico Westphalen, pertencente administrativamente ao município de Palmeira (atual Palmeira das Missões)⁸³. Além de proprietário da *Pharmacia Popular*, também fazia parte da diretoria do hospital local e da comissão responsável pela construção do novo prédio. Imigrante vindo de Berlim, Anuschek chegou a Porto Alegre no início da década de 1930 e, juntamente com o também alemão Gustavo Herbert Ehricht, passou a desenvolver intensa propaganda do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP) entre a comunidade alemã local. Inclusive teria recebido cinco mil marcos para a campanha. Juntamente com outros simpatizantes e admiradores do nacional-socialismo fundou o primeiro núcleo do NSDAP no Rio Grande do Sul, em outubro de 1931. O grupo nazista foi presidido inicialmente por Gustavo Ehricht, especialista em esmalte de fogões, mas com pouca experiência em política. Ehricht e Anuschek resolveram iniciar um trabalho para neutralizar a ação de alemães de destaque em Porto Alegre, que não eram simpáticos à ideologia do Partido. Passaram então a enviar cartas e documentos para Berlim nos quais faziam graves acusações contra o procedimento destes. Os elementos atingidos eram comerciantes e industriais que se voltaram contra a campanha movida secretamente e conseguiram depor Ehricht da presidência e do núcleo do partido (1932). Em seu lugar assumiu Anuschek, que logo passou a ser atacado com intensidade pelo ex-presidente. Desmoralizado, depois de revelações de existência de corrupção em seu passado na Alemanha, Anuschek também foi deposto e expulso do NSDAP (DIÁRIO CARIOCA, 24 maio 1933, contracapa).

Em 1934 Anuschek tornou-se chefe da *Schwarze Front* (Frente Negra) do Rio Grande do Sul, movimento político organizado na Alemanha – com ramificações por países da América do Sul – cujo objetivo era combater o NSDAP e promover uma cisão interna para enfraquecer o partido. Na década de 1940 a *Schwarze Front* seria rebatizada *Freie Deutsche Bewegung* (Movimento dos Alemães Livres) (LUCAS, 2011). Conforme Taís Campelo Lucas, “com a proibição do NSDAP no Brasil, em 1937, Anuschek, naturalizado brasileiro, torna-se agente secreto da polícia rio-grandense, repassando informações para a localização de células e identificação de partidários” (2011, p. 122). Foi com esse conterrâneo expulso do Partido Nazista, dissidente do nacional-socialismo e informante da polícia do Rio Grande do Sul que Fischer trocou 21 correspondências.

83 A vila de Frederico Westphalen era também chamada de *Barril* (seu primeiro nome) em alusão a instalação de um barril para captação de água de uma vertente, que por muito tempo saciou a sede dos que por ali passavam.

As cartas entre os dois nunca foram extensas, geralmente traziam apenas comunicações, informações ou comentários. Em suas primeiras, escritas em papel timbrado da *Pharmacia Popular*, Anushek comunicou o envio de livros, de jornais alemães e fotografias, estas “do interesse” de Fischer; forneceu o endereço de Hermann Rauschnig, o primo-irmão de Fischer que, perseguido na Alemanha Nazista, estava exilado na Inglaterra; e cancelou uma viagem a Iraí, por causa das péssimas condições da estrada (ANUSCHEK, 06 maio 1940; 17 jul. 1940). Por sua vez, Martin Fischer mencionou que em meados do mês de maio teve a disputa final com o ex-sócio Antonio Pauly; comentou brevemente os livros emprestados por Anushek; agradeceu o envio dos jornais e das fotografias; e a mediação para a descoberta do endereço do primo Rauschnig. Sobre uma fotografia que enviou, disse que “vale a pena a pena falar longamente sobre a história, porque ao longo do tempo surgiram todos os tipos de suspeitas em minha mente.” (FISCHER, 11 jun. 1940). Nenhuma descrição sobre as fotografias mencionadas ou sobre as “suspeitas” de Fischer foram abordadas nas cartas.

Em outra correspondência Fischer agradeceu a hospitalidade do casal Anushek quando de sua estada recente em *Barril*; disse que passou horas “muito agradáveis e interessantes” com pessoas com “ideias semelhantes”; e mencionou que Evaldo Bergmann, Inspetor de Polícia da Delegacia de Ordem Política e Social do Rio Grande do Sul (DOPS/RS) lhe telegrafou e anunciou uma visita. Comunicou que o pacote em anexo continha alguns livros para satisfazer a “sede de leitura” e a “dieta espiritual” de Anushek e como “alimento espiritual na forma líquida”, incluiu algumas garrafas de *Tatú* etiquetadas com o rótulo “Especial”. Para a esposa e o filho pequeno, Charlotte adicionou uma amostra de cidra cristalizada, “que tem um gosto muito bom para os mais exigentes” (FISCHER, 18 ago. 1940).

Anushek também visitou Charlotte e Fischer, conforme mencionou na carta de novembro. Disse que o pouco tempo que passou na casa dos dois foi bom para “acalmar” seus nervos e que voltou “com mais vontade de trabalhar” (ANUSCHEK, 22 nov. 1940). Nela também comentou resumidamente a guerra na Europa:

A RAF⁸⁴ passou para a contraofensiva e Leunawerke, Duisburg, Mülheim e outras instalações industriais na Vestfália foram fortemente atacadas. Aviões alemães destruíram completamente Coventry e lançaram mais de 500.000 kg

84 A *Royal Air Force* (RAF) é a Força Aérea Britânica; teve um papel de destaque na Segunda Guerra Mundial, particularmente durante a Batalha da Inglaterra, no segundo semestre de 1940.

de bombas sobre Birmingham em uma noite. Os italianos não estão indo muito bem. O relatório italiano de hoje relata pesadas baixas. O vice-marechal do ar britânico, que estava a caminho de Londres para o Mediterrâneo oriental, teve que desembarcar na Sicília, foi feito prisioneiro com os membros de sua equipe e a Inglaterra teme que planos secretos tenham caído nas mãos dos italianos. A Hungria aderiu ao Eixo, em poucas horas a Romênia e a Bulgária certamente também a seguirão (ANUSCHEK, 22 nov. 1940).

É possível perceber, conforme o relato detalhado, que Anuschek estava acompanhando atentamente o desenrolar da guerra. Sobre a Batalha da Inglaterra, a pesquisa trouxe informações que aparecem nas cartas trocadas com a família Grotewold; e sobre o fato de que os italianos não estavam indo bem, é porque diante dos sucessos bélicos alemães, Mussolini, em desvantagem, optou por invadir a Grécia, o que resultou na derrota das forças italianas. Essa ação levou Hitler a intervir em auxílio ao seu aliado na Europa. Quanto aos outros países citados, que teriam se aliado ao Eixo, eles apoiaram a partir de junho de 1941 as tropas alemãs quando da invasão da União Soviética.

Na carta seguinte, ao se referir à visita de Anuschek, Fischer disse que ficou “sinceramente satisfeito” pelo amigo ter se sentido bem em sua casa. Informou que não recebeu mais notícias de Bergmann, apenas que a mala, emprestada ao inspetor do DOPS, em outro momento, estava na Delegacia de Iraí (FISCHER, 26 nov. 1940). Na correspondência enviada por Anuschek, novamente é mencionado o inspetor Bergmann e, na sequência, a frase “alertamos sobre um certo Dr. Gerhard Westrich, anteriormente na Embaixada da Alemanha nos EUA” (ANUSCHEK, 28 nov. 1940). Em nenhuma outra carta foi esclarecida essa frase.

Alguns dias antes do Natal, Anuschek escreveu sobre Gertrud Strasser. Conforme relatou, “a embaixada brasileira em Berna, por instrução telegráfica do Dr. Oswaldo Aranha⁸⁵, não concedeu a Sra. Strasser e a seus dois filhos visto permanente para o Brasil. A situação se tornou extremamente perigosa para eles na Suíça” (ANUSCHEK, 20 dez. 1940). No entanto, mediante um acordo com o cônsul suíço no Rio de Janeiro a família iria se refugiar em Frederico Westphalen, com chegada prevista para fevereiro (ANUSCHEK, 20 dez. 1940).

Passados quatro meses a correspondência entre os dois foi retomada. Anuschek informou que o delegado Plínio Brasil Milano e o inspetor Evaldo Bergmann da DOPS/RS passaram por Frederico Westphalen (onde permaneceram algumas horas). Revelou que ficou desapontado, pois com Bergmann conversou muito pouco e com Milano somente assuntos

85 Ministro das Relações Exteriores, entre 1938 e 1944, no governo de Getúlio Vargas.

gerais. Isso porque outras pessoas estavam presentes. Mesmo assim o delegado teria lhe dado “explicações muito interessantes”, algumas das quais o surpreenderam. No entanto, não mencionou, na carta, nem sequer uma frase sobre as “surpreendentes explicações”. Na sequência, informou que para o final do mês era esperada a visita do interventor do Estado Cel. Cordeiro de Farias; sobre a guerra disse que o ditador alemão Adolf Hitler, apesar das vitórias, era um grande mentiroso; e que depois do tratado de não agressão entre o Japão e a URSS não sabia mais o que pensar (ANUSCHEK, 15 abr. 1941).

Anuschek mencionou o Pacto de Não-Agressão, assinado em abril de 1941, entre o Império Japonês e a União Soviética. Através do Pacto foi acordado que durante o período de cinco anos, os dois países estabeleceriam relações amigáveis e pacíficas. Adicionalmente, no caso de um envolvimento bélico direto entre uma das nações e um terceiro país, a parte não envolvida se comprometeria a adotar uma posição neutra. Quando Anuschek disse que “não sabia o que pensar” é porque o Japão era aliado da Alemanha e a URSS estava prestes a ser invadida pela Alemanha.

Martin Fischer, na carta seguinte, escreveu que “agora que estou fora de perigo, você deve ser o primeiro a quem eu escrevo” e que era uma “questão muito importante agradecer a calorosa hospitalidade demonstrada” (FISCHER 07 maio 1941). O estudo da correspondência entre os dois, não identificou o significado de “fora de perigo”, mencionado por Fischer, no entanto ele teria se hospedado onze dias na casa de seu amigo. Como agradecimento, enviou três volumes da obra *Uma batalha por Roma*, de Félix Dahn. Juntamente com os livros também uma caixa com laranjas, bergamotas e limas, prontas para o consumo (FISCHER, 07 maio 1941).

Na segunda quinzena do mês de julho, Fischer escreveu sobre a festa que fora organizada pela comunidade de Frederico Westphalen, em homenagem a Erwino Anuschek. Ele foi de Iraí a Frederico Westphalen a cavalo, pois relatou que os 43 km que separam as localidades “são uma conquista esportiva muito agradável para um homem de 54 anos e dada a minha alegria em andar a cavalo, estes passeios continuam a ser para mim um descanso e refresco, sem que eles me cansem” (FISCHER, 22 jul. 1941).

Erwino Anuschek, em outra carta, comunicou que a esposa ficara acamada por cinco semanas, bastante enfraquecida e em estado febril constante, em virtude de uma amigdalite “não reconhecida” após uma forte gripe. Na sequência, abordou sucintamente algumas questões que não foram pormenorizadas na correspondência: que esforços combinados conseguiram “cancelar” o Sr. von Thermann e que algo semelhante também iria acontecer em

breve no Chile; e que antes de serem extraditados para a Alemanha Nazista, Thyssen e sua esposa cometeram suicídio na Riviera Francesa. Sobre a guerra, acreditava no sucesso da invasão do exército alemão à URSS e que era incompreensível como Churchill (primeiro-ministro inglês) e Roosevelt (presidente dos EUA) poderiam ganhar o conflito quando “as coisas estão fermentando em todos os territórios ocupados pela Alemanha e que Hitler está mais forte do que nunca” (ANUSCHEK, 26 set. 1941). Apresentou ainda alguns números relacionados às forças alemãs no leste europeu até o final de agosto de 1941: 89.000 mortos, 294.000 feridos, 15.000 desaparecidos e 750 aviões abatidos.

Com o intuito de obter minérios, cereais e petróleo, fundamentais para seus planos militares, Hitler desconsiderou o pacto de não agressão, assinado com a União Soviética em agosto de 1939 e ordenou a invasão deste país, em junho de 1941. Inicialmente, o avanço dos invasores encontrou pouco impedimento por parte do Exército soviético. No entanto, a combinação do grande número de soldados russos, o vasto território e a resistência das tropas e da população foram capazes de reverter essa situação. Ainda no final de 1941 e principalmente em 1942, os alemães passaram a experimentar duras e decisivas derrotas (VICENTINO; DORIGO, 2010). Até o início de 1942, a Alemanha, a Itália e o Japão “dominaram a guerra, conquistando gigantescas e estratégicas regiões da Europa, África e Ásia. A partir de então, iniciou-se a derrocada do Eixo Roma-Berlim-Tóquio, pondo fim à avassaladora expansão totalitária” (VICENTINO; DORIGO, 2010, p. 648).

Em sua rede de relações Fischer ocasionalmente discutiu a Segunda Guerra Mundial. No entanto, apesar de Anushek abordar várias vezes o assunto, Fischer simplesmente evitou emitir opinião ou fazer algum comentário. Talvez isso se deva aos momentos cruciais em que o conflito se encontrava e às lembranças traumáticas que guardava da Primeira Guerra. No entanto, é possível que ele tenha evitado discutir o assunto devido aos seus sentimentos como alemão e à incerteza sobre o desfecho do conflito.

Ao se referir à enfermidade da esposa de Anushek disse que, caso tivesse sido informado, teria solicitado a Charlotte para ir cuidá-la. Por outro lado, formalizou um convite para que mesma passasse alguns dias com eles. Conforme Fischer,

Lottchen está particularmente ansiosa para ver sua esposa, porque você sabe, por mais bonito que tudo esteja aqui e por menos que sintamos falta dos chamados bens culturais, a falta de mulheres educadas é muito perceptível e Lottchen sente muito isso. É por isso que ela está tão ansiosa para estar com uma mulher educada novamente (FISCHER, 30 set. 1941).

Não foi a primeira vez que Fischer abordou a questão “pessoas educadas”. Nesse caso, revelou que a ausência de mulheres educadas era algo que Charlotte sentia profundamente e que a afetava significativamente. O lugar em que viviam podia ser agradável e esteticamente atraente, mas considerando as interações sociais sua companheira não contava com mulheres com as quais pudesse conversar sobre conhecimentos em áreas específicas, que cultivassem boas maneiras, comportamento respeitoso e fossem portadoras de uma conduta educada.

Numa breve carta, Anushek convidou Fischer para um evento em Frederico Westphalen, no dia 27 de outubro. Explicou que não podia revelar nada antecipadamente e que o convidado não deveria chegar antes da data, porque algumas coisas ainda precisavam ser organizadas. Solicitou também que Fischer não viesse a cavalo, como de costume, mas com o veículo de transporte do Correio⁸⁶ e comunicou que um terno lhe seria disponibilizado (ANUSCHEK, 17 out. 1941). O que Fischer foi fazer em Frederico Westphalen nunca foi abordado. O uso de um vestuário formal indicava a participação em uma festividade, em uma reunião ou encontro político. Na correspondência enviada, alguns dias depois, Fischer não mencionou nada sobre o que teria feito ou participado em Frederico Westphalen e também não expressou nenhum agradecimento. No entanto, relatou a viagem da esposa e do filho de Erwino Anushek, para a permanência por um tempo em Iraí:

A viagem em si não foi extenuante, mas o calor e o confinamento do carro a tornaram menos agradável, especialmente quando você está doente há semanas. Hoje, depois de dois dias, sua esposa e o pequeno Ewald se adaptaram bem e aparentemente estão confortáveis na solidão. Ao que tudo indica ele está gostando da comida. Sua mulher recebe um copo de leite morno da vaca todas as manhãs e todas as noites e Ewald também bebe seu leite com coragem e também come frutas. Ele parece ter medo de cavalgar e não quero persuadi-lo a fazer isso. Sua esposa está sem dúvida entediada, mas eu previ isso para ela e também lhe disse que o tédio é a melhor cura para os nervos danificados. Ela também está nervosa demais para se forçar a ler; tudo passa com o tempo. Sinceramente, desejo de todo o coração, que essas semanas aqui fora possam lhe revigorar completamente. Tudo o que pudermos fazer sobre isso, será feito (FISCHER. 01 nov. 1940).

Na correspondência, datada de 02 de dezembro, Anushek agradeceu o acolhimento e a hospitalidade para com sua esposa e seu filho. Segundo ele,

Vocês ficariam surpresos se vissem minha esposa agora. Não pensei que 15 dias poderiam ter um efeito tão duradouro. Minha esposa se recuperou muito, seu rosto está cheio e seu estado geral melhorou tanto que surpreendeu a todos [...] Ewald também está saudável e animado, pode

⁸⁶ A camionete do Correio era utilizada como meio de transporte entre localidades próximas, numa época de poucas opções para os que precisavam se deslocar pela região.

passar sem seu *bico*, também um sucesso, e fala muito de você. Então todos voltaram felizes [...] Um aperto de mão! (ANUSCHEK, 02 dez. 1941).

O assunto seguinte foi sobre o discurso de Coelho de Souza, secretário de Educação do Rio Grande do Sul, publicado no jornal *O Radical*, do Rio de Janeiro sob o título *A ação do nazismo no sul do Brasil*, onde o nome de Erwino Anushek é mencionado. Ele relatou que o discurso baseou-se no livro *O nazismo no Rio Grande do Sul*, organizado pelo Tenente-Coronel Aurélio da Silva Py, chefe da Polícia do Estado e publicado em 1939. O secretário de Educação disse que Ervino Anushek era o chefe da *Schwarze Front* (Frente Negra) e que através dele a Polícia teria conseguido informações no que se refere à localização de células nazistas no Estado. Anushek revelou, na carta enviada a Fischer, que ficou aborrecido, pois ele não era mais o chefe da Frente Negra desde 1937. Por outro lado, quanto à escrita do livro *O nazismo no Rio Grande do Sul*, disse que foi imprudência do inspetor Evaldo Bergmann, ter incluído apenas o seu nome, enquanto outros alemães não foram listados. Conforme Anushek,

O que vai acontecer agora? Agora estou oficialmente sendo premiado com o *Pour le mérite* do Terceiro Reich. Meu velho pai não poderá mais escrever para mim, de alguns lugares sofrerei prejuízos comerciais e perseguições de alguns setores só porque o Sr. Bergmann teve a gentileza de me chamar pelo nome. Como você avalia este discurso? O que dizem em Iraí? (ANUSCHEK, 02 dez. 1941).

As perguntas de Anushek ficaram sem respostas, pois na carta seguinte, enviada por Fischer outros temas foram abordados: as expectativas para o ano que estava iniciando; a amizade entre os dois, como a “única coisa realmente valiosa”; e o agradecimento pelo “pacote de Natal” enviado por Anushek, contendo charutos, carne enlatada, geleia de jaboticaba, maçãs, nozes, pães de mel e doces. Nesta correspondência, também, Fischer emitiu sua opinião sobre a guerra e a sua previsão: ela iria durar ainda alguns anos e “o salto de todo um povo no Vesúvio” seria a cena final de Hitler quando seu plano de dominação mundial fracassasse. Para Fischer, Hitler era um “escorpião que Deus pegou da areia, para castigar o mundo”. Lamentou que tantos alemães estavam correndo atrás do “Flautista de Hamelin”, que estavam “correndo atrás do louco e para o seu infortúnio mais profundo” (FISCHER, 1º jan. 1942).

O salto de todo um povo no Vesúvio é uma referência ao evento histórico da erupção do Monte Vesúvio, que atingiu, no século I d.C., a cidade romana de Pompeia, localizada próxima ao vulcão. Durante a erupção, a cidade foi completamente destruída e soterrada pelas

cinzas vulcânicas. No entanto, na analogia de Fischer, era a população alemã que confiou em Hitler, que iria se jogar para o interior do vulcão. Quanto ao “Flautista de Hamelin”, um dos muitos contos de fadas escrito pelos irmãos Grimm, trata-se da história de um misterioso músico que passou pela cidade de Hamelin, na Alemanha, no século XIII. De acordo com o conto, Hamelin estava infestada de ratos e o flautista se ofereceu para ajudar em troca de uma recompensa. Com sua flauta, ele tocou uma melodia encantadora que atraiu todos os ratos da cidade e os levou para o rio Weser, onde se afogaram. No entanto, quando ele voltou para receber sua recompensa, os habitantes de Hamelin se recusaram a pagá-lo. Furioso e determinado a se vingar, o flautista tocou novamente, mas desta vez atraiu todas as crianças da cidade, que o seguiram encantadas. O flautista as conduziu através de um portal mágico em uma montanha e elas desapareceram para sempre (AVILA, 2019). A interpretação da frase mencionada por Fischer sugere que Hitler, como o Flautista de Hamelin, usou suas habilidades de persuasão para “tocar a flauta” e influenciar uma parcela significativa do povo alemão a seguir sua liderança e ideologia. Assim, como o flautista levou as crianças de Hamelin para longe, Hitler estava levando seu povo para o infortúnio, por meio de suas políticas de ódio, guerra e violência.

Quando Fischer fez essas analogias a Segunda Guerra Mundial passava por um período de indefinição. Na sua correspondência, quando foram mencionados os avanços da *Wehrmacht* (Forças Armadas Alemãs)⁸⁷, outros interlocutores demonstraram esperanças e consideraram a possibilidade de uma vitória da Alemanha Nazista; até mesmo Fischer quando comentou alguns eventos. No entanto, em 1º de janeiro de 1942, quando escreveu a carta para Freedon a *Luftwaffe* havia perdido a Batalha da Inglaterra e as forças terrestres alemãs na União Soviética estavam sendo derrotadas. Três anos antes do final do conflito Fischer “revelou” que o poder de manipulação e de liderança do ditador alemão estava com os dias contados e que estava conduzindo seu país, na guerra, para um desfecho com consequências trágicas.

As cartas trocadas entre Martin Fischer e Erwino Anushek (que a pesquisa encontrou nos arquivos do MADP) situam-se num breve período. A correspondência contém muitas informações que permitem um melhor conhecimento da vida e das ações do pesquisado, no entanto, ficou a impressão de que muitos assuntos não explicitados nas cartas parecem

87 A *Wehrmacht* era composta pelo *Heer* (Exército, força terrestre); pela *Kriegsmarine* (Marinha de Guerra); e pela *Luftwaffe* (Força Aérea).

encobrir algo. De todas as correspondências estudadas, as que foram trocadas com Anuschek são as mais subjetivas e muitos dos temas abordados, provavelmente, só fizeram sentido e foram perfeitamente claros entre os dois, na época em que foram escritas.

*

Com Arthur Eduardo Kuss, Fischer trocou 16 correspondências, entre 11 de novembro de 1933 e 03 de setembro de 1935, época em que esteve em Passarinhos e depois em Buenos Aires. Foram 10 cartas enviadas por Fischer e 06 cartas recebidas. Arthur Kuss, natural da Alemanha, era nesse período o maior acionista e o presidente da Companhia Territorial Sul Brasil (CTSB) e sócio da Schilling, Kuss & Cia. Ltda., empresa imobiliária em Porto Alegre envolvida na execução de loteamentos.

A primeira correspondência foi enviada por Kuss, de Porto Alegre, sede administrativa da CTSB. Nela relatou sobre sua recente viagem a Alemanha e que havia indicado Fischer para “cuidar” dos teuto-russos que eram esperados, no entanto Erich Müller-Boedner, do Ministério da Agricultura do Reich optou por Hans Beer. Atenuou dizendo que outra atribuição seria encontrada oportunamente (KUSS, 11 nov. 1933). Em sua resposta, Fischer relatou que, conforme seus contatos, a execução do assentamento dos imigrantes ficaria com a Companhia Territorial Sul Brasil (CTSB), cabendo a Hans Beer apenas a “execução dos controles correspondentes”, atividade que era exercida pelos consulados. Também declarou que seria um prazer receber Kuss em sua “modesta *villa* na selva” (FISCHER, 14 nov. 1933).

Na correspondência seguinte, o presidente da CTSB comentou sobre uma palestra que teria proferido⁸⁸. Nela abordou o “programa do novo colono”, segundo o qual o imigrante precisa trabalhar muito se quiser se afirmar e progredir em uma área completamente nova. Também precisa vencer as adversidades das estradas, as dificuldades das primeiras vendas, da escola para os filhos, dentre outras. Kuss mencionou que a Companhia buscava “aconselhar a todos e ajudar na superação das inibições psicológicas dos recém-chegados, bem como resolver todos os problemas, brigas e disputas” (KUSS, 08 fev. 1934). Na sequência da carta, levantou a questão do assentamento de grupo fechado e do assentamento individual. Segundo ele, não havia dúvidas de que o assentamento coletivo deveria ter a preferência, pois, por meio da supervisão e do controle constante do trabalho as pessoas perseveravam. Por outro lado, “o colono que vem com os poucos de sua família, acaba ficando sozinho e tende a afrouxar” (KUSS, 08 fev. 1934).

⁸⁸ Não foi possível identificar o evento da palestra, público-alvo, local e data.

Após o regresso de uma viagem a Porto Alegre, na qual visitou Kuss, Fischer escreveu que as “inúmeras conversas” entre os dois permitiram esclarecer a situação financeira da CTSB. Disse também que iria passar suas impressões aos “gabinetes e pessoas relevantes de lá” (da Alemanha, mas não mencionou instituições e nomes). Segundo Fischer,

Algo deve ser feito para que a confiança que foi seriamente abalada seja restaurada o mais rápido possível. De minha parte, terei muito prazer em fazer tudo o que for necessário para isso e enquanto eu estiver aqui na área da CTSB e enquanto eu puder afirmar que meus relatórios sobre o local receberão a confiança necessária, certamente será possível trabalhar para você neste sentido (FISCHER, 27 maio 1934).

Foi nessa correspondência, também, que Fischer informou ao presidente da CTSB que aceitaria o cargo de diretor adjunto da companhia⁸⁹. Argumentou que o convite que lhe foi feito vinha como um voto de confiança, apesar da difícil situação financeira da companhia. Por outro lado, justificou a confiança depositada pelo motivo de que os doze meses de “estudos extenuantes” sobre a colonização lhe qualificavam ao cargo. Sobre o baixo salário oferecido, disse compreender em razão da situação da companhia naquele momento e que de forma alguma relacionava o valor de um cargo com os “dígitos do salário”, caso contrário teria ficado na Alemanha. No entanto, solicitou ao seu empregador considerar que “uma pequena participação no volume dos negócios” seria conveniente e apropriada; que os contatos que possuía na Alemanha e no Brasil constituíam um “capital valioso” em favor da CTSB; e que uma ajuda de custo para a manutenção de cavalos para o trabalho, bem como para aquisição da selaria e vestuário seria bem-vinda (FISCHER, 27 maio 1934).

A resposta de Kuss, particularmente a situação financeira da CTSB, não demorou. Na carta de 09 de junho expôs que o parecer sobre o relatório emitido na Alemanha, era, na maioria das vezes, exageradamente negativo. Disse que se havia interesse legítimo em saber a situação financeira da companhia bastava entrar em contato com os bancos locais ou com o consulado alemão. Kuss esclareceu que, em suas cartas enviadas para a Alemanha, nunca escondeu que a CTSB estava enfrentando dificuldades financeiras. Quanto a sua pessoa, ressaltou que vivia sob o princípio “faça o que é certo e não tema a ninguém” e que não temia calúnias. Disse que, desde 1910, vinha exercendo a *Deutschtum*, não apenas oralmente, mas também com ações. E afirmou que possuía uma “ficha absolutamente limpa” em todos os

89 Nessa época, Fischer tinha em mãos um convite não oficial para trabalhar no *Deutsches Nachrichtenbüro* (DNB), então se reservou no direito de rescindir o contrato caso aceitasse a proposta da agência de notícias.

aspectos e que também era muito conhecido nos “círculos de autoridade” da Alemanha, mais do Fischer imaginava (KUSS, 09 jun. 1934).

As cartas seguintes, trocadas entre os dois, estão relacionadas ao desligamento de Fischer da Companhia Territorial Sul Brasil (CTSB), após o aceite para trabalhar no *Deutsches Nachrichtenbüro* (DNB), em Buenos Aires; a data de 1º de dezembro como início das atividades, por isso estaria viajando em meados de novembro; o agradecimento de Fischer pelas “gentilezas demonstradas”; e a parabenização de Kuss pelo cargo na agência de notícias (FISCHER, 30 set. 1934; KUSS, 13 out. 1934; FISCHER, 03 nov. 1934). Como demonstração de amizade, Kuss também se envolveu com o despacho da bagagem de Fischer para a Argentina. As 14 caixas com os pertences de Fischer e Charlotte, enviadas de Passarinhos, chegaram a Porto Alegre de trem. Para o envio dessas caixas para Buenos Aires, seria necessária autorização prévia do Banco do Brasil; tudo seria aberto e uma nota de exportação teria que ser paga. Conforme Kuss, nem o costumeiro “jeito” funcionou na alegação que não se tratava de “carga real”, mas simplesmente de bagagem a ser despachada (KUSS, 17 dez. 1934).

A sugestão do presidente da CTSB, então, foi que Fischer lhe autorizasse a comprar cinco malas, em torno de 35\$000 réis cada, suficientes para acomodar o conteúdo das caixas. Informou que as malas passariam como bagagem e não como carga; que provavelmente a máquina de costura também passaria como bagagem; e que um conhecido iria para Buenos Aires, em breve e poderia levá-las. Na mesma carta, relatou que o novo grupo da Companhia Territorial Sul Brasil (CTSB) lhe pedira para permanecer na presidência da empresa, no entanto, somente ficaria no cargo se as finanças passassem por uma regulamentação definitiva (KUSS, 17 dez. 1934).

Fischer iniciou a carta-resposta sobre a bagagem dizendo que se sentia “particularmente desconfortável” pelo transtorno causado. Conforme Fischer,

Infelizmente, tenho que acusar a agência Hamburg-Sued por ter-me orientado erroneamente [...] Gostaria apenas de lhe pedir muito brevemente o seguinte: seja amigável comigo no sentido de deixar as caixas com você por um curto período de tempo. Nestes dias, vou providenciar o envio das caixas por via terrestre. Provavelmente, isso passará pelos meios diplomáticos sem a menor dificuldade, só tenho que falar primeiro com o embaixador, que está ausente (FISCHER, 08 jan. 1935).

Passados oito meses desde sua chegada a Buenos Aires a questão da bagagem ainda não havia sido solucionada. Na correspondência de 27 de julho, Fischer solicitou que Kuss enviasse as 14 caixas ao vice-consulado da Alemanha em Uruguaiana, como mercadoria de

mudança. De Uruguaiana as caixas seriam transportadas até o destino final. Por isso, havia autorizado o Banco Alemão Transatlântico a transferir 500\$000 réis para custear as despesas. Escreveu, também, que soube da renúncia de seu correspondente da presidência da CTSB, o qual ficaria “muito bem”, naquele momento desligado de um cargo “que estava associado a muitos problemas” (FISCHER, 27 jul. 1935).

Arthur Kuss, na correspondência seguinte, detalhou o despacho da bagagem: as caixas partiram de Porto Alegre no dia 13 de agosto, no entanto a alfândega queria saber exatamente o que havia em cada caixa; então “não restava nada além de dar ao assunto o habitual ‘jeito’ na forma de 20\$000 réis” (KUSS, 24 ago. 1935). Quanto a CTSB, disse que era seu dever insistir numa profunda reestruturação financeira da companhia. O novo grupo de acionistas italianos⁹⁰ também concordou, no entanto, nem a moratória de juros solicitada pelo banco credor da empresa nem o aumento de capital foram aprovados. Conforme Kuss, “nada aconteceu financeiramente desde a minha renúncia, pelo menos a companhia vendeu a uma empresa italiana 400 colônias a um preço razoável com 240 contos de réis de entrada” (KUSS, 24 ago. 1935).

A última carta encontrada na Coleção Martin Fischer do MADP, na correspondência Fischer-Kuss, foi enviada de Buenos Aires, no mês de setembro de 1935. Segundo Fischer, sua bagagem passou sem problemas na travessia do rio Uruguai e estava naquele momento em Paso de Los Libres, portanto, chegaria em breve. Sobre as notícias referentes à Companhia Territorial Sul Brasil (CTSB) disse que ficou “extremamente empolgado”, mas não muito confiante, “porque quando o dinheiro novo acabar trará consigo novamente as preocupações” (FISCHER, 03 set. 1935).

A correspondência com Arthur Kuss é uma das poucas que não contém assuntos polêmicos, confidências ou desabafos, apenas a posição afirmativa de Fischer com relação a alguns assuntos e o longo e complicado processo envolvendo o despacho de sua bagagem para Buenos Aires.

*

Na Coleção Martin Fischer do MADP estão arquivadas dez correspondências trocadas com Hermann Heinz Hell, no período de 25 de fevereiro de 1937 a 20 de novembro de

⁹⁰ Formado a partir da compra das ações dos principais acionistas anteriores, especialmente Otto Niemeyer, Alberto Schmidt e Adalberto Petrazzi.

1939⁹¹. Sobre esse imigrante alemão não foram encontradas muitas informações, apenas que era jornalista e representante da Editora *Scherl-Berlim* e da revista *Die Woche* para a América do Sul, na época que Fischer morou em Buenos Aires. No início de 1938 Hell voltou à Alemanha⁹², mas retornou a capital argentina em 1939. No entanto, também não ficou muito tempo na Argentina nesta segunda passagem, quando empreendeu viagem por algumas cidades brasileiras, dentre elas Blumenau e Rio de Janeiro. Não há informações sobre se permaneceu no Brasil ou retornou ao seu país de origem.

A primeira carta foi escrita por Fischer, dois meses após ter deixado Buenos Aires. Disse que o pedido de demissão do DNB e a declaração de desligamento do Partido Nazista foram breves e irreversíveis, assim como seu plano de retornar ao Brasil. Lamentou, no entanto, o fato de Hell não ter retornado de uma viagem a tempo de se despedir. Conforme Fischer,

mesmo que eu tenha deixado o horrível edifício de pedra em *La Plata* sem lágrimas, não quero ser ingrato; afinal, a minha estada somente se tornou agradável por causa do pequeno, mas encantador círculo de amigos que lá encontrei. Grotewolds, Brandts, Röhmers, Pauly e você, caro Sr. Hell e sua honrada esposa. Vamos sentir muitas saudades de vocês aqui em nosso idílio na selva. As horas que passamos com vocês dois estão entre as mais bonitas que tivemos em Buenos Aires. (FISCHER, 25 fev. 1937).

A expressão “idílio”, utilizada pela primeira vez por Fischer em sua correspondência, possui diferentes significados, dependendo do contexto em que é utilizada. De um modo geral, um idílio se refere a um momento ou período de tranquilidade, harmonia e felicidade. Na literatura, é retratada por um cenário rural e campestre e a exaltação da simplicidade da vida e do amor pela natureza (GEIGER, 2011). Se por um lado o relato indica tristeza e nostalgia em relação àqueles que ficaram em Buenos Aires, por outro revela que Fischer e Charlotte se encontram em um lugar que para eles é especial e paradisíaco, mesmo que isolado na floresta em uma área rural do pequeno município de Iraí.

Relatou que nas sete semanas que se passaram desde que chegou a Iraí, ele e Charlotte conseguiram recuperar um modo de vida mais saudável, por meio de passeios a cavalo, remo, natação e corridas. A Figura 10 expressa visualmente o que Fischer escreveu na carta: que gostavam muito de cavalgar e que provavelmente não havia nada melhor do que trotar “pelas

91 Hermann H. Hell ainda teria escrito outras duas cartas (20/04/1937 e 10/08/1937).

92 Segundo Hans Bayer, Hell ficou “remando” em Berlim atrás de algum cargo importante. Inclusive teria solicitado nomeação para assumir o DNB, no Rio de Janeiro, mas não foi indicado (BAYER, 19 dez. 1938).

picadas escuras e discretas da floresta”, quando então escutava a mais “doce das canções”, o ranger do couro das selas (FISCHER, 25 fev. 1937).

Figura 10 – Charlotte Wollermann e Martin Fischer – Iraí (RS) – s/d



Fonte: Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP)

Ainda, segundo Fischer, “em primeiro lugar temos que colocar nossos nervos gravemente danificados de volta aos trilhos, pois Buenos Aires se tornou mais do que um prego no nosso caixão, sempre digo que foi a tampa do caixão” (FISCHER, 25 fev. 1937). A decisão de ficar no “paradisiaco belo vale do rio Uruguai”, foi tomada pelos dois, no entanto, reconheciam que o maior inconveniente era o acesso ao lugar. Revelou que o pior trecho era entre Santa Bárbara e Iraí. Eram apenas 180 quilômetros, percorridos por um “elegante” ônibus *Pullman*. No entanto, “o veículo derrapa de tal maneira nessa estrada que a gente fica completamente confuso. É melhor sentar na frente. Lembre-se disso ao entrar no ônibus em Santa Bárbara, quando vier nos visitar” (FISCHER, 25 fev. 1937).

Em outra carta compartilhou que fez “bons progressos”, mas com muita paciência, pois “na América do Sul as coisas não andam tão rápidas como às vezes se deseja” (FISCHER, 11 jul. 1937). Na sequência abordou uma questão que ainda o incomodava – a relação com Willy Köhn. Argumentou que com 50 anos era muito velho para permitir que

“patifes” como Köhn e Emílio Tjarks⁹³ fossem estúpidos com ele, desafortunados que o levaram a deixar o DNB e Buenos Aires. Sobre o primeiro disse ainda que “desapareceu silenciosamente no esquecimento” e que outros o seguiriam também. Nessa carta, também deu sua opinião sobre a comunidade étnica no exterior. Segundo ele, a *Gemeinschaft* nunca se tornaria uma realidade, pois os elementos que a compõem, nesse caso, a *Deutschtum* são muito heterogêneos (FISCHER, 11 jul. 1937).

Na correspondência de setembro de 1937, Fischer expressou alegria com a possibilidade da visita de Hell e da esposa e, como fez com outros interlocutores, descreveu o itinerário. Conforme Fischer, “estou ansioso pelo olhar surpreso que você fará quando vislumbrar nosso pequeno paraíso [...]. Posso garantir que se surpreenderão com as belezas naturais da paisagem” (FISCHER, 03 set. 1937). No entanto eles não realizaram a viagem para Iraí.

Hermann Heinz Hell retomou o contato com Fischer depois de dois anos. Revelou que queria “reconectar o fio” da amizade e das cartas e indagou se Fischer também estaria disposto a fazer o mesmo. Relatou que não fazia muito havia retornado da Alemanha, onde ficara um ano, “com melhores condições materiais” e que tinha 5.000 Pesos para um possível investimento. No entanto, solicitou sigilo sobre o valor, que teria sido “laboriosamente economizado”. Ele não tinha clareza se deveria ir para o campo ou permanecer em Buenos Aires. Mencionou que o dinheiro que possuía lhe dava condições de viver por um tempo, no entanto, tinha medo do que poderia acontecer como consequência da guerra que estava iniciando na Europa. Finalizou perguntando se era possível começar algo no sul do Brasil com o dinheiro que tinha a disposição (HELL, 18 set. 1939).

Após o “reconectar” da amizade os dois ainda trocaram seis cartas, todas elas no último trimestre de 1939. Fischer disse que ficou feliz com o recebimento da carta e com a possibilidade de um reencontro com os “amigos queridos”, adiado desde o Natal de 1937. Sobre o investimento dos 5.000 pesos (25 contos de réis) disse que Hell teria muito pouco a fazer. Segundo Fischer, o valor era alto para um “simples colono” que trabalha com sua família. No entanto, sem experiência na agricultura, Hell teria que trabalhar com empregados, teria que “pagar um aprendizado bárbaro e o fim da história seria que os 25 contos se esgotariam em dois ou três anos” (FISCHER, 01 out. 1939). Então, a participação em uma

93 Conforme declarações de Fischer a DOPS/RS, que constam no capítulo *O homem que apanhou a luva lançada pela Gestapo*, do livro *A 5ª Coluna no Brasil* (capítulo 1), Emílio Tjarks – o proprietário do *Deutsche La Plata Zeitung* – era o chefe da Gestapo em Buenos Aires.

empresa seria a única maneira de Hell começar algo com seu capital, porque “a agricultura sozinha não progride aqui, essa é a minha experiência de muitos anos; a nossa tem uma pequena indústria junto que gera uma renda mais alta” (FISCHER, 01 out. 1939).

Quando Fischer forneceu a explicação acima, ele não tinha como suspeitar que tudo não passava de um pretexto para uma visita de Hell a Iraí, que tinha outros objetivos, como veremos adiante. Ao sugerir ao seu correspondente considerar a possibilidade de uma sociedade com algum agricultor estabelecido, ele indicou o mesmo caminho que percorreu, porque sabia que empreender sozinho e com pouco valor em um setor específico, não era uma opção recomendável. Ao compartilhar essa ideia, Fischer revelou que a economia local era dinâmica e não impulsionada apenas pela agricultura, mas também por outras atividades, mesmo que a ela relacionadas, como era o seu caso com a fábrica de aguardente e outros produtos que eram vendidos no comércio local.

Alguns dias depois Hell escreveu referindo-se ao seu “estado de espírito” particularmente quanto ao início da guerra. Sobre os planos futuros expôs que ele e a esposa decidiram empreender uma viagem a partir do sul do Brasil até o Rio de Janeiro. Também perguntou se havia a possibilidade de chegar até Iraí navegando pelo rio Uruguai (HELL, 09 out. 1939). A carta seguinte, escrita quatro dias depois, foi enviada porque Hell ficou com receio que a anterior pudesse ser “engolida pela selva”. Sobre os efeitos da guerra, afirmou que a leitura das obras de Shakespeare estava proibida na Escola Goethe de Buenos Aires, porque a Alemanha estava em guerra com a Inglaterra⁹⁴. Também relatou que no Teatro Colón estava sendo apresentado o musical *A Noiva Trocada* e os cantores alemães permaneciam em Buenos Aires porque não sabiam para onde ir. Diante desse cenário dirigiu-se a Fischer com a frase: “Doutor, como é bom para você poder sorrir da loucura do mundo de hoje do alto de sua casa firmemente estabelecida no sul do Brasil” (HELL, 13 out. 1939).

Hermann Hell iniciou a frase com a expressão “doutor”, uma forma de tratamento respeitosa. A “loucura do mundo” pode ser entendida no contexto dos muitos eventos imprevisíveis que estavam acontecendo no continente europeu, naquele momento, o início de uma nova guerra. O “sorrir da loucura” pode significar encontrar humor na insanidade dos líderes políticos responsáveis por tomar decisões que resultam em conflitos violentos. Por

94 William Shakespeare (1554-1616) foi um renomado dramaturgo, poeta e ator inglês. Em suas obras *Hamlet*, *Romeu e Julieta*, *Otelo* e várias outras, apresentou personagens dotados de grande profundidade psicológica, traduziu os dilemas da alma humana e se debruçou sobre questões existenciais ainda atuais em nosso tempo. Foi o escritor mais importante do Renascimento Cultural inglês e as suas obras ainda hoje são representadas no teatro e no cinema (VICENTINO; DORIGO, 2010).

fim, se referiu ao lugar onde Fischer escolheu para viver como um local seguro, distante e protegido destas ocorrências.

Na sequência da correspondência, Fischer fez um comentário sobre as postagens dizendo que uma carta aérea levava apenas algumas horas de Buenos Aires a Porto Alegre, no entanto, era a partir daí que as dificuldades começavam porque as conexões na “selva” eram pouco eficientes. A rapidez com que lhe chegou à carta enviada por Hell (09/10) foi uma exceção, pois Otto Meyer, o presidente da VARIG, voou para Palmeira para reorganizar o serviço de voos de verão e o correio aéreo foi enviado no mesmo avião. Sobre a possibilidade ou não de navegar pelo rio Uruguai até Iraí, Fischer esclareceu que o mesmo só é navegável da foz até a fronteira uruguaio-brasileira. A partir daí as corredeiras impedem qualquer sequência de navegação. Explicou que o caminho mais rápido e menos oneroso para o norte do Rio Grande do Sul, para quem sai de Buenos Aires, era o itinerário de trem via Paso de Los Libres-Uruguaiana-Santa Maria-Santa Bárbara (FISCHER, 15 out. 1939).

Na sua carta, Hell comentou que a “natureza fatídica” da guerra estava lhe provocando um efeito negativo e lhe “atrapalhando profissionalmente”⁹⁵. Por isso estava aguardando ansiosamente pela viagem a Iraí para poder conversar com Fischer “sobre tudo isso sem correr o risco de ser mal interpretado, de um alemão para outro alemão, que amam profundamente sua pátria” (HELL, 06 nov. 1939). Na última correspondência, Fischer indicou o Hotel Balneário para o pernoite do casal, caso não fosse possível recebê-los quando da chegada. Também sugeriu que Hell trouxesse equipamento de pesca (ou comprasse em Iraí), pois o rio Uruguai tinha peixes de até 15 quilos e seu barco de 8 metros estaria à disposição para pescarias ou passeios pelo rio. Finalizou dizendo que estavam ansiosos pela chegada dos dois e contando os dias para o encontro com os “velhos amigos” (FISCHER, 20 nov. 1939).

Em sua correspondência Fischer fez questão de apresentar aos seus visitantes todas as possibilidades possíveis de lazer para que pudessem guardar a estadia em sua propriedade como inesquecível lembrança. Para Hell fez uma sugestão especial: trazer seu equipamento de pesca. O rio Uruguai, com suas águas abundantes, abrigava uma variedade de peixes, alguns chegando a pesar até 15 quilos. Além disso, como generoso anfitrião, também colocou a disposição de Hell seu espaçoso barco, oferecendo uma oportunidade perfeita para as

95 Pelo estudo das cartas não foi possível identificar o trabalho ou as atividades de Hermann Heinz Hell na sua segunda passagem por Buenos Aires.

pescarias ou passeios ao longo do majestoso rio. No entanto, a relação de amizade entre os dois foi rompida após essa visita, pois, conforme comentários mencionados em outras cartas, Hell o teria procurado como um amigo, no entanto para “propósitos estranhos”. Inclusive teria causado problemas na cidade e “inconvenientes” com as autoridades locais. Foi embora de Iraí sob a suspeita de ser um espião da Gestapo.

3.3 – Outros correspondentes

O jornalista Hans Bayer, natural de Bremen, chegou ao Rio de Janeiro em outubro de 1932 como correspondente da agência de notícias *Wolffs Telegraphisches Bureau* (WTB). Em dezembro de 1933 a WTB se transformaria na *Deutsches Nachrichtenbüro* (DNB), a agência oficial de notícias do Terceiro Reich, de Adolf Hitler. Foi muito instável sua vida profissional junto à agência, inclusive ficou afastado pelo período de um ano. No final de 1938 ele foi promovido a chefe da representação do DNB para o Brasil. Com este interlocutor, entre 1936 e 1939, a pesquisa identificou onze correspondências trocadas: três enviadas por Martin Fischer de Buenos Aires, quatro de Iraí e quatro enviadas por Hans Bayer do Rio de Janeiro⁹⁶.

Entre os principais assuntos estão os comentários sobre a não adaptação de Fischer em Buenos Aires, por isso o contínuo olhar para o Brasil; os atritos com Willy Köhn; o pedido de demissão do DNB; e a desfiliação do NSDAP, decisão tomada após ter visto toda a falsidade da organização partidária alemã no exterior. Também abordou os projetos futuros para a sua fábrica de aguardente, pois via os derivados da cana-de-açúcar como um negócio lucrativo. Disse que finalmente estava vivendo na “selva” como um homem livre e independente; que amava o seu trabalho e o Brasil, desde a primeira vez que pisou em seu solo; e que ele e Charlotte haviam construído uma “pequena fazenda” muito “respeitável”.

Bayer relatou em uma das cartas que em parte ele e a esposa imitaram Fischer quando adquiriram um pequeno sítio nas proximidades de Nova Friburgo, na região serrana do Rio de Janeiro. Além da produção de hortaliças, o local também servia como refúgio ao calor durante o verão. No entanto, com a nova atribuição na agência de notícias, teria que prescindir desse “idílio”. Também informou que a sua casa, em Copacabana, não era um “barraco de avenida”, mas uma casa “muito bem escondida no verde” e que em suas férias faria uma viagem de

96 Apenas a carta escrita por Hans Bayer em 19 de dezembro de 1938 está no acervo do MADP. As outras três, que foram apenas mencionadas, teriam sido escritas em maio de 1936, fevereiro e março de 1937.

estudos ao Rio Grande do Sul com o objetivo de conhecer a empresa agrícola de Fischer e Charlotte (BAYER, 19 dez. 1938). No entanto, a viagem não aconteceu.

*

Com Fritz Rotermund, herdeiro da Editora Rotermund & Cia.⁹⁷, de São Leopoldo, Martin Fischer trocou onze correspondências entre 02 de outubro de 1935 e 07 de julho de 1936, período no qual esteve em Buenos Aires⁹⁸. Quem buscou contato foi Rotermund, quando escreveu que o Sínodo Rio-grandense⁹⁹, estaria celebrando, em 1936, seu 50º aniversário e a Igreja Evangélica de São Leopoldo seu 25º aniversário. Na ocasião seria homenageado seu pai Wilhelm Rotermund, um dos fundadores do Sínodo. Queria saber se Fischer poderia lhe indicar o destino de uma autobiografia que seu pai teria escrito, na década de 1920. Fischer respondeu que não teria uma resposta positiva à solicitação, pois a única vez que teve em mãos o documento foi quando, em 1925, escreveu o obituário de Wilhelm Rotermund para o jornal *Deutsche Post*. Lamentou não poder fornecer informações mais precisas. O outro assunto, que perpassou todas as demais correspondências, foi sobre uma antiga dívida de Fischer para com a empresa Rotermund. Ele questionou porque ao valor da dívida, que em março de 1931 era de 784\$700 réis, foram acrescidos, até 31 de dezembro de 1935, 1:081\$600 réis de juros. Argumentou que, para um período de cinco anos, “mesmo com a prodigiosa taxa de juros de 12% a.a., que talvez seja costumeira para transações comerciais, não é possível chegar a esse valor, nem com a melhor vontade do mundo” (FISCHER, 28 mar. 1936). Após o recebimento de uma proposta para a quitação da dívida, no valor de 1:000\$000 réis, Fischer respondeu que a “cortesia” da Editora Rotermund & Cia. foi uma prova “de que em Fritz permaneceu inalterado o velho e genuíno Wilhelm Rotermund, que nunca deixou de mostrar uma concessão calorosa e sincera quando era necessário ajudar alguém” (FISCHER, 07 maio 1936). Nas últimas cartas informou que o valor tinha sido transferido pelo Banco Germânico de Buenos Aires para o Banco Pfeiffer, de Porto Alegre, ficando assim a disposição da empresa Rotermund.

97 A Editora Rotermund, fundada pelo pastor evangélico-luterano Wilhelm Rotermund, publicava, nessa época, material religioso, educacional e cultural, em língua alemã. Foi da família Rotermund, também, o jornal *Deutsche Post*, no qual Fischer trabalhou entre 1924 e 1928, assunto abordado no capítulo 1.

98 As cartas de 06/03, 15/05 e 16/06/1936, todas escritas por Rotermund, não foram localizadas no acervo do MADP

99 O Sínodo Rio-grandense, fundado em 1886, congregou as comunidades evangélico-luteranas alemãs. Foi a primeira organização maior dos luteranos que, depois da sua aproximação com outros três sínodos no Brasil, deu origem a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB).

*

As oito cartas trocadas com o *Versorgungsamt* (Escritório de Previdência) em Berlim, entre 1933 e 1937, podem ser caracterizadas como de comunicações ou requerimentos. Todas eram identificadas pelo local de origem ou destino (Escritório de Previdência I ou IV), a secção, o assunto (código numérico) e a saudação *Heil Hitler*, ao final, antes da assinatura. Nelas, Fischer comunicou as várias mudanças de domicílio; abordou questões relacionadas à sua pensão por invalidez de guerra; e foi informado sobre os novos valores dos honorários, em seu contrato com o DNB/Buenos Aires. Em uma delas questionou sobre o valor recebido na rubrica sobre o abono por filho. Acreditava não estar correto, pois tinha informação de que o mesmo cessaria quando o menor atingisse a idade de 16 anos, mas sua filha contava com 18 anos (FISCHER, 03 mar. 1936). As últimas correspondências foram utilizadas apenas para comunicações: o seu desligamento do DNB; a saída de Buenos Aires; o novo endereço em Iraí; e que o seu Certificado de Vida, assinado e autenticado na presença do Vice-Cônsul Alemão, tinha sido enviado (FISCHER, 29 dez. 1936; 19 mar. 1937).

*

A pesquisa encontrou na Coleção Martin Fischer do MADP, seis correspondências¹⁰⁰ relacionadas ao primo-irmão Hermann Adolf Reinhold Rauschning, ex-político e escritor perseguido pelo nazismo. As cartas situam-se entre 15 de fevereiro de 1939 e 27 de março de 1944, portanto a época de Iraí. Nelas Fischer descreveu brevemente sua trajetória desde que retornou ao Brasil em 1933 até o estabelecimento em Iraí, no início de 1937; ofereceu sua residência para acolher a família que estava separada (Hermann transitou por Zurique e Londres e a esposa Anna estava em Nova York com os filhos); e comentou sobre o livro *A Revolução do Niilismo*, escrito pelo primo-irmão. Sobre a possibilidade de uma edição da obra em português, conforme a consulta de Rauschning justificou que havia deixado a imprensa brasileira há mais de dez anos e desde então não tinha mais contato. Também considerou incerto o interesse do público brasileiro para justificar o risco financeiro. Em sua opinião, a edição alemã do livro poderia vender bem mais no Brasil. Até mesmo uma edição francesa “deve ser suficiente para a realidade local, uma vez que todos os brasileiros

100 Mesmo que outras correspondências tenham sido mencionadas, no acervo do MADP estão arquivadas apenas três cartas que Fischer enviou para o seu primo, uma recebida de Hermann e duas que escreveu para sua esposa. Por outro lado, as cartas enviadas por Rauschning ou vinham sem a indicação do remetente ou com o endereço do Rio de Janeiro. A localização de Rauschning em Londres foi fornecida pela Embaixada Britânica de Santiago do Chile e o seu endereço em Nova York pelo Consulado dos Estados Unidos, em Porto Alegre.

instruídos, na medida em que sejam possíveis leitores do livro, têm domínio da língua francesa” (FISCHER, 15 fev. 1939).

Em outra carta mencionou que sabia o quanto Rauschning era apegado ao campo e que também tinha o sonho de se tornar agricultor. Em Iraí poderia ajudá-lo nesse sentido. Caso viesse para o Brasil, certamente gostaria muito do país e das pessoas, pois os brasileiros possuíam um caráter nobre e cavalheiresco. Respondendo a uma carta de Rauschning, Fischer disse não compartilhar as preocupações sobre as condições climáticas; afinal a segurança pessoal deveria prevalecer sobre outras preocupações. A permissão de entrada no Brasil para o primo e sua família não seria difícil, pois seriam acolhidos por quem tinha domicílio fixo em Iraí há muitos anos. Fischer relatou ainda que, embora sua situação financeira não estivesse favorável, o mais importante era que a família Rauschning, em Iraí, estaria segura e protegida de adversidades externas (FISCHER, 25 nov. 1940).

Rauschning solicitou que Fischer escrevesse para a sua esposa Anna, que estava com os filhos em Nova York, sobre a proposta de mudança para Iraí. Duas cartas foram enviadas, entretanto, para nenhuma delas obteve resposta. Na primeira, descreveu sua “pequena fazenda”, a simplicidade do local e o seu modo de vida, porém, justificou que tudo era compensado pela paisagem, pela conexão com a natureza e pelo caráter do povo brasileiro. Como não tinha ideia em quais condições eles viviam em Nova York, entendia que várias razões teriam que ser discutidas para uma tomada de decisão e uma delas era o custo de vida no Brasil em relação à cidade estadunidense. De qualquer forma poderiam se lembrar dele caso fossem forçados, por alguma “circunstância desfavorável” a mudar de residência (FISCHER, 21 jul. 1941). Na outra carta, disse que não tinha como prever, porém, com a entrada dos Estados Unidos na guerra acreditava que Anna, como esposa do ex-presidente do Senado, da Cidade Livre de Dantzig e um conhecido oponente de Hitler, iria “desfrutar” do direito à hospitalidade e asilo nos Estados Unidos. Disse também que, caso ainda quisesse vir ao Brasil, o Ministério das Relações Exteriores era o responsável pela autorização de entrada e que em Porto Alegre um “alto funcionário” da Polícia iria ajudá-la em todos os sentidos. Escreveu ainda sobre o jovem americano John Leimeister, proprietário de uma fábrica em Detroit. Ele estava retornando para casa, via Nova York e prometeu, segundo Fischer, “entrar em contato para falar sobre aqui. Suponho que você aceitará a visita dele; assim poderá, pelo menos, obter uma imagem modesta das nossas condições” (FISCHER, 21 jan. 1942).

Conforme abordagem, no capítulo anterior, a solidariedade e as relações interpessoais entre elementos de um mesmo grupo são características intrínsecas da etnicidade. Na situação

de Rauschning, de sua esposa Anna e de filhos, a questão vai além da etnicidade, pois envolve a oferta de “refúgio” a familiares. Mesmo dizendo viver em um lugar primitivo e passando por dificuldades financeiras se dispôs a abrir as portas de sua casa para que eles pudessem encontrar abrigo e segurança na região rural de Iraí. Fischer tinha conhecimento das regras de entrada de estrangeiros e mencionou os contatos estabelecidos com as autoridades de imigração para tranquilizar, senão Rauschning, sua esposa e filhos, de que poderiam entrar legalmente no Brasil.

Na última carta, enviada a Rauschning, que conseguiu se juntar a sua família nos Estados Unidos, Fischer informou que estava se transferindo para Porto Alegre para retornar a sua “antiga profissão literária”; e comentou sobre seu livro *Revolução sem lógica: o nazismo e sua psicologia*, o qual esperava publicar em breve. Os familiares que estavam na Alemanha também foram mencionados: o pai de Rauschning morrera antes da guerra e sua mãe estava em *Bad Reichenhall*; por sua vez, Fischer não tinha notícias dos seus pais há muito tempo. Caso estivessem vivos, seu pai estaria com 86 anos e a mãe com 82 (FISCHER, 27 mar. 1944).

*

Friedrich Wohlfarth era marceneiro em Passarinhos e Fischer o conheceu quando esteve nesta localidade entre 1933 e 1934. A troca de cartas entre os dois se deu no tempo de Buenos Aires e posteriormente em Iraí. Nas cartas que enviou de Buenos Aires, dentre outros assuntos, Fischer relatou sobre um “gravíssimo envenenamento do sangue” que o fez ficar acamado por duas vezes; que o extenuante trabalho junto à agência de notícias, o levava muitas vezes a adentrar a madrugada; e comunicou o envio de presentes e dinheiro para os filhos de Wohlfarth, por ocasião dos natais de 1935 e 1936 e a confirmação de que em janeiro de 1937 voltariam a se encontrar, pois estava retornando ao Brasil. Outras duas cartas, uma enviada por Fischer, de Iraí e outra por Wohlfarth, de Passarinhos, não foram amigáveis e abordaram a intrincada questão de uma dívida. Depois da chegada de Fischer a Iraí, os “velhos amigos” tiveram vários atritos, acordos não cumpridos e desconfiança de ambos os lados, que culminaram no não pagamento, por parte de Fischer, de um saldo de 95\$000 réis referente a serviços de marcenaria contratados e efetuados por Wohlfarth. Na carta enviada em 03 de janeiro de 1939, Fischer relatou detalhadamente os motivos da retenção do referido valor e informou que este estaria disponível no mês de maio. Wohlfarth respondeu três dias depois com o seu parecer sobre a argumentação de Fischer e disse que iria aguardar, na

expectativa de que o mesmo “desta vez” mantivesse sua palavra¹⁰¹ (WOHLFARTH, 06 jan. 1939).

Conforme João Klug (2017) abordar um personagem implica riscos, pois, se por um lado corre-se o risco de exaltá-lo e enveredar pela apologia, por outro, corre-se o risco de torná-lo uma espécie de personificação do mal. O pesquisador precisa se fundamentar na análise histórica propriamente dita e se afastar da subjetividade. A análise da trajetória de Fischer permite a compreensão de que ele enfrentou diversas desavenças no que diz respeito aos seus relacionamentos com conterrâneos, sócios e vizinhos. Mesmo que em algumas relações interpessoais teve conversas honestas e respeitadas, no sentido de discutir problemas e encontrar soluções, em outras atribuiu a responsabilidade pelos problemas que enfrentava aos outros. Aqui podemos lembrar os casos envolvendo Willy Köhn, Antonio Pauly, Heinz von Ortenberg e seu filho e Friedrich Wohlfarth. Embora houvesse situações em que estes contribuíram para gerar um problema, Fischer também precisaria ter assumido a responsabilidade por várias decisões tomadas, estratégias aplicadas e ações executadas. Para evitar mal-entendidos e conflitos futuros deveria ter estabelecido acordos mais consistentes e, principalmente, formalizar tais acordos através de contratos por escrito. Essa abordagem certamente teria permitido estabelecer de forma clara as expectativas das partes envolvidas.

*

Com a prima Ágatha, residente em Drengfurt, na Alemanha, Fischer trocou algumas correspondências, porém, apenas as cópias de duas cartas, enviadas de Iraí, estão no acervo do MADP. Além de outros assuntos, em uma das cartas utilizou de seus conhecimentos, vivência e experiência e desenvolveu um texto motivacional para a sua prima. Ela atuava como professora, mas não estava feliz em sua pequena cidade. Fischer iniciou questionando se o charme e os encantos de uma cidade grande lhe fariam feliz. E continuou:

As pessoas são diferentes e certamente há muitos que se sentem muito à vontade na cidade grande, assim como certamente há muitos que se sentem à vontade e felizes em uma cidade pequena. Eu desprezo tanto um como o outro. Eu morei em todos os tipos de grandes cidades, em Berlim, no Rio, em Buenos Aires; apesar de alguns encantos, não me cativaram tanto quanto as médias, como Königsberg, Breslau, Kiel ou Porto Alegre; sem mencionar as pequenas cidades como Biella e São Leopoldo. Eu gosto mesmo é da solidão da floresta e sinto-me extremamente feliz aqui em condições sem dúvida extremamente primitivas (FISCHER, 16 fev. 1938).

101 Como as duas cartas abordam um tema singular, curioso e intrigante, ou seja, os motivos para a demora na quitação de uma dívida de pequeno valor, ambas foram trazidas na íntegra para a tese, conforme os anexos 1 e 2.

Argumentou que em sua vida “extremamente agitada” entendeu que não valia a pena “lidar” com muitos de seus semelhantes. Mencionou o ditado de Erich Ludendorff: “Conheço as pessoas, por isso as evito!”; por isso fugiu da cidade e se retirou para a solidão. Disse que poderia ser um pequeno consolo se Ágatha soubesse como ele morava na floresta: que não havia luz elétrica, mas isso não importava porque a energia do petróleo fornecia luz mais “quente” e “agradável”; que Iraí ficava cinco quilômetros distante de sua casa, mas que raramente a frequentava e ficava feliz quando retornava; e que o correio passava apenas duas vezes por semana no verão e uma vez no inverno, desde que as estradas estivessem transitáveis. Fischer se referiu a uma reclamação da prima que quando nevava o correio só circulava uma vez por dia de Rastenburg para Drengfurt. Declarou que ficava feliz quando recebia o correio uma vez na semana, da mesma forma que os jornais que sempre chegavam vários dias após a data de publicação. Revelou que não possuía rádio porque não deixaria que a solidão paradisíaca fosse arruinada pelas “terríveis conquistas culturais”. Quanto à reclamação de Ágatha com seu quarto, revelou que até pouco tempo não tinha nenhuma janela em sua casa, apenas escotilhas; quando chovia, as escotilhas tinham que ser fechadas e ficavam na escuridão no interior da residência. Conforme Fischer,

Não acho esses pequenos inconvenientes perturbadores, mas sempre penso que tudo poderia ser infinitamente mais desconfortável e desagradável, por exemplo, se você estivesse doente. Tente imaginar que de repente você ficou completamente paralisada. Se você puder imaginar seriamente o que significa ficar ali deitada em completo desamparo, tão paralisada que não teria sequer a possibilidade de acabar com a própria vida, como vi com alguns camaradas de armas, então sua existência atual vai parecer francamente linda. Ou imagine que, por um triste acidente, você ficasse privada de sua visão, então pensaria que Drengfurt é o paraíso (FISCHER, 16 fev. 1938).

Continuou sua carta dizendo que embora tenha vivido em pequenas cidades, não com uma idade avançada, quando as pessoas se tornam indiferentes aos “prazeres da vida”, mas em anos em que acreditava que a vida precisava “ser vivida”, nos momentos de solidão lia um “bom livro” e com ele esquecia totalmente o ambiente, por mais “sombrio” que lhe parecesse. E concluiu afirmando que

Somente aquele que é tão miserável que não pode se preocupar consigo mesmo é realmente digno de pena. Experimente e veja se minha receita pode ajudá-la também. Eu ficaria muito feliz por você se você achasse sua existência atual mais tolerável. Compreendo que não se sintam felizes em Drengfurt, mas é preciso aguentar e você sempre teve muita energia. De qualquer forma, desejo que com o tempo você possa se adaptar às circunstâncias novas e desconhecidas e que o tempo lhe proporcione

satisfação em sua esfera de atividade, caso queira criar e alcançar algo. (FISCHER, 16 fev. 1938).

A outra correspondência enviada por Fischer foi a resposta a uma carta anterior de Ágatha, na qual relatou que “encontrou seu caminho” em Drengfurt. Sua rotina se tornou mais agradável quando conheceu “pessoas simpáticas” e quando passou a ter mais contato com elas. Por outro lado, pela sua idade, o fato de ter um emprego estável representava uma segurança. Fischer, então, passou a descrever o seu modo de vida: que morava em meio à natureza, com seus cavalos, vacas, cães e gatos; que estava completamente imerso num trabalho por ele escolhido; e que lhe proporcionava o suficiente para viver. Também mencionou que não na área rural de Iraí se tornou “incrivelmente” pouco exigente. Na maior parte do ano sua rotina ocorria ao ar livre, substituída apenas no inverno frio e úmido, quando era necessário um resguardo maior. Relatou que sua modesta casa ficava próxima do rio Uruguai, cuja largura impedia identificar detalhes na outra margem; que construiu um terraço com jardim em frente à casa, com vista para o rio e suas margens arborizadas; e que tudo era “especialmente bonito nas noites enluaradas, quando toda a paz profunda dessa natureza abençoada por Deus chega a alguém tão plenamente” (FISCHER, 26 fev. 1939). Segundo Fischer a beleza da natureza e a liberdade tornava fácil esquecer todas as inconveniências, no entanto a prima não deveria esquecer que “onde quer que haja luz, também haverá sombra” (FISCHER, 26 fev. 1939).

*

A correspondência que realmente revelou Martin Fischer praticamente destruído empresarialmente, em decorrência de dificuldades financeiras que se arrastavam há anos, foram as cartas enviadas a Coletoria Federal de Palmeira das Missões. Dentre outros assuntos, Fischer declarou o encerramento das atividades da Fábrica de Aguardente Tatú em 1941 e a transferência do registro da mesma para Roberto Dreher, seu primeiro sócio, quando chegou a Iraí, em 1937.

*

Muitos assuntos que Fischer talvez não esperasse expôr aos olhares indiscretos da polícia do Estado do Rio Grande do Sul, foram tratados com delegados e inspetores na primeira metade da década de 1940, no período da Segunda Guerra Mundial. Nessas cartas, abordou a entrega de livros, conforme a determinação de uma lei sobre o confisco de literatura e propaganda política; relatou que estava preso em Iraí, sem saber o motivo e solicitou a intervenção do DOPS/RS para obter a liberdade; mencionou a apreensão de um

livro, no trem entre Santa Maria e Santa Bárbara; comunicou a decisão de se mudar para Porto Alegre; esclareceu os “contatos” que teve com um inspetor do DOPS/RS sobre a colonização japonesa em Santa Rosa; e externou condolências pela ocasião da morte de Plínio Brasil Milano no Uruguai.

*

Martin Fischer trocou inúmeras correspondências com seus familiares na Alemanha, durante os anos de Iraí. No entanto, até 1945, poucas foram encontradas no acervo do Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP). O cunhado Hugo escreveu de Königsberg sobre o processo de divórcio de Fischer com a ex-esposa Hedwig (Edwiges), cuja separação se deu em agosto de 1929. Segundo as novas leis em vigor na Alemanha, o divórcio seria aceito nos casos em que os cônjuges estão separados há três anos, como resultado de uma ruptura total no casamento e quando a restauração conjugal é irreversível. Os aspectos jurídicos teriam sido discutidos com Otto Ziebill, advogado especialista na área, que descreveu as duas situações nas quais Fischer poderia se enquadrar: a) assumir a culpa pela separação e a obrigação quanto a pensão alimentícia; apenas um advogado resolveria a questão, por meio de um acordo, ao custo de 500 marcos; b) não assumir a culpa pela separação e a pensão alimentar e transferir a decisão para um tribunal; dois advogados precisariam ser nomeados; custos em primeira instância 800 marcos e em segunda instância 1.000 marcos. Conforme a consultoria jurídica a segunda situação não era recomendada, pois poderia “agitar os desagradados do passado”, os custos seriam maiores e o processo poderia se arrastar por um longo período de tempo. Com relação à pensão alimentar, Hugo explicou que os valores eram baseados nos rendimentos mínimos de uma pessoa, ou seja, 300 marcos. Em um acordo amigável ou litigioso o tribunal definiria a pensão em $\frac{1}{3}$ da renda, portanto 100 marcos, com uma possível dedução levando em consideração que a ex-esposa tinha um emprego. Não entraria mais na questão a manutenção da filha Jutta, maior de idade, sem nenhum problema, doença ou deficiência física e capaz de se sustentar¹⁰². Finalizou sugerindo a Fischer à contratação do advogado Ziebill e realização de um divórcio amigável. Disse que um familiar disponibilizou 1.000 marcos a Fischer para resolver a questão que se arrastava há quase 10 anos. Salientou, no entanto, que em caso de um divórcio contencioso, o valor não seria suficiente (HUGO, 21 out. 1938).

102 Conforme o pós-escrito, nesta mesma carta, a filha Jutta estava trabalhando e morando em Hirschlatt, distrito de Friedrichshafen (cidade do atual Estado de Baden-Wuerttemberg).

Um mês depois Fischer enviou carta para Hugo, na qual agradeceu a detalhada explicação sobre o possível processo de divórcio, mas afirmou estar bastante cético quanto ao desenrolar do mesmo. Revelou algumas características negativas da ex-esposa (teimosia, indelicadeza, falta de educação) que poderiam impedir um acordo consensual. De sua parte disse que tentaria sob todas as circunstâncias resolver a questão por meio de um “acordo amigável”. Comunicou também que assumiria “toda a culpa” e pagaria à pensão alimentícia a ex-esposa, embora estivesse convencido de que ela tinha mais renda do que ele. No pós-escrito, dirigido à irmã Elisabeth, agradeceu a aprovação da mesma quanto a sua decisão de se divorciar, com “amor e compreensão”. Relatou estar convencido de que o processo seria bem sucedido, todavia receava “despertar espíritos que tinham sido banidos” (FISCHER, 25 nov. 1938).

Em abril de 1939 Fischer enviou outra correspondência para Hugo. Comentou o cruzeiro que ele e Elisabeth realizaram a bordo do navio *Oceânia* pelo mar Mediterrâneo, a partir do cartão postal recebido e a carta que a mãe lhe enviou sobre o caso do divórcio, que não avançou, apesar dos contatos familiares com Hedwig e a insistência para o estabelecimento de um diálogo. Conforme Fischer, “se ela não quiser, simplesmente não há nada que possa ser feito” (FISCHER, 21 abr. 1939). Outro tema abordado foi o problema que enfrentava em relação à mão-de-obra na fábrica de aguardente. Mesmo tendo pessoas capazes e confiáveis em sua agroindústria, revelou que não foram boas as experiências com trabalhadores alemães, por isso preferia não contratá-los; que os teuto-brasileiros eram melhores em geral, mas se tornavam desagradáveis com o passar do tempo; que as experiências com ítalo-brasileiros foram produtivas, porque eram diligentes e econômicos; e que as melhores experiências que teve foi com luso-brasileiros, bastante competentes como trabalhadores e empregados e “justamente valorizados como seres humanos”. Ainda sobre esse assunto, Fischer alegou que o trabalhador alemão geralmente tem um senso de ordem superior aos demais, mas o seu comportamento exigente não é acompanhado do aumento de produtividade. Por sua vez, os “tipos” mais desagradáveis eram os teuto-russos. Eles teriam saído da Europa, nos anos iniciais da década de 1930, com a ajuda da Cruz Vermelha e de outras organizações caritativas e foram assentados na região do oeste catarinense. No entanto, não permaneceram nas colônias que lhes foram destinadas e se espalharam pelas cidades do Alto Uruguai (FISCHER, 21 abr. 1939).

O comentário de Fischer sobre sua experiência com os luso-brasileiros ameniza o que Frederik Schulze discorreu sobre esse grupo, na relação com os alemães e seus descendentes,

conforme o discurso protestante sobre a germanidade. Enquanto que aos luso-brasileiros eram atribuídos os paradigmas de preguiça, falta de limpeza, falsidade e imoralidade, aos alemães eram atribuídos o trabalho, a ordem, a verdade e a moralidade. No aspecto das casas, por exemplo, as habitadas por luso-brasileiros eram sujas e em ruínas, enquanto que as habitadas por alemães distinguiam-se pela beleza e limpeza. Mesmo assim algumas características dos luso-brasileiros foram positivas como bondade, hospitalidade e patriotismo (SCHULZE, 2008, p. 23-24). Eunice Nodari (2009), que estudou a etnicidade no oeste da Santa Catarina, neste mesmo período, disse que para superar as diferenças étnicas cada grupo (alemães, italianos, luso-brasileiros) buscava ajustar suas práticas socioculturais aos outros grupos. No caso de Fischer com seus trabalhadores, podemos dizer que houve um ajustamento da forma de trabalhar e de requerer o trabalho, porque o próprio dizia que as coisas no Brasil avançavam, mas num ritmo mais lento do que na Alemanha. Outra particularidade sobre a mão-de-obra, independente da etnia dos trabalhadores, é que Fischer tinha satisfação de dizer que trabalhavam para ele mais de uma dezena de pessoas. Nesse caso, é importante ressaltar que, como tinha trabalhadores assalariados e não atuava somente com a mão-de-obra familiar, ele não pode ser considerado um colono¹⁰³.

Em novembro de 1940 Fischer escreveu uma carta à irmã Elisabeth. Comentou não entender porque as cartas não estavam chegando aos destinatários; que escrevia aos pais com regularidade a cada três ou quatro semanas; e que também escreveu para ela e para o irmão Richard várias vezes. Revelou que três ou quatro cartas caíram nas mãos de censores ingleses e que retornaram com a nota “Aberta pelo censor”. Conforme Fischer,

Certamente as condições da guerra exigem medidas especiais e todos concordarão com elas, mas não estou ciente de ter escrito algo que não pudesse resistir aos olhos de um censor severo. Então, só posso supor que as cartas foram com navios que agora estão descansando no fundo do mar [...] De minha parte, sempre reclamei nas cartas que tinha poucas notícias suas. Recebi cinco cartas de Mutting desde o início da guerra e também um cartão [...] Além disso, uma carta sua, minha querida irmãzinha [...] e uma carta por correio aéreo de Richard anunciando seu noivado (FISCHER, 30 nov. 1940).

Declarou estar muito preocupado com seus pais, com Hugo, que provavelmente estava no *front* e com os irmãos Werner e Richard, os quais esperava não terem sido convocados

103 Colonos são frequentemente associados aos imigrantes dispostos a se estabelecer em uma região pouco habitada ou não habitada que se dedicam a explorar os recursos naturais e desenvolver atividades agrícolas. Segundo Brum (1985) os colonos estão inseridos em uma estrutura produtiva baseada na pequena propriedade, onde os membros da família cultivam diferentes culturas agrícolas e se dedicam às atividades pecuárias, caracterizando um sistema de produção diversificado.

para a guerra, o primeiro por causa da idade e o outro pelos ferimentos da Primeira Guerra¹⁰⁴. Mencionou que Charlotte também recebia notícias muito irregulares de seus familiares, em Berlim e que estava particularmente preocupada com sua mãe, com um irmão e com um sobrinho que estavam no *front*. Fischer ainda relatou os eventos negativos com o ex-sócio Antonio Pauly, que o deixou em uma situação financeira muito difícil, mas que com a ajuda de bons amigos conseguiu manter sua empresa funcionando. Em decorrência da situação teve que reduzir ao máximo sua equipe de trabalhadores, sobrecarregando as suas atividades e as de Charlotte. Conforme Fischer, os efeitos da guerra começaram a se fazer sentir na economia da região e nas vendas de sua aguardente. Mesmo assim, segundo ele, “mantemos a cabeça erguida, afinal a chuva é seguida de sol; então paciência” (FISCHER, 30 nov. 1940). Finalizou dizendo que os dois se sentiam muito felizes; que amavam o Brasil e a terra de que dispunham para trabalhar; e que a natureza exuberante era um substituto perfeito para todos os bens culturais, como o rádio, o teatro e o cinema. Segundo Fischer, “quantas vezes dissemos como seria bom se tivéssemos todos os nossos entes queridos aqui. É verdade que vivemos mais do que modestamente em nosso *Astendam*, mas não nos falta nada” (FISCHER, 30 nov. 1940). No entanto, naquele momento, a maior preocupação era com os familiares que estavam na Alemanha.

Para os pais, em Königsberg, escreveu desejando-lhes um Natal “abençoado”, “saudável” e “feliz”; que o destino os protegesse de dor, tristeza e preocupação; e que não se preocupassem com ele, pois estava “bem, saudável e criativo” e se sentindo feliz. Relatou que ficou sabendo, por meio de uma carta enviada pela irmã Elisabeth, que os pais não tinham notícias suas desde o início da guerra. Disse que não sabia o porquê, apenas que o correio estava “terrivelmente lento e irregular”, especialmente o correio de navio (FISCHER, 30 nov. 1940). Em outra correspondência, agradeceu a carta enviada pela mãe em junho e disse estar muito preocupado quanto ao futuro dos pais, pela idade avançada e com os familiares que estavam no *front*, particularmente o cunhado Hugo. Informou que não recebeu o formulário anual de prova de vida, no entanto, o mais importante naquele momento era que seu pai ainda estava recebendo o repasse de sua pensão por invalidez. Comunicou ainda que havia enviado

104 Do irmão Richard, engenheiro em Berlim, a pesquisa encontrou apenas uma correspondência enviada em novembro de 1940. Nela, comunicou seu casamento com Uta Langebeckmann, da Vestfália e manifestou desejos de um Feliz Natal e Ano Novo. No pós-escrito, Uta disse esperar em breve a oportunidade de conhecer o irmão mais velho do seu marido (FISCHER R., 09 nov. 1940). Por sua vez, em relação ao irmão Werner nenhuma correspondência foi encontrada no período delimitado pela pesquisa.

ao advogado Otto Ziebill uma procuração para representá-lo em seu processo de divórcio. Por fim, relatou que a crise econômica lhe afetou diretamente, por isso fechou a destilaria de aguardente (FISCHER, 21 jul. 1941).

No mês de agosto de 1941, Fischer recebeu uma carta enviada do Rio de Janeiro e assinada por um inusitado “Irmão Adotivo”. O autor iniciou dizendo que tinha contato com os familiares de Fischer na Alemanha e que teria recebido uma carta de Elisabeth na qual afirmava não ter notícias do irmão há muito tempo. O “Irmão Adotivo” transcreveu partes da mesma contendo relatos de Elisabeth sobre a invasão bem-sucedida da França pelo exército alemão e o retorno do marido Hugo; sobre o avanço “simplesmente fantástico” e “misericordiosamente” bem sucedido das tropas alemãs; e sobre as bombas lançadas nas proximidades de sua casa provocando destruição em algumas residências, que tiveram que ser reconstruídas. Ainda, conforme os relatos de Elisabeth,

Não é um momento fácil para nós, mas seguimos firmes no caminho implacável que o *Führer* está nos conduzindo. Deus conceda que em breve haja uma paz vitoriosa e honrosa. Os pais estão razoavelmente bem. Eles resistiram bem no dia dos bombardeios. Papai possui um enorme frescor mental, infelizmente não tanto fisicamente [...] A mamãe caiu bastante nos últimos tempos, no próximo ano ela chegará aos 80. Temos também boas notícias de Werner. Ele não está na Rússia. Richard ainda está em Berlim e tem um excelente emprego lá. Ele também tem uma boa esposa (PFEGELBRUDER, 11 ago. 1941).

Sobre seus filhos relatou que Marianne, com 13 anos, era a sua companheira; Anton, com 10 anos, tornou-se um entusiasta da Juventude Hitlerista; e as gêmeas Christiane e Sílvia, com seis anos, iriam iniciar a escolarização depois das férias de verão. Conforme Elisabeth, “não é fácil criar os filhos sozinha e sempre fazer a coisa certa. Meus nervos estavam para baixo, eu não conseguia dormir e tive um pequeno problema de coração. Agora as coisas estão um pouco melhores” (PFEGELBRUDER, 11 ago. 1941). O “Irmão Adotivo” sugeriu que Fischer enviasse para ele as cartas destinadas aos familiares, que então seriam encaminhadas a partir do Rio de Janeiro. Recomendou, no entanto, que Fischer não esperasse muito, pois temia que a companhia aérea italiana, responsável pelo serviço postal do Brasil com a Europa, não teria como manter suas atividades por muito tempo diante da escassez de combustível (PFEGELBRUDER, 11 ago. 1941).

*

Uma extensa correspondência entre Martin Fischer e Charlotte Wollermann está arquivada em sua coleção no Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP). Para a pesquisa foram trazidas somente as três cartas que se referem ao período no qual os dois deixaram Iraí

para reconstruir suas vidas em Porto Alegre. Conforme declarações de Fischer, para outros correspondentes, os sete anos de “aposentadoria na floresta” foram o bastante, por isso estava se transferindo para Porto Alegre para retornar a sua antiga profissão literária. Na primeira carta escrita por Fischer, em dezembro de 1944, da localidade de Espírito Santo, na orla do rio Guaíba, relatou que tinha alugado uma casa e que estava aguardando a mudança. Charlotte, que estava grávida nesta época, respondeu externando felicidade pela “linda casa” a sua espera e surpresa pelos vários móveis e utensílios, mas principalmente pela existência de uma geladeira. Na carta de janeiro de 1945 informou que a mudança havia saído de Iraí e que estava fazendo os preparativos para esperar o nascimento de seu bebê.

É importante ressaltar que na relação de Martin Fischer e Charlotte Wollermann, pelas cartas estudadas, ele se refere a ela muitas vezes com as expressões *Meine Base* (minha prima) ou *Cousine* (prima). Eles não tinham laços de parentesco e talvez pelo fato de ter chegado ao Brasil com uma mulher 15 anos mais jovem e estando ainda legalmente casado, fosse mais conveniente se referir a ela como prima. No entanto, todos os amigos e pessoas que conviveram com eles sabiam que a relação entre os dois era de um casal. A gravidez de Charlotte, aos 42 anos, também provocou grande alegria e expectativa como às cartas relatam. Infelizmente, teve, no Hospital Municipal de Iraí, um filho natimorto em 22 de fevereiro de 1945.

*

Neste período de transição, não poderiam deixar de serem mencionadas as duas correspondências que foram enviadas a Fischer, pela Editora/Livraria do Globo, de Porto Alegre. Juntamente com a primeira lhe foi devolvido o original do livro *Revolução sem lógica: o nazismo e sua psicologia*, de sua autoria, submetido para análise e possível publicação. Conforme o parecer da Globo, caso o livro fosse apresentado a editora quando os acontecimentos políticos na Europa ainda estavam em sua fase de incerteza, seria sem dúvida publicado. No entanto, passado o período e estando o público brasileiro informado sobre os métodos usados pelo inimigo externo, naquele momento não caberia publicar um livro essencialmente sobre combate, senão aqueles que tratam ou divulgam as novas feições tomadas pelos acontecimentos europeus. Ainda, conforme a editora, caso fosse publicado o livro, a empresa cometeria um grave “anacronismo editorial e autor e editor sofreriam as consequências de uma difusão certamente exígua [...] Embora o trabalho tenha um apreciável valor intrínseco, são apenas editoriais os motivos que nos levam a não publicá-lo” (GLOBO, 21 abr. 1944).

No ano seguinte, outra obra de Fischer foi submetida a Globo para publicação: o livro *Iraí: cidade saúde*. Conforme o resumo dos pareceres emitidos pelo “corpo especializado de leitores” da empresa, tratava-se de uma obra com objetivos “demasiadamente amplos”, realizada por um só autor, incapaz de reunir os conhecimentos respectivos e especializados. O trabalho apresentava uma vasta coletânea de material que poderia ser útil para um futuro historiador do Rio Grande do Sul por um lado e, por outro, para interessados na flora e a fauna da região. No entanto, a obra não apresentava interesse para o público em geral. O livro lembrava também, segundo os pareceres, antigas crônicas de pequenas cidades que não deixavam de mencionar acontecimentos de uma pessoa ou família com influência local e que consequentemente só podia interessar aos contemporâneos locais. Ainda, segundo a editora,

Não consideramos como assunto de interesse geral a narração de um hotel em 1919, cujas ruínas, sem valor arquitetônico ou histórico ainda hoje se veem, com poemas que o mesmo fez sobre assuntos não pertinentes à monografia. Também não podem despertar interesse as observações muito pormenorizadas sobre as temperaturas máximas e mínimas e as quantidades de chuvas. As informações sobre a flora e a fauna da região ou sobre a pré-história dos índios não dispensariam ao leitor interessado a consulta dos livros especializados, aliás, amplamente citados no texto (GLOBO, 04 jul. 1945).

No detalhado parecer, como obra de propaganda, as observações sobre a abundância de cobras, as péssimas condições das estradas e a viagem prolongada e pouco confortável eram testemunhos da honestidade do autor, mas pouco conveniente para atrair turistas. Por sua vez, o não detalhamento da ação das águas termais sobre causas de diversas doenças; as considerações de linguagem decorrentes do autor não dominar inteiramente o idioma português; e a sugestão de que o livro deveria ser custeado pelo município, completam o parecer. Portanto, do ponto de vista editorial a proposta de um contrato de edição da obra não foi aceita.

Sobre a obra *Revolução sem lógica: o nazismo e sua psicologia*, a pesquisa não encontrou o original na Coleção Martin Fischer do Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP) e nem a informação sobre a possível existência do mesmo em outra instituição. O livro *Iraí: cidade saúde* foi publicado posteriormente pela Editora Progresso, de Ijuí. O tema da primeira obra revela que seu interesse pelo nazismo continuava vivo. Embora tenha relatado, em várias correspondências, que se desfiliara do Partido Nazista antes do início da Segunda Guerra Mundial, a escrita de um livro sobre o tema é, no mínimo, intrigante. Por outro lado, quando pensou em publicar seus livros na renomada Editora/Livraria do Globo idealizou a autoimagem na qual se via como um escritor. Embora tenha produzido artigos

sobre as colônias alemãs no Rio Grande do Sul e sobre o início da imprensa alemã na América do Sul, quando trabalhava no jornal *Deutsche Post*, de São Leopoldo, o seu trabalho não ganhou notoriedade ou prestígio no meio intelectual do Estado. Ou seja, ele não tinha reconhecimento ou fama como escritor. Anos mais tarde, aceitou publicar seu livro sobre Iraí em uma editora, no interior do estado, cujo nível de importância editorial e alcance era significativamente menor em comparação com a Globo. Fischer ganharia algum destaque como escritor, em Ijuí, nas décadas de 1960 e 1970.

*

Nas cartas trocadas com Fritz Wertheimer vemos um Martin Fischer, de volta a Iraí, vendendo assinaturas de um jornal argentino, publicado em alemão; fazendo traduções para o alemão de fragmentos de livros de autores brasileiros para um volume impresso, que não saiu no formato originalmente projetado, mas que foram posteriormente publicados dentro dos *Kalender*; e escrevendo artigos sobre temas brasileiros para diversos jornais. Na concepção de Viana (2017) o que permite identificar a postura intelectual de uma pessoa é a sua produção. Conforme sua Autobiografia, produziu inúmeros artigos políticos, econômicos e culturais para vários jornais e revistas do Brasil, da Argentina e da Europa, principalmente após a segunda metade da década de 1940 (FISCHER, 1961). No entanto, são poucas as referências em sua correspondência sobre esse trabalho como articulista.

3.4 – Considerações finais

Conservar as cartas recebidas tornou-se um hábito para Martin Fischer e fazer cópias das cartas enviadas serviu como consulta futura ou, no caso da original ser extraviada pelo correio, como possibilidade de reescrita. Fischer, por razões afetivas ou simplesmente organizacionais guardou uma vasta correspondência. Essas cartas – documentos de uma relação pessoal e privada – foram doadas, alguns anos após a sua morte, ao Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP). Coube a equipe do MADP organizar a correspondência, conforme os padrões arquivísticos museais e colocá-la a público dentro da Coleção Martin Fischer. Provavelmente, na época em que elas foram enviadas/recebidas Fischer não pensou que tais documentos pudessem algum dia interessar a pesquisadores e servir como objeto de estudo. Por isso, com raríssimas exceções a vasta correspondência de Fischer permaneceu arquivada no MADP sem ser manuseada ou estudada academicamente. O contato com uma parte dessa documentação se deu pelo interesse em aprofundar o

conhecimento sobre um período de sua de vida e entender porque esse imigrante alemão trocou as atividades jornalísticas e o meio intelectual pelas atividades agrícolas no pequeno e recém-criado município de Iraí, no norte do Rio Grande do Sul.

Antes do estudo das correspondências trocadas, conforme a delimitação temporal fez-se necessária a tradução da quase totalidade delas da língua alemã para o português. Das 74 cartas recebidas por Fischer, 70 foram traduzidas e das 186 enviadas, a tradução se deu em 166 delas¹⁰⁵. Nesse universo foram levantados 62 interlocutores de dezessete cidades do Brasil e de treze cidades no exterior¹⁰⁶. No entanto, para este capítulo foram trazidas apenas as cartas trocadas entre Fischer e seus correspondentes cujos assuntos abordaram a inserção pessoal e profissional do pesquisado em uma região de colonização por imigrantes, as relações de amizade e familiares durante o período e as razões que o levaram a abandonar essa região.

No trabalho com as cartas, conforme o recorte proposto percebeu-se duas situações: a) muitas cartas que foram mencionadas em algum momento da correspondência, não foram localizadas na Coleção Martin Fischer; e b) o baixo número de cartas trocadas entre os anos de 1941 e 1945. Na primeira situação, Fischer deve ter destruído todas aquelas que, pelo teor demasiadamente particular, pudessem lhe causar algum problema ou constrangimento caso fossem reveladas; a segunda situação é mais evidentemente, pelo motivo de que a fala e a escrita alemã foram proibidas quando o Brasil declarou guerra aos países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão), em meados da Segunda Guerra Mundial. Algumas questões, no entanto, ficaram sem respostas, como o encerramento abrupto da correspondência com a família Grotewold, com a qual Fischer mais trocou cartas desde que chegou a Iraí; as poucas cartas com seus pais e familiares que moravam em Königsberg; e a inexistência de cartas na relação entre Fischer e Freeden, entre 1939 e 1948. Pode-se buscar uma resposta a essas questões a uma ou as duas situações acima ou por algum motivo desconhecido.

Por outro lado, pelas cartas que foram estudadas percebeu-se uma estrutura de regras formalizada por Fischer quanto à forma do cabeçalho, a reverência aos destinatários, o

105 Em número de páginas foram traduzidas 134 das 144 páginas em cartas recebidas e 281 das 317 páginas em cartas enviadas.

106 Cartas de correspondentes no Brasil: Frederico Westphalen, Ijuí, Iraí, Palmeira das Missões, Porto Alegre, Santa Bárbara do Sul, Santa Cruz do Sul, Santa Maria, Santo Augusto e São Leopoldo, no Rio Grande do Sul; Mondaí, Palmitos, Passarinhos e Saudades, em Santa Catarina; Rolândia (PR); São Paulo (SP) e Rio de Janeiro (RJ). Cartas de correspondentes no exterior: Buenos Aires, Olivos (Vicente López) e Paso de Los Libres, na Argentina; Berlim, Drengfurt, Königsberg, Potsdam e Ratzeburg, na Alemanha; Copenhague, Dinamarca; Nova York, Estados Unidos; Londres, Inglaterra; Lisboa, Portugal; e Zurique, Suíça.

desenvolvimento e as frases de despedida. Com raras exceções não consta no canto superior esquerdo da carta *Dr. Martin Fischer*. Ao iniciar com o *Dr.* ele se apresentava como um homem cioso de seu título. Na mesma linha, ao lado direito da folha constava a localidade, o dia, mês e o ano, sem abreviações. O tratamento formal dispensado aos destinatários antes da indicação de seus nomes vinha por meio das expressões: *Lieber Herr* (prezado/carro senhor); *Sehr geehrter Herr* (muito estimado senhor); *Sehr verehrt* (muito honrado) ou *Lieber und verehrte* (prezado e honrado). Com os familiares, evidentemente, o tratamento era diferente, mediante expressões como *Ihr lieben, geliebten Eltern* (queridos e amados pais); *Mein liebes* (minha querida) ou *Mein lieber Onkel* (meu querido tio). Além da sua iniciativa em escrever, porque na “floresta” onde viveu a correspondência lhe ajudou a escapar da solidão, também procurou responder as cartas recebidas de seus interlocutores, tanto os próximos como os distantes. Quando recebia uma correspondência, antes ou após a leitura, anotava a lápis, no canto superior direito a data que ela chegou; também assinalava palavras e fazia observações ao final. Para responder utilizava, na maioria das vezes, as horas noturnas e os domingos chuvosos. Iniciava sempre agradecendo a correspondência anterior recebida como uma “surpresa agradável”, “absolutamente inesperada” ou que a “amável, amigável e gentil” carta estava em suas mãos. Quando demorava a responder alegava que a considerável quantidade de tarefas “impedia completamente” a correspondência privada. Em muitas cartas também mencionou problemas com a conexão dos correios e a demora para a chegada das mesmas aos destinatários¹⁰⁷. No desenvolvimento da correspondência, após a escrita dos assuntos espontâneos, Fischer também procurava comentar ou discutir os temas trazidos por seus interlocutores em suas cartas (o que de certa forma os correspondentes também faziam quando respondiam aquelas enviadas por Fischer). Ele também nunca deixou de “alimentar” a amizade e de incitar a continuidade da correspondência. E, para finalizar, utilizava certos vocativos de cumplicidade como *Dein stets getreuer* (de seu sempre leal); *Ihr sehr ergebener* (seu muito devotado); *Dein dankbarer getreuer* (seu agradecido leal); ou *Ihr Ihnen aufrichtig und dankbar ergebener* (seu sincero e agradecido devotado).

A interpretação do conjunto de cartas que compõem o presente capítulo permitiu compreender aspectos da vida privada e pública de Martin Fischer. A sua passagem por Passarinhos, Buenos Aires e Iraí não é só interessante, mas também fundamental para

107 Em geral, a correspondência entre Iraí e Buenos Aires levava entre 15 e 18 dias e por correio aéreo até 10 dias; da Alemanha para o Brasil em torno de 25 dias (antes da guerra) e entre 45 e 60 dias (do início do conflito até 1941).

compreender a sua correspondência e vice-versa. As cartas acompanharam com força surpreendente a vida de Martin Fischer e Charlotte Wollermann em Iraí. O peso que elas adquiriram quando vistas no conjunto dos fatos é muito grande, pois por elas passaram avanços e recuos, alegrias e tristezas, sucessos e aflições, opiniões e testemunhos. Foram muitos os correspondentes e variados os temas debatidos. Eles trouxeram novidades e informações desconhecidas. Ainda que possamos perceber nas cartas certo humor de Fischer, que às vezes se destila em ironia; a fragilidade de Charlotte Wollermann acometida de longos períodos de enfermidade; a revelação de diálogos entre conterrâneos, companheiros de ofício e de intensa atividade intelectual; e a profunda amizade que uniu Martin Fischer a Grotewold, Freeden, Anuschek e Bayer, elas trouxeram abundantes temas. Dentre eles estão o exílio voluntário, o trabalho conjunto, a oportunidade de crescimento empresarial, a frustração que teve que suportar quando fracassou como empreendedor no meio rural e a perseverança.

CONCLUSÃO

Esta tese pesquisou e explicou a trajetória de inserção do imigrante alemão Martin Robert Richard Fischer, em Iraí, no norte do Rio Grande do Sul, na segunda metade da década de 1930. Por meio de um estudo analítico-interpretativo em documentos que pertenceram ao pesquisado – sua correspondência pessoal – foi possível reconhecer os motivos pelos quais ele trocou as salas de redação de uma agência de notícias alemã, em Buenos Aires, para se tornar um agricultor e produtor de derivados da cana-de-açúcar. A tese foi construída a partir de uma documentação original, pois as cartas enviadas e recebidas por Martin Fischer foram, na sua quase totalidade, redigidas em língua alemã, sem tradução para o português.

O problema de pesquisa foi expresso na seguinte pergunta: como ocorreu a inserção profissional, social e política do imigrante Martin Fischer em espaços de colonização no sul do Brasil? Como ponto de partida foram estudados dois documentos autobiográficos produzidos por Fischer na década de 1960. Nessa época ele estava em Ijuí/RS, de volta as atividades jornalísticas, mas também como comunicador de programa de rádio, pesquisador, escritor e envolvido no projeto de organização do Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP). Um dos documentos autobiográficos foi escrito em português e é o primeiro que todos os que se interessam e buscam informações sobre Martin Fischer consultam.

Por sua vez, as cartas trocadas, traduzidas e estudadas muitas décadas depois de terem sido escritas, revelaram que, em primeiro lugar, ele não saiu do seu trabalho no DNB somente sob alguma pressão ou por causa das “intrigas” do Partido Nazista. Ele teve sim problemas pessoais e profissionais com uma autoridade do partido e, aos 50 anos achou que não precisava passar por determinado tipo de situação. Então solicitou demissão à sede do DNB em Berlim e deixou a agência no final de 1936. Quando escreveu em uma de suas cartas que estava realmente muito feliz por poder dizer um *Götz von Berlichingen* (sem uma tradução literal) a Buenos Aires, é porque tinha planos de voltar ao Brasil e viver em uma área rural era um sonho antigo. Depois de instalado em Iraí e “sentado em meio à floresta”, disse que o barulho da prensa de açúcar era uma “doce melodia” em comparação com o rugido da imprensa.

A reclusão na “selva”, expressão também muito utilizada por Fischer, foi mais pelo seu estado de estresse do que como “refúgio” a possíveis perseguições de seus conterrâneos nazistas. Nas cartas, Fischer mencionou apenas uma pessoa, também alemão, que teria vindo a Iraí, de Buenos Aires, com “propósitos muito estranhos”, que lhe fez “algumas indagações”

e com o qual teve “alguns inconvenientes com as autoridades locais”. Referiu-se ao “ex-amigo” como sendo um agente da Gestapo. Em depoimentos prestados por Fischer a Delegacia de Ordem Política Social (DOPS/RS), que constam no livro *A 5ª Coluna no Brasil: A conspiração Nazista no Rio Grande do Sul* (1942), ele também relatou apenas esse caso: que o suposto agente teria lhe procurado para obter o endereço de seu primo, procurado pelo regime nazista. Pelas correspondências estudadas não há indicação de que houve perseguição ou que Fischer estivesse sendo vigiado por agentes da Polícia Secreta Alemã.

A vinda para o pequeno distrito de Passarinhos, no Oeste de Santa Catarina, às margens do Rio Uruguai, alguns anos antes, proporcionou-lhe a oportunidade de conhecer a região. Por isso, retornou a mesma quando deixou Buenos Aires e adquiriu uma propriedade na área rural de Iraí. Martin Fischer e sua companheira Charlotte Wollermann, com capital próprio, poderiam ter iniciado um negócio que lhes proporcionasse o suficiente para viver. Entretanto, quando decidiu montar uma agroindústria, uma destilaria de aguardente, por meio de uma sociedade e dentro da concepção capitalista e das relações de produção, enfrentou uma série de desafios. Com o capital social construiu as instalações, comprou equipamentos e plantou cana-de-açúcar para a produção de aguardente. Além disso, teve que lidar com as exigências legais e regulatórias, como a obtenção de licenças para operar a destilaria. No entanto, o retorno financeiro não foi imediato. Pelo contrário, passou a exigir capital de giro que naquele momento não existia. Por outro lado, Fischer e Charlotte depositaram muita confiança em um dos sócios. Quando tiveram que tirá-lo da sociedade, ou seja, devolver a sua parte, o fizeram mediante um empréstimo de alto valor. Ficou muito difícil conduzir os negócios a partir das dívidas contraídas para romper a sociedade. A experiência de vida de Martin Fischer no mundo rural, particularmente quanto a sua fábrica, foi muito intensa, no entanto breve. Em menos de cinco anos, em decorrência de inúmeros problemas e dificuldades financeiras teve que declarar falência. No entanto, em nenhuma das cartas estudadas Fischer referiu-se a si próprio como um “humilde colono”, como se autodescreveu em seu *Curriculum Vitae*, de 1961. Ele assim se caracterizou porque quando produziu o currículo pessoal, olhou para o passado e entendeu que algo havia dado errado em seus empreendimentos e que a expressão utilizada exprimia o que havia se tornado em decorrência de seus negócios e de suas ações.

Por meio da correspondência de Martin Fischer foi possível narrar o seu itinerário, nas décadas de 1930 e 1940 e conhecer sua trajetória como imigrante e agricultor. A pesquisa histórica documental foi pautada por uma atitude aberta às diversas variáveis possíveis o que

possibilitou o reconhecimento de múltiplas narrativas. O entrelaçamento das correspondências permitiu conhecer os inesperados caminhos de várias vidas. Em sua rede de relações ele criou laços de sociabilidade; desvendou seu mundo privado; e se manifestou sobre diversas pessoas. Nas cartas aparecem as amizades, os ressentimentos, as alianças e as disputas a que Martin Fischer esteve sujeito, bem como seus progressos e adversidades. Ao escrever ele estava operando uma reflexão pessoal destinada a alguém, por isso, em algumas cartas aparece a “decepção repugnante” quando se referiu ao ex-sócio; em outras que estavam “confortáveis” e “extremamente felizes” em seu “belo lugar na terra”; outras talhadas por incertezas, medos e angústias com relação aos familiares na Europa, durante a Segunda Guerra. As cartas revelaram também aspectos de sua personalidade, tais como sua postura de preeminência em relação a outras pessoas e de contínua crítica, encontrando falhas nos outros e destacando-as. Por outro lado, tinha uma mentalidade positiva. Ela aparece nas expressões a “situação vai melhorar”; as “crises são passageiras”; e “onde quer que haja sombra, também haverá luz”. Também afirmou muitas vezes que problemas sempre iriam existir, caberia às pessoas aprender a lidar com eles.

As cartas revelaram, também, um imigrante portador de uma inteligência crítica e em sintonia com seu tempo. Sua formação acadêmica foi decisiva nos rumos que teria sua vida, pois manifestou sua intelectualidade quando discutiu variados temas. Como intelectual que se apresentou politicamente diante da sociedade, a pesquisa encontrou a sua relação com o NSDAP, na Argentina e a postura adotada diante do nazismo ao qual evitou se expressar de uma forma mais crítica. Provavelmente, na comunidade em que se inseriu também quisesse evitar qualquer desconfiança pelo fato de ser um imigrante alemão com antecedentes no Partido Nazista. Diferente, no entanto, foi em relação à *Auslandsorganisation* (AO) quando afirmou que a organização causava dissidências nas comunidades alemãs no exterior. Discutiu o tema sobre imigração de retorno e fez várias análises sobre a Segunda Guerra Mundial e o provável fim da Alemanha Nazista. Com base em observações abordou, também, o comportamento das mulheres dos colonos.

Quanto ao intelectual leitor, cuja prática nunca abandonou, pois sempre se referiu a algum livro ou autor, a tese trouxe algumas obras que fizeram parte de seu acervo pessoal composto por aproximadamente 1.000 livros. Por sua vez, foi durante os anos em que viveu em Iraí, que despertou em Fischer o interesse pela literatura e pela pesquisa histórica. Por meio de consultas em seu acervo, estudos e pesquisas diversas produziu suas duas primeiras obras literárias: *Revolução sem lógica: o nazismo e sua psicologia* (não publicada) e *Iraí:*

cidade saúde (1954). Identificou-se o perfil intelectual de Martin Fischer, em Iraí, pela sua capacidade de interpretação da realidade, pela sua produção e pelas suas ações. É importante observar que Fischer se destacou em relação à maioria dos imigrantes alemães que chegaram ao Brasil em condições de pobreza e analfabetismo e se estabeleceram em colônias; mas não era diferente de outros imigrantes que também possuíam uma formação educacional mais elevada e que contribuíram para o desenvolvimento socioeconômico ou cultural de suas comunidades. Em seus últimos anos, em Iraí, dedicou-se a tradução para o idioma alemão de várias obras de autores brasileiros e a produção de artigos para o jornal *Argentinisches Tageblatt*, que circulava no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

Como a correspondência tem um caráter sobremodo relacional e particular de sociabilidade entre os interlocutores, alguns temas, acontecimentos ou sujeitos que poderiam ter sido absorvidos e que gravitaram durante o recorte temporal, não foram abordados nas cartas, tais como: o Golpe do Estado Novo de Getúlio Vargas, em 1937; a Campanha de Nacionalização, que minimizou as manifestações étnicas consideradas “estrangeiras” e o elemento indígena, existente numa região colonizada por imigrantes numa zona de fronteira entre áreas disponibilizadas pelo Estado e áreas habitadas por indígenas. Da mesma forma não há relatos, nas cartas trocadas, sobre o seu interesse etnográfico e sobre os objetos indígenas da cultura Kaingang como armas e ferramentas de pedra e peças de cerâmica, que encontrou às margens do rio Uruguai. O material coletado durante sua permanência em Iraí, foi selecionado, catalogado e guardado e seguiu com Fischer para Ijuí, quando da sua mudança em 1951. Dez anos depois as peças constituíram a base do acervo do Museu Antropológico Diretor Pestana (MADP).

O conjunto das cartas disposto na Coleção Martin Fischer do MADP é o interessante indicativo quanto às possibilidades de realização de outras investigações que possam confrontar os resultados ou que a presente tese possa dar suporte à publicação de pesquisas sobre outros imigrantes que também eram intelectuais.

REFERÊNCIAS

- ABAL, Felipe Cittolin. **Nazistas no Brasil e extradição**: os pedidos de extradição de Franz Stangl e Gustav Wagner em uma análise histórico-jurídica. Curitiba: Juruá, 2014.
- ABAL, Felipe Cittolin. Os pensadores da direita radical: de Oswald Spengler a Daniel Friberg. **História Unisinos**, São Leopoldo, v. 25, n. 1, p. 168-171, 2021.
- AMSTAD, Teodor (Org.). **Cem Anos de Germanidade no Rio Grande do Sul - 1824-1924**. Tradução Arthur Blasio Rambo. São Leopoldo: Unisinos, 1999.
- AVILA, Marina (Org.). **Contos de fadas em suas versões originais**. São Caetano do Sul: Wish, 2019.
- BALDUS, Herbert. A mudança de cultura entre índios no Brasil. In: BALDUS, Herbert. **Ensaio de Etnologia Brasileira**. 2 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.
- BARTH, Fredrik. Grupos Étnicos e suas Fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.
- BAYLEY, Alice A. **Os trabalhos de Hércules**. Niterói: Fundação Cultural Avatar, 2008.
- BINDÉ, Ademar Campos. Correio Serrano: nascido em 1917. **Jornal O Repórter**, Ijuí, ano 4, n. 364, p. 11, 19 out. 2011.
- BISPO, Antonio Alexandre. Cidades portuárias do Báltico como "portões ao mundo" e expansão colonizadora no Brasil. A inspeção de terras de São Paulo e Sul do Mato Grosso à luz da tradição de estudos de solos e agroeconômicos da Prússia. **Revista Brasil-Europa: Correspondência Euro-Brasileira** 143/12, 2013. Disponível em: <http://revista.brasil-europa.eu/143/Paul-Vageler.html>. Acesso em: 15 jul. 2022.
- BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. Tradução de Carmen Varrialle et al. 4. ed. Brasília: UNB, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: Sobre a teoria da ação. Tradução de Mariza Corrêa. 9. ed. Campinas: Papyrus, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FIGUEIREDO, Janaína Amado Baptista (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGF, 2006.
- BRASIL. Constituição (1934). **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil**. Rio de Janeiro, 16 de julho de 1934. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm. Acesso em: 12 jan. 2023.
- BRUM, Argemiro. **Modernização da agricultura**: trigo e soja. Ijuí: Fidene/Unijuí, 1985.
- CABRAL, Ricardo. História da Cruz de Ferro. **História Militar em Debate**, Rio de Janeiro, 21 ago. 2022. Disponível em: <https://historiamilitaremdebate.com.br/historia-da-cruz-de-ferro/>. Acesso em 15 dez. 2022.

CERETTA, Bruno J. Dois Juristas Imigrantes e o Die Serra-Post. In: FLORES, Hilda A. H.; NEUBERGER, Lotário (orgs.). **Ciprel 50 anos e biografias: Círculo de Pesquisas Literárias**. Porto Alegre: Ediplat, 2016.

CERETTA, Bruno J.; SOUSA, Celeste Ribeiro de. **Martin Fischer (1887-1988): vida e obra**. São Paulo: Instituto Martius-Staden, 2021.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-191, jan./abr. 1991.

CORREA, Sílvio Marcus Souza. Germanidade e banhos medicinais nos primórdios dos balneários no Rio Grande do Sul. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 165-184, jan./mar. 2010.

COSTA, Rodrigo de Freitas. Incertezas, paradoxo e criatividade na República de Weimar. **Revista de História e Estudos Culturais**, Uberlândia, ano 2, v. 2, n. 4, out./nov./dez. 2005.

CUNHA, Jorge L. da. Historiografia recente sobre a emigração alemã para o Brasil. **Fronteiras: revista de História**, Florianópolis, n. 6, p. 14-48, 1998.

CUNHA, Jorge L. da. A Alemanha e seus emigrantes. In: CUNHA, Jorge L. da; GÄRTNER, Angelika (orgs.). **Imigração alemã no Rio Grande do Sul: História, linguagem, educação**. Santa Maria: UFSM, 2003.

CUNHA, Jorge L. da. A Colônia de São Leopoldo: a primeira fase da colonização alemã no Rio Grande do Sul. **Revista Acadêmica Licencia&acturas**, Ivoti, v. 5, n. 2, p. 37-43, 2017.

D'ANGELIS, Wilmar; VEIGA, Juracilda. Habitação e acampamentos Kaingang hoje e no passado. **Cadernos CEOM**, Chapecó, ano 17, n. 18, p. 213-242, 1998.

DAUPHIN, Cécile; POUBLAN, Daniele. Maneiras de escrever, maneiras de viver: cartas familiares no século XIX. In: BASTOS Maria; CUNHA Maria; MIGNOT Ana (orgs.). **Destinos das Letras: história, educação e escrita epistolar**. Passo Fundo: UPF, 2002.

DIE SERRA POST KALENDER. **Jornalismo Digital Unijuí**, Ijuí, 19 jul. 2012. Disponível em: <http://jdunijui.blogspot.com/2012/07/die-serra-post-kalender.html>. Acesso em: 20 abr. 2019.

DIETRICH, Ana Maria. **Nazismo Tropical? O Partido Nazista no Brasil**. 2007. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

DICIONÁRIO DA PRÓ-MEMÓRIA. Documentos. **Fundação Pró-Memória**, São Carlos, 2002. Disponível em: http://www.promemoria.saocarlos.sp.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=145&Itemid=199. Acesso em: 12 dez. 2018.

DICIONÁRIO POLÍTICO. Quinta Coluna. **Marxists Internet Archive**, 2010. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/dicionario/>. Acesso em: 27 jul. 2021.

DIRK, Dirceu A. Martin Fischer: imigração e intelectualidade. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, Dourados, v. 15, n. 29, p. 178-193, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/10546>. Acesso em: 09 out. 2021.

DR. Martin Robert Richard Fischer. **Kema** – Informativo mensal do Museu Antropológico Diretor Pestana, Ijuí, ano I, n. 2, p. 2, jul. 2008.

DREHER, Luís H. O “liberalismo” e a situação religiosa: notas a partir da vida e obra de Karl von Koseritz. **Estudos Leopoldenses**, São Leopoldo, v. 3, n. 2, p. 87-102, 1999.

DREHER, Martin N. (org.). **Os dois vizinhos e outros textos**: Wilhelm Rotermund. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: EST, 1997.

DREHER, Martin N. O desenvolvimento econômico do Vale do Rio dos Sinos. **Estudos Leopoldenses**, São Leopoldo, v. 3, n. 2, p. 49-70, 1999.

DREHER, Martin N. (org.). **Hermann Gottlieb Dohms**: textos escolhidos. Porto Alegre: PUCRS, 2001.

FAY, Cláudia Musa. **Aviação comercial na América do Sul (1920-1941)**. Porto Alegre: Editora Fi, 2020.

FERREIRA, Marcela Cravo. **Estudo do processo de destilação de óleo fúsel**. 2012. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Alimentos) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

FERREIRA, Tiago. Você sabia que existe um pedaço da Rússia bem no meio da Europa? **Vix.com**, São Paulo, ano 12, fev. 2017. Disponível em: <https://www.vix.com/pt/ci%C3%ancia/542525/voce-sabia-que-existe-um-pedaco-da-russia-bem-no-meio-da-europa-entenda-porque>. Acesso em: 7 abr. 2020.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si [1983]. In: MOTTA, Manuel B. (Org.) **Michel Foucault**: Ética, sexualidade, política. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006 (Coleção Ditos e Escritos).

GALVÃO, Walnice N.; GOTLIB, Nádia B. (Orgs.). **Prezado senhor, prezada senhora**: estudos sobre cartas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GEIGER, Paulo (Org.). **Novíssimo Aulete**: dicionário contemporâneo da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

GERALDO, Endrica. O combate contra os “quistos étnicos”: identidade, assimilação e política imigratória no Estado Novo. **Locus**: revista de história, Juiz de Fora, v. 15, n. 1, p. 171-187, 2009.

GERHARDT, Marcos. **História ambiental da colônia Ijuhy**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2009 (Coleção Museu Antropológico Diretor Pestana).

GERTZ, René E. **Memórias de um imigrante anarquista**: Friedrich Kniestedt. Porto Alegre: EST, 1989.

GERTZ, René E. A construção de uma nova cidadania. In: MAUCH, Cláudia; VASCONCELOS, Naíra (orgs.). **Os alemães no sul do Brasil**: cultura, etnicidade e história. Canoas: Ulbra, 1994. p. 29-40.

GERTZ, René E. **O perigo alemão**. Porto Alegre: UFRGS, 1998.

GERTZ, René E. (org.). **Karl von Koseritz**: seleção de textos. Porto Alegre: PUCRS, 1999.

GERTZ, René E. **O aviador e o carroceiro**: política, etnia e religião no Rio Grande do Sul dos anos 1920. Porto Alegre: PUCRS, 2002 (Coleção História; 50).

GERTZ, René E. A criação na escrita da História. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 45, n. 4, p. 51-61, 2010.

GERTZ, René E. A Segunda Guerra Mundial nas regiões de colonização alemã do Rio Grande do Sul. **Revista Acadêmica Licenças e Aturas**, Ivoti, v. 3, n. 2, p. 15-25, • jul./dez. 2015.

GESETZ über die Vereidigung der Beamten und der Soldaten der Wehrmacht im 20. August 1934. **Reichsgesetzblatt**. Berlin: Reichsregierung, Teil I, n. 98, p. 785, 22. August 1934. Disponível em https://www.servat.unibe.ch/dns/RGBL_1934_I_785_VO_Vereidigung.pdf. Acesso em: 8 abr. 2021.

GINZBURG, Carlos. **O fio e os rastros**: verdadeiro, falso, fictício. Tradução de Rosa Freire; Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GOLIN, Luiz Carlos Tau. **A Fronteira**. Porto Alegre: L&PM, 2002.

GRAMS, Grant W. Sankt Raphaels Verein and German-Catholic Emigration to Canada from 1919 to 1939. **The Catholic Historical Review**, Catholic University of America, Washington, USA, v. 91, n.1, p. 83-104, jan. 2005. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/236765117_Sankt_Raphaels_Verein_and_German_Catholic_emigration_to_Canada_from_1919_to_1939. Acesso em: 21 mar. 2019.

GRAMSCI, Antônio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do Cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GROH, Thiago. A constituição da etnicidade judaica em Rolândia. In: LEWIN, Helena. **Judaísmo e modernidade**: suas múltiplas interrelações. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009.

GRÜTZMANN, Imgart. Intelectuais de fala alemã no Brasil do século XIX: o caso Karl von Koseritz (1830-1890). **História**, São Leopoldo, v. 11, n. 1, p. 123-133, 2007.

HERWIG, Tutz Culmey; KNORR, Ilga K. **A Filha do Pioneiro**. Florianópolis: IOESC, 1987.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos**: o breve século XX, 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

KLUG, João. Fragmentos de Vida: Carl Hoepcke e a Germanidade em Santa Catarina. **Revista Catarinense de História**, Florianópolis, v. 4, p. 49-59, 1996.

KLUG, João. Da Alemanha para a floresta subtropical brasileira: as propostas do Dr. Paul Aldinger para as colônias alemãs no sul do Brasil. In: GERHARDT, Marcos; NODARI, Eunice S.; MORETTO, Samira P. (orgs.). **História ambiental e migrações: diálogos**. São Leopoldo: Oikos; Chapecó: UFFS, 2017.

KOIFMAN, Fábio. **Imigrante ideal**: o Ministério da Justiça e a entrada de estrangeiros no Brasil (1941-1945). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

KONTJE, Todd. Felix Dahn's Ein Kampf um Rom: Historical Fiction as Melodrama. In: WOODFORD, Charlotte; SCHAFIELD, Benedict (Eds.). **The German Bestseller in the Late Nineteenth Century**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/books/abs/german-bestseller-in-the-late-nineteenth-century/felix-dahns-ein-kampf-um-rom-historical-fiction-as-melodrama/>. Acesso em: 23 ago. 2023.

KURBJUWEIT, Dirk. Oswald Spengler: Der Prophet des Untergangs. **Spiegel Kultur**, Hamburg, DE, 10 abr. 2018. Disponível em: <https://www.spiegel.de/spiegel/oswald-spengler-vor-hundert-jahren-der-untergang-des-abendlandes-a-1201736.htr>. Acesso em: 10 ago. 2023.

KUZMICS, Helmut. Emotion, Habitus und Staat im Spiegel semifiktionaler Literatur: Zur soziologischen Interpretation von Pyotr N. Krasnow Roman „Vom Zarenadler zur roten Fahne“. In: MAGERSKI, Christine; STEUERWALD, Christian (Hrsg.). **Literatursoziologie**. Wiesbaden: Springer VS, 2023. Disponível em: https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-3-658-39816-3_2. Acesso em: 23 ago. 2023.

LANDO, Aldair M.; BARROS, Eliane C. Capitalismo e Colonização: os alemães no Rio Grande do Sul. In: DACANAL, José H.; GONZAGA, Sergius (orgs.). **RS: Imigração & Colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

LECLERC, Gérard. **Sociologia dos intelectuais**. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. In: LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: UNICAMP, 1990.

LEMKE, Bernd. Review of Rauschnig, Hermann. Gespräche mit Hitler: Mit einer Einführung von Marcus Pyka. **H-Soz-u-Kult**, H-Net Reviews, Berlin, Ago. 2006. Disponível em: <https://www.h-net.org/reviews/showpdf.php?id=20941>. Acesso em: 01 set. 2020.

LUCAS, Taís Campelo. **Nazismo d'além mar**: conflitos e esquecimento (Rio Grande do Sul, Brasil). 2011. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

MANNHEIM, Karl. **Ideologia e Utopia**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

MARCUSCHI, Luiz. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARIANTE, Thomaz. Das águas de Poços de Caldas e de Iraí. **Arquivos rio-grandenses de medicina**, Porto Alegre, v. 13, n. 3, p. 107-126, 1934.

MARQUES, Mario Osorio; BRUM, Argemiro J. **Nossas coisas e nossa gente**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2004 (Coleção Museu Antropológico Diretor Pestana).

MARTINS, Ari. **Escritores do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS; Instituto Estadual do Livro/IEL, 1978.

MARTINS, José de Souza. **Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano**. São Paulo: Hucitec, 1997.

MAUCH, Cláudia; VASCONCELLOS, Naíra (orgs.). **Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história**. Canoas: Ulbra, 1994.

MAYER, Leandro. **“Politicalha de aldeia”**: os criminalizados do Estado Novo no Oeste de Santa Catarina à luz dos processos-crime do Tribunal de Segurança Nacional. 2021. Tese (Doutorado em História) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2021.

MUSEU MEMORIAL DO HOLOCAUSTO DOS ESTADOS UNIDOS. Arianos. **Enciclopédia do Holocausto**. 2021. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/aryan-1>. Acesso em 10 jul. 2021.

MUSEU MEMORIAL DO HOLOCAUSTO DOS ESTADOS UNIDOS. A Noite dos Cristais. **Enciclopédia do Holocausto**. 2021. Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/kristallnacht>. Acesso em 23 jan. 2023.

NODARI, Eunice Sueli. **Etnicidades renegociadas: práticas socioculturais no Oeste de Santa Catarina**. Florianópolis: UFSC, 2009.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 12. ed. Campinas: Pontes, 2015.

PAULI, Rita Inês; FLECH, Eduardo Miotto; LUCAS, Luís Otávio. Modalidades de produção fumicultora no Rio Grande do Sul e particularidades das variáveis tecnológicas e de trabalho. **Revista Latino-Americana de História**, São Leopoldo, v. 1, n. 3, p. 207-231, mar./2012.

PECHULA, Lukás. Das Bild der Polen als Heterokonstruktion in Zwischenkriegsromanen der Region Ostravsko: Tschechisch-deutsche imagologische Untersuchung. **Porównania**, Poznań, v. 27, n. 2, p. 167-196, 2020. Disponível em: <https://bibliotekanauki.pl/articles/913107.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2023.

PETRONE, Maria Thereza S. **O Imigrante e a pequena propriedade**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

PREFEITURA MUNICIPAL DE IRAÍ. **Conheça Iraí: História. Administração 2017-2020**. Disponível em: <http://www.irai.rs.gov.br/historia/>. Acesso em: 21 ago. 2019.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ROLÂNDIA. **A cidade**: História do Município. 2021. Disponível em: <http://www.rolandia.pr.gov.br/>. Acesso em: 20 fev. 2021.

PREISSLER, Leonilda M.; LAZZAROTTO, Danilo; AIMI, Tânia M. **20 anos de Museu**: sua história (1961-1981). Ijuí: Museu Antropológico Diretor Pestana/FIDENE, 1981 (Série Cadernos do Museu, 11).

PY, Aurélio da Silva. **A 5ª Coluna no Brasil**: a conspiração Nazista no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Globo, 1942.

RABUSKE, Arthur; RAMBO, Arthur Blásio (orgs.). **Pe. João Evangelista Rick, SJ**: cientista, colonizador, apóstolo social, professor. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

RANUM, Orest. Os refúgios da intimidade. In: ARIÈS, Philippe; CHARTIER, Roger (Orgs.). **História da vida privada**: da Renascença ao século das Luzes. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1969.

RODRIGUES NETO, José Cândido. **Natureza e subjetividade no Werther de Goethe**. 2019. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2019.

ROUX, Marie Thérèse. Mithelfen [...] die heute unhaltbaren Kulturlosen Zustände innerhalb Deutschlands zu überwin-den. **Exiland Schweiz**, Zürich, 25 maio 2021. Disponível em: <https://exilschweiz.hypotheses.org/154>. Acesso em: 26 ago. 2023.

SALOMON, Marlon. **As correspondências**: uma história das cartas e das práticas de escrita no Vale do Itajaí. Florianópolis: UFSC, 2002.

SALOMON, Marlon. **Arquivologia das Correspondências**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

SANTOS, Dominique V. Acerca do Conceito de Representação. **Revista de Teoria da História**, Goiânia, ano 3, n. 6, p. 27-53, dez. 2011.

SANTOS, Sílvio C. **A integração do índio na sociedade regional**: a função dos Postos Indígenas em Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 1970.

SAUVEUR-HENN, Anne Saint. Die Deutsche Migration nach Argentinien (1870-1945). In: BIRLE, Peter (Hrsg.). **Die Beziehungen zwischen Deutschland und Argentinien**. Frankfurt: Vervuert, 2010.

SCHMIDT, Benito B. Os historiadores e os acervos documentais e museológicos: novos espaços de atuação profissional. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p. 187-196, dez. 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/7966>. Acesso em: 10 jun. 2018.

SCHUH, Marcos Batista. **Histórias da Colonização de Palmitos**. Chapecó: CEOM/Unochapecó, 2011.

SCHULZE, Frederik. O discurso protestante sobre a germanidade no Brasil: observações baseadas no periódico *Der Deutsche Ansiedler* 1864-1908. **Espaço Plural**, Marechal Cândido Rondon, ano IX, n. 19, p. 21-28, jul./dez. 2008.

SCHULZE, Frederik. A constituição global da nação brasileira: questões de imigração nos anos de 1930 e 1940. Dossiê Brasil no Contexto Global, 1870-1945. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p.1-10, jan./mar. 2014.

SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e Identidade Étnica**: a ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do Vale do Itajaí. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982.

SHIRER, William L. **Ascensão e queda do Terceiro Reich**: Triunfo e Consolidação (1933-1939). Rio de Janeiro: Agir, 2008.

SILVA, Haike K. **Entre o amor ao Brasil e ao modo de ser alemão**. São Leopoldo: Oikos, 2006.

SOARES, Marco Antonio Neves. Cultura material e identidades: vestígios do judaísmo presentes nos cemitérios municipais de Rolândia-PR. In: GAWRYSZEWSKI, Alberto (Org.). **Anais do II Encontro Nacional de Estudos da Imagem**. Londrina: UEL, 2009.

SPUTNIK BRASIL. **Kaliningrado**: Guia da Copa de 2018, Rio de Janeiro, 24 jan. 2018. Disponível em: https://br.sputniknews.com/media-worldcup-2018/20180124_10428316-kaliningrado-guia-copa-2018. Acesso em: 5 out. 2020.

TEDESCO, João Carlos. **Passado e presente em interfaces**: introdução à uma análise sócio-histórica da memória. Passo Fundo: Universidade de Passo Fundo; Xanxerê: Universidade do Oeste de Santa Catarina; Porto Alegre: Suliani Letra & Vida, 2011.

TEDESCO, João Carlos; FERRARI, Luiz Fernando. A Companhia Territorial Sul Brasil e a intrusão nos processos de colonização no extremo-oeste de Santa Catarina – 1960-1980. **Historiae**, Rio Grande, v. 12, n. 2, p. 55-82, 2021.

TRAMONTINI, Marcos Justo. **A organização social dos imigrantes**: a colônia de São Leopoldo na fase pioneira (1824-1850). São Leopoldo: Unisinos, 2000.

UM sensacional caso de espionagem política: Porto Alegre. **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, ano 6, n. 1471, contra-capas, 24 maio 1933.

UM jornal alemão que fez história. **GZH Digital**, Porto Alegre, 02 mar. 2017. Imprensa. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/almanaque/noticia/2017/03/um-jornal-alemao-que-fez-historia-9733865.html>. Acesso em: 22 abr. 2019.

VIANA, Nildo. Intelectualidade e Instituições. In: SILVA, José Santana da; BRAGA, Lisandro; MAIA, Lucas (orgs.). **Classes, Estado e Sindicalismo**. São Carlos: Pedro e João editores, 2013.

VIANA, Nildo. **O problema da identificação da postura intelectual**. 07 fev. 2017. Disponível em: <http://sociologiadointelectuais.blogspot.com/2017/02/o-problema-da-identificacao-da-postura.html>. Acesso em: 4 jun. 2018.

VICENTINO, Cláudio; DORIGO, Gianpaolo. **História Geral e do Brasil**. São Paulo: Scipione, 2010.

WEBER, Regina. Imigração e identidade étnica: temáticas historiográficas e conceituações. **Dimensões**, Vitória, v. 18, p. 236-250, 2006.

WERLANG, Alceu Antonio. **A colonização as margens do rio Uruguai no extremo oeste catarinense**: a atuação da Cia. Territorial Sul Brasil (1925 a 1954). 1992. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1992.

WILLEMS, Emílio. **A aculturação dos alemães no Brasil**: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1980.

WITT, Marcos Antônio. **Em busca de um lugar ao sol**: anseios políticos no contexto da imigração e da colonização alemã (Rio Grande do Sul – Séc. XIX). 2008. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

WOOD, Ellen Meiksins. Em defesa da História: o marxismo e a agenda pós-moderna. **Crítica Marxista**, São Paulo, v. 1, n. 3, p. 118-127, 1996.

ZARTH, Paulo Afonso. O retorno das etnias no ensino de História: do melting pot ao multiculturalismo na imprensa de Ijuí. In: BARROSO, Vera Lúcia Maciel [et al.]. **Ensino de História**: desafios contemporâneos. Porto Alegre: EST; EXCLAMAÇÃO; ANPUH/RS, 2010.

ZIEMANN, Benjamin. Martin Niemöller als völkisch-nationaler Studentenpolitiker in Münster 1919 bis 1923. **Vierteljahrshefte für Zeitgeschichte**, München, v. 67, n. 2, p. 209-234, 2019. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/vfzg-2019-0012/html?lang=de>. Acesso em: 12 ago. 2023.

FONTES

ANUSCHEK, Erwino. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Frederico Westphalen: 06 maio 1940. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 229 (Coleção Martin Fischer).

ANUSCHEK, Erwino. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Frederico Westphalen: 17 jul. 1940. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 243 (Coleção Martin Fischer).

ANUSCHEK, Erwino. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Frederico Westphalen: 22 nov. 1940. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 260 (Coleção Martin Fischer).

ANUSCHEK, Erwino. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Frederico Westphalen: 28 nov. 1940. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 261 (Coleção Martin Fischer).

ANUSCHEK, Erwino. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Frederico Westphalen: 20 dez. 1940. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 266 (Coleção Martin Fischer).

ANUSCHEK, Erwino. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Frederico Westphalen: 15 abr. 1941. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 270 (Coleção Martin Fischer).

ANUSCHEK, Erwino. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Frederico Westphalen: 26 set. 1941. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 274 (Coleção Martin Fischer).

ANUSCHEK, Erwino. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Frederico Westphalen: 17 out. 1941. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 276 (Coleção Martin Fischer).

ANUSCHEK, Erwino. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Frederico Westphalen: 05 nov. 1941. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 278 (Coleção Martin Fischer).

ANUSCHEK, Erwino. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Frederico Westphalen: 02 dez. 1941. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 279 (Coleção Martin Fischer).

BAYER, Hans. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Rio de Janeiro: 19 dez. 1938. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 184 (Coleção Martin Fischer).

BRUM, Argemiro. Fischer é um homem comprometido com a cultura e a história. **Jornal Correio Serrano**, Ijuí, ano 59, n. 19, p. 5, 12 fev. 1977.

BRUM, Argemiro. Lembranças. **Jornal Correio Serrano**, Ijuí, ano 70, n. 06, 14 fev. 1987. Edição Especial Centenário de nascimento do Dr. Martin Fischer, n.p.

CHARLOTTE Wollermann Fischer (Dona Carlota). **Jornal Correio Serrano**, Ijuí, ano 70, n. 7, p. 9, 21 fev. 1987.

DR. Martin Fischer: 90 anos com muitas (e merecidas) homenagens. **Jornal Correio Serrano**, Ijuí, ano 59, n. 18, capa, 10 fev. 1977.

DR. Roberto Löw, vida e perfil de um pioneiro do jornalismo serrano. **Jornal Correio Serrano**, Ijuí, ano 56, 06 mar. 1972. Edição Especial, n.p.

FALECEU o Dr. Martin Fischer: Ijuí está de luto. **Jornal Correio Serrano**, Ijuí, ano 61, n. 258, p. 24, 19 set. 1979.

FISCHER, Martin. **Curriculum Vitae** / Autobiografia. Ijuí: 1961. MADP, AI 0.6.4., pasta 3, doc. 19 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Curriculum Vitae** / Autobiografia. Ijuí: 1964. MADP, AI 0.6.4., pasta 3, doc. 20 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Anna Rauschning**. Iraí, 21 jul. 1941. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 104 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Anna Rauschning**. Iraí, 21 jan. 1942. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 112 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Arthur E. Kuss**. Passarinhos: 14 nov. 1933. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 137 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Arthur E. Kuss**. Passarinhos: 27 maio 1934. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 12 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Arthur E. Kuss**. Passarinhos: 15 jun. 1934. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 13 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Arthur E. Kuss**. Passarinhos: 30 set. 1934. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 16 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Arthur E. Kuss**. Passarinhos: 03 nov. 1934. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 18 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Arthur E. Kuss**. Buenos Aires: 08 jan. 1935. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 19 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Arthur E. Kuss**. Buenos Aires: 27 jul. 1935. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 31 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Arthur E. Kuss**. Buenos Aires: 31 ago. 1935. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 33 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Arthur E. Kuss**. Buenos Aires: 03 set. 1935. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 34 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Charlotte Wollermann**. Iraí: 30 abr. 1940. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 226 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Charlotte Wollermann**. Porto Alegre: 24 dez. 1944. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 135 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Christian Grotewold**. Iraí: 07 fev. 1937. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 88 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Christian Grotewold**. Iraí: 22 fev. 1937. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 90 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Christian Grotewold**. Iraí: 15 maio 1937. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 95 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Christian Grotewold**. Iraí: 12 ago. 1937. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 99 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Christian Grotewold**. Iraí: 25 set. 1937. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 104 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Christian Grotewold**. Iraí: 09 out. 1937. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 105 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Christian Grotewold**. Iraí: 16 maio 1938. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 03 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Christian Grotewold**. Iraí: 17 jul. 1938. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 11 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Christian Grotewold**. Iraí: 11 dez. 1938. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 20 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Christian Grotewold**. Iraí: 19 abr. 1939. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 30 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Christian Grotewold**. Iraí: 04 jul. 1939. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 36 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Christian Grotewold**. Iraí: 14 ago. 1939. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 39 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Christian Grotewold**. Iraí: 25 set. 1939. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 40 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Christian Grotewold**. Iraí: 27 set. 1939. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 41 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Christian Grotewold**. Iraí: 24 out. 1939. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 46 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Christian Grotewold**. Iraí: 05 dez. 1939. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 50 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Christian Grotewold**. Iraí: 15 jan. 1940. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 53 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Christian Grotewold**. Iraí: 17 abr. 1940. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 61 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Christian Grotewold**. Iraí: 20 abr. 1940. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 62 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Christian Grotewold**. Iraí: 01 maio 1940. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 63 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Christian Grotewold**. Iraí: 19 maio 1940. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 65 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Christian Grotewold**. Iraí: 02 jun. 1940. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 67 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Christian Grotewold**. Iraí: 18 ago. 1940. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 74 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Christian Grotewold**. Iraí: 26 nov. 1940. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 87 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Christian Grotewold**. Iraí: 23 jan. 1941. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 96 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Christian Grotewold**. Iraí: 24 fev. 1941. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 98 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Coletoria Federal de Palmeira das Missões**. Iraí: 01 maio 1941. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 64 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Coletoria Federal de Palmeira das Missões**. Iraí: 01 jan. 1941. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 93 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Coletoria Federal de Palmeira das Missões**. Iraí: 14 fev. 1942. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 116 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Coletoria Federal de Palmeira das Missões**. Iraí: 28 jun. 1942. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 93 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Elisabeth Fischer**. Iraí: 30 nov. 1940. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 88 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Erich Koch-Weser**. Passarinhos: 23 set. 1934. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 14 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Erich Koch-Weser**. Passarinhos: 03 nov. 1934. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 17 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Erico Veríssimo**. Iraí: 17 abr. 1947. MADP, AI 0.6.4., pasta 6, doc. 62 (Coleção Martin Fischer)

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Ernani Fornari**. Iraí: 19 abr. 1947. MADP, AI 0.6.4., pasta 6, doc. 63 (Coleção Martin Fischer)

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Erwino Anuschek.** Iraí: 11 jun. 1940. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 69 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Erwino Anuschek.** Iraí: 18 ago. 1940. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 75 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Erwino Anuschek.** Iraí: 26 nov. 1940. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 86 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Erwino Anuschek.** Iraí: 14 dez. 1940. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 91 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Erwino Anuschek.** Iraí: 07 maio 1941. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 100 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Erwino Anuschek.** Iraí: 21 jul. 1941. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 105 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Erwino Anuschek.** Iraí: 30 set. 1941. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 69 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Erwino Anuschek.** Iraí: 01 nov. 1941. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 79 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Erwino Anuschek.** Iraí: 15 dez. 1941. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 110 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Erwino Anuschek.** Iraí: 01 jan. 1942. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 111 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência a Evaldo Walter Bergmann.** Iraí: 02 out. 1942. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 118 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência a Evaldo Walter Bergmann.** Iraí: 25 out. 1944. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 134 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Friedrich Wohlfarth.** Buenos Aires: 05 maio 1935. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 26 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Friedrich Wohlfarth.** Buenos Aires: 24 ago. 1935. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 32 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Friedrich Wohlfarth.** Buenos Aires: 11 dez. 1936. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 82 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Friedrich Wohlfarth.** Iraí: 03 jan. 1939. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 22 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Fritz Busch.** Buenos Aires: 08 ago. 1935. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 192 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Fritz Busch**. Buenos Aires: 30 nov. 1935. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 209 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Fritz Rotermund**. Buenos Aires: 08 nov. 1935. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 38 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Fritz Rotermund**. Buenos Aires: 25 fev. 1936. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 46 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Fritz Rotermund**. Buenos Aires: 28 mar. 1936. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 52 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Fritz Rotermund**. Buenos Aires: 07 maio 1936. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 56 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Fritz Rotermund**. Buenos Aires: 02 jul. 1936. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 65 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Fritz Rotermund**. Buenos Aires: 07 jul. 1936. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 66 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Fritz Wertheimer**. Iraí: 10 dez. 1946. MADP, AI 0.6.4., pasta 6, doc. 45 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Gisela Grotewold Lüters**. Iraí: 05 mar. 1941. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 59 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Hans A. Lüters**. Iraí: 31 jan. 1940. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 56 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Hans A. Lüters**. Iraí: 17 nov. 1940. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 82 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Hans A. Lüters**. Iraí: 24 fev. 1941. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 99 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Hans Bayer**. Buenos Aires: 31 maio 1936. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 59 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Hans Bayer**. Buenos Aires: 12 jul. 1936. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 67 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Hans Bayer**. Buenos Aires: 12 ago. 1936. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 72 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Hans Bayer**. Iraí: 25 fev. 1937. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 91 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Hans Bayer**. Iraí: 31 mar. 1937. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 94 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Hans Bayer**. Iraí: 24 jan. 1938. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 01 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Hans Bayer**. Iraí: 03 jan. 1939. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 21 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Hans Grotewold**. Iraí: 14 jul. 1937. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 97 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Hans Grotewold**. Iraí: 11 jul. 1938. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 10 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Hans Grotewold**. Iraí: 04 set. 1938. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 13 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Hans Grotewold**. Iraí: 15 jan. 1940. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 54 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Hans Grotewold**. Iraí: 25 maio 1940. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 66 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Hans Grotewold**. Iraí: 02 jun. 1940. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 68 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Hans Grotewold**. Iraí: 24 set. 1940. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 77 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Hans Grotewold**. Iraí: 17 nov. 1938. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 83 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Hermann Heinz Hell**. Iraí: 25 fev. 1937. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 92 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Hermann Heinz Hell**. Iraí: 11 jul. 1937. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 96 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Hermann Heinz Hell**. Iraí: 03 set. 1937. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 101 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Hermann Heinz Hell**. Iraí: 01 out. 1939. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 43 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Hermann Heinz Hell**. Iraí: 15 out. 1939. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 45 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Hermann Heinz Hell**. Iraí: 20 nov. 1939. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 48 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Hermann Rauschnig**. Iraí, 15 fev. 1939. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 26 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Hermann Rauschnig**. Iraí, 25 nov. 1940. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 85 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Hermann Rauschnig**. Iraí, 27 mar. 1944. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 126 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Hermann von Freeden**. Buenos Aires: 17 jan. 1935, MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 21 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Hermann von Freeden**. Buenos Aires: 31 maio 1935. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 28 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Hermann von Freeden**. Buenos Aires: 30 nov. 1935. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 40 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Hermann von Freeden**. Buenos Aires: 26 mar. 1936. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 51 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Hermann von Freeden**. Buenos Aires: 17 jun. 1936. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 62 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Hermann von Freeden**. Buenos Aires: 20 jul. 1936. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 68 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Hermann von Freeden**. Buenos Aires: 10 ago. 1936. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 71 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Hermann von Freeden**. Buenos Aires: 24 out. 1936. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 76 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Hermann von Freeden**. Iraí: 21 set. 1937. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 103 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Hermann von Freeden**. Iraí: 17 jun. 1938. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 05 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Hermann von Freeden**. Iraí: 17 jul. 1938. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 12 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Hermann von Freeden**. Iraí: 13 out. 1938. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 15 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Hermann von Freeden**. Iraí: 20 nov. 1938. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 17 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Hermann von Freeden**. Iraí: 06 jan. 1939. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 23 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Hermann von Freeden**. Iraí: 13 jan. 1939. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 25 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Hermann von Freeden**. Iraí: 24 mar. 1939. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 29 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Hermann von Freeden**. Iraí: 17 maio 1939. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 34 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Hermann von Freeden**. Iraí: 09 jun. 1939. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 35 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Hermann von Freeden**. Iraí: 21 ago. 1948. MADP, AI 0.6.4., pasta 6, doc. 115 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Hermann von Freeden**. Ijuí: 21 nov. 1948. MADP, AI 0.6.4., pasta 6, doc. 145 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Hugo Schwager**. Iraí: 25 nov. 1938. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 18 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Hugo Schwager**. Iraí: 21 abr. 1939. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 31 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Jorge Amado**. Iraí: 03 out. 1947. MADP, AI 0.6.4., pasta 6, doc. 83 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Livraria Editora Martins**. Iraí: 10 dez. 1946. MADP, AI 0.6.4., pasta 6, doc. 50 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Olivério Gomes de Oliveira**. Iraí: 17 ago. 1947. MADP, AI 0.6.4., pasta 6, doc. 82 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Oswald Nixdorf**. Berlim: 28 out. 1932. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 115 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Oswald Nixdorf**. Berlim: 18 nov. 1932. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 115b (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Paulino Teixeira de Freitas**. Porto Alegre: 18 abr. 1944. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 128 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Paulino Teixeira de Freitas**. Iraí: 17 maio 1944. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 129 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Plínio Brasil Milano**. Iraí, 30 out. 1942. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 120 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Prima Agatha**. Iraí: 16 fev. 1938. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 02 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Prima Agatha**. Iraí: 26 fev. 1939. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 27 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Richard e Elise Fischer**. Iraí: 30 nov. 1940. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 89 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Richard e Elise Fischer**. Iraí: 21 jul. 1941. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 103 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Rubem Ferraz**. Iraí: 10 fev. 1942. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 115 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Theobaldo Neumann**. Iraí: 21 ago. 1944. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 131 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Thomas Koch**. Passarinhos: 30 set. 1934. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 15 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada ao Versorgungsamt I**. Berlim: 24 abr. 1933. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 126 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada ao Versorgungsamt I**. Buenos Aires: 07 fev. 1935. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 22 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada ao Versorgungsamt I**. Buenos Aires: 30 abr. 1935. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 25 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada ao Versorgungsamt IV**. Buenos Aires: 26 jul. 1935. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 30 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada ao Versorgungsamt IV**. Buenos Aires: 03 mar. 1936. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 48 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada ao Versorgungsamt IV**. Buenos Aires: 29 dez. 1936, MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 86 (Coleção Martin Ficher).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada ao Versorgungsamt IV**. Iraí: 19 mar. 1937. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 93 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Walther Grotewold**. Iraí: 14 fev. 1937. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 89 (Coleção Martin Ficher).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Walther Grotewold**. Iraí: 19 set. 1937. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 102 (Coleção Martin Ficher).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Walther Grotewold**. Iraí: 26 jun. 1938. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 07 (Coleção Martin Ficher).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Walther Grotewold**. Iraí: 15 jan. 1940. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 55 (Coleção Martin Ficher).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Walther Grotewold**. Iraí: 17 nov. 1940. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 81 (Coleção Martin Ficher).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Wollauf Marx**. Buenos Aires, 26 nov. 1936. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 79 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Wollauf Marx**. Buenos Aires, 10 dez. 1936. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 81 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Wollauf Marx**. Buenos Aires, 23 dez. 1936. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 84 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Correspondência enviada a Wollauf Marx**. Iraí, 22 jan. 1937. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 87 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Relatório sobre Antônio Pauly**: engenheiro, morador de Iraí. Porto Alegre: 15 fev. 1944. MADP, AI 0.6.4. pasta 40, doc. 37 (Coleção Martin Fischer).

FISCHER, Martin. **Iraí**: cidade saúde. Ijuí: Progresso, 1954.

FISCHER, Martin. Conferência sobre o Museu de Ijuí. In: **Museu Antropológico Diretor Pestana**: 40 anos de história. Ijuí: Ed. Unijuí, 2002 (Coleção Museu Antropológico Diretor Pestana).

FISCHER, Richard. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Berlim: 09 nov. 1940. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 259 (Coleção Martin Fischer).

FREEDEN, Hermann von. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Berlim: 02 abr. 1934. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 150 (Coleção Martin Fischer).

FREEDEN, Hermann von. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Berlim: 25 nov. 1934. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 165 (Coleção Martin Fischer).

FREEDEN, Hermann von. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Berlim: 13 jun. 1938. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 153 (Coleção Martin Fischer).

FREEDEN, Hermann von. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Berlim: 04 set. 1938. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 171 (Coleção Martin Fischer).

FREEDEN, Hermann von. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Berlim: 27 dez. 1938. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 188 (Coleção Martin Fischer).

FREEDEN, Hermann von. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Berlim: 05 mar. 1939. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 193 (Coleção Martin Fischer).

GAELZER-NETTO, Guilherme. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Lisboa: 14 dez. 1932. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 123 (Coleção Martin Fischer).

GROTEWOLD, Christian. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Buenos Aires: 15 jun. 1938. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 155 (Coleção Martin Fischer).

GROTEWOLD, Christian. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Buenos Aires: 26 nov. 1938. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 180 (Coleção Martin Fischer).

GROTEWOLD, Christian. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Buenos Aires: 28 nov. 1938. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 181 (Coleção Martin Fischer).

GROTEWOLD, Christian. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Buenos Aires: 31 mar. 1939. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 197 (Coleção Martin Fischer).

GROTEWOLD, Christian. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Olivos: 08 abr. 1939. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 198 (Coleção Martin Fischer).

GROTEWOLD, Christian. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Buenos Aires: 21 jul. 1939. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 203 (Coleção Martin Fischer).

GROTEWOLD, Christian. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Olivos: 22 ago. 1939. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 207 (Coleção Martin Fischer).

GROTEWOLD, Christian. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Buenos Aires: 18 set. 1939. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 211 (Coleção Martin Fischer).

GROTEWOLD, Christian. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Olivos: 15 out. 1939. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 216 (Coleção Martin Fischer).

GROTEWOLD, Christian. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Buenos Aires: 03 nov. 1939. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 217 (Coleção Martin Fischer).

GROTEWOLD, Christian. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Buenos Aires: 25 nov. 1939. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 221 (Coleção Martin Fischer).

GROTEWOLD, Christian. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Buenos Aires: 01 mar. 1940. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 224 (Coleção Martin Fischer).

GROTEWOLD, Christian. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Buenos Aires: 03 maio 1940. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 227 (Coleção Martin Fischer).

GROTEWOLD, Christian. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Buenos Aires: 25 jun. 1940. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 242 (Coleção Martin Fischer).

GROTEWOLD, Christian. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Buenos Aires: 13 ago. 1940. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 246 (Coleção Martin Fischer).

GROTEWOLD, Christian. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Buenos Aires: 12 out. 1938. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 253 (Coleção Martin Fischer).

GROTEWOLD, Christian. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Buenos Aires: 13 dez. 1940. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 265 (Coleção Martin Fischer).

GROTEWOLD, Christian. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Buenos Aires: 24 jan. 1941. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 95 (Coleção Martin Fischer).

GROTEWOLD, Christian. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Buenos Aires: 12 fev. 1941. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 269 (Coleção Martin Fischer).

GROTEWOLD, Hans. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Buenos Aires: 16 jun. 1938. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 15 (Coleção Martin Fischer).

GROTEWOLD, Hans. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Buenos Aires: 15 maio 1940. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 236 (Coleção Martin Fischer).

GROTEWOLD, Hans. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Buenos Aires: 13 set. 1940. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 250 (Coleção Martin Fischer).

GROTEWOLD, Hans. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Buenos Aires: 08 out. 1940. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 251 (Coleção Martin Fischer).

HACHTMANN, Hans Hartmut Wilhelm. O Dr. Fischer que eu conheci: um exemplo maravilhoso. **Jornal Correio Serrano**, Ijuí, ano 70, n. 06, 14 fev. 1987. Edição Especial Centenário de nascimento do Dr. Martin Fischer, n.p.

HELL, Hermann Heinz. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Buenos Aires: 18 set. 1939. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 210 (Coleção Martin Fischer).

HELL, Hermann Heinz. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Buenos Aires: 09 out. 1939. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 214 (Coleção Martin Fischer).

HELL, Hermann Heinz. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Buenos Aires: 13 out. 1939. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 215 (Coleção Martin Fischer).

HELL, Hermann Heinz. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Buenos Aires: 06 nov. 1939. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 218 (Coleção Martin Fischer).

HENNING, Hans. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Passarinhos: 17 set. 1931. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 112 (Coleção Martin Fischer).

HENNING, Hans. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Passarinhos: 24 out. 1932. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 119 (Coleção Martin Fischer).

HENNING, Hans. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Passarinhos: 18 nov. 1932. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 121 (Coleção Martin Fischer).

KOCH-WESER, Erich. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Colônia Roland: 09 out. 1934. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 160 (Coleção Martin Fischer).

KUSS, Arthur E. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Porto Alegre: 11 nov. 1933. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 136 (Coleção Martin Fischer).

KUSS, Arthur E. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Porto Alegre: 08 fev. 1933. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 146 (Coleção Martin Fischer).

KUSS, Arthur E. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Porto Alegre: 09 jun. 1934. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 155 (Coleção Martin Fischer).

KUSS, Arthur E. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Porto Alegre: 13 out. 1934. MADP, AI 0.6.4, pasta 4, doc. 162 (Coleção Martin Fischer).

KUSS, Arthur E. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Porto Alegre: 17 dez. 1934. MADP, AI 0.6.4, pasta 4, doc. 167 (Coleção Martin Fischer).

KUSS, Arthur E. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Porto Alegre: 24 ago. 1935. MADP, AI 0.6.4, pasta 4, doc. 196 (Coleção Martin Fischer).

LIVRARIA DO GLOBO. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Porto Alegre: 21 abr. 1944. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 227 (Coleção Martin Fischer).

LIVRARIA DO GLOBO. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Porto Alegre: 04 jul. 1945. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 245 (Coleção Martin Fischer).

LÖW, Ulrich. A vitalidade intelectual faz de Fischer um homem admirável. **Jornal Correio Serrano**, Ijuí, ano 59, n. 18, p. 6, 10 fev. 1977.

LÖW, Ulrich. Uma vida de fadiga e trabalho. **Jornal Correio Serrano**, Ijuí, ano 70, n. 06, 14 fev. 1987. Edição Especial Centenário de nascimento do Dr. Martin Fischer, n.p.

MARTIN Fischer e Gustavo Geiss: cidadãos ijuienses. **Jornal Correio Serrano**, Ijuí, ano 59, n. 19, p. 5, 12 fev. 1977.

NIXDORF, Oswald. **Correspondência enviada ao Dr. Martin Fischer**. Colônia Roland: 10 out. 1932. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 115 (Coleção Martin Fischer).

NOVENTA anos de muitas histórias. **Jornal Correio Serrano**, Ijuí, ano 59, n. 18, p. 7, 10 fev. 1977.

PFEGELBRUDER. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Rio de Janeiro: 11 ago. 1941. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 272 (Coleção Martin Fischer).

RAUSCHNING, Hermann. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Londres: 29 abr. 1941. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 271 (Coleção Martin Fischer).

ROTERMUND, Fritz. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. São Leopoldo: 02 out. 1935. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 200 (Coleção Martin Fischer).

ROTERMUND, Fritz. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. São Leopoldo: 21 dez. 1935. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 210 (Coleção Martin Fischer).

SCHWAGER, Hugo. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Königsberg: 21 out. 1938. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 176 (Coleção Martin Fischer).

TÍTULO de Cidadão Ijuicense: presente de aniversário para o Dr. Martin Fischer. **Jornal Correio Serrano**, Ijuí, ano 59, n.16, capa, 05 fev. 1977.

UMA pequena Homenagem para um grande homem. **Jornal Correio Serrano**, Ijuí, ano 70, n. 06, p. 9, 14 fev. 1987.

VERSORGUNGSAMT IV. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Berlim: 25 set. 1935. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 199 (Coleção Martin Fischer).

VINHAES, Ernesto. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Porto Alegre: 25 out. 1948. MADP, AI 0.6.4., pasta 6, doc. 353 (Coleção Martin Fischer).

WERTHEIMER, Fritz. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Porto Alegre: 19 dez. 1946. MADP, AI 0.6.4., pasta 6, doc. 176 (Coleção Martin Fischer).

WOHLFARTH, Friedrich. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Passarinhos: 06 jan. 1939. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 189 (Coleção Martin Fischer).

WOLLERMANN, Charlotte. **Correspondência enviada a Liebes Muttchen**. Passarinhos: 02 jan. 1934. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 11 (Coleção Martin Fischer).

WOLLERMANN, Charlotte. **Correspondência enviada a Kleines Muttchen**. Buenos Aires: 01 dez. 1936. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 80 (Coleção Martin Fischer).

WOLLERMANN, Charlotte. **Correspondência enviada a Liebes Muttchen**. Buenos Aires: 26 dez. 1936. MADP, AI 0.6.4., pasta 4, doc. 85 (Coleção Martin Fischer).

WOLLERMANN, Charlotte. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Iraí: 30 dez. 1944. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 234 (Coleção Martin Fischer).

WOLLERMANN, Charlotte. **Correspondência enviada a Martin Fischer**. Iraí: 07 jan. 1945. MADP, AI 0.6.4., pasta 5, doc. 239 (Coleção Martin Fischer).

WOLLERMANN, Carlota. Pensamos na mesma direção. **Jornal Correio Serrano**, Ijuí, ano 59, n. 18, p. 7, 10 fev. 1977.

ANEXO 1**Carta de Martin Fischer para Friedrich Wohlfarth**

Dr. Martin Fischer. Iraí, 1º Distrito, 03 de janeiro de 1939.

Senhor
Friedrich Wohlfarth
Passarinhos.

Prezado Sr. Wohlfarth!

Eu estava planejando aproveitar a oportunidade de uma consulta na Coletoria de Passarinhos depois do Natal, para também ter uma consulta de negócios com você. Como resultado de muito trabalho, ainda não tive tempo de ir à Coletoria. Minha consulta pretendida com você torna-se sem sentido por esta carta.

Seu filho Fritz, que veio me ver hoje em seu nome e quis me confrontar de uma maneira muito estranha (que eu tive que recusar com muita energia, mas não quero guardar ressentimentos contra ele em vista de sua juventude) afirmou que você não sabe por qual motivo ainda estou retendo o saldo de sua conta de 21 de novembro de 1937. Estou surpreso que você diz não saber por que, além do fato de eu ter deixado bem claro, sei por outra pessoa que você sabe disso muito bem. Bem, isso pode ser fofoca dos chamados "queridos vizinhos"; eu não me importo. Eu não dou a mínima também para outra conversa que veio a mim, segundo a qual você teria dito algo sobre mim. Sempre digo a esses "bons amigos" que não estou interessado em nada. Também não me interessa, porque não sou daqueles alemães que apunham outros alemães pelas costas. Se tenho algo contra alguém, digo-o pessoalmente de forma mais ou menos clara.

Infelizmente eu tive que dar ao seu filho Fritz algumas dicas hoje. Mas se, como seu filho alegou, você não sabe por que eu ainda retive o modesto saldo de 95\$000, vou escrever para você abertamente para que agora você o tenha em preto e branco.

Lembro-me da boa vizinhança que tínhamos em 1933/34. Você mesmo me disse uma vez que durante a crise só consegui manter a cabeça acima da água com as minhas sugestões. Quantas das minhas coisas lhe vendemos muito abaixo do preço, quando parti para Buenos Aires, quantas outras te dei! De Buenos Aires, em 1935, mandei várias coisas para que seus filhos colocassem debaixo da árvore de Natal. Em 1936, enviei-lhe uma quantia em dinheiro para que as crianças pudessem comprar presentes que as deixassem felizes. Quando voltei de Buenos Aires, coloquei à sua disposição uma grande soma em dinheiro, sem juros, para que você pudesse comprar madeira. Estou bastante envergonhado de lembrá-lo disso e certamente não fiz para usar contra você quando chegasse a hora.

Eu poderia muito bem esperar que agora você também mostrasse um interesse correspondente por mim. Esse interesse para mim agora ficou assim (quero apenas destacar alguns casos):

Você me prometeu colocar estabilizadores no meu barco, o que era muito importante para mim e que você particularmente me aconselhou a fazer. Isso foi em março de 1937, quando eu ainda morava na casa dos Weiss em Passarinhos. Embora eu lhe pedisse repetida e urgentemente que o fizesse, isso nunca ocorreu; adiou-me de um domingo para o outro.

Pedi a você também, em Passarinhos, em março de 1937, que me fizesse uma bancada de trabalho. Você assumiu isso também. Eu trouxe de Ijuí os ferros para a bancada, eles ficaram em sua casa até outubro de 1938, ou seja, mais de um ano e meio. Nunca lhe ocorreu estar interessado em minhas necessidades.

Foi combinado que você deveria colocar maçanetas fixas nas janelas de correr da minha casa para que as janelas pudessem ser abertas mais facilmente. Você me deu sua conta em 21 de novembro de 1937; as maçanetas das janelas ainda não estão lá.

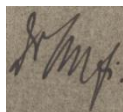
Eu tinha encomendado um tampo de mesa simples com cavaletes. Também entregaram o mesmo em Passarinhos em março de 1937. Os cavaletes foram simplesmente pregados a partir de peças de caibro e ripa; o tampo da mesa em madeira de cedro, três peças de 1,20 metro cada, ou seja, cerca de dois terços de uma tábua, de forma alguma aplainada, mas apenas levemente alisada com uma plaina. Afinal, qualquer trabalhador não qualificado pode fazer esse tipo de tampo de mesa na forma como você o entregou; o preço do carpinteiro, incluindo o material, de acordo com as declarações unânimes de vários profissionais, é de no máximo 10\$000 com um cálculo alto de salários, mas seu interesse por mim chegou ao ponto de me cobrar 25\$000. Pois bem, eu não disse nada na hora e implicitamente aceitei a conta. Como sempre reconheci implicitamente suas contas, apesar de sua magnitude, embora - e esse é o ponto! - eu sabia muito bem que não foi você quem fez o trabalho, mas um de seus funcionários, e é por isso que o trabalho foi correspondente. Preços tão excessivamente altos não por obra-prima, mas por obra incompleta! Eu vi tudo isso muito bem, mesmo não achando necessário comentar sobre isso.

Quando você não tinha trabalho em meados de 1937 porque não tinha madeira, veio me procurar. Não foi indesejável para mim, pois na época eu queria uma varanda ampliada e queria fazer várias melhorias na casa. Estabelecemos um salário diário para você de 12\$000, que eu também aprovei (o Sr. Nuglisch trabalhava por 7\$500 na época!!!). Também fui mais longe, concedendo-lhe 6\$000 por dia de salário para um ajudante que não era de forma alguma necessário, porque eu poderia facilmente ter fornecido a você um assistente capaz e habilidoso de minha equipe. Se eu concordei mesmo assim, foi porque não queria que seu ajudante ficasse desempregado. No entanto, um belo dia você foi além de nosso compromisso por conta própria, trazendo outro ajudante, com a estranha justificativa de que, de outra forma, teria que demití-lo, mas gostaria de mantê-lo porque esperava ter trabalho quando tivesse madeira novamente. Como eu realmente virei um benfeitor para estranhos? Porque você vai ter que demitir o jovem, basta arrastá-lo até aqui! Eu não disse nada. Afinal, por que eu não deveria lhe fazer o favor, mesmo que seu comportamento fosse mais do que estranho? Então eu concordei. Eu me abstenho de julgar o trabalho de seus dois ajudantes hoje, pois dei minha opinião naquela época. Como você mesmo julgou o trabalho ficou suficientemente evidente a partir de sua própria declaração para mim: "Sim, eu tenho vergonha que os caras são tão preguiçosos" (Essa foi literalmente a frase, porque

escrevi essa declaração imediatamente depois). Então, naquela época eu mantive dois trabalhadores muito inferiores com um alto salário diário. Mas o que me incomodou particularmente e eu lhe disse isso quando fizemos o acerto de contas, é que você achou sensato me cobrar um salário diário de 6\$000 pelo seu ajudante Marx, quando você só pagou a ele 4\$500 por dia. Repito que deixei você empregar o menino apenas por sua causa; eu não tinha absolutamente nenhum uso para ele. O cálculo do salário, como tantas outras coisas, foi uma exploração consciente da minha boa índole. Estou acostumado com pessoas tentando tirar vantagem de mim; fecho os dois olhos com bastante frequência; mas se alguém deliberadamente se aproveita de mim, a quem eu apenas mostrei bondade, então os espíritos se separam.

O que mais me indignou foi a maneira como minha questão sobre os móveis foi tratada. Quando me mudei de Passarinhos para cá, você viu como eu estava constrangido porque os móveis que eu havia encomendado com meses de antecedência ainda não tinham sido entregues. Eu tive que viver de caixas aqui por semanas, sentar em caixas, comer em caixas, toda a economia parou porque nada podia ser desempacotado. Eu tinha um grande número de estranhos da empresa à mesa e a Senhorita Wollermann não sabia onde colocar um prato fora de sua mão. Também não lhe ocorreu trabalhar um pouco mais rápido para nos ajudar a sair desse constrangimento urgente. Quantas vezes mandei pessoas de barco buscar coisas! Nem sempre estavam prontas. "Eu não posso fazer mais do que trabalhar", você me dizia. Você tinha três ajudantes em sua oficina. Esse era o seu interesse em mim! Para ajudá-lo, para lhe mostrar bondade, sempre fui bom o suficiente para isso. Você não teve escrúpulos em tirar vantagem de mim. Mas quando se tratava de me ajudar a sair do meu constrangimento, então você "não podia mais trabalhar". Você brincou comigo como um gato com um rato. Você determinou quando eu deveria receber os móveis que lhe encomendei; eu tive que ficar quieto e apenas dizer obrigado. Bem, agora estou jogando o mesmo jogo com você. Agora eu decido quando você vai receber o dinheiro, você vai esperar até que me convenha. Quando recebi sua conta, eu tinha planejado fazer você esperar dois anos inteiros para que você também pudesse ver o que significa ter que esperar quando é necessário. Se mesmo assim lhe dei quantias de vez em quando, não foi por sua causa, mas por causa de sua família, de quem eu sentia pena. Foi por isso que lhe dei 300\$000 pouco antes do Natal de 1937, para que sua família não celebrasse um Natal triste. Pelo fato de você remar pelo Uruguai, várias vezes, atrás do pequeno valor de 95\$000 e passar meio dia inteiro aqui, também teria tido tempo de terminar meus móveis mais necessários. A sua conveniência era mais importante do que qualquer outra coisa, a minha maior inconveniência não importava para você. Portanto, é completamente irrelevante para mim agora se você se depara com quaisquer inconvenientes. Você só precisa esperar pelo saldo da sua conta até que me convenha. Se originalmente estabeleci em dois anos o pagamento vou encurtar o prazo em seis meses: os 95\$000 estarão disponíveis para você em 21 de maio de 1939.

Respeitosamente.



ANEXO 2**Carta de Friedrich Wohlfarth para Martin Fischer**

Passarinhos, 06. 01. 1939.

Caro Senhor Dr. Fischer!

Finalmente consegui o esclarecimento que queria há muito tempo. Não importa se você queria me visitar durante ou depois das férias. O certo é que escrevi para você e você não me respondeu. Você escreve que me disse pessoalmente por que me deixou esperando tanto tempo com o saldo, não sofro de amnésia, lembro muito bem que você não me deu os 300 mil réis por pena da minha família antes do Natal de 1937, mas depois das festas. Naquela ocasião, você me prometeu o restante de 195\$000 até o final de janeiro de 1938. Esperei até o início de março, então te visitei e recebi 100\$000 sem nenhuma explicação. Foi somente através de outras pessoas que recebi a mensagem de que você queria me deixar "contorcer", somente através disso que outras pessoas ficaram sabendo que tenho uma importância a receber de você, não através de mim. Eu também nunca esfaqueei um alemão pelas costas e também não devo nada, mas duvido que as declarações que você fez na minha presença sobre os Srs. Culmey, Fiedler, Nuglisch, tenham sido feitas na cara dos envolvidos.

Eu posso ver pela lista de boas ações que você também tem uma memória muito boa e que, portanto, posso me poupar de listar meu serviço de compensação.

Você vai se lembrar de que quando fez seus primeiros pedidos eu lhe informei que estava sobrecarregado de encomendas, mas tendo em vista a boa vizinhança em tempo de crise eu fiz o meu melhor e fiz isso em meu prejuízo.

Pedi-lhe duas vezes para me enviar o barco quando eu estivesse livre, mas você precisava dele todas às vezes. Ainda tenho por aqui os remos que eu havia feito para você.

Você não queria a bancada até que a casa de hóspedes estivesse pronta, então você contratou o Sr. Nuglisch para fazer uma bancada. Diante disso vendi a bancada que fiz para Karl Talheimer. Eu te visitei uma vez por causa das maçanetas das janelas, no entanto, você estava com muitas visitas na casa; as maçanetas estão aqui até hoje. Por favor, pense quanto tempo o *Bufet* tão necessário e as cadeiras ainda mais necessárias estavam prontas aqui do meu lado, você não as retirou como combinado e eu tive que levá-las em meu pequeno barco e carregá-las do porto sozinho. Meu único arrependimento é que você não foi tão aberto desde o início como é hoje. Você me disse muitas vezes que não conseguia entender por que outras pessoas reclamavam dos meus preços altos e achava que meu trabalho era barato. Agora, depois de dois anos você está fazendo uma reclamação, isso é honesto? Se você diz isso agora, por que então fez outros pedidos?

Eu não posso entrar em cada ponto. Meu ajudante ganhou seus 6\$000, bem, não posso negar isso, também não o trouxe comigo depois disso, mas gostaria de lembrá-lo que você ficou muito satisfeito com a forma como esse mesmo cara carregou suas pranchas molhadas e sujas do rio depois do trabalho. Então, e as roupas que o menino sujou e

rasgou ao mesmo tempo, minha esposa provavelmente deveria lavar a roupa e costurar de graça? Por issi ele me deu a quantia de 1\$500 como pagamento pela comida, lavanderia e cama.

A acusação que você fez contra mim no último parágrafo é tão absurda quanto a que você fez contra o Sr. Culmey (sobre a situação na colônia). Dos três jornaleiros que eu tinha na oficina, dois foram contratados exclusivamente por sua causa, para meu prejuízo, como mencionei. Todo trabalho leva tempo, não tenho uma loja de departamentos, tenho apenas uma oficina e tenho outros clientes além de você. O teu pessoal, quer dizer só o Peppi, veio aqui de barco uma vez em vão porque estava chovendo e por isso não foi possível carregar os móveis.

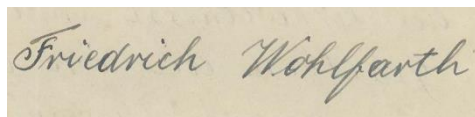
Finalmente, agora de volta à pequena quantia de 95\$000. Meu constrangimento não é tão grande quanto você pensa, porque apesar dos cigarros e conveniências entreguei 1 barca e 9 lanchas no ano passado. Eu não tenho absolutamente nenhum tempo, tenho ainda mais encomendas.

Usei os domingos para cruzar o Uruguai e como infelizmente não te encontrei, combinei o inútil com o bom e tomei tranquilamente um chá com o Sr. Dreher, espero que isso não tenha lhe incomodado!

Se entendi bem, você queria me obrigar a continuar trabalhando para você, retendo essa coisinha, então informo que a escravidão foi abolida no Brasil há vários anos.

Eu sei como me ajudar, mas como não estou com problemas, vou esperar até 21 de maio de 1939, mas espero que desta vez mantenha sua palavra.

Respeitosamente.



Friedrich Wohlfarth

ANEXO 3

Cartas trocadas em ordem cronológica

Origem	Data	Destino	Correspondente	Enviada/ Recebida
Passarinhos/SC	17 set. 1931	Berlim (DE)	Hans Henning	R
Colônia Roland/PR	10 out. 1932	Berlim (DE)	Oswald Nixdorf	R
Passarinhos/SC	24 out. 1932	Berlim (DE)	Hans Henning	R
Berlim (DE)	28 out. 1932	Colônia Roland/PR	Oswald Nixdorf	E
Passarinhos/SC	18 nov. 1932	Berlim (DE)	Hans Henning	R
Berlim (DE)	18 nov. 1932	Colônia Roland/PR	Oswald Nixdorf	E
Lisboa (PRT)	14 dez. 1932	Berlim (DE)	Guilherme G. Netto	R
Berlim (DE)	24 abr. 1933	Berlim (DE)	Versorgungsamt I	E
Berlim (DE)	24 abr. 1933	Berlim (DE)	Bruno Noack	E
Porto Alegre/RS	11 nov. 1933	Passarinhos/SC	Arthur Kuss	R
Passarinhos/SC	14 nov. 1933	Porto Alegre/RS	Arthur Kuss	E
Porto Alegre/RS	08 fev. 1934	Passarinhos/SC	Arthur Kuss	R
Berlim (DE)	02 abr. 1934	Passarinhos/SC	Hermann v. Freeden	R
Potsdam (DE)	08 maio 1934	Passarinhos/SC	Richard Wolff	R
Passarinhos/RS	27 maio 1934	Porto Alegre/RS	Arthur Kuss	E
Porto Alegre/RS	09 jun. 1934	Passarinhos/SC	Arthur Kuss	R
Passarinhos/SC	15 jun. 1934	Porto Alegre/RS	Arthur Kuss	E
Passarinhos/SC	23 set. 1934	Colônia Roland/PR	Erich Koch-Weser	E
Passarinhos/SC	30 set. 1934	Porto Alegre/RS	Arthur Kuss	E
Passarinhos/SC	30 set. 1934	Berlim (DE)	Thomas Koch	E
Colônia Roland/PR	09 out. 1934	Passarinhos/SC	Erich Koch-Weser	R
Porto Alegre/RS	13 out. 1934	Passarinhos/SC	Arthur Kuss	R
Passarinhos/SC	03 nov. 1934	Porto Alegre/RS	Arthur Kuss	E
Passarinhos/SC	03 nov. 1934	Colônia Roland/PR	Erich Koch-Weser	E
Berlim (DE)	25 nov. 1934	Passarinhos /SC	Hermann v. Freeden	R
Porto Alegre/RS	17 dez. 1934	Buenos Aires (ARG)	Arthur Kuss	R
Buenos Aires (ARG)	08 jan. 1935	Porto Alegre/RS	Arthur Kuss	E
Buenos Aires (ARG)	17 jan. 1935	Berlim (DE)	Hermann v. Freeden	E
Buenos Aires (ARG)	07 fev. 1935	Berlim (DE)	Versorgungsamt I	E
Buenos Aires (ARG)	30 abr. 1935	Berlim (DE)	Versorgungsamt I	E
Buenos Aires (ARG)	05 maio 1935	Passarinhos/SC	Friedrich Wohlfarth	E
Buenos Aires (ARG)	31 maio 1935	Berlim (DE)	Hermann v. Freeden	E
Buenos Aires (ARG)	26 jul. 1935	Berlim (DE)	Versorgungsamt IV	E
Buenos Aires (ARG)	27 jul. 1935	Porto Alegre/RS	Arthur Kuss	E
Buenos Aires (ARG)	08 ago. 1935	Buenos Aires (ARG)	Fritz Busch	E
Porto Alegre/RS	24 ago. 1935	Buenos Aires (ARG)	Arthur Kuss	R
Buenos Aires (ARG)	24 ago. 1935	Passarinhos/SC	Friedrich Wohlfarth	E
Buenos Aires (ARG)	31 ago. 1935	Porto Alegre/RS	Arthur Kuss	E
Buenos Aires (ARG)	03 set. 1935	Porto Alegre	Arthur Kuss	E
Berlim (DE)	25 set. 1935	Buenos Aires (ARG)	Versorgungsamt IV	R
São Leopoldo/RS	02 out. 1935	Buenos Aires (ARG)	Fritz Rotermund	R
Buenos Aires (ARG)	08 nov. 1935	São Leopoldo/RS	Fritz Rotermund	E
Buenos Aires (ARG)	30 nov. 1935	Berlim (DE)	Hermann v. Freeden	E
Buenos Aires (ARG)	30 nov. 1935	Copenhague	Fritz Busch	E
São Leopoldo/RS	21 dez. 1935	Buenos Aires (ARG)	Fritz Rotermund	R
Buenos Aires (ARG)	25 fev. 1936	São Leopoldo/RS	Fritz Rotermund	E
Buenos Aires (ARG)	03 mar. 1936	Berlim (DE)	Versorgungsamt IV	E
Buenos Aires (ARG)	26 mar. 1936	Berlim (DE)	Hermann v. Freeden	E
Buenos Aires (ARG)	28 mar. 1936	São Leopoldo/RS	Fritz Rotermund	E

Buenos Aires (ARG)	07 abr. 1936	Potsdam (DE)	Richard Wolff	E
Buenos Aires (ARG)	07 maio 1936	São Leopoldo/RS	Fritz Rotermund	E
Buenos Aires (ARG)	31 maio 1936	Rio de Janeiro/DF	Hans Bayer	E
Buenos Aires (ARG)	01 jun. 1936	Potsdam (DE)	Richard Wolff	E
Buenos Aires (ARG)	17 jun. 1936	Berlim (DE)	Hermann v. Freeden	E
Buenos Aires (ARG)	02 jul. 1936	São Leopoldo/RS	Fritz Rotermund	E
Buenos Aires (ARG)	07 jul. 1936	São Leopoldo/RS	Fritz Rotermund	E
Buenos Aires (ARG)	12 jul. 1936	Rio de Janeiro/DF	Hans Bayer	E
Buenos Aires (ARG)	20 jul. 1936	Berlim (DE)	Hermann v. Freeden	E
Buenos Aires (ARG)	10 ago. 1936	Berlim (DE)	Hermann v. Freeden	E
Buenos Aires (ARG)	12 ago. 1936	Rio de Janeiro/DF	Hans Bayer	E
Buenos Aires (ARG)	21 out. 1936	Berlim (DE)	Hermann v. Freeden	E
Buenos Aires (ARG)	26 nov. 1936	Paso de Los Libres (ARG)	Wollauf Marx	E
Buenos Aires (ARG)	10 dez. 1936	Paso de Los Libres (ARG)	Wollauf Marx	E
Buenos Aires (ARG)	11 dez. 1936	Passarinhos/SC	Friedrich Wohlfarth	E
Buenos Aires (ARG)	23 dez. 1936	Paso de Los Libres (ARG)	Wollauf Marx	E
Buenos Aires (ARG)	29 dez. 1936	Berlim (DE)	Versorgungsamt IV	E
Iraí/RS	22 jan. 1937	Paso de Los Libres (ARG)	Wollauf Marx	E
Iraí/RS	07 fev. 1937	Buenos Aires (ARG)	Christian Grotewold	E
Iraí/RS	14 fev. 1937	Buenos Aires (ARG)	Walther Grotewold	E
Iraí/RS	22 fev. 1937	Buenos Aires (ARG)	Christian Grotewold	E
Iraí/RS	25 fev. 1937	Buenos Aires (ARG)	Hermann H. Hell	E
Iraí/RS	25 fev. 1937	Rio de Janeiro/DF	Hans Bayer	E
Iraí/RS	19 mar. 1937	Berlim (DE)	Versorgungsamt IV	E
Iraí/RS	31 mar. 1937	Rio de Janeiro/DF	Hans Bayer	E
Iraí/RS	15 maio 1937	Buenos Aires (ARG)	Christian Grotewold	E
Iraí/RS	11 jul. 1937	Buenos Aires (ARG)	Hermann H. Hell	E
Iraí/RS	14 jul. 1937	Buenos Aires (ARG)	Hans Grotewold	E
Iraí/RS	12 ago. 1937	Buenos Aires (ARG)	Christian Grotewold	E
Iraí/RS	03 set. 1937	Buenos Aires (ARG)	Hermann H. Hell	E
Iraí/RS	19 set. 1937	Buenos Aires (ARG)	Walther Grotewold	E
Iraí/RS	21 set. 1937	Berlim (DE)	Hermann v. Freeden	E
Iraí/RS	25 set. 1937	Buenos Aires (ARG)	Christian Grotewold	E
Iraí/RS	09 out. 1937	Buenos Aires (ARG)	Christian Grotewold	E
Iraí/RS	24 jan. 1938	Rio de Janeiro/DF	Hans Bayer	E
Iraí/RS	16 fev. 1938	Drengfurt (DE)	Prima Agatha	E
Iraí/RS	16 maio 1938	Buenos Aires (ARG)	Christian Grotewold	E
Berlim (DE)	13 jun. 1938	Iraí/RS	Hermann v. Freeden	R
Buenos Aires (ARG)	15 jun. 1938	Iraí/RS	Christian Grotewold	R
Buenos Aires (ARG)	16 jun. 1938	Iraí/RS	Hans Grotewold	R
Iraí/RS	17 jun. 1938	Berlim (DE)	Hermann v. Freeden	E
Iraí/RS	22 jun. 1938	Porto Alegre/RS	Firma Bromberg S.A.	E
Iraí/RS	26 jun. 1938	Buenos Aires (ARG)	Walther Grotewold	E
Iraí/RS	29 jun. 1938	Buenos Aires (ARG)	Anastácio Nordenholz	E
Iraí/RS	10 jul. 1938	Porto Alegre/RS	Firma Bromberg S.A.	E
Iraí/RS	11 jul. 1938	Buenos Aires (ARG)	Hans Grotewold	E
Iraí/RS	17 jul. 1938	Buenos Aires (ARG)	Christian Grotewold	E
Iraí/RS	17 jul. 1938	Berlim (DE)	Hermann v. Freeden	E
Iraí/RS	04 set. 1938	Buenos Aires (ARG)	Hans Grotewold	E
Berlim (DE)	04 set. 1938	Iraí/RS	Hermann v. Freeden	R
Iraí/RS	30 set. 1938	Santa Cruz do Sul/RS	Rodolpho Binz	E
Iraí/RS	13 out. 1938	Berlim (DE)	Hermann v. Freeden	E
Königsberg (DE)	21 out. 1938	Iraí/RS	Hugo Schwager	R
Iraí/RS	20 nov. 1938	Berlim (DE)	Hermann v. Freeden	E
Iraí/RS	25 nov. 1938	Königsberg (DE)	Hugo Schwager	E
Buenos Aires (ARG)	26 nov. 1938	Iraí/RS	Christian Grotewold	R
Buenos Aires (ARG)	28 nov. 1938	Iraí/RS	Christian Grotewold	R

Iraí/RS	11 dez. 1938	Buenos Aires (ARG)	Christian Grotewold	E
Rio de Janeiro/DF	19 dez. 1938	Iraí/RS	Hans Bayer	R
Berlim (DE)	27 dez. 1938	Iraí/RS	Hermann v. Freeden	R
Iraí/RS	03 jan. 1939	Rio de Janeiro/DF	Hans Bayer	E
Iraí/RS	03 jan. 1939	Passarinhos/SC	Friedrich Wohlfarth	E
Iraí/RS	06 jan. 1939	Berlim (DE)	Hermann v. Freeden	E
Passarinhos/SC	06 jan. 1939	Iraí/RS	Friedrich Wohlfarth	R
Iraí/RS	09 jan. 1939	Santa Cruz do Sul/RS	Rodolpho Binz	E
Iraí/RS	13 jan. 1939	Berlim (DE)	Hermann v. Freeden	E
Iraí/RS	15 fev. 1939	Zurique (SUI)	Hermann Rauschnig	E
Iraí/RS	26 fev. 1939	Drengfurt (DE)	Prima Agatha	E
Iraí/RS	01 mar. 1939	Santa Cruz do Sul	Becker Irmãos Ltda.	E
Berlim (DE)	05 mar. 1939	Iraí/RS	Hermann v. Freeden	R
Iraí/RS	24 mar. 1939	Berlim (DE)	Hermann v. Freeden	E
Buenos Aires (ARG)	31 mar. 1939	Iraí/RS	Christian Grotewold	R
Olivos (ARG)	08 abr. 1939	Iraí/RS	Christian Grotewold	R
Iraí/RS	19 abr. 1939	Buenos Aires (ARG)	Christian Grotewold	E
Iraí/RS	21 abr. 1939	Königsberg (DE)	Hugo Schwager	E
Iraí/RS	24 abr. 1939	Berlim (DE)	Ernst Kundt	E
Iraí/RS	16 maio 1939	Santa Cruz do Sul	Lithographia Minerva	E
Iraí/RS	17 maio 1939	Berlim (DE)	Hermann v. Freeden	E
Iraí/RS	17 maio 1939	Buenos Aires (ARG)	Anastácio Nordenholz	E
Iraí/RS	09 jun. 1939	Berlim (DE)	Hermann v. Freeden	E
Iraí/RS	04 jul. 1939	Buenos Aires (ARG)	Christian Grotewold	E
Buenos Aires (ARG)	21 jul. 1939	Iraí/RS	Christian Grotewold	R
Iraí/RS	14 ago. 1939	Buenos Aires (ARG)	Christian Grotewold	E
Olivos (ARG)	22 ago. 1939	Iraí/RS	Christian Grotewold	R
Buenos Aires (ARG)	18 set. 1939	Iraí/RS	Christian Grotewold	R
Buenos Aires (ARG)	18 set. 1939	Iraí/RS	Hermann H. Hell	R
Iraí/RS	25 set. 1939	Buenos Aires (ARG)	Christian Grotewold	E
Iraí/RS	27 set. 1939	Buenos Aires (ARG)	Christian Grotewold	E
Iraí/RS	30 set. 1939	Palmitos/SC	Hugo Bernhard	E
Iraí/RS	01 out. 1939	Buenos Aires (ARG)	Hermann H. Hell	E
Buenos Aires (ARG)	09 out. 1939	Iraí/RS	Hermann H. Hell	R
Buenos Aires (ARG)	13 out. 1939	Iraí/RS	Hermann H. Hell	R
Iraí/RS	13 out. 1939	Porto Alegre/ Secco & Cia	Kurt Funke	E
Olivos (ARG)	15 out. 1939	Iraí/RS	Christian Grotewold	R
Iraí/RS	15 out. 1939	Buenos Aires	Hermann H. Hell	E
Iraí/RS	24 out. 1939	Buenos Aires (ARG)	Christian Grotewold	E
Iraí/RS	04 nov. 1939	Mondaí _ Porto Feliz	Herr Kloschewski	E
Buenos Aires (ARG)	03 nov. 1939	Iraí/RS	Christian Grotewold	R
Buenos Aires (ARG)	06 nov. 1939	Iraí/RS	Hermann H. Hell	R
Iraí/RS	20 nov. 1939	Buenos Aires (ARG)	Hermann H. Hell	E
Buenos Aires (ARG)	25 nov. 1939	Iraí/RS	Christian Grotewold	R
Iraí/RS	05 dez. 1939	Buenos Aires (ARG)	Christian Grotewold	E
Iraí/RS	05 dez. 1939	Santa Maria/RS - Cyrilla	Frederico Diefenthaler	E
Iraí/RS	26 dez. 1939	Santa Cruz do Sul	Albert Ott	E
Iraí/RS	29 dez. 1939	Santa Bárbara	Artur Engbrecht	E
Iraí/RS	15 jan. 1940	Buenos Aires (ARG)	Christian Grotewold	E
Iraí/RS	15 jan. 1940	Buenos Aires (ARG)	Hans Grotewold	E
Iraí/RS	15 jan. 1940	Buenos Aires (ARG)	Walther Grotewold	E
Iraí/RS	31 jan. 1940	Buenos Aires (ARG)	Hans A. Lüters	E
Iraí/RS	03 fev. 1940	Porto Alegre/ Secco & Cia	Kurt Funke	E
Iraí/RS	17 fev. 1940	Ijuí/RS	Ulrich Kuhlmann	E
Buenos Aires (ARG)	01 mar. 1940	Iraí/RS	Christian Grotewold	R
Iraí/RS	05 mar. 1940	Saudades/SC	Mathias Erdtmann	E
Iraí/RS	05 mar. 1940	Buenos Aires (ARG)	Gisela G. Lüters	E

Saudades/SC	24 mar. 1940	Iraí/RS	Mathias Erdtmann	R
Iraí/RS	17 abr. 1940	Buenos Aires (ARG)	Christian Grotewold	E
Iraí/RS	20 abr. 1940	Buenos Aires (ARG)	Christian Grotewold	E
Iraí/RS	30 abr. 1940	Taquarussú/SC	Charlotte Wollermann	E
Iraí/RS	01 maio 1940	Buenos Aires (ARG)	Christian Grotewold	E
Iraí/RS	01 maio 1940	Palmeira das Missões/RS	Coletoria Federal	E
Buenos Aires (ARG)	03 maio 1940	Iraí/RS	Christian Grotewold	R
Frederico Westphalen/RS	06 maio 1940	Iraí/RS	Erwino Anuschek	R
Buenos Aires (ARG)	15 maio 1940	Iraí/RS	Hans Grotewold	R
Iraí/RS	19 maio 1940	Buenos Aires (ARG)	Christian Grotewold	E
Iraí/RS	25 maio 1940	Buenos Aires (ARG)	Hans Grotewold	E
Iraí/RS	02 jun. 1940	Buenos Aires (ARG)	Christian Grotewold	E
Iraí/RS	02 jun. 1940	Buenos Aires (ARG)	Hans Grotewold	E
Iraí/RS	11 jun. 1940	Frederico Westphalen/RS	Erwino Anuschek	E
Buenos Aires (ARG)	25 jun. 1940	Iraí/RS	Christian Grotewold	R
Iraí/RS	26 jun. 1940	Palmitos/SC	Herr Mallmann	E
Frederico Westphalen/RS	17 jul. 1940	Iraí/RS	Erwino Anuschek	R
Iraí/RS	03 ago. 1940	Palmitos/SC	Herr Mallmann	E
Buenos Aires (ARG)	13 ago. 1940	Iraí/RS	Christian Grotewold	R
Iraí/RS	18 ago. 1940	Buenos Aires (ARG)	Christian Grotewold	E
Iraí/RS	18 ago. 1940	Frederico Westphalen/RS	Erwino Anuschek	E
Buenos Aires (ARG)	13 set. 1940	Iraí/RS	Hans Grotewold	R
Iraí/RS	24 set. 1940	Buenos Aires (ARG)	Hans Grotewold	E
Iraí/RS	24 set. 1940	Porto Alegre/ Secco & Cia	Kurt Funke	E
Buenos Aires (ARG)	08 out. 1940	Iraí/RS	Hans Grotewold	R
Buenos Aires (ARG)	12 out. 1940	Iraí/RS	Christian Grotewold	R
Iraí/RS	01 nov. 1940	Frederico Westphalen/RS	Erwino Anuschek	E
Berlim (DE)	09 nov. 1940	Iraí/RS	Richard Fischer (I)	R
Iraí/RS	17 nov. 1940	Buenos Aires (ARG)	Hans Grotewold	E
Iraí/RS	17 nov. 1940	Buenos Aires (ARG)	Walther Grotewold	E
Iraí/RS	17 nov. 1940	Buenos Aires (ARG)	Hans A. Lüters	E
Frederico Westphalen/RS	22 nov. 1940	Iraí/RS	Erwino Anuschek	R
Iraí/RS	25 nov. 1940	Londres (ING)	Hermann Rauschning	E
Iraí/RS	26 nov. 1940	Buenos Aires (ARG)	Christian Grotewold	E
Iraí/RS	26 nov. 1940	Frederico Westphalen/RS	Erwino Anuschek	E
Frederico Westphalen/RS	28 nov. 1940	Iraí/RS	Erwino Anuschek	R
Iraí/RS	30 nov. 1940	Königsberg (DE)	Richard/Elise Fischer	E
Iraí/RS	30 nov. 1940	Königsberg (DE)	Elisabeth Fischer (I)	E
Buenos Aires (ARG)	13 dez. 1940	Iraí/RS	Christian Grotewold	R
Iraí/RS	14 dez. 1940	Frederico Westphalen/RS	Erwino Anuschek	E
Frederico Westphalen/RS	20 dez. 1940	Iraí/RS	Erwino Anuschek	R
Iraí/RS	22 dez. 1940	Saudades/SC	Mathias Erdtmann	E
Iraí/RS	01 jan. 1941	Palmeira das Missões/RS	Coletoria Federal	E
Iraí/RS	09 jan. 1941	Iraí/RS – Firma W. Stolz	Ernst Rudolph	E
Buenos Aires (ARG)	24 jan. 1941	Iraí/RS	Christian Grotewold	R
Iraí/RS	23 jan. 1941	Buenos Aires (ARG)	Christian Grotewold	E
Iraí/RS	02 fev. 1941	Porto Alegre/ Secco & Cia	Kurt Funke	E
Buenos Aires (ARG)	12 fev. 1941	Iraí/RS	Christian Grotewold	R
Iraí/RS	24 fev. 1941	Buenos Aires (ARG)	Christian Grotewold	E
Iraí/RS	24 fev. 1941	Buenos Aires (ARG)	Hans A. Lüters	E
Frederico Westphalen/RS	15 abr. 1941	Iraí/RS	Erwino Anuschek	R
Londres (ING)	29 abr. 1941	Iraí/RS	Hermann Rauschning	R
Iraí/RS	07 maio 1941	Frederico Westphalen/RS	Erwino Anuschek	E
Iraí/RS	21 jul. 1941	Nova York (EUA)	Anna Rauschning	E
Iraí/RS	21 jul. 1941	Königsberg (DE)	Richard/Elise Fischer	E
Iraí/RS	22 jul. 1941	Frederico Westphalen/RS	Erwino Anuschek	E
Rio de Janeiro/DF	11 ago. 1941	Iraí/RS	Pfegelbruder	R

Frederico Westphalen/RS	26 set. 1941	Iraí/RS	Erwino Anuschek	R
Iraí/RS	30 set. 1941	Frederico Westphalen/RS	Erwino Anuschek	E
Rolândia/PR	06 out. 1941	Iraí/RS	Helmut Jung	R
Frederico Westphalen	17 out. 1941	Iraí/RS	Erwino Anuschek	R
Frederico Westphalen	05 nov. 1941	Iraí/RS	Erwino Anuschek	R
Frederico Westphalen	02 dez. 1941	Iraí/RS	Erwino Anuschek	R
Iraí/RS	15 dez. 1941	Frederico Westphalen/RS	Erwino Anuschek	E
Iraí/RS	01 jan. 1942	Frederico Westphalen/RS	Erwino Anuschek	E
Iraí/RS	21 jan. 1942	Nova York (EUA)	Anna Rauschning	E
Iraí/RS	10 fev. 1942	Iraí/RS	Rubem Ferraz	E
Iraí/RS	14 fev. 1942	Palmeira das Missões/RS	Coletoria Federal	E
Iraí/RS	28 jun. 1942	Palmeira das Missões/RS	Coletoria Federal	E
Iraí/RS	02 out. 1942	Porto Alegre/RS	Evaldo W. Bergmann	E
Iraí/RS	30 out. 1942	Porto Alegre/RS	Plínio Brasil Milano	E
Iraí/RS	27 mar. 1944	Nova York (EUA)	Hermann Rauschning	E
Porto Alegre/RS	31 mar. 1944	Porto Alegre/RS	Ernesto Vinhaes	E
Porto Alegre/RS	18 abr. 1944	Porto Alegre/RS	Paulino T. de Freitas	E
Porto Alegre/RS	21 abr. 1944	Iraí/RS	Livraria do Globo	R
Iraí/RS	17 maio 1944	Porto Alegre/RS	Paulino T. de Freitas	E
Iraí/RS	07 jun. 1944	Porto Alegre/RS	Theobaldo Neumann	E
Iraí/RS	21 ago. 1944	Porto Alegre/RS	Theobaldo Neumann	E
Iraí/RS	25 out. 1944	Porto Alegre/RS	Evaldo W. Bermann	E
Espírito Santo (P. Alegre)	24 dez. 1944	Iraí/RS	Charlotte Wollermann	E
Iraí/RS	30 dez. 1944	Espírito Santo (P. Alegre)	Charlotte Wollermann	R
Iraí/RS	07 jan. 1945	Espírito Santo (P. Alegre)	Charlotte Wollermann	R
Porto Alegre/RS	02 fev. 1945	Iraí/RS	Ernesto Albrecht	R
Porto Alegre/RS	04 jul. 1945	Espírito Santo (P. Alegre)	Livraria do Globo	R
Iraí/RS	10 dez. 1946	Porto Alegre/RS	Fritz Wertheimer	E
Iraí/RS	10 dez. 1946	São Paulo/SP	Livraria Ed. Martins	E
Porto Alegre/RS	19 dez. 1946	Iraí/RS	Fritz Wertheimer	R
Iraí/RS	17 abr. 1947	Porto Alegre/RS	Erico Veríssimo	E
Iraí/RS	19 abr. 1947	Rio de Janeiro	Ernani Fornari	E
Iraí/RS	17 ago. 1947	Santo Augusto/RS	Olivério G. de Oliveira	E
Iraí/RS	03 out. 1947	Rio de Janeiro	Jorge Amado	E
Iraí/RS	21 ago. 1948	Ratzeburg (DE)	Hermann v. Freedden	E
Porto Alegre/RS	25 out. 1948	Iraí/RS	Ernesto Vinhaes	R
Ijuí/RS	21 nov. 1948	Ratzeburg (DE)	Hermann v. Freedden	E